

Isabel Maria Galhano Rodrigues

## **Fala e movimentos do corpo na interacção face a face**

**Estratégias de reparação e de (des)focalização  
e co-funções conversacionais na manutenção de vez**

**Vol. II**

**FLUP  
Porto - 2003**

Isabel Maria Galhano Rodrigues

## Fala e movimentos do corpo na interacção face a face

Estratégias de reparação e de (des)focalização  
e co-funções conversacionais na manutenção de vez

Vol. II

FLUP  
Porto - 2003



## 5. (DES)FOCALIZAÇÃO

Tendo constatado, no capítulo antecedente, que as actividades de focalização e de desfocalização são estratégias básicas da interacção, convém, em seguida, abordar os conceitos de **foco**, **focalização** e **desfocalização**, assim como de outras categorias com eles relacionadas, de modo a poder situá-los e (re)defini-los numa investigação de teor interaccional.

### 5.1 Foco, focalização e desfocalização

Antes de passar à minha definição de foco, lembrarei, muito brevemente, o que se entende por foco nas duas perspectivas de abordagem que estão na base de investigações sobre este fenómeno: a funcionalista e a gerativa.

Os linguistas do Círculo Linguístico de Praga, partindo sobretudo da ideia da função dos enunciados da língua, ocuparam-se igualmente de questões de estruturação interna da frase/do texto em termos da sua organização em **tema** e **rema** (Mathesisus, 1947, cit. in Firbas, 1974: 11). Tema é aquilo de que se fala (Sgall, 1974b:55), ou o que acaba de ser tratado e que é conhecido ou óbvio numa dada situação (Daneš, 1964, cit. in Firbas, 1974: 23); rema é o que se diz sobre o tema (Sgall, 1974b: 55), ou o que é novo ou desconhecido (Daneš, 1964, cit. in Firbas, 1974: 23). Distinguem-se, assim, duas concepções de tema-rema que não precisam de coincidir: tema é o assunto em questão ou o conhecido, rema, o que se diz sobre o tema ou o desconhecido (cf. Firbas, 1974: 23).

Mas as questões de distribuição da informação na frase não ficam devidamente explicadas em termos desta dicotomia. Por isso, na teoria da Perspectiva Funcional de Frase (PFF), Firbas concebe a noção de Dinamismo Comunicativo (DC), segundo o qual cada elemento verbalizado ocupa um determinado lugar no desenvolvimento da comunicação, contribuindo para a completação dos objectivos comunicativos. Quanto mais perto um elemento estiver dessa completação, maior será a sua importância comunicativa ou valor informacional, isto é, o seu DC. Nesse sentido, o tema "is best defined as constituted by an element or elements carrying the lowest degree(s) of CD within a sentence" (Firbas, 1974: 24). A distribuição dos graus de DC pelos elementos da frase, e que faz com que a estrutura gramatical e a estrutura semântica da frase funcionem numa determinada perspectiva, é o resultado de uma tensão entre a tendência para a distribuição básica de DC e a estrutura semântica e o contexto (Firbas: 1974: 21-22). As categorias que entram nesse jogo de tensões e que constituem os meios de PFF são a estrutura gramatical, a estrutura semântica, o contexto (dependência ou independência contextual dos elementos da frase) e a prosódia. Note-se que o rema é assinalado pelo centro da entoação (*ibid.*, 30), constituindo a parte da frase com um maior grau de DC. Neste âmbito demonstra-se que a relação entre a gramática e a entoação não pode ser



estudada sem considerar a PFF (cf. *ibid.*, 32)<sup>1</sup>. O **foco** informacional é constituído pelos elementos de um enunciado com o valor de dinamismo comunicativo mais elevado e coincide com a ênfase prosódica.

Na maior parte da literatura anglo-americana faz-se corresponder a dicotomia tema-rema à de **tópico-comentário**. Estes termos, introduzidos por Hocket (cit. in Lyons, 1968: 335), definem-se respectivamente como o que o falante anuncia e o que diz sobre isso. Esta dicotomia assenta fortemente sobre o nível sintáctico da frase, fazendo corresponder o sujeito ao tópico e o predicado ao comentário (cf. Lyons, 1968: 335) e abrange as duas concepções de tema do Círculo Linguístico de Praga atrás mencionadas. Uma excepção é Halliday, que mantém os termos tema-rema, por reconhecer que há casos em que o tema não transmite informação conhecida, nem deduzível a partir do contexto, e o rema não coincide com o novo e desconhecido. Deste modo, Halliday considera, posteriormente, duas estruturas de texto simultâneas (que correspondem às duas concepções de tema-rema do Círculo Linguístico de Praga): 1) o foco de informação (isto é, se a informação é dada (*given*) ou nova (*new*); e 2) a tematização (T - R). Como explica Halliday, "(...) while 'given' means 'what you are talking about' (or what I was talking about before'), 'theme' means 'what I am talking about' (or 'what I am talking about now')" (Halliday, 1967, cit. in Daneš, 1974: 107, nota 1). Nesta perspectiva, o tema é o ponto de partida para a mensagem: "it is what the clause is going to be about" (Halliday 1985: 39) e rema é o que vai ser dito sobre isso (*ibid.*); a informação nova é aquela que é tratada pelo falante como não recuperável a partir do contexto, ou como inesperada, independentemente de ter sido mencionada antes ou não, constituindo assim o **foco informativo** (*information focus*). Entre estas duas estruturas simultâneas existe uma relação semântica estreita: "Other things being equal, a speaker will choose the Theme from within what is Given and locate the **focus**<sup>2</sup>, **the climax of the New**, somewhere within the Rheme". Sendo assim, em estruturas não marcadas, o foco situa-se no final da frase. Um meio de marcar esse o foco informativo, é a entoação. É por esta razão que o autor considera as designações de tema-rema mais apropriadas: "Some grammarians have used the terms Topic and Comment instead of Theme and Rheme. But the Topic-Comment terminology carries rather different connotations. The label 'Topic' usually refers to only one particular kind of Theme (...); and it tends to be used as a cover term for two concepts that are functionally distinct, one being that of the Theme and the other being that of the Given (...). For these reasons the terms Theme - Rheme are considered more appropriate in the present framework" (Halliday, 1985: 38).

Na gramática gerativa transformacional a noção de tópico foi mencionada por Chomsky (1976a) [1965] para referir um fenómeno da estrutura de superfície. O tópico, o sujeito do discurso, é descrito como o elemento dado, "what is spoken about", o que pode ser pressuposto a partir do contexto (Sgall, 1974a: 25); o comentário é a parte do enunciado que acrescenta alguma coisa de novo ou "what is said about it" (*ibid.*). Mais tarde, Chomsky (1976b) usa a dicotomia **pressuposição-foco**, sendo a **pressuposição** formada

<sup>1</sup> "A FSP plays a decisive role in controlling the intensity of prosodic features, and above all in determining the location of the intonation center, the relation of grammar to intonation cannot be established without due regard to this important phenomenon" (Firbas, 1974: 32).

<sup>2</sup> Negrito meu.



pelos elementos que fazem parte do conhecimento compartilhado pelo falante e pelo ouvinte, e o **foco**, pela informação nova que vai ser dada sobre a pressuposição. Mais concretamente, o foco corresponde aos elementos da frase desligados do contexto, que não se podem pressupor a partir deste e que não fazem parte do conhecimento compartilhado pelo falante e pelo ouvinte. Em estruturas não-marcadas, o foco é idêntico ao comentário, a pressuposição, ao tópico. Uma característica importante do foco é a **ênfase** ou o **acento**. Por razões de importância comunicativa, os falantes podem mudar a ordem dos elementos na frase de acordo com dois movimentos opostos: a **topicalização**, em que o elemento a que é atribuída maior importância comunicativa é colocado na posição de tópico (Sgall, 1974a: 32); e a **focalização**, e que, também por razões de importância comunicativa, certos elementos da frase são deslocados para a posição de foco (por exemplo através de construções de clivagem). Neste contexto, a abordagem do foco incide sobre a ordem dos elementos na frase (estruturas marcadas/não-marcadas), sobre a colocação do acento e marcação de contraste, sobretudo numa perspectiva interna de frase, ou seja, sintáctica<sup>3</sup>.

Com base na correspondência evidente entre foco, ênfase e importância comunicativa, que ressalta não só dos estudos da linguística funcionalista, mas também dos mais ligados à gramática gerativa, desenvolveu-se a perspectiva semântico-pragmática da fonologia conhecida por teoria do FTA (*focus-to-accent*) (cf. Ladd, 1996: 160), que considera o foco, de certo modo, independente das propriedades fonológicas da frase. Esta perspectiva defende que a colocação do acento reflecte o foco *intencionado* da frase. As opiniões divergem, contudo, no que diz respeito ao modo como o foco é criado pelo acento (cf. *ibid.*). Destacam-se, por isso, duas correntes divergentes: a vertente configuracional da Escola britânica chamada *highlighting-based approach* e a da Escola americana, o *structure-based approach* (cf. parte I, 3.3). A primeira, é representada, entre outros, por Bolinger, que relaciona o foco com o contexto do discurso e com as intenções do falante. A distribuição dos acentos (acentos de altura<sup>4</sup>) na frase depende de factores pragmáticos. Assim, se uma palavra é acentuada, tem que ser também focalizada, mesmo quando está inserida num constituinte do foco alargado. Como já referi no capítulo 3 da parte I deste trabalho, os trabalhos de Bolinger influenciaram o estudo da prosódia na interacção. O autor discorda do ponto de vista, normalmente seguido pelos gerativistas americanos, de que há apenas um padrão de *stress* numa língua e defende que os elementos dos enunciados podem ser realçados para assinalar novidade, contraste ou alguma informação especial (cf. Bolinger, 1972). Sendo assim, todos os acentos são

<sup>3</sup> É esta perspectiva das dicotomias tópico-comentário e pressuposição-foco que seguem Mateus *et al.* (1989; 2003). Segundo as autoras, em estruturas não-marcadas "(...) o constituinte com a função pragmática de **tópico** é o **sujeito da frase**, e o **comentário** o **predicado**" (Mateus *et al.*, 1989: 227) e "o TÓPICO ocupa a primeira posição na frase e o(s) elemento(s) do comentário que constitui(em) o FOCO DE INFORMAÇÃO a última posição na frase" (*ibid.*). Quando o tópico é um constituinte distinto do sujeito, ele é marcado (como no caso da topicalização), instaurando um contraste no texto (*ibid.*, 152-153); o foco (de informação) é definido sob o ponto de vista cognitivo, como "o **alvo** da atenção dos intervenientes na produção-interpretação de um texto, dado que é ele que acrescenta elementos novos ao espaço cognitivo já apresentado pelo texto" (*ibid.*, 153) e ocorre, naturalmente, em posição final de frase; por isso, "um dos processos de **marcar** o foco de um dado enunciado é deslocar o constituinte que tem essa função para **posição final** de frase" (a negro no original) (*ibid.*, 154). Cf. também Mateus *et al.* (2003: 118).

<sup>4</sup> "Acento de altura" é a tradução de "*pitch accent*" sugerida por Frota (2000), (cf. Vigário, 1998: 37).



individualmente significativos. Declarando que a prosódia e a sintaxe são independentes uma da outra, Bolinger faz a distinção entre *stress* (o acento morfo-sintacticamente determinado) e *accent* (o acento determinado por questões semântico-pragmáticas da interacção).

O *structure-based approach*, defendido, entre outros<sup>5</sup>, por Ladd (1996) e Cruttenden (1986), considera que a colocação do acento é determinada por factores estruturais que podem ser específicos de uma língua. Nessa abordagem, distingue-se entre foco alargado e foco restrito<sup>6</sup>. Embora reconheça algumas vantagens do *highlighting-based approach*, Ladd critica que a colocação dos acentos seja entendida como uma característica universal da fala. Chamando a atenção para o facto de os estudos de Bolinger terem sido realizados sobretudo para o inglês, apresenta provas de como, em muitas outras línguas, há aspectos muito distintos do inglês no que diz respeito à colocação do acento (de frase) (cf. parte I, 3.4.2). Por exemplo, enquanto a ligação da parte mais informativa da frase ao acento é um fenómeno típico do inglês, em chinês o foco não coincide com o acento de frase (cf. Ladd, 1996: 195); outro exemplo que desmonta a universalidade desta teoria é o caso da desacentuação directa que caracteriza a palavra que se esperava que fosse acentuada e não o é. Este fenómeno, muito frequente no inglês, não se verifica na maioria das línguas românicas, que, para conseguirem efeitos semelhantes, dão preferência a estratégias morfo-sintácticas<sup>7</sup>.

As soluções de natureza morfo-sintáctica na focalização de determinados elementos nas línguas românicas são confirmadas, para o caso concreto do português, por Cruz-Ferreira (1998), que segue a escola britânica. Comparando o funcionamento da focalização em inglês e em português, a autora comenta que, enquanto em inglês a posição do *núcleo* (entendido pela sílaba de maior proeminência que geralmente corresponde ao conteúdo mais informativo) pode ser alterada para focar determinadas informações, em português isso não é, na maioria dos casos, possível. Em contrapartida, existe uma maior flexibilidade do que no inglês para alterar a ordem das palavras, de tal modo que os

---

<sup>5</sup> É nesta perspectiva que se insere a investigação de Frota (2000). A autora procede a análises acústicas de fenómenos prosódicos numa perspectiva auto-segmental e métrica da entoação; interessa-se sobretudo pelos modos como o *foco* é expresso e pretende detectar em que medida diferem os padrões de *foco restrito* e *foco alargado* e se os padrões de contraste são diferentes dos padrões neutros. Como esta investigação não só se baseia numa perspectiva teórica diferente da que é seguida neste trabalho, mas também é efectuada sobre um *corpus* constituído por frases lidas e ouvidas em laboratório, não será aqui mais aprofundada. A contrastação das características prosódicas da fala natural e espontânea com as que foram detectadas para a língua oral não-natural e não-espontânea justificar-se-ia, por exemplo, num estudo centrado exclusivamente em questões prosódicas.

<sup>6</sup> Foco alargado, *wide/broad focus*, é entendido, sob o ponto de vista fonológico, como a informação nova, não-marcada; o foco restrito, *narrow focus*, expressa identificação, exclusão ou contraste e é marcado através do acento (cf. Frota, 2000: 16 segs.). Sobre "broad" e "narrow focus", cf. também Ladd (1996: 162 segs.).

<sup>7</sup> Ladd conclui que "(...) there is a difference between deaccenting and non-deaccenting languages - or more precisely between a) languages that permit, prefer or virtually require the deaccenting of repeated and otherwise given material, and b) languages in which such deaccenting is dispreferred or syntactically restricted, allowable mostly in cases of metalinguistic correction, and/or achievable primarily through word order modifications. This conclusion is difficult to reconcile with the radical FTA view that accent is used universally to highlight focused words" (Ladd, 1996: 179).



elementos a focalizar podem ser deslocados para a posição final na frase, ou seja, a posição (típica) do foco<sup>8</sup>:

"(19) eu preFIro que ela Venha (I would prefer her to come)

(20) eu preFIro que venha Ela (I would prefer her to come)" (Cruz-Ferreira, 1998: 173).

Esta perspectiva, referida por Ladd (1996: 12) como *impressionistic* ou *proto-phonological*, também é defendida pelo estruturalista americano Pike (1967b) que usa o termo **foco** para referir a orientação para a qual se conduzem actividades. Aplica este termo ao plano das actividades sociais, de tal modo que, dentro de uma unidade supra-ordenada de actividade social, se encontram outras actividades, hierarquicamente ordenadas, dirigidas para determinados focos<sup>9</sup>. Pike distingue uma *predominant focus unit*, a unidade para a qual estão orientadas outras unidades simultâneas ou nela incluídas (*ibid.*, 106). Focalizar é, assim, a actividade de conduzir uma actividade para um *foco* (*ibid.*, 112). Tendo em conta que essa actividade de focalização pode ter diferentes tipos e graus de abrangência, Pike distingue uma escala de limites de foco no que diz respeito ao nível hierárquico (*height*), profundidade, (*depth: shallow/deep focus*<sup>10</sup>) e ao número de diferentes tipos de componentes hierárquicos incluídos na unidade focalizada, ou seja, à sua largura (*wide/narrow focus*<sup>11</sup>).

---

<sup>8</sup> "Alternative syntactic structures are in fact the commonest way of achieving prominence for emphatic or contrastive purposes in Portuguese" (Cruz-Ferreira, 1998: 174). Em certos casos, porém, a marcação da ênfase também é conseguida através de meios prosódicos: "But freedom of word order has its limits, and intonational devices take over in cases where grammatical constraints forbid the shift of the nuclear word to final position in the utterance. In these cases, in Portuguese too, any word within an utterance with a given word order may be given prominence, and hence take the nucleus" (*ibid.*). Resultados idênticos encontram-se em Camacho/Brentau (2002), num trabalho contrastivo sobre os processos de focalização no inglês e no português falados.

<sup>9</sup> Para dar um exemplo, "The church service includes the singing of a hymn, the hymn a stanza, the stanza a line (or phrase), the line a word, the word a sound, and the sound is sung by a composite of articulatory movements; or the song leader attends the service, he leads the singing throughout, stands, gestures and sings for a particular song, lifts his arm for a particular note: his small motions are part of a larger series of motions which is part of a larger one, and so on" (Pike, 1967b: 78).

<sup>10</sup> "In photography the focus may be shallow, so that - say- only those objects between six feet and seven feet from the lens are in focus while the remainder is blurred, or the depth of focus may be deep so that everything, for example, from eight to one hundred feet away is clear cut in the picture and in the focus" (Pike, 1967b: 110).

<sup>11</sup> "Breadth of focus, or wide focus, is a term used here to suggest attention simultaneously directed to a number of different kinds of component hierarchies included in the unit under attention, such as those just mentioned.

Focus on speech can be narrowed to include only the sounds, words, and phrases, or may be widened to include the hierarchy of the pitch sequences of the voice, or may be widened further yet to include general voice quality as well" (Pike, 1967b: 114).

Concluindo, "the study of the breadth of focus indicates the composite range of diverse component hierarchies included in attention at any one time; depth of focus covers the degree of simultaneous attention on both the high and low hierarchical units of one or more hierarchies: height of focus indicates the hierarchical element cut out for attention from a particular sequence, or the particular place of such a unit in a hierarchy" (*ibid.*, 117).



Apreciando todas estas maneiras diferentes de encarar o foco - o foco definido como um ponto de convergência de actividades, como estruturalmente determinado por regras morfo-sintácticas da língua, como determinado por motivações - e considerando que o uso da língua implica não só a expressão de atitudes, mas também a observação de regras gramaticais, é lícito perguntar se não haverá uma possibilidade de síntese de todas estas correntes.

É isto, de facto o que tem vindo a acontecer: recentemente têm surgido outras linhas independentes, sem dúvida motivadas pela intensificação dos estudos no âmbito da interacção verbal, que se ocupam sobretudo da organização dinâmica da conversação e da corrente de informação entre falante e ouvinte e procuram conciliar as perspectivas *highlightning-based* e *structure-based*. Todos estes trabalhos exploram as razões pelas quais um falante decide focalizar um constituinte ou não (Ladd, 1996: 166).

Uma dessas linhas de investigação é a Linguística Interaccional, que se desenvolveu no seguimento da Fonologia Interaccional de French/Local (1983) e tem vindo a ser praticada (entre outros) pelos autores que contribuíram para as obras editadas por Auer/Di Luzio (1992), Couper-Kuhlen/ Selting (1996) e Selting/Couper-Kuhlen (2001). Esta orientação parece ser a mais dominante na investigação sistemática dos meios prosódicos de constituição de proeminência na frase na interacção verbal. Neste contexto, usa-se o termo **proeminência** para designar qualquer parte do enunciado mais realçada através da ênfase (estilo enfático<sup>12</sup>); **acento de frase** (*accent*), por sua vez, refere a parte do enunciado produzida com mais intensidade de voz. Aqui destaca-se o **acento primário** (a sílaba realizada com maior intensidade de voz) e o(s) **acento(s) secundários** (as restantes sílabas acentuadas de uma unidade entoacional que geralmente coincidem com os acentos normais das palavras). O termo **foco** é pouco usado, pois os estudos efectuados nesta área centram-se, na generalidade, nas funções interaccionais das variações dos parâmetros prosódicos altura de tom, intensidade e quantidade e nos efeitos que essas variações podem causar a nível interaccional (por exemplo, no que provocam as variações de velocidade da fala, de ritmo e de altura de tom), e não se interessam, em particular, pela constituição do foco através da colocação do acento, uma vez que se trata de um fenómeno mais ligado a princípios gramaticais<sup>13</sup>. Sendo assim, uma posição proeminente é conseguida, sob o ponto de vista prosódico, por meio de variações de características de vários parâmetros. A nível interaccional estas variações funcionam como um marcador fluorescente, que indica a importância de um ou mais elementos do enunciado, de informação já tratada ou de outra que ainda não foi (e pode mesmo dar-se

<sup>12</sup> Relembrando o que foi descrito na parte I, 3.4.5, o **estilo enfático** é caracterizado pelo uso marcado dos parâmetros prosódicos, que pode ser interpretado como assinalando envolvimento e um significado emotivo (cf. Selting, 1994: 381): "Emphatic speech style is used to highlight any particular activity or any particular kind of emotive expression with which it occurs. It suggests and triggers interpretive frames of 'emphasis' or 'emphatic involvement' " (Selting, 1994: 383).

<sup>13</sup> Como comenta Selting, "in this area of 'accent and focus', a consensus view has emerged in which accent placement is viewed as a means of achieving the expression and interpretation of semantic focus (cf. also Bolinger's formulation of this issue (1982: 635)). But prosody, and above all intonation, is yet another parameter which cannot be explained with reference to syntactic sentence structure type, or the other grammatical principles, but which has to be analysed with reference to the organization of conversational interaction" (Selting, 1992: 340).



o caso que não venha a ser) verbalizada.

Na sua investigação sobre o foco na língua falada, Uhmman (1991, 1997) dá preferência ao ponto de vista estrutural (*structure-based approach*). A autora faz coincidir o foco com os elementos da frase que não só transportam uma maior carga informativa (informações novas) e estão sujeitos a regras gramaticais, mas que também são realizados com realce enfático (cf. Uhmman, 1997: 85). Este último pode ser alcançado tanto através de dois tipos de combinação de acento de frase + velocidade da fala mais reduzida (*ibid.*, 89), como através do fenómeno das colisões de batidas<sup>14</sup>. As formulações de focalização são entendidas ainda no sentido de Goffman, como os elementos que indicam a orientação, aqui e agora necessária, para o foco de atenção comum (*ibid.*, 149). Sendo assim, Uhmman compreende o foco não só como localmente marcado através da ênfase, mas também como difusamente localizado, isto é, como um alvo pouco definido para onde se orientam as actividades e atenções dos participantes da interacção.

No trabalho anterior relativo à análise dos sinais conversacionais<sup>15</sup>, adoptei o conceito de foco sugerido por Kallmeyer, um linguista alemão da área da Análise Conversacional Etnometodológica. Esta perspectiva pareceu-me adequada para o estudo em questão, por considerar o processo de focalização como um fenómeno interaccional, ou seja, como produzido no âmbito das actividades conjuntas do falante e do(s) ouvinte(s), conduzidas de modo a superar todas as exigências resultantes do desenvolvimento lógico da interacção<sup>16</sup>. Kallmeyer entende foco, no sentido de Pike (1967b), como "Die Aufmerksamkeitsausrichtung, die sich die Kommunikationsbeteiligten als konstitutiv für die Durchführung der Kommunikation manifestieren" (Kallmeyer, 1978: 194). De acordo com o seu ponto de vista, que também defendo, os processos de orientação da atenção dos parceiros da interacção são considerados essenciais para a constituição da interacção. Esses processos consistem em actividades que tanto preparam os ouvintes antecipadamente para alguma coisa, chamando a sua atenção, como desviam a sua atenção de alguma coisa. Esta concepção de foco interaccional corresponde à noção de "focussed interaction" de Goffman (1966: 83 segs.), ou seja "the kind of interaction that occurs when persons gather close together and openly cooperate to sustain a single focus of attention, typically by taking turns at talk" (*ibid.*, 64).

Como já se pôde constatar no capítulo precedente, os momentos de descontinuidade na interacção em que há uma mudança de foco são frequentes. Cada um destes eventos implica, segundo Kallmeyer, uma mudança da orientação da atenção, em que estão envolvidos dois componentes distintos: *Abwenden* (desvio da orientação para,

<sup>14</sup> Cf. parte I, 3.4.5.

<sup>15</sup> Cf. Rodrigues (1998: 76-77), referido na parte II, 1.1.

<sup>16</sup> Meyer-Hermann (1983) também define *foco* com o significado de "centro de atenção dos interactantes", o que "não implica necessariamente que este foco se manifeste numa palavra, quer dizer, não implica que se pode sempre indicar um constituinte cujo conteúdo informativo representa ou constitui o centro de atenção dos interactantes". E continua: "numa interpretação interactiva da noção de foco como centro de atenção, o foco pode consistir num 'problema a resolver' pelos interactantes". Outro linguista que se ocupa das actividades de planeamento do discurso é Rehbein, que apresenta a seguinte definição: "The focus is a selective instrument for guiding the attention, is steered by that part of the hearer's knowledge which is actualized by what the speaker says" (Rehbein, 1983: 225).



afastamento do foco) e *Zuwenden* (orientação para, aproximação do foco)<sup>17</sup> que correspondem aos conceitos de *focussing off* e de *focussing on* de Schegloff (1972). Em Rodrigues (1998: 77) foram designados, respectivamente, por actividades de desfocalização e de focalização.

Kallmeyer (1978: 214) concebe também um sistema de marcação de graus de relevância, a que atribui a responsabilidade pela realização das marcações e desmarcações do foco. Aqui destacam-se duas formas básicas, que se encontram nas extremidades opostas de uma escala de possíveis valores: a *Rückstufung* (desvalorização) e a *Hochstufung* (valorização), que caracterizam respectivamente as actividades de desfocalização e de focalização. Estes dois processos são concretizados por meios linguísticos e verbais específicos: na marcação de valorização são utilizadas formas de tratamento, vocativos, anúncios e tematizações metacomunicativas, partículas, advérbios e marcações supra-segmentais como intensidade da voz, altura de tom e expressividade (variações de altura de tom ligadas à colocação do acento); na marcação da desvalorização, além de tematizações metacomunicativas, usam-se manifestações de aceitação e acordo, que mostram que o falante não questiona os estados de coisas enunciados e que, por isso, não tem interesse em continuar a tratá-los. Resumindo, "generell kann man sagen, daß Manifestationen des Erfülltseins oder der Aufhebung konditioneller Relevanzen als Rückstufung wirken, Manifestationen der Geltung bzw. des Geltungsanspruchs konditioneller Relevanzen als Hochstufung" (*ibid.*, 215). Estas características podem ainda ser combinadas com os meios supra-segmentais. Com a marcação do foco combina-se em princípio "lautes, langsames, hochtoniges und expressives Sprechen"; com a desmarcação do foco, "leises, schnelles, niedertoniges und planes Sprechen" (*ibid.*). Na descontinuidade do foco, a mudança entre estes dois tipos de fala é muito significativa.

Embora entenda focalização como um processo intuitivo, o autor não deixa de salientar diferentes situações de natureza gramatical que se devem ter em conta nesta actividade, a saber, situações em que as componentes de focalização podem encontrar-se a) sintacticamente interligadas; b) no início dos enunciados, prosodicamente, mas não sintacticamente interligadas; c) destacadas dos enunciados por meio de pausas ou de características prosódicas; d) formadas por estruturas mais complexas (*ibid.*, 225-226). Deste modo, não só tem em conta os factores interaccionais da constituição do foco, mas também condicionamentos estruturais do discurso.

Kallmeyer não explicita as propriedades de contraste, identificação e exclusão, atribuídas ao foco no âmbito da fonologia estrutural (*structure-based*). Estas foram realçadas por Werth (1984), que, numa perspectiva semântico-pragmática da linguística de texto,

---

<sup>17</sup> Segundo Kallmeyer, estes dois tipos de actividades pertencem a uma estrutura de aplicação (*Anwendungsstruktur*) (Kallmeyer, 1978: 196) que consiste num complexo de actividades de inserção na corrente de actividades em curso. Estas estruturas de aplicação apresentam características idênticas às que foram atribuídas aos anúncios, parênteses, etc., i.e., elementos ou expressões linguísticas que, na terminologia de Gumperz (1982), contextualizam as actividades interaccionais específicas para facilitar a sua descodificação pelo(s) ouvinte(s).



defende que a ênfase, cuja face visível é a proeminência, se divide em foco e redução; e o foco, por sua vez, se subdivide em acento (*accent*) (que marca a informação nova ou a retoma de uma informação antiga) e contraste (que, incidindo sobre um elemento, o faz negar outro com o qual se encontra semântica ou pragmaticamente ligado). A redução é um fenómeno que ocorre sobre material semanticamente repetido. O autor considera "the processes of emphasis not as superficial manifestations of stress and intonation (as in Chomsky 1972) but as constitutive operations deriving from the semantic connectivity of the discourse. The role of discourse is therefore seen as crucial and the interplay of Accent, Reduction and Contrast both help to explain and to some extent are constrained by the deployment of propositional information within sentences" (Werth, 1984: 126). Neste sentido, a redução corresponderia ao *Abwenden* de Kallmeyer, ao afastamento do foco, e o foco, por sua vez, ao *Zuwenden*.

No presente trabalho, em que pretendo descrever com algum pormenor os fenómenos prosódicos importantes para a função de manutenção de vez e outras co-funções conversacionais, baseio-me não só no entendimento de foco sugerido por Kallmeyer, mas também na teoria da Linguística Interaccional, cujas investigações têm vindo a apresentar resultados importantes para a compreensão da prosódia na interacção face a face.

Entendo que, num estudo que considera a prosódia sob o ponto de vista interaccional e que tem como principal objectivo descrever as razões que levam um interactante a focalizar determinadas partes da sua vez, não é de grande interesse referir o foco, no sentido fonológico, como a sílaba/elemento que recebe o acento primário, pois por vezes torna-se necessário considerar mais do que um acento primário, como no caso das colisões de batidas; além disso, foco não é só a sílaba que recebe o acento primário, mas, como já mencionei atrás, pode ser muito mais do que isso. Aliás, como já se pôde ver na descrição dos exemplos do capítulo 4 (parte II), também é possível orientar a atenção dos ouvintes para alguma coisa (=focalizar) através da comunicação não-verbal, por meio de gestos, de um erguer de sobrancelhas, etc. Posto isto, recorro aos termos acento primário e acento secundário para designar questões de proeminência de intensidade (colocação de acento), ficando a designação de foco para referir, no sentido semântico-pragmático da interacção, o alvo/direcção para onde os parceiros da interacção orientam as suas actividades (o que não impede que o foco coincida com o acento primário de uma unidade entoacional). Os processos de focalização são constituídos pelas actividades de orientação para o foco<sup>18</sup>. No presente estudo, o interesse pelas definições de foco e das actividades de focalização/desfocalização resulta da necessidade de detectar

- os momentos proeminentes da vez, conseguidos através de vários meios capazes de realizar actividades de focalização;
- as intenções e as razões que conduzem a essas actividades (de focalização), por exemplo, as funções e subfunções interaccionais de manutenção de vez ou as necessidades subjectivas do falante;

---

<sup>18</sup> Em Rodrigues (1998: 77), focalização é definida como "o processo de orientar as actividades do(s) ouvintes para o que vai ser dito, através de diferentes modos de realização (actividades preparatórias, construções sintácticas e determinados elementos lexicais) a que correspondem diferentes capacidades de orientar".



- os meios multimodais<sup>19</sup> utilizados para a sua concretização;
- as suas consequências futuras no desenvolvimento da interacção.

Considerando que as actividades de focalização contribuem para uma dinâmica no desenvolvimento da comunicação, também se pode aplicar aqui a noção de Dinamismo Comunicativo (DC) de Firbas (1992): quanto mais perto um elemento estiver da completação frásica, maior será a importância comunicativa, ou o valor informacional desse elemento, ou seja, o seu grau de DC; além disso, o DC está ligado à proeminência prosódica<sup>20</sup>. No entanto, segundo Firbas, mesmo na língua falada, o DC é determinado sobretudo por factores não-prosódicos, mais concretamente pelo jogo entre os factores tidos em conta pela PFF: modificação linear dos elementos na frase, carácter semântico e carácter das relações semânticas entre esses elementos, dependência ou não dependência do contexto imediato (isto é, deduzibilidade/não-deduzibilidade da informação a partir do contexto imediato) (cf. Firbas, 1992: 9, 108, 148).

Resumindo, visto a orientação das actividades interaccionais jogar não só com meios sintácticos e semânticos, como é o caso dos processos sintácticos de topicalização e focalização e do recurso a determinados elementos lexicais atrás referidos (cf. página 332), mas também com meios prosódicos e não-verbais (relacionados com a motivação, envolvimento do falante), a perspectiva de abordagem da dinâmica da interacção - que considera o jogo entre os factores sintácticos, semânticos e contextuais de PFF - pode ser correlacionada com o conceito de constituição do foco extrafrásico, um foco de interesse para onde os parceiros de interacção orientam as actividades interaccionais.

Consequentemente, as actividades de focalização podem ser interpretadas como contribuindo de um modo dinâmico para o avançar da informação; em contrapartida, como se poderá verificar mais adiante, a repetição de informações, geralmente colocada numa posição de *menor* destaque, não colabora, de modo igualmente dinâmico, para a

<sup>19</sup> Na definição de focalização atrás referida ficaram por mencionar dois outros tipos de meios que podem contribuir para a constituição de um foco, a saber, os fenómenos prosódicos e os fenómenos não-verbais. Pelo que foi apresentado nos exemplos antecedentes, pode-se partir do princípio de que os movimentos do corpo, da cabeça, dos olhos, dos braços e das mãos também desempenham um papel importante na (des)focalização.

<sup>20</sup> No que diz respeito ao papel da prosódia no DC, Firbas aponta várias situações: a) a correspondência perfeita na distribuição não-prosódica do DC e na distribuição da proeminência prosódica (cf. Firbas, 1992: 148); b) a proeminência prosódica que implica uma intensificação prosódica - "an evidently marked configuration of prosodic features" (*ibid.*, 155) - sobre elementos temáticos que, embora contribua para um aumento do grau de DC, não afecta a relação tema-rema (um sujeito temático, prosodicamente intensificado, comporta um maior grau de DC do que um sujeito temático prosodicamente não-intensificado; sob o ponto de vista sintagmático, uma subida de DC que afecta o tema provoca uma subida correspondente na parte não-temática da frase); c) a intensificação prosódica (colocação do centro entoacional) de uma parte temática da frase que faz com que esses elementos temáticos sejam reavaliados como remáticos. Tais mudanças dão-se em frases altamente emotivas: nesse caso, a relação tema-rema é afectada pela intensificação prosódica, designada por reavaliadora: um elemento não-remático é reavaliado como remático; o elemento remático, que surge na parte não acentuada a seguir à parte acentuada, é, por sua vez, reavaliado como elemento temático diatemático (cf. *ibid.*, 160).



progressão da informação. É o que acontece com os apartes e com as reparações, que provocam um retardamento nessa dinâmica comunicativa. Na minha opinião, parece ser a dinâmica da interacção (e não as questões relacionadas com a defesa de face) a razão mais plausível para a despreferência de tais enunciados, ou seja, para que eles sejam realizados "à parte" e mais rapidamente, retirados de uma posição de maior proeminência.

Depois desta breve exposição de pontos de vista, pode-se, então, assentar nos seguintes pressupostos teóricos:

- foco é o alvo ou ponto de convergência das actividades na conversação; a sua constituição contribui para a dinâmica da interacção;
- esta orientação das actividades interaccionais é concretizada por meios específicos que colocam o(s) elemento(s) a focalizar numa posição de proeminência (actividade de focalização);
- também há outros meios que desviam a atenção do foco (actividades de desfocalização);
- em mudanças de foco, ou seja, em mudanças de orientação (temática, de interesses, de intenções, etc.) das actividades interaccionais que implicam uma orientação de A para B, estão envolvidas sequências de actividades de desfocalização e de focalização;
- os meios de marcação-aproximação e de desmarcação-afastamento do foco podem ser de natureza a) sintáctica, b) semântico-pragmática, c) prosódica e d) não-verbal; estes diferentes meios podem actuar em simultâneo;
- cada língua dispõe de meios específicos para a marcação e desmarcação do foco;
- há vários graus de alcance da focalização (conforme os meios utilizados);
- foco implica algo de novo, algo de importante, algo de diferente (contraste): a nível temático, assinala alguma coisa de diferente-positivo ou de diferente-negativo; e a nível interaccional, pode funcionar como um sinal de alerta que exige atenção, ou seja, marca um momento da vez que reclama a participação activa dos parceiros da interacção;
- as actividades de (des)focalização são pistas de contextualização importantes, pois apoiam os interactantes na codificação e descodificação da fala; como tal, assumem também as funções atribuídas aos diversos sinais conversacionais;
- as actividades de focalização têm um papel importante no desempenho da função de manutenção de vez.

## 5.2 Meios de (des)focalização

Os processos de orientação das actividades da conversação para um foco ou para uma mudança de foco podem ser de natureza sintáctica, semântica, prosódica e não-verbal. Alguns destes aspectos já foram tratados em Rodrigues (1998: 76 segs.), onde foram referidas

" 1) *actividades preparatórias*, concretizadas



a) por anúncios ou actos conversacionais metacomunicativos, ou seja, actos conversacionais com a propriedade de anunciar/avisar o(s) ouvinte(s) sobre o valor ilocutivo, o conteúdo proposicional ou a modalidade do que se vai seguir;

b) por elementos linguísticos ou não-linguísticos que anunciam que o falante se prepara para falar ou que pretende continuar a falar e que podem pertencer a várias subclasses de sinais conversacionais;

2) *focalização sintáctica*, realizada através de construções frásicas capazes de orientar a atenção do ouvinte para o tema que vai ser tratado.

3) *focalização semântica*, realizada através de elementos linguísticos que, pelo seu significado, colocam o foco (tema ou acção linguística) em posição de destaque. Elementos típicos são as partículas escalares, como "até", "o próprio", etc. (cf. Meyer-Hermann, 1993: 38) e outras expressões como, por exemplo, formas apelativas do tipo "repare", "veja só", "atenção". (Rodrigues, 1998: 77-78).

Todas estas actividades foram encontradas no desempenho da função de manutenção de vez (cf. Rodrigues, 1998: 129 segs). Como já foi atrás referido (parte II, 2.6), no exercício desta função também foram detectados

- sinais topográficos de abertura, ou pela combinação de sinais topográficos de fecho + abertura, elementos lexicais, geralmente combinados com fenómenos supras-segmentais específicos, que têm a capacidade de
  - a) indicar que a vez ainda não terminou e que o falante ainda a pretende manter durante mais algum tempo, ou
  - b) de fechar um tema antecedente, permitindo iniciar um outro tema (ex. "ora()" bem(.)", "olhe(.)", "pronto()", "pronto(.) então ()").

Os fenómenos supra-segmentais que caracterizam estes sinais são o contorno entoacional ascendente ou descendente (conforme se trate de expressar fecho ou abertura) e aumento da intensidade da voz; o fecho permite marcar o fim de um tema para poder iniciar outro, cujo começo é, muitas vezes, marcado por um sinal topográfico de abertura;

- sinais conversacionais interactivos, cujo significado de continuação de uma sequência argumentativa é, muitas vezes, reforçado pela entoação ascendente.

As subfunções (de manutenção de vez) de pedido de retorno e de reforço informativo são concretizadas geralmente através de meios capazes de atrair a atenção dos parceiros, ou para o que está para acontecer, ou para a importância/veracidade/estranheza, etc. da informação transmitida. Por exemplo, a ênfase sobre alguma coisa que está a ser dita/feita na vez do falante faz com que os parceiros, caso queiram cooperar, se coloquem numa posição de participar mais activamente na construção da interacção. Enquanto as



situações de focalização são muito frequentes na manutenção de vez, o mesmo não acontece com as situações de desfocalização, cujos tipos mais interessantes se encontram sobretudo no desempenho da função de cedência de vez (cf. *ibid.*, 157 segs.).

Como já foi mencionado, nesse estudo não se deu atenção nem às formas de comunicação não-verbal, nem a uma grande variedade de estratégias de focalização. No entanto, como se pode verificar a partir da descrição dos exemplos 1-26 (na parte II, 4.1 e 4.2), tanto os meios não-verbais como muitos parâmetros prosódicos são eficazes na orientação das atenções/actividades para um foco: não só de um modo menos definido, indicando apenas a direcção que as actividades de focalização devem tomar, mas também de um modo mais preciso, localizando um ponto proeminente. Constatou-se ainda que as várias modalidades não-verbais focalizam o que vai ser dito/feito de modos distintos e têm, naturalmente, efeitos de alcance diferente. Como neste trabalho pretendo levar a efeito uma descrição mais completa dos fenómenos de focalização, em que contemple não só os meios verbais, mas também os meios não-verbais no desempenho destas actividades, serão considerados os seguintes grupos:

1. **meios sintácticos e semântico-lexicais**, constituídos, os primeiros, por construções pseudo-clivadas e clivadas (cf. Meyer-Hermann, 1993, Abreu, 2001) e os segundos, por materiais lexicais, como os atrás descritos para a focalização semântica;
2. **meios linguístico-pragmáticos**: deste grupo fazem parte todos os tipos de sinais topográficos de abertura, ou seja, todos os elementos verbais com propriedades focalizadoras que, ao mesmo tempo, apoiam o falante na articulação dos enunciados. As características focalizadoras destes actos ou sinais conversacionais podem ser de menor grau de complexidade, como uma simples pausa cheia, que mostra que um indivíduo se prepara para falar, ou mais complexos, como no caso dos actos metacomunicativos que informam sobre o que vai acontecer; outros actos, conhecidos por parênteses ou apartes, fornecem comentários sobre o tema principal, ficando estruturalmente independentes; as sequências de actos cuja sucessão se encontra pré-determinada, ou seja, quando, à semelhança dos pares adjacentes, a realização de um determina a realização de outro e assim por diante, também foram inseridas neste grupo. Essas imposições sequenciais podem ser instauradas por sinais interactivos argumentativos ou por outros factores de ordem pragmática, como é o caso de repetições de construções paralelas e contagens;
3. **meios prosódicos**: a este grupo pertencem todos os fenómenos supra-segmentais que contribuem para que certos elementos dos enunciados fiquem numa posição de proeminência; estes meios fazem parte da fala e, como tal, podem sempre combinar-se com os meios de focalização gramatical-lexical e linguístico-pragmática;
4. **meios não-verbais**: através da comunicação não-verbal os interactantes podem dar indicações sobre a orientação das actividades para um foco de acção e mostrar



também o que é importante num determinado momento. Os meios considerados são:

- a. posição do tronco;
- b. movimentos da cabeça;
- c. orientação do olhar;
- d. mímica;
- e. gestos;
- f. fenómenos extra-verbais (como a inspiração).

Por via de regra, estas modalidades de comunicação não-verbal estão não só sincronizadas com a fala, de tal modo que os momentos enfatizados através da comunicação não-verbal são realizados em simultâneo com a parte prosodicamente mais proeminente do enunciado verbal, mas também coordenados entre si: por exemplo, um momento de maior gesticulação pode ser acompanhado por um erguer das sobrancelhas e pela orientação do olhar para um parceiro. É claro que também podem ser realizados movimentos do corpo com fins comunicativos independentemente da fala, substituindo-a.

A focalização pode ser concretizada por mais do que um destes meios ao mesmo tempo, do mesmo modo que, quanto maior for a quantidade dos diferentes tipos de sinais de focalização usados em simultâneo, maior será a redundância e, conseqüentemente, o seu efeito focalizador.

Para uma melhor compreensão dos exemplos que vão ser discutidos mais adiante, segue-se uma descrição mais pormenorizada de cada um destes quatro grupos. Devo antecipar que estas descrições não são equilibradas, isto é, uns grupos receberão, propositadamente, mais atenção do que os outros. Isso não tem a ver com a sua maior ou menor importância, mas sim com a seu diferente grau de complexidade e com o facto de já terem sido, ou não, tratados com algum detalhe nas páginas antecedentes.

Como a desfocalização é um fenómeno secundário na manutenção de vez, não receberá aqui especial atenção; no entanto não poderá deixar de ser considerada quando, como actividade de fecho, estiver envolvida na marcação de um aparte, pois focalizar o que vai ser dito/feito implica, com frequência, desfocalizar o que acabou de ser dito/feito.

### **5.2.1 (Des)Focalização sintáctica e semântico-lexical**

Neste grupo inserem-se todos os meios de natureza sintáctica e semântico-lexical que desempenham funções de focalização. Têm sido abordados em investigações que procuram explicar a relação entre processos de focalização e de estruturação sintáctica de frase que seguem, também, perspectivas interaccionais. Embora estejam sujeitos a uma interpretação pragmática, os meios que formam este grupo podem também ser analisados sob o ponto de vista sintáctico e semântico. Por este motivo, são tratados à parte dos meios verbais e linguísticos apenas interpretáveis sob o ponto de vista interaccional, ou seja, de acordo com as suas funções interaccionais no contexto em que ocorrem.



A orientação da atenção dos parceiros da interacção através de meios sintácticos - isto é, através do uso de determinadas construções que fazem com que o elemento a focalizar seja colocado numa posição de maior proeminência, foi, como já referido, objecto de estudo de várias investigações numa perspectiva interaccional (cf. Meyer-Hermann, 1983; Uhmman, 1991, 1997). Para o português falado consta apenas a investigação de Meyer-Hermann que se refere às construções clivadas e pseudo-clivadas usadas para realçar certos elementos. Estas construções (mas do português escrito) são tratadas com maior sistematicidade e pormenor em Abreu (2001). A autora faz uma abordagem da focalização<sup>21</sup> através da clivagem, descrevendo, sob os pontos de vista sintáctico e semântico, as estruturas pseudoclivadas, clivadas, dois tipos de construções semi-pseudoclivadas e construções com "é que"<sup>22</sup>. Outras estruturas marcadas assentam sobre o tópico, conferindo-lhe uma ênfase contrastiva: são os processos de a) topicalização, já mencionada sob 5.1 desta parte, ou seja a colocação do foco na posição do tópico, b) a deslocação à esquerda, c) o tópico pendente (ou selvagem<sup>23</sup>) e d) a deslocação à esquerda clítica (Mateus *et al.*, 1989: 228-232).

Casos idênticos de topicalização com deslocação à esquerda foram apontados por Uhmman (1991; 1997) para o alemão. A autora verifica que, numa situação de interacção, os elementos que, de acordo com a estrutura básica das frases, se espera que ocupem uma posição de ante-campo ou de campo-médio são frequentemente deslocados para a posição de pós-campo; por conseguinte, os elementos do foco, que, numa estrutura não marcada, se encontram na posição de pós-campo, passam a ocupar a posição de campo-médio. Isso representa uma estratégia vantajosa para o falante, evitando assim que os elementos do foco sejam realizados no fim da frase e possam ficar sobrepostos com a fala de qualquer outro parceiro que pretenda tomar a vez ou emitir um comentário (cf. Uhmman, 1997: 67 segs.; 94 segs.).

Meyer-Hermann (1983) distingue entre processos sintácticos e processos semânticos de focalização. Os segundos, frequentemente utilizados em mudanças de tópico na língua escrita, são expressões como "a propósito, por falar de", "no que se refere a" (cf. Meyer-Hermann, 1983: 35). Também funcionam como marcadores especiais de foco partículas escalares - "até", "mesmo" - e expressões como "o que é importante é" e "o que é espectacular é" (*ibid.*, 38)<sup>24</sup>. A estas expressões podem-se juntar outras, de natureza apelativa, como formas do vocativo e formas verbais no imperativo - "olha", "imagina" -, que orientam as actividades dos ouvintes para um determinado foco de acção. Como mencionei atrás, muitos destes elementos são tratados em Rodrigues (1998) como actividades preparatórias e classificados como sinais topográficos de abertura.

---

<sup>21</sup> **Focalização** através da clivagem é definida como "um processo comum com o qual podemos destacar diferentes elementos da frase que são, principalmente, os diferentes argumentos internos ou externos de um predicado verbal" (Abreu, 2001: 24).

<sup>22</sup> Sobre as construções com "é que", cf. Casteleiro (1976-1979).

<sup>23</sup> Os tipos de topicalização "selvagem", que não respeitam as regras gramaticais, inserem-se no âmbito da focalização pragmática (Duarte, 1994: 355).

<sup>24</sup> Cf. também Mateus *et al.* (1986: 234) e Uhmman (1991: 6).



Neste trabalho dar-se-á atenção a fenómenos de natureza sintáctica na medida em que eles forem importantes para a função de manutenção de vez. O mesmo se pode dizer relativamente à focalização semântica, ou seja, ao uso de formas apelativas, advérbios e de outras expressões que, pontualmente, salientam a importância de alguma coisa. Estes elementos vêm, geralmente, acompanhados por uma intensificação de características de proeminência prosódica, o que faz com que, geralmente, sejam tratados sob o ponto de vista da focalização prosódica.

Também se devem referir aqui os casos de uso de elementos vagos e imprecisos, assim como de repetição de palavras ou de frases a ou reformulação de ideias reforçadas pela prosódia correspondente (pelo menos, redução de intensidade de voz e de altura de tom). Estas características dos enunciados são meios de desfocalização, um fenómeno que, como disse atrás, pode preceder o processo de focalização.

### 5.2.2 (Des)Focalização linguístico-pragmática

Os meios verbais que constituem este grupo contribuem para a dinâmica da interacção na medida em que são susceptíveis de orientar a atenção dos interactantes para o que está para acontecer. Tendo em conta o significado dos enunciados no seu contexto interaccional, assim como os conceitos de foco e de focalização, pode-se afirmar que, em princípio, todos os sinais topográficos de abertura têm um efeito focalizador na interacção. Alguns sinais de fecho também desempenham uma função de focalização, geralmente quando, ao fechar um tema, refocalizam o que foi dito antes, como se irá demonstrar mais adiante.

Por via de regra, um falante focaliza (mais ou menos inconscientemente) alguma coisa de acordo com a importância que lhe atribui. Como já referi, tem à sua disposição meios heterogêneos, com características distintas e com diferentes efeitos focalizadores, ou seja, com diferentes capacidades de orientar as actividades dos parceiros da interacção para um foco. De entre esses meios, o falante irá, pois, escolher o que melhor atende aos seus interesses comunicativos. Uma das propriedades essenciais para uma maior capacidade focalizadora do meio de focalização escolhido é o significado (pragmático)<sup>25</sup>, mais ou menos específico, de "chamar a atenção para", significado que também pode ser apoiado por variações dos parâmetros prosódicos relativamente à fala envolvente (sem esquecer que a comunicação não-verbal pode também contribuir para essa marcação do foco).

Assim, um simples sinal de abertura como um "pronto", com entoação ascendente, pode servir para indicar que se vai seguir a enunciação de um novo acto; quanto mais específicos forem os significados dos elementos usados, no que diz respeito à sua função de introduzir alguma coisa, monitorizado<sup>26</sup> as actividades interaccionais num determinado

---

<sup>25</sup> Note-se que muitos elementos focalizadores perdem o seu valor semântico devido à função pragmática mais importante que desempenham na conversação; no entanto, por vezes ainda mantêm uma coloração desse valor semântico. É o caso, por exemplo, de "pronto".

<sup>26</sup> Como já foi referido em Rodrigues (1998: 51, nota 88; 77), os termos "condução da interacção" (Schwitalla, 1976b) ou "monitorização da interacção" (Bublitz/Kühn, 1981) têm também sido usados para indicar estas actividades focalizadoras.



sentido, maior será a sua capacidade de focalização.

Há sinais de abertura que introduzem o tópico que vai ser tratado a seguir. São exemplo disso os chamados "tópicos selvagens", frases como "esse relatório, creio que não precisamos para a reunião de hoje" (Duarte, 1994: 352; 332) que parecem corresponder aos *p-coded (prioritised) topics* (cf. Morris, 1998: 195 segs.), deslocções à esquerda, não-gramaticais, do tópico, que funcionam como dispositivos de sinalização ou configurações iniciais que chamam a atenção para alguma coisa. Segundo Morris, através destas deslocções, o falante estabelece uma prioridade na fala<sup>27</sup>.

Outros sinais de abertura são mais complexos: sob o ponto de vista sintático, constituem frases completas, sob o ponto de vista conversacional-interaccional têm um significado introdutório específico, geralmente de alcance mais alargado e menos difuso do que um simples "pronto" com entoação ascendente. Parecem criar uma espécie de foco "intensivo", porque informam antecipadamente sobre diferentes aspectos do que vai acontecer. Deste modo, além de servirem apenas de introdução, como o acto conversacional "é assim", podem informar sobre o conteúdo preposicional ("por exemplo", "é essa a questão") e/ou sobre o valor ilocutivo, e/ou sobre a modalidade do enunciado a verbalizar, ou seja, tanto sobre o modo como ele deve ser interpretado (uma piada, um exemplo, etc.), como sobre a atitude do falante relativamente a essa informação (sujeição às circunstâncias, indignação, etc.).

Essa informação antecipada não só provoca certa curiosidade entre os ouvintes, ou até mesmo certa expectativa, mas também permite que eles se preparem para decodificar o enunciado que vai ser realizado e o interpretem do modo intendido pelo falante. Estes tipos de enunciados têm sido classificados (entre muitas outras designações) como **actividades preparatórias**, **actos metacomunicativos** e/ou **anúncios** e **molduras** (*frames*)<sup>28</sup>. Atendendo a que cada uma destas designações foi desenvolvida sob diferentes perspectivas de abordagem, seria interessante avaliar em que medida é que estes conceitos se correspondem. Para isso, convém descrevê-los com maior pormenor,

### 5.2.2.1 Molduras

Uma ocorrência comum nas interacções sociais face a face é a necessidade, por parte do falante, de preparar os parceiros para o que vai acontecer em seguida. Segundo Rehbein (1983: 215), o ser humano tem a necessidade de organizar as quantidades de conhecimento apreendido na sua vida em sociedade. Essas quantidades do conhecimento apreendido estão distribuídas de modos diferentes pelos indivíduos dessa sociedade. Para evitar dificuldades de comunicação, foram-se desenvolvendo actividades preparatórias

---

<sup>27</sup> "P-topics in speech seem to be analogous to the use of a press headline or meeting agenda in picking out and establishing a communicative frame. In these cases, their function is to present a speaker's new or even competitive turn in the conversation or attempt a fresh personal standpoint in the discourse beyond the function of textual information tools (...) As personal agenda markers, they constitute a free-standing functional prime with reference to the (rest of the ) topicality in the message" (Morris, 1998: 196).

<sup>28</sup> Embora já tenha descrito algumas destas actividades preparatórias na parte I, 4.1.4, volto a referi-las para facilitar a exposição da ideia aqui pretendida.



que consistem na indicação prévia do que vai ser dito/feito. Com base na sua experiência e no conhecimento do mundo, que assumem a forma de expectativas sobre o mundo e que por sua vez possibilitam a percepção e interpretação do que se está a passar, os ouvintes interpretam essas indicações prévias do parceiro (cf. Tannen, 1993: 14 segs.; Goffman, 1974)<sup>29</sup>.

Ao marcar momentos de (re)organização da vez ou de (re)orientação das actividades para um determinado foco, as actividades preparatórias verbais dividem o discurso em duas partes principais: no que foi dito antes e no que vai ser dito a seguir. Assim, como refere Goffman (1974; 544), o discurso surge "as a rapidly shifting stream of differently framed strips" ou, como comentam Tannen/Wallat (1993: 58), em termos de *shifting frames* (molduras-charneira).

De um modo idêntico, ao nível macro-estrutural da vida quotidiana, as actividades do dia-a-dia também se encontram divididas em vários tipos, conforme o contexto em que são realizadas e no qual são válidos determinados princípios. Cada actividade só pode ser correctamente interpretada dentro do seu contexto de realização. Para definir esses diferentes contextos, Goffman (1974) recorre ao termo *frame* (**moldura**). Goffman desenvolveu um sistema complexo de termos e de conceitos para ilustrar o modo como as pessoas usam *frameworks* múltiplos para dar sentido aos eventos, mesmo enquanto os constroem. Para negociar as relações interpessoais e encontrar um consenso relativamente ao que constitui os eventos, os interactantes "emolduram-nos" (Goffman, 1987: 133 segs.). Essa actividade de **emolduragem** (*framing*) é realizada através de um conjunto de marcadores de fronteira ou de **parênteses** (*brackets*)<sup>30</sup> que, à semelhança da moldura de um quadro, não participam no mundo exterior nem nas actividades que se realizam, mas determinam a situação que permite a sua interpretação (Goffman, 1974: 252). Assim, a **parentetização** (*bracketing*) é uma actividade de emolduragem (*ibid.*, 255). As actividades que se encontram emolduradas constituem o foco de atenção principal. Outros tipos de actividades que sejam realizadas em simultâneo são designadas por *out-of-frame activities* (actividades fora da moldura) (*ibid.*, 201). Goffman distingue os parênteses de abertura, que dão indicações de introdução, prefácio e orientação relativamente ao que vai ser dito/feito; e os parênteses de fecho, que podem dar indicações de conclusão ou de resumo sobre o que acaba de ser dito/feito (*ibid.*, 256). Estes dois tipos de parênteses constituem os parênteses externos; os parênteses internos localizam-se nas pausas de uma actividade em curso, pausas que são feitas em *time-out-of-frame* (tempo fora da moldura) (*ibid.*, 259-260)<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> Também Fonseca (1994: 118), aliás a respeito de pares adjacentes, refere que "as pré-sequências (preliminares, prefácios, pré-preliminares...)" se caracterizam "em termos eminentemente funcionais: estas pré-sequências obtêm relevância e inscrevem-se nos padrões sequenciais como segmentos que basicamente preparam, sustentam e sobretudo acautelam a eficácia ou o sucesso de uma dada intervenção, a que se vinculam".

<sup>30</sup> Estes parênteses de Goffman não se devem confundir com os **apartes**, também designados por **parênteses** (cf. parte I, 4.1.2.).

<sup>31</sup> A outro nível, por exemplo, no que diz respeito a muitos acontecimentos sociais (espectáculos, cerimónias religiosas, etc.), o processo de parentetização está associado à orientação e preparação dos participantes nesse acontecimento. Este aspecto também foi focado por Pike (1967b: cap. 4) quando faz a distinção entre jogo, espectáculo, representação dramática, competição, casamento ou julgamento e o



A noção de *frame* provém do antropólogo Bateson (1955, cit. in Tannen, 1993: 2), que usa este termo para explicar como os indivíduos trocam sinais que lhes permitem encontrar um acordo sobre o nível de abstracção em que a mensagem é entendida<sup>32</sup>. Este conceito foi reinterpretado por Gumperz (1982) na Teoria da Contextualização: de acordo com esta teoria, são as pistas de contextualização que têm capacidades de emolduragem. Através delas, os interactantes não só dão indicações uns aos outros sobre a actividade da fala em que participam, mas também podem fazer inferências conversacionais.

#### 5.2.2.2 Actos metacomunicativos e anúncios

Como já foi referido na parte I, 4.1.4, a influência de Bateson e dos seus seguidores Watzlawick/Beavin/Jackson (1996) fez-se sentir também entre os linguistas que se dedicaram à análise de conversações naturais e lidam com expressões com as características preparatórias mencionadas atrás. Algumas dessas abordagens foram descritas no capítulo 4 da primeira parte, não sendo, por isso, necessário voltar a recordá-las. Pretendo apenas salientar que as categorias acto metacomunicativo, expressões introdutórias, *gambits* e os vários tipos de anúncios apresentam características comuns às molduras.

Perante esta heterogeneidade de conceitos e de perspectivas de abordagem, resolvi procurar os pontos comuns a todos eles e verificar se algum dos termos atrás mencionados pode servir para referir um grupo geral que abranja todas as **estratégias preparatórias verbais**<sup>33</sup>, com a capacidade não só de informar sobre determinados aspectos do que vai acontecer, mas também de orientar as actividades de todos os interactantes para um determinado foco. Ou seja, um grupo que abranja todos os elementos verbais que, de acordo com o princípio da relevância condicional (como no caso dos pares adjacentes) pré-determinam, ou programam, a realização de futuros elementos, criando expectativas nos interactantes. Esta opção terminológica envolve não

---

acontecimento social em que estes procedimentos estão inseridos (Goffman, 1974: 261). Por exemplo, num concerto, antes de tocar a primeira música, os músicos afinam os instrumentos; depois tomam os seus lugares e preparam-se para começar. Estes dois eventos funcionam como um parêntese de abertura: "it might be added that the tuning up is a sign that the music - the inner event - is very soon to begin. The pointed hush that occurs immediately after the tuning, the moment when the musicians settle before their scores and align their attention in immediate readiness for the closely co-ordinated activity that will follow, is a second and final sign. Together these two events seem to clearly serve as a beginning bracket - but, of course, the beginning of the music, not the beginning of the occasion" (Goffman, 1974: 264). Cf. também na parte II, 3.1.

<sup>32</sup> Bateson sugere que os animais têm que ter sinais especiais que lhes permitam distinguir entre actividades morfológicamente semelhantes, "For instance, Bateson said, two dogs may approach each other and join in play or else they may fight. There must be a metasignal, he reasoned, that they can exchange to indicate which of these similar activities is intended (Bateson, 1953)" (Schefflen, 1974: 123). Muitos outros autores de diferentes áreas (Antropologia, Psicologia, Linguística, Inteligência Artificial), utilizaram o termo *frame* e outros idênticos (como *script*, *schema*, *prototype*, *speech activity*, *module*, etc.) no sentido geral sugerido por Bateson. Todos os conceitos abrangidos por estes termos reflectem a noção de estrutura de expectativa (cf. Tannen, 1993: 15 segs.).

<sup>33</sup> Prefiro, por agora, omitir a comunicação não-verbal, embora também lhe atribua as mesmas capacidades focalizadoras-preparatórias.



só as perspectivas de abordagem que estão por trás dos termos "moldura", "acto metacomunicativo", "anúncio" e "*gambit*", mas também as características semânticas de cada um destes termos: enquanto a noção de *frame* (moldura) evoca uma delimitação envolvente (emoldurante), a de "anúncio" lembra a marcação de uma fronteira inicial e a de "acto metacomunicativo" não transmite necessariamente a marcação de limites. Pareceu-me, assim, que o termo **anúncio** é o mais indicado para designar as expressões verbais de vários tipos com características preparatórias. Aliás, como foi referido<sup>34</sup>, em Rodrigues (1998) já me apoiei na classificação de Rehbein (1983) para definir dois tipos de anúncios (cf. Rodrigues, 1998: 80-81); as expressões que dão simplesmente indicações sobre as intenções do falante de se preparar para o seu papel, assinalando que vai começar a falar, ou sobre as intenções do ouvinte de reclamar para si o papel de falante, ou seja, os sinais topográficos de abertura, não foram incluídos no grupo de actividades preparatórias.

Posto isto, no presente trabalho uso a designação anúncio para referir não só actos metacomunicativos preparatórios e focalizadores, mas também os elementos mais simples que se encontram entre os sinais topográficos de abertura. São, assim, actos conversacionais que podem indicar

- a) que está para acontecer alguma coisa (**pré-anúncio**),
- b) em que consiste essa coisa, isto é, o tópico (**anúncio anteposto** - conteúdo),
- c) como deve ser interpretada, isto é, se se trata de uma piada, de uma questão, de uma narração, etc. (**anúncio anteposto** - modo intencional),
- d) como deve ser interpretada a atitude do falante relativamente ao que vai dizer (sujeição, concessão, superioridade, contentamento, etc. (**anúncio anteposto** - atitude do falante) e
- e) o seu valor ilocutivo, isto é, se é um pedido, uma ordem, um conselho, etc. (**anúncio anteposto** - ilocução).

Conforme os elementos que os constituem e o seu significado, os anúncios fornecem os mais variados tipos de pistas de interpretação relativas aos mais diferentes aspectos do que se segue e tanto apoiam o ouvinte na descodificação da vez do falante, como este último na estruturação da sua vez. As características prosódicas com que são produzidos e a comunicação não-verbal que os acompanha contribuem (ou seja, reforçam, contradizem, ampliam, etc.), em maior ou menor grau, para o significado do enunciado verbal.

Há outros casos, porém, em que as indicações de interpretação também podem ser dadas após a realização dos enunciados a que se referem. Encontrámos um caso destes no exemplo 22 (2p3-42-43), em que a expressão "*é isso*" (42) e a sua repetição (43) refocalizam o que foi dito antes. Constituem actos conversacionais que, numa actividade de focalização retrospectiva, avaliam o que foi dito/feito e marcam a fronteira final de um tema. Nesse caso, constituem sinais topográficos de fecho. Apesar destas propriedades de fecho, que estão ligadas à sua colocação relativamente ao enunciado a que se referem,

---

<sup>34</sup> Parte I, 4.1.4.



estes actos orientam a atenção dos ouvintes para o que foi dito antes e têm por isso, propriedades focalizadoras (e não a propriedade desfocalizadora de desviar a atenção do foco de acção). Sendo assim, uma função topográfica de fecho pode coincidir com estratégias de focalização e não é, ao contrário do que se poderia esperar, um meio de desfocalização. O elemento que se segue à segunda verbalização desta expressão, o elemento "e" funciona como um sinal interactivo de adição e como um sinal topográfico de abertura que marca a continuidade da vez (sinal de manutenção de vez). Quando esta focalização é mais marcada (pelos constituintes usados e/ou pela ênfase prosódica), tais sinais/actos conversacionais desempenham também a função de sinais de reforço informativo (exemplos 12, 19, 22) ou de sinais de pedido de retorno (exemplos 8, 12, 15, 19).

Para emitir uma avaliação sobre o que acaba de acontecer e, desse modo, concluí-lo, são também utilizados actos conversacionais e/ou metacomunicativos que podem ser mais ou menos explícitos relativamente ao que pretendem refocalizar da fala antecedente. Estes actos diferem dos outros anúncios apenas no que diz respeito à sua colocação na frase (relativamente à informação a que se refere). Por essa razão, utilizo o termo **anúncio pós-posicionado** para designar os actos conversacionais com orientação retroactiva refocalizadora que, ao contrário dos apensos (perguntas-tag), constituem uma unidade (acto conversacional, unidade entoacional) independente da fala envolvente. Atendendo a que este tipo de focalização retroactiva não parece fazer avançar a informação, tem, necessariamente, um grau de DC mais baixo do que a focalização proactiva.

### 5.2.2.3 Sinais de fecho e apartes

Em Rodrigues (1998: 78) a estratégia de desfocalização foi definida como "a intenção de afastar as atenções do(s) ouvinte(s) do tema ou foco de acção". Os meios apontados como responsáveis por actividades desfocalizadoras são elementos que indicam o fim de tratamento da vez e/ou do tema, como os sinais topográficos de fecho, os indicadores de imprecisão (isto é, elementos de significação vaga do tipo das expressões "*sei lá*" (exemplo 2), "*não sei como*", "*se calhar*" (exemplo 18)) e repetições da informação.

De facto, nas situações de mudança de foco na manutenção de vez são muito comuns **sinais topográficos de fecho** como por exemplo, "*pronto*" com entoação descendente, que permitem marcar o fim do que foi dito antes, seguidos de sinais topográficos de abertura ou anúncios. Essas mudanças de foco podem surgir após sinais de retorno do ouvinte, na retoma da vez pelo falante, a seguir a um tema tratado à parte, a seguir a um parêntese, etc. Neste caso, o sinal topográfico de fecho provoca um afastamento do foco, colocando-lhe a fronteira final, e o sinal topográfico de abertura marca a fronteira inicial de outro tema. Esta sequência é um aspecto muito frequente da dinâmica da interacção que caracteriza os momentos da vez que fazem avançar a informação.

Na descrição dos exemplos 1-26 (cf. parte II, 4.1 e 4.2) foram também referidos enunciados cuja realização parecia colocá-los numa posição secundária, menos importante. Estes enunciados pertencem a dois tipos distintos: uns são **reparações** (cf. exemplos 2, 4, 6, 11, 14); outros são **apartes**, que constituem comentários sobre o tema



que se está a tratar (cf. exemplos 7, 12, 13). Em ambos os casos, o afastamento do foco de acção é marcado através de meios prosódicos e não-verbais. As características prosódicas mais típicas desta actividade são o aumento da velocidade da fala em relação à fala envolvente, ou seja um aumento do parâmetro densidade I (maior quantidade de sílabas por unidade de tempo) e diminuição do parâmetro densidade II (menor quantidade de sílabas acentuadas por unidade de tempo), assim como a alteração do registo da voz (mais grave). Os elementos verbais abrangidos por estas características prosódicas formam uma unidade entoacional destacada da fala envolvente.

No seu estudo sobre os parênteses, Schönherr (1997)<sup>35</sup> mostra que há dois fenómenos fundamentais na marcação dos parênteses - a continuidade e a descontinuidade - e que estes são conseguidos não só através da prosódia, mas também por meio do gesto e do olhar.

Observando agora as características dos apartes sob o ponto de vista da sua função de monitorização das actividades dos parceiros da interacção, pode-se concluir que os parênteses são realizados com características prosódicas que os qualificam de *menos importantes*, ou seja, de um modo "desfocalizado". As auto-reparações de desarranjos na produção verbal, realizadas com características prosódicas idênticas às dos parênteses, representam outros momentos preferencialmente desfocalizados.

Na minha opinião, estas desmarcações do foco não estão ligadas à menor importância destes dois tipos de actividades verbais (apartes e reparações), mas sim ao facto de representarem um retardamento no desenvolvimento dinâmico da vez e da interacção. No capítulo destinado às reparações, a questão do aumento de velocidade foi interpretada (como também por outros autores) como o desejo de terminar uma situação despreferida ou menos agradável o mais depressa possível. Esta justificação não se pode, no entanto, aplicar ao caso dos apartes. Considero que estes enunciados não têm menor importância do que aqueles que se referem ao tema principal, pois eles fornecem aos ouvintes as informações necessárias para a compreensão do que o falante lhes pretende comunicar. O facto de serem produzidos à parte e a uma velocidade mais elevada não tem a ver com questões de importância, mas sim com a necessidade que o falante sente em se apressar (por não estar a fazer avançar a informação) para retomar o tema principal.

Defendo, pois, que nestes casos o aumento de velocidade está ligado a questões de ordem informativa ou dinâmica e não a questões de preferência/despreferência sequencial para defender a face de alguém. Tanto no caso da reparação como no caso do aparte, esse "não querer perder tempo" parece estar ligado ao desejo de transmitir a informação o mais depressa possível, mantendo um determinado ritmo (isto é, aquele que melhor se adapta às características individuais e às condições contextuais da situação de interacção)<sup>36</sup>. Em resumo, os enunciados que não fazem avançar a conversação, como comentários à parte

---

<sup>35</sup> Cf. parte I, 4.1.2.

<sup>36</sup> Um caso que poderia ilustrar este ponto de vista é demonstrado no exemplo 2, parte II, 4.1.2, pelo fenómeno de libertação de energia acumulada (a acumulação de energia devera-se a um impedimento de intenções; o fim do impedimento permite a libertação das energias de um modo concentrado).



sobre o tema em curso e reparações, representam contratempos para a transmissão de informações de alto valor comunicativo e diminuem o grau do dinamismo da interacção. Para recuperar o tempo que se "perde" com esses enunciados, eles são realizados o mais depressa possível. Quando isso acontece, as sílabas não são acentuadas, pois toda a energia é reservada para a execução do que vai ser dito depois.

Reforça-se, assim, a ideia de que as estratégias de focalização (e de desfocalização) participam na dinâmica da interacção e estão ligadas ao Dinamismo Comunicativo de Firbas (1992). Neste sentido, pode-se afirmar, em linhas gerais, que os elementos verbais que fazem avançar a interacção, isto é, os que contribuem com informações para completar os objectivos comunicativos dos interactantes, são focalizados; os que a fazem atrasar são desfocalizados. O caso da focalização retroactiva, que faz atrasar o desenvolvimento da informação, obtém, assim, uma posição especial, provocando, frequentemente, uma actividade de retorno por parte dos ouvintes.

#### 5.2.2.4 Sequências lógico-argumentativas

Outros fenómenos linguístico-pragmáticos consistem em sequências lógico-argumentativas, em que a realização de um enunciado introduzido, por exemplo, por um sinal interactivo argumentativo (concessivo, condicional, causal, etc.) cria imposições sequenciais na vez. O uso destes sinais, conhecidos no âmbito da Análise do Discurso e da Linguística Pragmática por marcadores ou conectores argumentativos (cf. Roulet *et al.*, 1985; Ducrot, 1980: 18), é frequente em situações de retoma de vez - depois de um aparte, sinal de retorno, etc. -, pois permite ao falante criar relações de coerência na sequência lógico-argumentativa entre os enunciados: movimentando a organização do discurso num determinado sentido, os sinais interactivos orientam a atenção dos interactantes para o que vai ser dito/feito (cf. Fonseca, 1994: 112; van Dijk, 1980: 59).

No desempenho destas funções predominam sinais que estabelecem relações de adição com o enunciado antecedente, como "e"<sup>37</sup>; relações argumentativas-conclusivas, como "portanto"<sup>38</sup> e "por isso"<sup>39</sup>; relações argumentativas-causais, como "porque"<sup>40</sup>; e relações contra-argumentativas, como "mas"<sup>41</sup>. Um maior grau de força focalizadora encontra-se em sequências lógico-argumentativas com relações de coerência fortes, usadas sobretudo em momentos em que o falante procura influenciar o ouvinte de acordo com o seu ponto de vista. É o caso de sequências condicionais que se apresentam, no *corpus* analisado, nas formas sindética e assindética (*se p, então q*<sup>42</sup> e *p, q*<sup>43</sup>), de uma sequência temporal (*ao fazer p, então q*<sup>44</sup>) e de sequências de negação/rejeição do que foi dito antes e contra-argumentação (*não é p, é q*<sup>45</sup>). Este último tipo de sequência constitui o chamado *third*

<sup>37</sup> Cf. as seguintes passagens transcritas no Anexo: 1p10-46; 1p12-14; 2p1-36, 2p1-45; 2p2-36; 3p3-86

<sup>38</sup> Cf. as seguintes passagens transcritas no Anexo: 1p11-12; 1p13-55.

<sup>39</sup> Cf. as seguintes passagens transcritas no Anexo: 2p3-50.

<sup>40</sup> Cf. as seguintes passagens transcritas no Anexo: 1p12-6; 2p1-39; 2p1-46; 3p1-45.

<sup>41</sup> Cf. as seguintes passagens transcritas no Anexo: 1p11-14; 3p2-35.

<sup>42</sup> Cf. as seguintes passagens transcritas no Anexo: 1p13-18,19; 2p1-17,18; 2p1-29, 31, 32.

<sup>43</sup> Cf. as seguintes passagens transcritas no Anexo: 1p13-24; 2p1-39; 2p2-18, 19.

<sup>44</sup> Cf. a seguinte passagem transcrita no Anexo: 2p1-39.

<sup>45</sup> Cf. as seguintes passagens transcritas no Anexo: 1p11-25; 2p3-38.



*turn repair* de Schegloff (1992) (cf. parte II, capítulo 3.1), com uma componente de rejeição e uma reformulação. Aqui a iniciação da reparação foi feita pelo próprio falante a partir de inferências que tirou relativamente à opinião dos parceiros sobre a sua pessoa.

Concluindo, na perspectiva da Linguística Pragmática, os actos que formam as sequências lógico-argumentativas são, por natureza, sequenciais e estão ligados por relações estreitas de coerência pragmática de texto; essas relações, mais ou menos complexas, fazem com que, na articulação dos actos conversacionais, se instaurem relações de imposição fortes que, além de contribuírem para a coerência do discurso, mostram que a vez vai continuar e orientam as actividades interaccionais para um foco de acção.

#### 5.2.2.5 Sequências repetidas

Outros meios de focalização linguístico-pragmática estão relacionados com repetições de elementos lexicais<sup>46</sup> e de estruturas frásicas. Estas consistem em sequências, estruturalmente idênticas, produzidas com características prosódicas idênticas que, além de originarem uma marcação de ritmo notável (que mantém os ouvintes atentos e interessados), reforçam o conteúdo da informação que elas próprias transportam.

Destacam-se aqui sequências de contagens e sequências de interrogações. As primeiras caracterizam-se, sobretudo, pela sua regularidade rítmica e paralelismo sintáctico - que, por implicar a constituição de um padrão rítmico, provoca certas expectativas relativamente a realizações futuras, mantendo os ouvintes atentos (este aspecto será tratado no âmbito da focalização prosódica); as segundas são sequências repetidas e rápidas de interrogações, com o mesmo padrão (estrutural e prosódico), que fazem apelo à participação do ouvinte<sup>47</sup>.

A descrição de um exemplo poderá demonstrar que estas interrogações apresentam características idênticas às que foram mencionadas para o caso das perguntas retóricas, estudadas para o discurso monológico. A pergunta retórica foi definida como um meio sintáctico de manter o ouvinte atento, fazendo-o participar mais activamente na construção da vez do falante; como uma asserção indirecta<sup>48</sup> (cf. Meibauer, 1986: 163) usada para conduzir o ouvinte a aceitar um ponto de vista do falante, interpretando-o como verdadeiro; e como um meio de fornecer informação sobre alguma coisa e como um meio de avaliar ou de enfatizar a certeza/incerteza sobre alguma coisa, deixando transparecer o envolvimento do falante (Schmidt-Radefeldt, 1977: 377; 389).

Para obter um melhor efeito argumentativo, o falante pode ainda realizar sequências de perguntas retóricas. São as chamadas *Batterien rhetorischer Fragen* (Ehlich/Rehbein, 1977: 401), um modo de aumentar a eficácia da pergunta retórica na acentuação do saber comum entre falante e ouvinte: "Mehrere unmittelbar nacheinander ausgeführte

<sup>46</sup> Cf. as seguintes passagens transcritas no Anexo: 2p1-2; 2p1-16; 3p3-51.

<sup>47</sup> Cf. as seguintes passagens transcritas no Anexo: 1p13-49, 53; 3p1-40; 3p2-3, 4.

<sup>48</sup> Segundo Meibauer (1986: 170), as perguntas retóricas servem para "transportar" asserções muito fortes.



rhetorische Fragen verstärken den Effekt des Aufweisens der wissenschaftlichen Zusammengehörigkeit oder Identität von Sprecher und Auditorium" (*ibid.*, 452).

Muitas sequências de interrogações encontradas no discurso dialógico apresentam certas características comuns com as séries de perguntas retóricas do discurso monológico: não pretendem obter uma resposta por parte do ouvinte, mas sim conduzir e influenciar o raciocínio deste de acordo com os interesses do falante. Como as perguntas retóricas, constituem um meio de manter os ouvintes atentos, fazendo-os participar de um modo mais activo na construção da vez.

Concluindo, as sequências de interrogações são uma estratégia argumentativa com um matiz de retoricidade. Como no caso das contagens, em que a repetição de actos com características idênticas instaura um padrão rítmico, estas sequências de interrogações (de retoricidade) constituem meios de focalização linguístico-pragmática eficazes.

### 5.2.3 (Des)Focalização prosódica

Embora os meios prosódicos se devam considerar sempre na sua relação com os enunciados que caracterizam e com a comunicação não-verbal realizada em simultâneo, a determinação dos efeitos causados por variações dos parâmetros prosódicos exige que a prosódia seja descrita em separado. Relembrando o que já foi referido atrás, os meios prosódicos de focalização, são os seguintes:

- aumento da intensidade da voz;
- subida ou variação de altura de tom;
- diminuição da velocidade da fala, ou seja, combinação de menor densidade I (quantidade de sílabas) e maior densidade II (quantidade de sílabas acentuadas).
- colocação do acento: colisões de batidas, estruturas rítmicas;
- registo de voz mais agudo.

Alguns destes parâmetros já foram encontrados nos exemplos 1-26. Neles a proeminência prosódica está ligada não só à orientação proactiva da interacção (como no caso dos anúncios, cf. exemplo 7, 3p3-65; exemplo 8, 1p11-25, exemplo 14, 2p1-15), mas também a questões subjectivas de maior ou menor envolvimento. Tannen (1989) entende por **envolvimento** um fenómeno de natureza interaccional que expressa a ligação interna e emocional entre o falante e indivíduos, lugares, coisas, ideias, memórias e palavras (cf. Tannen, 1989: 12). O envolvimento está ligado a uma experiência da interacção como um fenómeno coerente que torna possível uma resposta emocional<sup>49</sup>. Um meio que expressa o envolvimento de um interactante é o recurso ao estilo enfático, caracterizado também pelas propriedades prosódicas de focalização atrás referidas. Sendo assim, o estilo enfático reflecte o envolvimento do falante relativamente ao que está a dizer/fazer e, ao mesmo tempo que atrai a atenção do ouvinte, fornece-lhe informações adicionais sobre a

<sup>49</sup> Pode-se considerar o auto-envolvimento do falante, o envolvimento interpessoal entre falante e ouvinte, o envolvimento do falante relativamente ao que está a dizer e o envolvimento do ouvinte durante a vez do falante (cf. Tannen, 1989: 12).



atitude do falante (cf. exemplo 3; exemplo 4, 3p2-41; exemplo 6, 3p3-74; exemplo 12, 3p1-56).

Outro aspecto prosódico que também desempenha um papel importante na focalização é o **ritmo**, entendido por Auer/Couper-Kuhlen (1994), numa perspectiva auditiva, como a impressão de repetições de eventos em intervalos de tempo regulares provocada no ouvinte por sequências de eventos<sup>50</sup>. Ao formarem um padrão de realizações regulares de eventos, as estruturas rítmicas criam expectativas para a concretização desses eventos de acordo com esse padrão. Funcionam, assim, como meios prosódicos que contribuem para a dinâmica da interacção e orientam as actividades dos interactantes, proactivamente, para o que vai acontecer de acordo com esse padrão rítmico. Deste modo, o ritmo marcado, com estruturas rítmicas prosódica e até mesmo sintacticamente bem definidas, representa um meio de focalização. Por sua vez, as mudanças de ritmo, à semelhança das situações de mudança de foco, marcam momentos importantes na vez. Sendo assim, como referem os autores, tanto as formas rítmicas mais marcantes como as modificações de ritmo fornecem pistas de contextualização importantes para a organização da interacção.

A marcação do **ritmo óptimo**, isto é, sem acentos fora da batida, com fronteiras bem reconhecíveis entre as batidas, com paralelismo de características supra-segmentais e a aceleração deste são também indicadores de um maior envolvimento do falante (cf. Tannen, 1989: 17, 53).

O exemplo 14 ilustra um caso em que o ritmo acelerado de uma sequência correspondente a um aparte funciona como um meio de focalização. Em (17) - (20), nota-se o aumento da velocidade de produção da fala, a manutenção do mesmo nível de altura de tom e uma estrutura rítmica regular<sup>51</sup>:

|        |                                    |                   |
|--------|------------------------------------|-------------------|
| 2p1-17 | / ↓`se HÁ-                         | /                 |
| 2p1-18 | / <<acc>-um um HOMem               | / e uma mulHER- / |
| 2p1-19 | /e Eles são caSAdos,               | /                 |
| 2p1-20 | /ou se há uma rela``ÇÃO- >         | /                 |
|        | (0,744)                            |                   |
| 2p1-21 | / ↑↓acho que ↑`DE-vem <<a>`aju`dAr | /                 |
| 2p1-22 | / nas `ta`RE-fas->                 | /                 |
| 2p1-23 | / (0,440)                          | / q:::            |
|        | / `vÃo -benefi`cIAr?               | /                 |
|        | / (0,443)                          | /                 |

<sup>50</sup> Cf. parte I, 3.4.5.

<sup>51</sup> A batida rítmica é representada pelo sinal " / " (barra oblíqua).



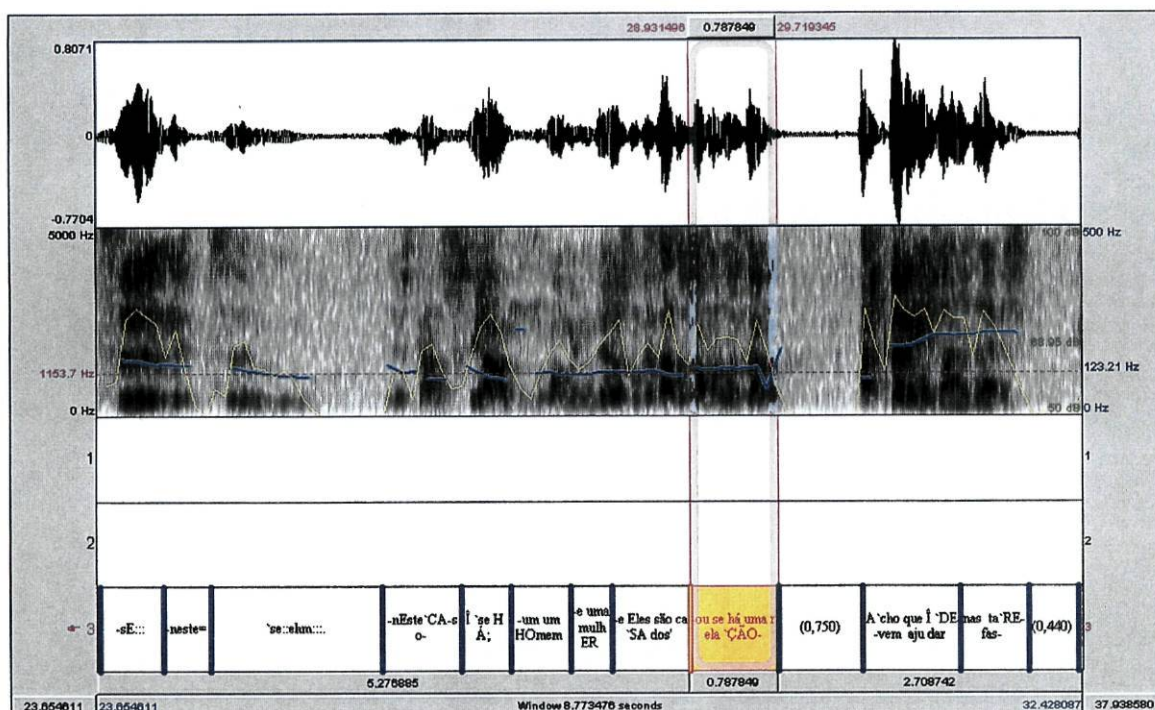


FIGURA 5/1: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2p1 (17) - (23).

O ritmo regular é marcado em intervalos de cerca de 0,750 segs. ou de cerca de metade deste tempo (0,443 segs.). Esta sequência inicia-se em (17), onde a primeira batida se efectua em "há"; as batidas seguintes são em "HOMem", "mulhER", "caSAdos" e "relaÇÃO". Nesta sequência - de (17) a (20) - o aumento da densidade I (quantidade de sílabas) e diminuição de densidade II (quantidade de sílabas acentuadas) dão a impressão de aceleração relativamente à fala precedente; esta fase de aceleração (auditiva) cria um clímax de expectativas. A terminação da aceleração em (20), marcada por uma batida vazia (omissão da batida onde era esperada), provoca uma alteração no ritmo. A pausa vazia aumenta também as expectativas sobre o que vai acontecer em seguida. Esta mudança de ritmo faz com que o enunciado (21) tenha um maior ímpeto (cf. Tannen, 1989: 50). Esse ímpeto é ainda reforçado pela mudança do registo da voz para um tom mais agudo e pela subida e descida abruptas da altura de tom no ataque.

Assim sendo, a atenção dos ouvintes foi captada através da aceleração da velocidade da fala e dirigida para o foco - pode-se afirmar que o foco foi anunciado através da prosódia. Tendo em conta que a fase de aceleração corresponde também à realização do aparte, considera-se aqui uma função dupla da prosódia: por um lado, a fase de aceleração instaura a coesão entre os actos que constituem a informação aparte; por outro lado, representa uma actividade de focalização do enunciado que se segue, que constitui o foco das atenções. O foco - em (21) - corresponde à informação com maior valor comunicativo, verbalizada em estilo enfático. Isso significa que os fenómenos prosódicos - marcação de ritmo e aceleração da velocidade da fala - não só indicam que vai acontecer alguma coisa, mas também transmitem o envolvimento do falante.



Resumindo, este aparte, realizado com características prosódicas que transmitem um maior envolvimento do falante, não se encontra desfocalizado, mas sim integrado numa actividade de focalização.

Um ritmo marcado, com paralelismo prosódico, pode ser ainda reforçado por um paralelismo sintáctico, como no caso das repetições<sup>52</sup> de partes de frases, ou de frases, como nas contagens e sequências de interrogações. Algumas das sequências de interrogações encontradas no *corpus* são caracterizadas por acelerações rítmicas (da velocidade de produção da fala), com aumento da intensidade da voz e subida da qualidade da voz (tom mais agudo); como aconteceu no exemplo acabado de descrever, estas sequências são susceptíveis de criar um clímax de acção, para o qual o falante orienta a atenção dos ouvintes, aumentando a sua expectativa. Geralmente estas cadeias de acções linguísticas terminam com um enunciado com características formais e prosódicas diferentes que, ao alterar o ritmo instaurado, tem um grande ímpeto na sequência da informação (cf. Tannen, 1989: 51).

As propriedades ritmo e determinação sequencial também se aplicam às actividades de enumeração (contagens)<sup>53</sup>, assim como a outros tipos de repetições sucessivas de enunciados com estruturas sintácticas e características prosódicas idênticas.

**Conclusão:** pelo que aqui foi apresentado, constata-se que a prosódia é um fenómeno que serve para elucidar dois modos diferentes de focalização, que têm a ver com o facto de o elemento prosodicamente marcado nem sempre ser aquele que faz essa marcação:

- uma focalização de orientação proactiva ou retroactiva, que monitoriza *globalmente* as actividades do discurso para o que *vai acontecer* ou para o que *aconteceu* - e se pode designar por **focalização I**;
- e uma focalização que orienta as atenções para o preciso momento de enunciação, ou seja, para o que *está a ser* dito/feito - a **focalização II**.

Cada um destes processos de focalização pode ainda ser **imediato** (geralmente conseguido através do recurso a um determinado elemento lexical ou a uma variação de uma característica prosódica), ou **progressivo** (conseguido, por exemplo, através de determinados encadeamentos de enunciados, através de determinados parâmetros prosódicos, como no caso da passagem do exemplo 14, referida atrás a respeito do ritmo). Os parâmetros prosódicos usados na focalização I e II reflectem ainda um maior ou menor envolvimento do falante. Estas duas formas de focalização determinam diferentes tipos de foco que parecem corresponder precisamente às noções de **foco alargado** e de **foco restrito** de Frota (2000).

Em contrapartida, a desfocalização pode ser conseguida através de:

<sup>52</sup> Estes tipos de repetição, que facilitam a produção verbal, a compreensão, a conexão e a interacção, representam estratégias de envolvimento interpessoal (cf. Tannen, 1989: 52).

<sup>53</sup> Como referem Tannen (1989: 69) e Erickson (1992), as contagens têm um padrão rítmico típico.



- redução da intensidade da voz;
- pouca variação de altura de tom; manutenção de uma altura de tom média;
- aumento da velocidade da fala, ou seja, combinação de maior densidade I (quantidade de sílabas) e menor densidade II (quantidade de sílabas acentuadas);
- desacentuação;
- registo de voz mais grave.

Paralelamente à focalização I e à focalização II, podem-se considerar dois tipos de desfocalização: a **desfocalização I** (de desmarcação do foco das actividades interaccionais, comum no caso da mudança de foco), que geralmente transmite um menor envolvimento do falante; e a **desfocalização II**, que transmite uma redução do envolvimento do falante e uma desvalorização do que ele está a dizer/fazer.

Pôde-se verificar, até agora, que estes parâmetros prosódicos de desfocalização caracterizam os apartes e muitas reparações. Já referi que pelo menos o caso do aumento da velocidade na produção dos apartes e reparações pode ter a ver com factores que representam um retardamento no desenvolvimento da interacção, sujeita a uma determinada dinâmica. Os restantes parâmetros (a não-variação de altura de tom e de intensidade de voz) parecem ser característicos de uma actividade interaccional de pouca carga emotiva, ou seja, em que o falante não aparenta um grande envolvimento.

Constatou-se também que os parâmetros prosódicos típicos da focalização I se encontram sobretudo em situações de retoma de vez e de introdução de novos temas (cf. exemplo 14, 2p1-21); a focalização II verifica-se sobretudo em sinais de pedido de retorno (cf. exemplo 6, 3p3-74) em que o falante expressa mais envolvimento e deseja obter uma confirmação dos parceiros.

Interessante é que, como ilustram os exemplos 2, 2p3-16 e 9, 1p11-22, um anúncio que funciona como uma reparação, adopta a característica típica da reparação, de velocidade mais elevada. Isso mostra que é mais importante recuperar o tempo perdido do que anunciar. Também acontece que um anúncio fique (prosodicamente) integrado num aparte, contendo a informação necessária para a interpretação do que vai ser dito, como ilustra o exemplo 13, 3p3-03-04; ou então que um aparte seja realizado com grande envolvimento do falante, ficando integrado numa actividade de focalização (cf. exemplo 14).

Estes casos "atípicos" mostram que só a consideração das características prosódicas dos enunciados não é suficiente para os classificar: é indispensável a análise prévia de todo o contexto da interacção, de toda a fala envolvente, para não falar da importância da comunicação não-verbal. No entanto, os parâmetros prosódicos não deixam de ser muito importantes na marcação de diferentes unidades interaccionais: como constata Schönherr (1997), na marcação das fronteiras dos parênteses e de fases de reparação a prosódia tem sempre um papel importante - mais do que os gestos e as mudanças de orientação do olhar (cf. Schönherr, 1997: 136).



#### 5.2.4 (Des)Focalização não-verbal

O último grupo dos meios de focalização é representado pela comunicação não-verbal. Para melhor apreciação daquilo em que consiste a focalização realizada através de meios não-verbais, lembrarei alguns casos retirados dos exemplos 1-26 que ilustram, para cada modalidade, o modo como os diferentes tipos de actividades não-verbais participam, ou contribuem, juntamente com outros meios, para a constituição de um foco<sup>54</sup>.

CABEÇA: Exemplo 1:

(2p2-53) - durante a hesitação, CP roda a cabeça um pouco para a esquerda/baixo; com a verbalização do elemento lexical procurado ("*dona-de-casa*"), o falante roda a cabeça para a direita.

Exemplo 2:

(2p3-16) - na reparação após a hesitação, o falante levanta a cabeça.

Exemplo 5:

(2p1-26) - em "*tu*", NF (falante) orienta a cabeça para CP, quando verbaliza o elemento lexical que pode revelar uma opinião divergente da de CP, NF inclina a cabeça um pouco para baixo e olha para baixo; no fim do enunciado, CP volta a levantar a cabeça e a olhar para CP - este momento coincide com a sílaba proeminente da frase e sílabas envolventes. Em ambos os casos a orientação da cabeça para CP tem uma função importante.

Exemplo 7:

(3p3-63) - VB tinha a cabeça voltada para AT; no momento em que introduz o aparte, vira a cabeça na direcção da outra parceira (LV);

(3p3-64) - VB realiza uma série de acenos que reforçam o conteúdo do enunciado.

Exemplo 11:

(3p2-23-24) - num falso arranque, VB levanta um pouco mais a cabeça, a seguir hesita (pausa cheia) e roda a cabeça para LV (direita); no novo arranque mantém-a nessa posição; esse novo arranque passa a ser um falso arranque, porque VB não completa a frase iniciada; ao interrompê-la, vira a cabeça para AT (esquerda).

Exemplo 12:

(3p1-53) - num falso arranque, AT vira a cabeça para a direita onde se encontram as outras parceiras; no novo arranque roda a cabeça para a esquerda.

Exemplo 13:

(3p2-02) - no anúncio "*de maneira que aquilo era assim*", AT inclina a cabeça para baixo. Quando começa a contar o episódio, levanta um pouco mais a cabeça ("*sempre que*") e roda-a para a direita, para VB, olhando a seguir para ela; aqui a passagem da inclinação frente/baixo para a posição

<sup>54</sup> Para facilitar a compreensão do funcionamento de cada uma das modalidades não-verbais, os movimentos da cabeça, dos olhos, da face e dos braços e mãos serão aqui isolados do seu contexto de realização. As informações sobre o contexto completo da sua produção pode-se retirar das transcrições e descrições detalhadas apresentadas para cada exemplo.



cima/lado teve uma posição intermédia, cima/frente, que coincidiu com a verbalização do conector "*sempre que*". Estes dois enunciados e o que se segue ("*ele chegava a casa*") constituem três unidades entoacionais distintas. Sendo assim, pode-se concluir que, neste caso, os movimentos da cabeça acompanham o ritmo da respiração e da produção verbal.

Exemplo 16:

(2p2-13-14) - BS faz sucessivos movimentos da cabeça para a direita e para a esquerda. Estes movimentos integram-se num gesto de auto-toque (os movimentos da cabeça permitem que BS, sem que mexa a mão, fricção a base do nariz no dedo indicador, que está esticado junto ao lábio superior) e representam uma atitude de quem está a reflectir; outros movimentos a que já foi atribuído este significado são: desvio do olhar para cima/lado ou para baixo, baixo/lado; mão no queixo e dedos na região das sobrancelhas (cf. exemplo 17, 1p10-28-29).

A orientação do movimento da cabeça também está ligada às intenções do falante de olhar para um determinado ponto/parceiro. Nestes exemplos constata-se, com grande frequência, que a iniciação do movimento de rotação da cabeça precede o início da orientação dos olhos nessa mesma direcção (exemplo 5, 2p1-26); exemplo 18, 1p9-17); outras vezes, o facto de o falante orientar a cabeça e o olhar para uma determinada direcção tem a ver com a sua reacção imediata a algum movimento externo (que chama a sua atenção) e não com uma motivação determinada por factores de ordem interna. Nessa altura a primeira reacção constata-se nos olhos que a falante orienta para essa direcção; a seguir, move a cabeça<sup>55</sup>. As diferenças são de milésimos de segundos.

**Conclusão:** no que diz respeito às suas propriedades de focalização, a orientação da cabeça desempenha um papel importante, sobretudo em conjunto com o olhar; se forem realizados em direcções opostas ou nitidamente distintas, os movimentos da cabeça são susceptíveis de marcar pontos de descontinuidade e, assim, de articular as diferentes partes do enunciado. Quando efectuados com mais amplitude funcionam de um modo idêntico à prosódia, conferindo mais ênfase ao que está a ser verbalizado/comunicado. O mesmo se pode afirmar relativamente aos gestos e aos movimentos dos olhos e das sobrancelhas.

OLHAR: Exemplo 2:

(2p3-16) - NF olha para BS quando pronuncia a expressão "*por exemplo*"; o ataque em "*por*" é realizado a um nível de tom alto e a última sílaba desta palavra tem um contorno entoacional ascendente;

(2p3-24) - depois de um falso arranque, quando faz a reparação em "*sou do clube que*", NF olha para BS.

Exemplo 3:

---

<sup>55</sup> O estudo da relação e coordenação entre a) o que se está a passar a nível verbal e b) nos planos (inter)individual (por exemplo estado mental de cada um dos parceiros) e interaccional, c) os movimentos da cabeça e d) a orientação do olhar constituiria por si só um objectivo de investigação e de micro-análise muito interessante.



(2p3-74) - neste pedido de retorno, em que pede uma confirmação sobre o que acabara de dizer, VB olha para LV.

Exemplo 4:

(3p2-43) - antes de introduzir a reparação, LV olha para VB.

Exemplo 7:

(3p3-62) - VB desvia o olhar para cima/lado antes de introduzir o aparte;

(3p3-63) - depois de introduzir o aparte através do sinal topográfico de abertura "*olha*", VB olha para LV;

(3p3-64) - o desvio do olhar para cima/lado anuncia que VB ainda detém a vez.

Exemplo 10:

(3p1-15) - para estabelecer uma relação de empatia com VB, AT olha para ela, levanta as sobrancelhas, vira a cabeça na sua direcção e inclina-a para o lado direito; o erguer de sobrancelhas chama a atenção para alguma coisa que pretende realçar.

Exemplo 11:

(3p2-24) - na iniciação de uma reparação, VB olha para LV;

(3p2-25) - na produção de uma informação à parte (aparte), VB olha para baixo;

(3p2-26) - após ter retomado o tema principal (da frase suporte), VB olha para AT; na hesitação olha para baixo; e antes do novo arranque, ainda numa fase de hesitação, olha para AT.

Exemplo 12:

(3p1-51) - acompanhando a realização do sinal de fecho "*prontos*", com entoação descendente, AT desvia o olhar para cima/lado, um sinal de que ainda pretende deter a vez mais algum tempo, mantendo as parceiras atentas; o significado de abertura do olhar contrasta com o significado de fecho do sinal conversacional topográfico;

(3p1-52) - na introdução do aparte, AT olha para BV; depois do início do aparte, olha para baixo;

(3p1-53) - na retoma do tema principal através de "*mas*", AT olha para baixo; esta retoma é interrompida, a sua correcção é acompanhada por um movimento da mão;

(3p1-55) no sinal de reforço informativo representado por "*percebes*", AT olha para VB.

Exemplo 13:

(3p3-01-02) - juntamente com a realização do sinal topográfico de abertura "*bem*", realizado com entoação ascendente, AT desvia o olhar para cima; quando introduz o aparte, através do sinal "*prontos*", de entoação terminal ascendente, AT olha para VB; a seguir a esta unidade entoacional, correspondente ao aparte, AT olha de novo para baixo;

(3p3-05) - quando se aproxima o clímax do episódio da história que está a narrar, ou seja, depois de referir as grandezas de espaço, tempo e personagem, no momento em que pode começar a introduzir o episódio da narração, AT olha de novo para VB.



Exemplo 14:

(2p1-15) - o acto metacomunicativo é acompanhado por um desvio do olhar para cima;

(2p1-16) - o acto metacomunicativo é acompanhado por um desvio do olhar para baixo;

(2p1-21) - depois de introduzir uma primeira parte de uma sequência argumentativa (*se p*), NF olha para um parceiro na segunda parte desta sequência (*então q*), numa palavra a que confere especial importância: a forma verbal "*devem*". O estabelecimento do contacto visual com o parceiro é a única comunicação não-verbal que participa nesta focalização.

Exemplo 15:

(3p3-88) - VB olha para cima durante uma hesitação (repetição de sílabas, prolongamento de vogais).

Exemplo 16:

(2p2-22) - a seguir a este acto conversacional, BS coloca o braço em posição de repouso e olha para baixo, desviando a atenção dos parceiros para a sua actividade como falante; a retoma de uma posição de repouso tem um função de fecho, de certo modo também de desfocalização.

Exemplo 18:

(1p9-23) - a realização da expressão "*não sei como*" foi acompanhada por um fechar de olhos e inclinação da cabeça; estes movimentos parecem desempenhar uma função de fecho, de afastamento do foco tratado; a seguir a falante olha para cima e leva as pontas dos dedos à boca, mostrando que vai continuar a falar; fecha de novo este momento através do sinal conversacional "*pronto*", acompanhado por um gesto de afastamento. IV mantém o olhar dirigido para o lado, sinal de que pretende continuar a sua vez.

Exemplo 24:

(2p1-43-44) NF olha para CP ao mesmo tempo que verbaliza um elemento de grande importância informativa. Esta orientação do olhar para CP e a manutenção do contacto visual entre os parceiros faz com que CP emita sinais de retorno, aliás não-verbais (sobrancelhas erguidas + acenos); funciona, assim, como um pedido de retorno.

**Conclusão:** a mudança de orientação do olhar marca momentos de descontinuidade, pontos "diferentes" da vez, como aqueles em que são realizadas reparações, introduzidos apartes, retomados temas principais depois do aparte; ou então assinala mudanças de orientação temática. Quando a mudança de orientação coincide com uma interrupção do contacto visual, isso significa que nesse momento diferente, o falante não quer ser incomodado e precisa de se concentrar no que vai dizer; quando, pelo contrário, estabelece o contacto visual com o parceiro, as necessidades são outras, como, por exemplo, a de verificar se está a ser compreendido ou a de chamar a atenção do ouvinte para alguma coisa.

FACE: SOBRANCELHAS:

Exemplo 7:



(3p3-63) - a chegar a um PT, antes de introduzir uma informação adicional a um aparte, VB fecha os olhos, ergue as sobrancelhas e encolhe os ombros, anunciando certas características semânticas do acto seguinte.

Exemplo 9:

(1p12-22) - numa mudança do planeamento do enunciado, CL anuncia um novo arranque: fecha os olhos, ergue as sobrancelhas e vira a cabeça um pouco para a direita;

(24) depois de enunciar um aparte, CL orienta o olhar para ES.

Exemplo 10:

(3p1-15) - para estabelecer uma relação de empatia, AT olha para VB, ergue as sobrancelhas, vira a cabeça para VB e inclina-a para o lado direito para chamar a atenção para um elemento do enunciado que é importante para criar uma ligação/empatia entre AT e VB.

Exemplo 15:

(3p3-87) - em "*que já hoje*", VB ergue as sobrancelhas para realçar uma parte importante do enunciado.

Exemplo 18:

(1p9-17) - a realização da expressão "*quer dizer*" é acompanhada por uma mudança de orientação da cabeça, por um erguer das sobrancelhas e pela orientação do olhar para ES; estes sinais não-verbais têm a função de orientar a atenção das parceiras para o que vai ser dito.

Exemplo 20:

(3p3-78) - o erguer de sobrancelhas focaliza a palavra que a falante pretende reparar (focalização II).

**Conclusão:** o erguer das sobrancelhas é um meio de focalização local (focalização II), que faz sobressair a fala que acompanha como se fosse um marcador fluorescente. Os diferentes significados deste movimento dos músculos da face são interpretáveis a partir do contexto em que estão inseridos. Têm um papel essencial como sinais de manutenção de vez. O riso e o sorriso também são importantes; infelizmente, nos exemplos descritos as actividades de riso e de sorriso não estão quantitativa e qualitativamente bem representadas.

**GESTOS:** Exemplo 2:

(2p3-18) - o gesto que acompanha a produção da palavra "*tive*" focaliza-a, alertando para a sua importância como reparação (esta passagem pode-se tamatizar do seguinte modo: "*não é tenho, mas sim tive, isso é importante*"). Este gesto é acompanhado pela orientação do olhar para CP;

(2p3-22) - a sequência de gestos de contagem funciona também como um sinal de que a vez continua; tem assim um efeito de contextualizar uma fase mais longa da conversação.

Exemplo 4:

(3p2-44) - tal como no caso anterior, o gesto de contagem contextualiza uma fase mais longa da conversação.

Exemplo 5:

(2p1-26) - abertura dos braços e mãos indica que alguma coisa vai ser dita.



Exemplo 11:

(3p2) - cada interrupção e novo arranque são acompanhados, respectivamente, por um abaixamento de mão e por uma abertura de mão; a mão aberta tem, em princípio, a função de indicar que alguma coisa está para acontecer;

Exemplo 13:

(3p3-02) - a realização do sinal de abertura "*prontos*" é acompanhada por um movimento de fecho da mão e pela orientação do olhar para VB (abertura).

Exemplo 14:

(2p1-17) - em "*neste*", NF abre as mãos mostrando que vai falar; no entanto, uma hesitação obriga-o a reprimir essa intenção, voltando com as mãos à posição de repouso;

(2p1-18) - no novo arranque, NF afasta de novo as mãos e mantém-as afastadas até ultrapassar a fase de hesitação;

(2p1-19) + (20) - os movimentos das mãos acompanham o ritmo das batidas prosódicas, em sucessões de pequenos movimentos dos braços e mãos em direcções opostas.

Exemplo 15:

(3p3-86) - um gesto metafórico ou dístico marca um espaço semi-circular à frente da falante simultaneamente à produção da palavra "*aquela*", precedendo a produção da palavra "*imagem*"; sendo assim, antecipa alguma informação sobre o conteúdo do elemento lexical que se vai seguir;

(3p3-89) - durante a repetição "*toda toda*", VB mantém os dedos esticados, sinal de que ainda se encontra num processo de produção verbal; a tensão dos dedos funciona como um indicador de que vai continuar a vez; em "*esta*", VB afasta os braços e abre as mãos, palmas para cima, chamando a atenção para o conteúdo desta palavra; após a realização da sílaba que comporta o acento primário, VB inicia a fase de retracção do gesto;

(3p3-90) - o afastamento dos braços que acompanha a realização do enunciado "*ainda fica pior*", realizado em estilo enfático (grande movimentação de altura de tom e aumento de intensidade da voz) tem também um efeito focalizador.

Exemplo 16:

(2p2-21) - durante uma pausa vazia, BS movimenta o braço, como se estivesse a acompanhar a fala que ainda não enunciara. Com este movimento mostra que vai dizer alguma coisa.

Exemplo 18:

(1p9-23) - a realização do sinal conversacional "*pronto*" é acompanhada por um gesto, cujo movimento representa o atirar de alguma coisa para trás das costas.

Exemplo 19:

(2p1-57) - a pergunta retórica é acompanhada por um gesto de abertura; olhar dirigido para baixo; a forma das mãos (em pinça) no final do enunciado parece pretender agarrar alguma coisa, talvez focar a opinião do falante.



**Conclusão:** os movimentos dos braços e a forma que tomam as mãos são elementos importantes na indicação de que a fala está em curso e que há informações que vão ser introduzidas. De entre estes movimentos destacam-se alguns cuja forma está mais generalizada: um deles abre um espaço à frente do falante num movimento para a frente e para ambos os lados, com maior ou menor grau de abertura; o outro marca mais uma orientação, que geralmente se define pelo contraste criado com a orientação do movimento precedente e a orientação do movimento seguinte. Nestes casos, o novo movimento, que muitas vezes coincide com a verbalização de outro constituinte do enunciado, cria um contraste entre duas partes, ou seja, marca como que uma fronteira (lexical, sintáctica ou semântica) entre os elementos verbais que constituem um acto ou uma vez. É um meio de organização *moment-by-moment* do processo interactivo (cf. Goodwin, 1986: 47). Outros movimentos das mãos e dos braços dão indicações sobre determinadas características dos objectos. O recurso a gestos, mesmo que seja inconsciente, contribui para captar a atenção do ouvinte, pois uma das características da nossa retina é a de reagir automaticamente a objectos em movimento no sentido de se orientar para eles. Por esse motivo, Goodwin (1986: 35) sugere que os gestos podem constituir um **foco visual**<sup>56</sup>. A constituição desse foco visual está também ligada ao facto de, como sugerem Boyer/Di Cristo/Guaítella (2001), os gestos (juntamente com a voz) revelarem picos de DC (dinamismo comunicativo). Finalmente, o gesto serve também para marcar o ritmo, criando expectativas relativamente ao desenvolvimento futuro da vez.

**Observações:** do que aqui foi apresentado ressalta o seguinte: uns movimentos, pela sua amplitude, contraste e maior tensão, têm propriedades focalizadoras; outros, pela diminuição da tensão, como revela o desvio do olhar para baixo no fim de um enunciado (cf. CABEÇA, exemplo 5), um fechar de olhos (cf. OLHAR, exemplo 18), o voltar a colocar as mãos numa posição de repouso (cf. GESTOS, exemplo 14), parecem reduzir a importância do que está a ser dito, tendo, assim uma função desfocalizadora.

Além disso, verificou-se que tudo aquilo que indica alguma coisa de mais ou menos especial, tudo o que deve ser notado tem que sobressair do seu contexto. Para isso, terá que ser destacado por meio da descontinuidade. Em contrapartida, a continuidade cria coesão entre unidades. Vejamos alguns exemplos:

- um movimento homogéneo para a direita, sem paragem, não assinala nada de importante durante o seu percurso; o percurso é contínuo;
- por sua vez, a sequência movimento para a direita + paragem + movimento para a direita apresenta certa descontinuidade. A paragem indica alguma coisa de especial; a retoma do movimento, outra;
- a sequência movimento para a direita + paragem + movimento para a esquerda mostra ainda mais descontinuidade do que a sequência movimento para a direita + paragem + movimento para a direita, ou seja, além de descontinuidade assinala contraste.

<sup>56</sup> Goodwin (1986: 30-31) constata que as partes do corpo envolvidas no gesto constituem um ponto/lugar para onde os ouvintes orientam o olhar. Usando o gesto como foco visual, o falante manipula a orientação do olhar do parceiro (*ibid.*, 35).



Esta dicotomia continuidade-descontinuidade foi referida e analisada por Schönherr (1997) na sua investigação da relação entre a prosódica, os parênteses e a comunicação através do gesto e do olhar. Schönherr (1997: 84) regista os seguintes gestos e movimentos do corpo que representam sinais de descontinuidade:

- modificação da posição das mãos
- modificação da direcção do movimento
- modificação do ritmo do movimento
- modificação da mão que executa o movimento
- modificação da posição do tronco
- passagem de uma fase de descanso (repouso) para uma fase de movimento e vice-versa<sup>57</sup>.

Sobre a relação entre a sintaxe, a prosódia e a comunicação não-verbal a autora constata que

- as fronteiras sintácticas e as interrupções surgem em co-ocorrência com sinais de descontinuidade na área da prosódia, gesto e olhar, mas não os determinam. As estruturas sintácticas não determinam as estruturas prosódicas; nos casos descritos, o nível verbal é o dominante, o gesto e o olhar não são previsíveis, mas fornecem informações adicionais;
- a prosódia e o gesto estão estreitamente ligados; a acentuação gestual em marcações de ritmo está quase sempre ligada a acentos entoacionais; no entanto, também é independente, porque os gestos tanto acentuam todos os acentos entoacionais num ritmo mais lento, como acentuam só os acentos primários ou cada segundo acento.
- a ligação entre a orientação do olhar e as fronteiras sintácticas é certamente um fenómeno secundário, pois o olhar tem uma participação menos activa na marcação de apartes<sup>58</sup>.

Com base no que observei relativamente ao funcionamento do olhar e da prosódia na marcação de descontinuidade, posso concluir que, enquanto a descontinuidade prosódica marca apenas um alerta, a orientação do olhar indica a disponibilidade ou não-disponibilidade para contactar com o parceiro. Querendo manter o canal visual aberto e mostrar-se disponível para receber a influência do parceiro e para lhe ceder informações,

<sup>57</sup> Outro aspecto focado por Schönherr e que pude também confirmar na presente análise tem a ver com o facto de a descontinuidade nem sempre ser igual para todas as modalidades realizadas em simultâneo: muitas vezes é só uma das modalidades não-verbais que apresenta descontinuidade. Também se pode dar o caso de uma codificação mista, por exemplo quando num determinado momento uma marcação de ritmo iniciada pela cabeça é continuada pelas mãos. Quando várias modalidades assinalam descontinuidade, embora outras se mantenham inalteradas, predomina a impressão de mudança, de tal modo que esses casos são avaliados como descontínuos (cf. Schönherr, 1997: 84).

<sup>58</sup> A este respeito convém apontar que o olhar também pode assumir um papel primário substituindo os gestos, como acontece, por exemplo, em indivíduos sem braços, (segundo a informação do Dr. Álvaro Costa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, que, não tendo braços, afirmou fazer muitos movimentos com os olhos).



o falante orienta o olhar para o parceiro; este movimento contribui para assinalar um alerta, que o parceiro identifica e cuja identificação é logo verificada pelo falante; quando não se quer mostrar disponível nem ser incomodado durante a vez, o falante não orienta o olhar para o parceiro, mas sim para baixo (para dentro de si), ou para cima (para um espaço aberto onde pode encontrar alguma coisa); pode dar o alerta através da prosódia ou de outra modalidade, mas não envolve o parceiro no problema, isto é, a causa da descontinuidade fica à sua inteira responsabilidade.

Isso significa que todas as pequenas distinções relativas à marcação de descontinuidade são fundamentais para a interpretação da comunicação não-verbal e é sobretudo através delas que a maior parte dos movimentos do corpo obtêm significado.

Falta agora reflectir sobre a possibilidade de as diferentes modalidades não-verbais, à semelhança dos actos conversacionais metacomunicativos, desempenharem funções idênticas às dos anúncios, isto é, de informarem sobre o conteúdo, a ilocução, a atitude do falante e o modo como o que vai acontecer (ou o que aconteceu) deve ser interpretado.

O termo metacomunicação é frequentemente usado por não-linguistas para referir sobretudo os aspectos extra-linguísticos que acompanham os enunciados, a saber, fenómenos prosódicos e não-verbais, relacionados com o comportamento humano. Por exemplo Scheflen refere-se a um comportamento metacomunicativo, num sentido mais alargado, com a capacidade de "change, conceal, rationalize, or otherwise manage human behavior" (Scheflen, 1974: 135). Para Scheflen (1974), "the unit of behavior that is used metacommunicatively refers to an immediately ongoing stream of activity as well as to some concept or idea". Ao acto metacomunicativo Scheflen atribui a capacidade de comentar e de avaliar a "veracity or literalness or correctness or allowability of the behaviors of the immediate present" (*ibid.*, 135). A referência desta avaliação consiste num sistema de valores culturalmente transmitidos.

Na opinião do linguista Meyer-Hermann (1978: 117), não se deve aplicar o conceito de metacomunicação à comunicação não-verbal: em primeiro lugar, porque considerar toda a comunicação não-verbal como metacomunicativa em relação à verbal implicaria uma redefinição do que se entende por comunicação; em segundo lugar, porque, além de haver uma (meta)comunicação não-verbal sobre a comunicação verbal, também há a (meta)comunicação verbal sobre a comunicação verbal. São dois tipos diferentes de metacomunicação (*ibid.*, 117-118). É este facto que leva Ruesch (1951: 23 cit. Meyer-Hermann, 1978: 118) a distinguir entre metacomunicação implícita (a comunicação não-verbal, implicitamente metacomunicativa em relação à verbal) e metacomunicação explícita (que se aplica aos actos de fala sobre os actos de fala).

Relembrando a análise do capítulo antecedente, pode-se concluir que comunicação não-verbal acompanha a fala e pode, a cada passo, modificar o seu conteúdo (contradizendo-o, atenuando-o, acrescentando outras informações, etc.); isto é, fornece informações sobre determinadas características do conteúdo da fala, sobre o modo como um enunciado deve ser interpretado, sobre a atitude do falante perante o que está ou vai dizer. Pode dar informações sobre a estruturação dos enunciados, sobre a distribuição dos



papéis de falante e de ouvinte. Sendo assim, torna-se difícil (como afirma Bateson, cf. sob 5.2.2.2, parte II) determinar a diferença entre uma comunicação não-verbal metacomunicativa e uma comunicação não-verbal não-metacomunicativa, pois o canal não-verbal fornece constante e implicitamente informações para a interpretação dos enunciados verbais (as chamadas pistas de contextualização).

Há, no entanto, casos em que a comunicação não-verbal é explicitamente metacomunicativa, como um sorriso, ou um piscar de olhos, que precedem/acompanham/se seguem a uma determinada verbalização e que a qualificam de modo a que ela seja interpretada como intendida pelo falante. Em contrapartida, um gesto que forneça informações sobre o conteúdo do que está a ser dito não é metacomunicativo, pois não comunica sobre a comunicação, mas "co-comunica" em conjunto com o canal verbal.

Mas como se classificam os casos em que a comunicação não-verbal fornece tipos de informações diferentes, por exemplo relativamente à atitude do falante para com o conteúdo do enunciado? Ou os casos em que a comunicação não-verbal precede a verbal no que diz respeito à transmissão de informações sobre o que vai ser dito, à semelhança do que se passa com os anúncios? Um encolher de ombros realizado antes da verbalização de "*faz falta*" não dá informações sobre a atitude do falante relativamente ao que vai dizer? (cf. exemplo 22, 2p3-43). O mesmo acontece com um encolher de ombros efectuado após a verbalização de "*ainda fica pior*" (exemplo 15, 3p3-90).

Pode-se partir do princípio de que a informação transmitida não-verbalmente sobre a atitude do falante, sobre o modo como alguma coisa deve ser interpretada e sobre o conteúdo é de natureza metacomunicativa, mais ou menos implícita. Na minha opinião, uma definição precisa da propriedade de metacomunicativo não é indispensável para a análise da comunicação verbal e não-verbal. Interessa sobretudo, a partir da análise de cada caso, tomando em conta todo o contexto interaccional, determinar o tipo de informação dada por cada modalidade de comunicação, assim como a sincronização das modalidades não-verbais entre si e com a modalidade verbal, verificando quando, como e porquê é que uma informação é transmitida, considerando também os diferentes estratos de informação e as relações internas entre si.

Os casos em que uma informação é dada não-verbalmente antes (ou depois) da produção do enunciado verbal a que se refere podem-se comparar com as situações de antecipação (ou de pós-posicionamento) concretizada pelos anúncios verbais. Sendo assim, os movimentos do corpo também podem funcionar como anúncios, ou como sinais de abertura, indicando a continuação da vez.

Após a apresentação das questões mais importantes relacionadas com as actividades de focalização realizadas por meios linguísticos, prosódicos e não-verbais passo, finalmente, à descrição de alguns exemplos que ilustrarão os diversos modos de focalizar (e de desfocalizar) que, simultaneamente, desempenham um papel fundamental como sinais de manutenção de vez.



## 6. FOCALIZAÇÃO NA MANUTENÇÃO DE VEZ: ANÁLISE DO *CORPUS*

A análise dos exemplos que se seguem ilustra vários tipos de focalização no desempenho não só da função de manutenção de vez, mas também de muitas outras subfunções relacionadas sobretudo com a estruturação do discurso (delimitação de fronteiras de anúncios e apartes, articulação entre vários actos) e criação de relações de coerência e de coesão entre os enunciados.

A escolha dos exemplos foi difícil, atendendo à elevada quantidade de passagens ricas em informação sobre o tema em questão e ainda sobre muitos outros que não podem aqui ser considerados<sup>1</sup>. Como no caso anterior da reparação, a descrição de cada exemplo abrange inúmeros fenómenos para além das estratégias de focalização. Isso deve-se ao facto de uma estratégia de focalização ser uma de entre outras actividades interaccionais. Estas podem ter a ver com a estruturação dos actos conversacionais, de partes da vez, com questões de conteúdo, individuais e interpessoais dos interactantes. Em virtude disto, nunca pode ser tratada isoladamente. A sua análise incidirá sobre o maior número possível de aspectos interaccionais que confluem nesse intervalo de tempo. Só uma descrição plurifuncional, multimodal e intermodal de cada exemplo pode criar o quadro necessário para uma interpretação e compreensão, o mais real possível, dos fenómenos envolvidos na dinâmica da interacção e na constituição de um foco de acção.

Para verificar em que medida é que a comunicação não-verbal se coordena (sincroniza) e coopera com a comunicação verbal na manutenção de vez e na (des)constituição do foco de acção, os vários movimentos do corpo serão minuciosamente descritos.

Os exemplos ilustram, entre outros fenómenos conversacionais, os seguintes casos: sequências lógico-argumentativas condicionais (exemplos 27 e 28); sequências de frases com características formais e prosódicas paralelas (exemplos 29 e 30); repetições de um elemento lexical (exemplo 31); uma sequência lógico-argumentativa interrompida pela introdução de um aparte (exemplo 32); uma sequência de perguntas retóricas (exemplo 33); questões de ordem prosódica numa sequência condicional (exemplo 34). O exemplo 35 demonstra como duas parceiras constroem em simultâneo a vez e dão indicações recíprocas sobre o papel interaccional que pretendem desempenhar; o exemplo 36 corresponde a uma contagem (enumeração) e, por último, o exemplo 37 ilustra uma passagem de narrativa oral em que a falante recorre a meios verbais e não-verbais para contextualizar diferentes informações relativas à narração.

---

<sup>1</sup> Inúmeros aspectos mereceriam toda a atenção por ilustrarem questões de grande interesse, relativamente, por exemplo, à:

- expressão de acordo e de desacordo - estratégias de persuasão;
- expressão de dominância e de submissão;
- parataxe e hipotaxe e respectivas características prosódicas;
- prosódia como pista de contextualização de atitudes e de vozes de personagens em narrativas;
- relação entre o significado expresso pelos elementos verbais e pelos gestos.



## 6.1 Exemplo (27): SEQUÊNCIA LÓGICO-ARGUMENTATIVA: REJEIÇÃO - RECTIFICAÇÃO

1p11-20 ES: [((riso))]  
 1p11-21 CL: <<f>'nÃO `ma neste -nes`te 'nes`ta questÃO;>  
 1p11-22 ES: -tu És= afi`cio`'nÁria 'do `cOntra;  
 1p11-23 CL: ``SOU `sou``sou `contra.  
 1p11-24 `mEsmo -por E:sse-  
 1p11-25 <<len>'nÃO= `É`pe-la 'quEs`- tÃO ``do=-A-fEcto  
 que `vão -DAR-  
 1p11-26 <<p>'não é pela ques`tÃO: (.)↓'-dI:`sso.>>  
 1p11-27 ES: <<pp>pois.>  
 1p11-28 CL: <<f>'mas=É=apenas `pe-lA questão-  
 1p11-29 `que 'A` cri`Ança-nEce`ssi`ta;  
 1p12-01 `de`mo`DE-los `pa-ren`tais;  
 1p12-02 (0,212) <<f>'mEsmo><<dim> que='U`mA mU-lhEr  
 ``so`zinha.  
 1p12-03 -eh:::-(-sem `mA`rido)-e c=um`fI`lho,>

Esta passagem já foi tratada no exemplo 8, sob o ponto de vista da reparação de um falso arranque (linha 24). Retomo-a agora para salientar o modo como este falso arranque foi reparado pela falante: CL recorre a uma estratégia de reparação que, ao mesmo tempo que marca a continuação da vez, atrai a atenção das parceiras e revela segurança relativamente à opinião que quer emitir. A falante usa uma sequência coerente de enunciados que, pelos elementos que os constituem e pelas propriedades acústicas/auditivas com que são realizados, têm uma força impositiva e uma capacidade focalizadora relativamente elevada. Trata-se dos enunciados correspondentes às linhas 25, 26 e 28-01.

Com base no seu conhecimento do mundo e no conhecimento compartilhado com as restantes parceiras, a falante CL deduz que as parceiras pensam que ela tem preconceitos relativamente ao assunto (adopção de crianças por homossexuais) ou que tem pouca informação sobre ele; para evitar tal interpretação, CL procura anular qualquer opinião deste tipo que possam formar sobre a sua pessoa, ou seja, tenta defender a sua imagem o melhor possível, informando sobre as razões que a levam a defender essa opinião. Além disso, procura defender-se contra qualquer argumento que sirva de razão para uma opinião a favor da adopção, e seja usado pelas parceiras, interrompendo a sua vez. Por isso, a apresentação das suas razões contra a adopção é antecipada, em (25), pela negação do argumento que poderia ser mencionado, o contra-argumento "*não é pela questão do afecto que vão dar*", e pelo reforço do mesmo em (26), "*não é pela questão disso*". Esta estratégia permite à falante acautelar-se contra qualquer interferência das parceiras e zela



pela continuação suave da vez. Além disso, ao demonstrar o seu conhecimento sobre o assunto, CL dá a entender que a sua opinião é bem fundamentada.

Sob o ponto de vista semântico, os actos (25) e (26) expressam a negação de uma ideia. Na sua composição formal, só diferem num constituinte: o constituinte "*afecto que vão dar*" foi substituído, no enunciado seguinte, pelo elemento pronominal anafórico "*isso*"; sendo assim, o acto (26) constitui uma paráfrase do acto (25).

Sob o ponto de vista prosódico, (25) e (26) encontram-se destacados da fala antecedente por darem a impressão de serem realizados a uma velocidade mais lenta, propriedade típica de partes da fala a que o falante confere uma maior importância; o primeiro enunciado distingue-se do segundo devido a uma redução da intensidade da voz: o acto (26) foi realizado com menor intensidade, funcionando, assim, como uma espécie de *eco* do primeiro. Esta repetição reforça ou intensifica o conteúdo expresso em (25). Desempenha também a função de sinal de pedido de retorno, como se pode ver em (27).

Sob o ponto de vista de coerência textual, (25) e (26) criam certa imposição sequencial na vez: espera-se que à negação de uma razão (do eventual contra-argumento) em (25) e (26) se siga a introdução de outra razão, ou de uma rectificação da primeira, uma sequência do tipo "não é X, é Y", certamente comum em reparações<sup>2</sup>. Visto dar indicações sobre a continuação da vez, esta sequência lógico-argumentativa funciona como um sinal de manutenção de vez.

De facto, a nova razão surge, em (28), como esperado, a seguir ao sinal de retorno de ES: CL retoma a vez através do sinal interactivo contra-argumentativo "*mas*"<sup>3</sup>, que introduz essa nova razão. Além de introduzir uma espécie de rectificação do que foi antes negado, este enunciado marca o contraste com o antecedente e provoca uma mudança de foco e um momento de maior dinâmica interaccional - enquanto o conteúdo dos enunciados anteriores se pode deduzir a partir do contexto interaccional, a informação que vai contrastar com ele é totalmente desconhecida das parceiras, tendo, por isso, um valor informativo (em termos de Firbas, 1992) mais elevado.

Prosodicamente, o contraste com o enunciado antecedente é marcado pela oposição das variações de altura de tom: enquanto o acto (26) tem uma altura de tom global descendente e um carácter de terminação prosodicamente marcado através da descida abrupta da altura de tom que caracteriza o elemento "*disso*", o ataque do acto (28) caracteriza-se por uma altura de tom ascendente. Há ainda outras descontinuidades conseguidas pelo aumento dos parâmetros quantidade (velocidade da fala), intensidade da voz e uma altura de tom global mais elevada. Estes parâmetros são eficazes na criação de

<sup>2</sup> Note-se que, embora as parceiras não tenham contra-argumentado, esse contra-argumento parece estar presente e ser tratado como se tivesse sido verbalizado; como se à sua produção se seguisse uma a reparação do tipo "não é X, é Y".

<sup>3</sup> Trata-se aqui de um "*mas*" adversativo de *rectificação* (cf. Cunha/Cintra, 1999: 580) ou de *correção* de um enunciado que foi negado e que por isso deve ser corrigido (cf. Weinrich, 1993: 815). Segundo Weinrich, esta ligação correctiva marca o *contraste* com o enunciado anterior, tendo, por isso, também um significado de *viragem*. Esta viragem pode ser entendida sob o ponto de vista argumentativo e sob o ponto de vista de *mudança de foco*.



proeminência. Assim, a viragem de foco, já marcada pelos elementos linguísticos, é reforçada pela prosódia.

Outra característica que contribui para a posição de destaque desta sequência é a repetição de um constituinte usado nos dois enunciados antecedentes - "*é pela questão*", agora acrescido de mais um elemento restritor: "*é apenas pela questão*". Esta repetição contribui também para a impressão de ritmo, um fenómeno importante na criação de proeminência da fala. Concluindo, o acto (28), que transporta uma informação de maior valor comunicativo, encontra-se prosodicamente destacado (focalizado).

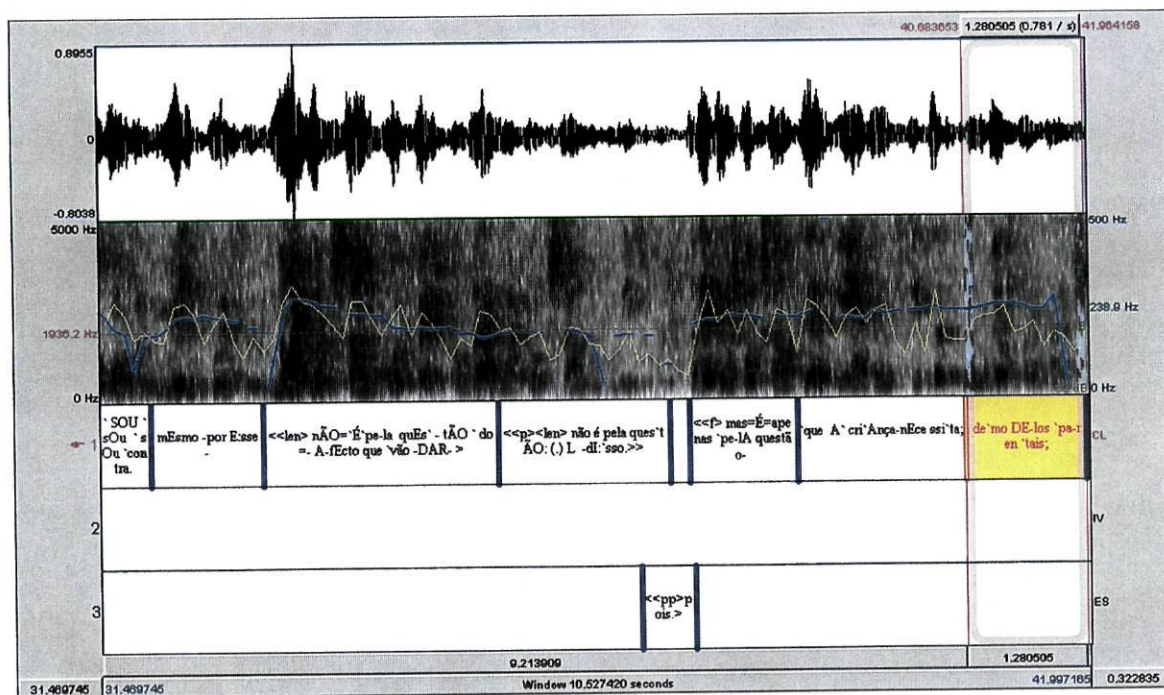


FIGURA 6/31: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1p11 ((24) - 1p12 (01))

Veja-se agora a comunicação não-verbal que acompanha a passagem acima transcrita:

`SOU `sOu``sOu `contra.- CL olha para baixo, continua a mexer com a mão direita nas calças, encolhe ligeiramente o ombro esquerdo e faz uma série de acenos (IMAGENS 1, 2, 3);

`mEsmo -por E:sse- - CL olha para baixo, continua a mexer com a mão direita nas calças (IMAGENS 4, 5);

<<len>`nÃO=É`pe-la - CL levanta o braço até ao peito, pontas dos dedos viradas para o corpo; continua a olhar para baixo (IMAGENS 6, 7);



`quEs - CL afasta o braço para a frente; `tÃO - volta a aproximar o braço do corpo (IMAGEM 8);

`do=-A-fE - afasta o braço para a frente (IMAGENS 9, 10, 11);

cto que`vão - CL volta a aproximar a mão do corpo, desta vez até ao ombro;

-DAR- <<p>`não é pela - CL olha para ES, mantendo com ela contacto visual; desenha um semi-círculo de cima para baixo, do corpo para fora, termina quase em cima do joelho com a mão em concha, quase aberta, palma para cima; a verbalização de "não é pela questão" é acompanhada por um abanar da cabeça (IMAGEM 12, 13, 14);

ques`tÃO: - CL levanta de novo o braço na direcção do corpo - a mão mantém-se um pouco afastada do corpo, pontas dos dedos viradas para o pescoço; continua a olhar para ES (IMAGEM 15);

(.)↓`-dI:`sso.>> - CL fecha os olhos e ergue as sobrancelhas; abre logo a seguir os olhos voltados para cima; baixa um pouco o braço, mantendo esta posição da mão;

ES: <<pp>pois.> - durante o retorno de ES, CL volta a mover o braço na direcção do corpo, polegar esticado, pontas dos dedos voltadas para o peito (IMAGEM 16);

<<f>`mas=É=apenas -CL mantém as sobrancelhas erguidas; acena algumas vezes ligeiramente com a cabeça enquanto baixa o braço até ao nível do ventre, mantendo a mão sempre na mesma posição (pontas dos dedos voltadas para o corpo) (IMAGEM 17);

`pe-la ques - CL orienta o olhar para baixo, baixa as sobrancelhas; mantém a cabeça virada para ES (IMAGEM 18);

-tão que - CL baixa o braço até tocar com a mão na coxa esquerda (IMAGEM 19);

`A - CL levanta (só uns centímetros) de novo a mão fechada, palma voltada para o corpo, dedos esticados;

`cri - CL pousa a mão na coxa, palma para cima (IMAGEM 20);

`Ança - CL roda a mão, palma voltada para o corpo, e aproxima-a mais do corpo (IMAGEM 21);

-nEce - CL move a mão de novo para fora e fica com os nós dos dedos pousados sobre a coxa;

`ssi`ta; - CL mantém a mão pousada sobre a coxa, os olhos orientados para baixo (IMAGEM 22);

`de - CL levanta um pouco a mão, move-a para a frente e abre-a, palma voltada para o corpo, costas da mão voltadas para fora, polegar voltado para cima; começa a mexer a cabeça, olha para ES, e depois para baixo quando começa a rodar a cabeça para IV (esquerda);



`mo´DE-los - CL pousa a mão, bem aberta, palma para cima, sobre a coxa; tem a cabeça orientada para IV que está a olhar para baixo (IMAGEM 23);

`pa-ren´tais; - roda a cabeça para ES que está a olhar para ela com atenção, tronco inclinado para a frente; mantém a cabeça e o olhar orientados para ES, a mão aberta, pousada sobre a coxa;

(0,212) - CL mantém o olhar orientado para ES enquanto começa a fase de preparação de um novo gesto.

**Acento /gesto /coerência:** a falante CL tem a tendência para fazer corresponder golpes de gesto às sílabas acentuadas. Isso pode-se constatar na comunicação não-verbal que acompanha o acto (25), em que os movimento do braço para o corpo e para a frente se sucedem alternadamente em "*não é*", "*ques*" "*tão*", "*afe*" e "*dar*". A fase final do acto coincide com um movimento do braço em trajectória semi-circular, que termina com a mão aberta em cima do joelho; a última fase deste movimento coincide ainda com a verbalização de uma parte do acto (26) - "*não é pela*", acompanhada por vários abanos de cabeça e pela orientação do olhar para ES. Parece que aqui o gesto se atrasou em relação à fala, ao olhar e aos movimentos da cabeça; o movimento do braço na orientação corpo-frente é retomado em "*questão*" (na direcção do corpo) e termina (provisoriamente) em "*disso*" (CL baixa os braços). A mesma posição da mão mantém-se ainda em "*mas é apenas pela ques*"; em contrapartida, a verbalização do resto deste acto e dos actos (29) e (01) é acompanhada por uma posição da mão/braço diferente. Esta nova posição e forma gestual pode ter a ver com a enunciação de uma ideia que contrasta com a ideia contida nos enunciados (25) e (26); no enunciado (28) dá-se a transição entre estas duas formas de gesto.

**Sinais de abertura:** a posição da mão que acompanha a realização de "*disso*" (mãos abertas, dedos virados para o corpo) indica que a vez ainda não terminou; essa informação é dada também pelo erguer de sobrancelhas (esta posição das sobrancelhas é mantida ainda durante a realização de alguns elementos do acto seguinte) e pelo desvio do olhar para cima, após um fecho breve. A produção destes sinais, já durante a realização verbal do acto antecedente, funciona como uma antecipação (uma espécie de anúncio ou sinal de abertura) do que se vai seguir. Neste caso, então, a comunicação não-verbal antecipa a comunicação verbal.

**Gesto /contraste:** a ideia de contraste entre o enunciado (28) e os enunciados (25) e (26) é reforçada pelos movimentos da cabeça: a realização de "*não é pela questão*" é acompanhada por abanos da cabeça que reforçam a ideia expressa; a realização de "*mas é apenas*" é acompanhada por vários acenos com a cabeça. Como referido atrás, a posição da mão nos gestos efectuados ao mesmo tempo que estes dois actos também contribui para marcar a diferença.

**Pedido de retorno / retorno:** Será que se pode afirmar que o pedido de retorno é constituído pelas características de uma parte final de um acto, num PT, ou já é preparado mais cedo? Se se considerar que é o maior envolvimento do falante que leva a que o ouvinte reaja, expressando a sua atenção, compreensão, acordo ou desacordo, então pode-



-se partir do princípio de que um pedido de retorno não se localiza necessariamente num PT, mas pode ir sendo indicado em vários momentos da vez; isso não impede que, adicionalmente, haja elementos produzidos com características prosódicas específicas localizadas junto de um PT que colaboram na função de pedido de retorno. A mesma coisa se passa com os sinais de retorno que não são, necessariamente, realizados no PT, mas podem ser produzidos paralelamente à vez, durante um intervalo de tempo mais prolongado, mesmo sem intenção de reclamar a vez.

Neste exemplo, o retorno de ES é realizado num PT, a seguir ao acto (26), paráfrase do acto (25). Como já referi atrás, a terminação da primeira parte desta sequência argumentativa reflecte-se nas características prosódicas de fecho com que é realizada a palavra "disso". Neste momento, a opinião de CL está ainda por emitir. No entanto, ES manifesta o seu acordo com CL. Isso leva a crer que esta realimentação tem a ver com outros aspectos que não o conteúdo da vez.

Observando a comunicação não-verbal de CL, constata-se que, durante o retorno da ouvinte em (27) (ES está inclinada para a frente, a ouvir atentamente a opinião de CL), CL orienta o olhar para ela; só na verbalização do último elemento deste acto - "disso" - é que a falante desvia o olhar da ouvinte, mostrando que há uma ideia que terminou e que vai ser introduzida uma nova: fecha primeiro os olhos, depois olha para cima<sup>4</sup>.

Nesta passagem, a realimentação constante da vez de CL por parte de ES deixa transparecer certa necessidade de aproximação e de manifestar acordo relativamente ao que a falante diz. Esta manifestação de acordo ES parece ser motivada por CL, ao revelar o que pressupõe ser a opinião das parceiras a seu respeito. Através da sua actividade de retorno, ES mostra que sabe que CL não tem preconceitos, que sabe o que está a dizer e que tem toda a curiosidade em ouvir a sua opinião. Deste modo, ES apoia a falante na produção da vez.

**Retoma da vez:** a retoma da vez a seguir a um sinal de retorno de ES realiza-se através do sinal interactivo contra-argumentativo e topográfico de transição "mas" (28), produzido com entoação ascendente; sob o ponto de vista da comunicação não-verbal há sinais que apontam para alguma coisa de importante que vai acontecer: as sobrancelhas erguidas (mímica que acompanha a verbalização dos primeiros elementos do acto que se inicia com a retoma da vez); o desvio do olhar para baixo e o lento movimento descendente do braço mostram que alguma coisa se vai seguir.

Note-se que este gesto lento é um indicador de que a falante se encontra numa fase de planeamento da fala (hesitação não-verbal); isso significa que uma hesitação pode não se manifestar no plano verbal - porque o falante é capaz de recorrer a meios que lhe permitem disfarçar qualquer falta de planeamento -, mas transparece através de algumas

---

<sup>4</sup> Como referirei no anexo, a notação dos movimentos dos olhos não pôde ser rigorosa - pode haver movimentos pequenos e muito rápidos e orientações do olhar (mais imprecisas), que dificilmente se podem detectar quando filmados a partir de um só ângulo. No entanto, o escuro da pupila contrasta com a esclerótica, de modo que é possível notar, com certa precisão, pelo menos os momentos em que os olhos se movimentam, assim como diferentes orientações do olhar.



modalidades não-verbais. Por isso, tendo em conta a hesitação transmitida através do gesto, o acto (26) - "*não é uma questão disso*" - pode ser "reinterpretado" como uma pausa cheia. Esta pausa cheia, formada pela repetição dos elementos linguísticos usados no acto antecedente, não deixa transparecer qualquer desarranjo no planeamento do discurso; pelo contrário, reflecte certa segurança da falante. A repetição tem, assim, uma múltipla função: a de intensificar o conteúdo do enunciado verbal, a de superar hesitações e a de transmitir características atitudinais/da personalidade da falante.

**Reforço informativo:** no fim do enunciado (01), junto do PT, a comunicação verbal/não-verbal de CL - gesto de abertura com paragem, entoação final ascendente, orientação do olhar para a parceira - apresenta características de envolvimento, ou seja, movimentos que revelam o estado emocional da falante. Estas características funcionam, com grande frequência, como sinais de pedido de retorno ou como sinais de reforço informativo. Como neste caso ES não verbaliza, nem comunica qualquer sinal de realimentação, estas características do enunciado e da sua produção constituem um sinal de reforço informativo, uma indicação de que a informação expressa é importante. Este sinal tem propriedades de focalização.





1

SOU



2

SOU



3

CONTRA



4

MESMO



5

POR ESSE



6

NÃO



7

É



8

QUESTÃO



9

DO



10

A-



11

-FECTO



12

DAR



13

NÃO



14

É



15

QUESTÃO



16

DISSO (ES: POIS)





17

MAS É



18

QUES-



19

-TÃO



20

QUE A



21

A CRIANÇA



22

NECE-



23

-SSITA



24

MODELOS



25

PA-



26

-RENTAIS



## 6.2 Exemplo (28): SEQUÊNCIA LÓGICO-ARGUMENTATIVA: REJEIÇÃO - RECTIFICAÇÃO

2p3-25 BS: =iss 'tÁ `MAU <<p> `iss tá mau.>  
 2p3-26 NF: <<a> 'pÁ: ['é:']>  
 2p3-27 CP: [Iss(h)o] ``t(h)Á ``mau(h);=  
 2p3-28 NF: <<f>=-É-(.) `professOR do `ben`fi ['ca']>  
 2p3-29 BS: [( ][ )]>  
 2p3-30 CP: [( ][ )]>  
 2p3-31 NF: ['tá]>  
 2p3-32 `bem.  
 2p3-33 <<a>'mAs ↑`Eh:=>  
 2p3-34 BS: =-o mEu ``pA-I É bem`fi`quista, -e eu sou do ``porto;>  
 2p3-35 NF: <<f>`prONto'> (.)>  
 2p3-36 <<dim>'nÃO -É `Aí.>  
 2p3-37 `nÃO É ``Uma `questÃO dE'  
 2p3-38 `nÃO -É umA questÃO ``de- <all>tEr que`cO'me``çar -a  
 seguir `o -E`XEM`plo.>>  
 2p3-39 ↑`mAS `HÁ Um: ``hÁ -Um:->  
 2p3-40 BS: <<p>`uma re-ferência>=>  
 2p3-41 NF: <<all>=-hÁ -Uma rE↑`fe`rência->  
 2p3-42 ↑`É ↓-isso- (.)>  
 2p3-43 ↑`E -É Isso `e `fAz `fAl↑`ta>  
 2p3-44 -É:: um ``pOnTo de ``re<<a>`ferÊn>`cia.>  
 2p3-45 CP: ``É:=Eh;>  
 2p3-46 (0,515)>  
 2p3-47 NF: <<p>-nÃO é->  
 2p3-48 CP: `tEns `rA-zão->  
 2p3-49 (0,372)>  
 2p3-50 NF: por `isso -Acho que -Acho ``quE:[Eh:m-]

A comunicação não-verbal nesta passagem foi a seguinte:

NF tem o tronco em posição central, as mãos ligeiramente levantadas, braços apoiados sobre as pernas; NF reage ao comentário de BS (IMAGENS 1, 2 3) do seguinte modo:

<<a> 'pÁ: ['é:']> - NF levanta a cabeça, queixo para cima, olha em frente, mantém as mãos em posição de repouso, cruza os pés por baixo da cadeira; SIMULTANEAMENTE: CP comenta (27), olha para NF e ri-se (IMAGENS 4, 5, 6);

comentário de retorno de CP - IMAGEM 7;

<<f>=-Ê-(.) - NF começa a virar a cabeça para baixo (IMAGEM 8);

`professor do `ben`fi [ca'] - NF olha para BS; levanta e afasta os braços para os lados enquanto encolhe os ombros, inclinando a cabeça para a direita; BS está a olhar para ele e a rir-se (IMAGENS 8, 9, 10 e 11);

[tá]bem. - NF volta a rodar a cabeça para a frente, depois para a esquerda e olha para a câmara (IMAGENS 12 e 13);

<a>mAs ↑Eh:=> - NF muda a posição das pernas e olha de novo em frente (IMAGENS 14 e 15);

retorno de BS: =-o mEu `` pA-I É ben`fi`quista, - eu sou do ``porto; - em "benfiqui", BS estende um braço para a frente e depois volta a pousá-lo, entrelaçando as mãos à frente do corpo; olha sempre para NF; NF endireita a posição do tronco e olha para BS; no fim deste enunciado, NF levanta a cabeça (IMAGENS 16, 17, 18 e 19);

<<f>`pronto'> (.) - NF mantém a cabeça inclinada para trás, olhando sempre para BS, levanta o braço direito, mão com a palma para cima (IMAGEM 20);

<<dim>`nãO -Ê `Aí. - NF faz um movimento semi-circular com o braço para a frente do corpo e levanta a outra mão até junto da primeira; desvia o olhar para baixo; inclina a cabeça para a direita (IMAGEM 21);

`nãO É ``Uma `ques - NF baixa a cabeça, baixa o braço direito, olha para BS, levanta o braço esquerdo e junta as mãos à frente do corpo, mantendo-as paralelas, unidas pelo isqueiro (entalado, pelas extremidades, entre as palmas das mãos) (IMAGENS 22);

tãO dE' - NF continua a olhar para BS, mantém as mãos assim unidas pelo isqueiro e oscila-as um pouco;

`nãO -Ê umA questãO - NF baixa a cabeça e dirige o olhar para baixo; baixa as mãos, paralelas, unidas pelo isqueiro para o lado direito (IMAGENS 23, 24);

`de - move as mãos nesta posição para a frente do corpo e baixa um pouco mais os braços; continua a olhar para baixo (IMAGEM 25);

<all>tEr que`cO`me` - NF move as mãos nesta posição de novo para o lado direito; levanta a cabeça e olha para BS (IMAGENS 26, 27);

`çar -a seguir `o - volta a mover as mãos na mesma posição para a frente do corpo, olhando sempre para BS;

-E`XEM`plo.>> - NF sobe ligeiramente as mãos e levanta um pouco a cabeça, desviando o olhar para cima (IMAGEM 28);

↑`mAS `HÁ - NF levanta a mão direita até ao nível da cara (mão aberta, dedos esticados, apontado para cima, isqueiro preso entre o polegar e a palma da mão; baixa a esquerda enquanto levanta a direita, levanta mais a cabeça e continua a olhar para cima; em "um" ergue as sobrancelhas (IMAGENS 29, 30);



Um: ``há - baixa ambos os braços, pousando-os sobre as coxas, mas fica com a cara e os olhos voltados para cima, sobrancelhas erguidas (IMAGEM 31);

-Um: - orienta o olhar para a frente, as sobrancelhas voltam à posição normal; encolhe ligeiramente os ombros; tem uma expressão de aborrecimento e parece que vai deixar sair ar pela boca (para falar?);

<<p>`uma re-ferência>= (retorno de BS)- NF levanta o braço esquerdo até quase à altura dos ombros, tem a mão fechada, segurando o isqueiro na vertical entre os dedos, mão direita sobre o colo, semi-aberta, palma quase para cima; olha para BS quando começa a levantar a mão (IMAGENS 32, 33);

<<all>=-há -Uma rE↑`fe`rência- baixa e afasta o braço direito para o lado; baixa o braço esquerdo, retomando, a seguir, a posição de repouso; em "referência" ergue as sobrancelhas e baixa a cabeça (IMAGENS 34, 35);

↑`É ↓ -isso-(.) ↑`E - NF retoma a posição de repouso, mãos pousadas sobre o colo, cabeça ligeiramente inclinada para a frente (IMAGEM 36);

-É Isso `e `fAz `fAl↑`ta> -É:: um - NF encolhe ligeiramente os ombros; em "faz falta" inclina a cabeça para baixo (IMAGENS 37, 38) ;

`pOnto de ``re<<a>`ferÊn>`cia.> - em "referência" levanta um pouco a cabeça, continuando a olhar para baixo; segue-se um aceno de CP, de braços e pernas cruzadas, olhando para baixo (IMAGEM 39);

`É:=Eh; - sinal de retorno de CP, imediatamente precedido de acenos;

(0,515) - NF vira a cabeça para CP e olha para ele; mantém as mãos e os braços em posição de repouso (continua a mexer no isqueiro);

<<p>-NÃO é-> - NF está virado para CP;

`tEns `rA-zão- - reacção de CP ao acto iniciativo de NF: antes de pronunciar estas palavras, CP realiza uma série de acenos, mantendo a mesma postura;

(0,372) - NF volta a rodar a cabeça para a frente, inclinada para baixo, para continuar a sua vez (51);

por `isso - Acho que -Acho ``quE:[Eh:m-] - NF mantém a mesma postura; CP acaba por tomar a vez.

Este exemplo ilustra uma construção idêntica à do exemplo antecedente. Antes de a analisar, pretendo ainda descrever o momento da vez que a antecede.

Em (25), BS critica NF com certa ironia pelo facto de ele ser do Benfica como o seu pai - mostra, assim, desacordo para com o que NF acabara de afirmar ("sou do clube que o meu pai é"). Perante a avaliação da sua pertença ao Benfica como "errada", que constitui uma alter-reparação do tipo comentário irónico, NF reage indignado, como quem diz: "se o meu pai é do Benfica eu não tenho culpa, ele é professor do Benfica", "outra coisa não

podia fazer". A interjeição "pá" indica a atitude indignada e surpresa de NF perante o comentário de BS; segue-se a justificação (28), numa intensidade de tom mais elevada e com variações de altura de tom que deixam transparecer o envolvimento do falante (estilo enfático). Os parceiros emitem comentários e riem-se. NF tenta acabar com essa situação ((31)-(32). Através de "tá bem" com entoação descendente - sinal topográfico de fecho - retoma a vez e põe fim aos comentários dos parceiros; esta interjeição pode-se parafrasear do seguinte modo: "*isso não interessa mais, vamos passar a outro tema*".

**Atitude / emoção:** a produção da interjeição "pá" é acompanhada por uma postura do tronco e movimento da cabeça que revelam desacordo: a orientação do corpo e da cabeça para o lado/trás revelam uma atitude de afastamento e de rejeição. Em contrapartida, o sorriso na face, que modaliza a sua manifestação de rejeição, mostra que mantém certo humor e que não pretende entrar em conflitos. NF verbaliza a razão óbvia pela qual o seu pai não pode deixar de ser do Benfica num enunciado cujas características prosódicas denotam, por um lado, humor, por outro lado, certa irritação e envolvimento. O gesto que acompanha esta justificação, movimento de abertura dos braços e mãos à frente do corpo revela uma atitude de sujeição perante as circunstâncias que, de facto, são óbvias e se podem parafrasear do seguinte modo: "se o meu pai é professor do Benfica que pode ele fazer, senão ser adepto do Benfica? Outra coisa seria de admirar". O desvio do olhar para o realizador da gravação é um sinal de que NF procura solidariedade na sua defesa contra os ataques dos parceiros, pois é evidente que tem razão.

**Gesto vs. coesão / contraste:** Para pôr fim aos comentários dos parceiros, NF emite o sinal de fecho "pronto" (35) e move a cabeça para trás, numa posição de rejeição. NF também mantém as pálpebras fechadas, evitando, assim, qualquer comunicação visual com os parceiros. O início do movimento do braço/mão coincide com a retoma do tema principal. Em seguida, baseado no comentário de BS (34), NF corrige a opinião que pensa que os parceiros têm sobre si. Para isso, rejeita essa suposta opinião e rectifica-a. Os enunciados de rejeição - (36), (37) e (38) - são acompanhados por unidades gestuais uniformes, que marcam levemente o ritmo da fala, enquanto a rectificação (39) é acompanhada por outra forma de gesto. Aliás, este gesto começa já a ser preparado ainda antes da completação do acto (38). Representa formalmente / iconicamente o significado que NF não consegue expressar através de um elemento lexical - poderia corresponder à expressão "*seguir o exemplo*". Este gesto permite que CP interprete o que NF quer dizer e o apoie na sua procura lexical, propondo-lhe o elemento "*referência*".

A diferença formal entre, por um lado, o grupo de gestos idênticos que acompanham a realização das frases negativas - (36), (37), (38) - e, por outro lado, os gestos que acompanham o enunciado de rectificação contribui para transmitir a ideia de contraste entre estas duas partes da vez. Deste modo, os diferentes tipos de gestos têm funções por um lado, coesivas, por outro, contrastivas dentro da vez de NF.

**Retoma da vez:** a continuação da vez em (33) é marcada pelo elemento "mas" (33), realizado com altura de tom ascendente, que lhe permite estabelecer uma relação retroactiva com o tema deixado em suspenso. É um sinal topográfico de transição e, simultaneamente, um sinal interactivo contra-argumentativo, através do qual NF mostra



que vai continuar com o tema deixado em suspenso. A orientação do corpo e da cabeça para a frente - sinais de abertura à comunicação - também apoiam o falante na continuação da vez.

Segue-se uma hesitação, um indicador de que NF se encontra numa fase de re-planeamento do discurso. Este momento mais hesitante representa uma oportunidade para uma interrupção: em (34), BS reforça a sua crítica (reforço da reparação), através do seu próprio exemplo (o facto de o pai ser do Benfica não significa que ele também tenha que o ser).

Através de "*pronto*" (35), realizado com uma maior intensidade de voz e com acento descendente-ascendente (estilo enfático) (cf. Figura 6/28a), NF põe fim aos comentários dos parceiros e também à sequência "crítica" desenvolvida à parte do tema principal e retoma a vez. As características prosódicas deste sinal transmitem a atitude do falante: NF mostra a BS que já percebeu onde este queria chegar e que se pode calar (= já chega!). Esta entoação e o aumento de intensidade revelam mais do que o simples desejo de fechar um tema, isto é, contribuem com informações adicionais sobre a atitude de certa irritação de NF. A comunicação não-verbal de NF dá indicações sobre a sua vontade de continuar a vez (NF inclina a cabeça para trás e começa a levantar uma mão).

Antes de retomar o tema principal, NF expressa o seu desacordo relativamente ao que os parceiros pensam de si e repara o comentário de BS, ou seja, corrige a interpretação que pensa que os parceiros podem ter dado ao facto de ele ter dito que era do mesmo clube que o pai. Por outras palavras, para defender a sua imagem e rectificar a "má compreensão" do seu ponto de vista por parte dos parceiros, NF rejeita essa interpretação/ opinião e introduz uma nova ideia que contrasta com a primeira e a rectifica. Esta estratégia de reparação confere uma maior veracidade à sua opinião e tem eficácia na defesa da imagem. A negação repete-se ao longo de três actos: no primeiro - (36)-, NF nega o conteúdo geral dos actos antecedentes emitidos pelos parceiros; no segundo - (37) -, a negação representa um falso arranque; o terceiro - (38) - consiste numa repetição da segunda (a reparação), seguida de um constituinte que especifica o que rejeita; esta série de negações, ao contrário do exemplo antecedente, tem uma orientação do geral para o particular:

Exemplo 27) não é pela questão do aspecto que vão dar  
não é pela questão disso

Exemplo 28) não é aí  
não é uma questão  
não é uma questão de ter que começar a seguir um exemplo

Esta repetição contribui para a criação de certo ritmo na vez. Este é interrompido pela rectificação introduzida por "*mas*", como no exemplo anterior, realizado com uma subida abrupta de altura de tom<sup>4</sup> (cf. Figura 6/28b).

---

<sup>4</sup> A continuação desta passagem foi analisada no exemplo 22.

Resumindo: esta passagem ilustra um caso de alter-reparação com uma reacção emotiva do falante - em (26) -, uma justificação - em (28) - verbalizada em simultâneo com comentários dos outros, e uma retoma - em (33). A alter-reparação (25) é reforçada em (34); segue-se em (36) uma retoma efectiva da vez através do elemento "*pronto*", que põe fim ao incómodo causado pelas intervenções dos parceiros e introduz uma espécie de alter-reparação do tipo *third turn repair*, constituída por uma sequência de rejeição-rectificação. Neste par de enunciados as relações sequenciais de coerência funcionam como um meio eficaz na manutenção da vez.







1 (BS: ISSO TÁ MAU)



2 (BS: ISSO)



3 (BS: TÁ MAU)



4 PÁ:



5 É



6 É:



7 CP: T(H)Á MAU(H)



8 É





9

PROFESSOR



10

DO



11

BENFICA



12

TÁ



13

BEM



14

MAS



15

EH!



16

(BS: O MEU PAI)



17 (BS: É BENFI-)



18 (BS: EU SOU)



19 (BS: PORTO)



20 PRONTO



21 NÃO É AÍ



22 NÃO É



23 NÃO É



24 UMA QUES-





25

-TÃO DE



26

TER



27

COMEÇAR



28

EXEMPLO



29

MAS



30

HÁ UM:



31

HÁ UM:



32

( BS: UMA )

391



33 (BS: REFERÊNCIA)



34 HÁ UMA REFE-



35 -RÊNCIA



36 É ISSO



37 É ISSO E::



38 FAZ FALTA



39 UM PONTO DE REFERÊNCIA



### 6.3 Exemplo (29): SEQUÊNCIAS DE FRASES COM CARACTERÍSTICAS FORMAIS E PROSÓDICAS IDÊNTICAS

|         |     |                                                                 |
|---------|-----|-----------------------------------------------------------------|
| 1p12-02 |     | (0,212) <<f>`mEsmo><<dim> que=`U`mA mU-lhEr<br>`so`zinha.       |
| 1p12-03 |     | -eh:::-(-sem `mA`rido)-e c=um`fI`lho,>                          |
| 1p12-04 |     | `ele `vAI ``ter `sem`pre=Uma ``fIgU:-rA-                        |
| 1p12-05 |     | -que vAi ``sEr `pra=`E-le o ``pAI;                              |
| 1p12-06 |     | (0,687) -porque [hÁ de`tErmi`nA]-das i`dA-<br>des-              |
| 1p12-07 | ES: | [`claro.]                                                       |
| 1p12-08 | CL: | <<cresc>`Em -que=ele pre`cI`sa `dEsse<br><a>`mo`dE::lo;>>       |
| 1p12-09 |     | [ (0,219)<<ff>`nEm↑`que sEja]                                   |
| 1p12-10 | ES: | [<<pp>`de`sse modelo;>]                                         |
| 1p12-11 | CL: | `Um=aMI:go dA `mÃe,                                             |
| 1p12-12 |     | <<dim>-nEm que`se`jA=o`a``-vÔ-[`nEm que sE`ja]                  |
| 1p12-13 | ES: | [vô ( ) ]                                                       |
| 1p12-14 |     | <<ff> -o`TI::o,>                                                |
| 1p12-15 | CL: | <<a>`nA↓-da->(.)`Ele[<<all>`vAi pre`ci`SAR<br>`desse]`mo`dElo.> |
| 1p12-16 | ES: | [(alguma coisa)] [exacto.]                                      |
| 1p12-17 | CL: | <<len>↑-E: `E ``pa``RE:`ce-me=>                                 |
| 1p12-18 |     | `acho `Eu;                                                      |
| 1p12-19 |     | (0,497) ``quE::: ? ↓-Es`tA'                                     |

Esta passagem representa a continuação da sequência do exemplo 27. CL continua a introduzir nova informação. Através do elemento lexical (partícula escalar) "*mesmo*", essa informação é antecipadamente avaliada como ocupando um lugar extremo numa escala de valores. A elevada intensidade de voz com que é produzido este elemento lexical contribui para a sua propriedade focalizadora. A informação focalizada consiste nos elementos que qualificam e introduzem as personagens ("*mulher sozinha*" e "*filho*"), que, de acordo com o conhecimento do mundo por parte de todas as interactantes, fazem parte de um determinado cenário, em que é válida a informação dada nos enunciados (04) e (05).

Note-se ainda que o acto (03) representa um aparte do acto (02). Como tal, foi pronunciado com uma altura de tom global relativamente constante (sem grandes variações) e mais baixa. Sob o ponto de vista prosódico, estes actos formam uma unidade

com uma altura de tom global descendente-constante que contrasta com a altura de tom global ascendente que abrange os actos (04) e (05) (cf. Figura 6/29a).

Esta sequência termina com uma subida de altura de tom mais abrupta na última sílaba ("pai") (cf. Figura 6/29a). Nela a falante informa sobre um facto válido para a cena apresentada. Esta informação é uma repetição da que foi dada em (28)-(01)<sup>5</sup>. A terminação de "pai" é também idêntica à de "parentais", uma subida abrupta de altura de tom na última sílaba. Esta terminação, que se pode caracterizar como enfática, parece funcionar como um sinal de pedido de retorno.

O retorno surge com algum retardamento, em (07), sobrepondo-se à continuação da vez de CL a seguir ao PT (06); para ser ouvida, ou para manter a vez e não ser interrompida por ES, CL, a falante actual, aumenta gradualmente a intensidade da voz, que se torna mais aguda em "modelo". A produção desta palavra caracteriza-se ainda por variações de alturas de tom, uma característica do estilo enfático (cf. Figura 6/29a). Este enunciado (06) - "*há determinadas idades em que ele precisa desse modelo*" - é uma explicação do que foi dito antes, ou seja, outro argumento sobre um tema já tratado: repete grande parte da informação implícita em "*as crianças precisam de modelos parentais*" e em "*vai ter sempre uma figura que vai ser para ele o pai*". As características prosódicas deste acto funcionam como um sinal de pedido de retorno: ES demonstra a sua atenção/compreensão/acordo, repetindo os últimos elementos da vez de CL que se sobrepõem à continuação da vez<sup>6</sup>.

A retoma da vez em (09) fica, assim, sobreposta à actividade de retorno de ES; para que a sua voz se sobreponha à da parceira ou para evitar que esta tome a vez, CL aumenta a intensidade da voz na retoma da vez; a parte restante do acto tem uma altura de tom global descendente-média. Estas características prosódicas repetem-se nos actos seguintes - (09+11), (12) e (14) -, excepto a intensidade, que diminui gradualmente. Estes actos são também sintacticamente idênticos. Correspondem às chamadas **baterias de acções linguísticas** (Ehlich/Rehbein, 1977) que, além de causarem no ouvinte a impressão de um ritmo marcante, transmitindo o envolvimento do falante, contribuem para uma intensificação da informação que transportam, atribuindo-lhe um elevado grau de certeza/segurança do falante relativamente ao que está a dizer.

Esta estratégia pragmática tem propriedades de tal modo focalizadoras que faz com que ES colabore na sua construção. É um pedido de uma co-participação mais activa do que um simples sinal de retorno.

De facto, ao contrário do que pareceu numa primeira fase de transcrição, o terceiro acto da sequência acima referida é iniciado por CL e continuado/terminado por ES. A parte que cabe a ES não representa uma alter-reparação, pois a falante não parece ter-se

<sup>5</sup> Cf. exemplo 27:

CL: (28) <<f> 'mas=É=apenas ` pe-la questão- (29) `que 'A ` cri`Ança-nEce'ssi'ta; (01) 'de'mo'DE-los `pa-ren'tais;

<sup>6</sup> A repetição de palavras do falante pelo ouvinte é um modo de manifestar o seu acordo (cf. Rodrigues, 1998: 177 segs.).



mostrado hesitante - apenas inspirou. Este momento foi logo aproveitado por ES para terminar a frase iniciada por CL, sujeitando-se ao ritmo e às características sintáticas pré-determinadas pela falante e impostas pela sequencialidade da vez. Assim, o elemento "tio", verbalizado por ES, encontra-se perfeitamente inserido na vez de CL não só sob o ponto de vista rítmico, mas também no que diz respeito ao nível da altura de tom e ao contorno entoacional. Neste momento, ambas as parceiras participam na construção da vez e encontram-se em sintonia de pensamento e sincronizadas no tempo.

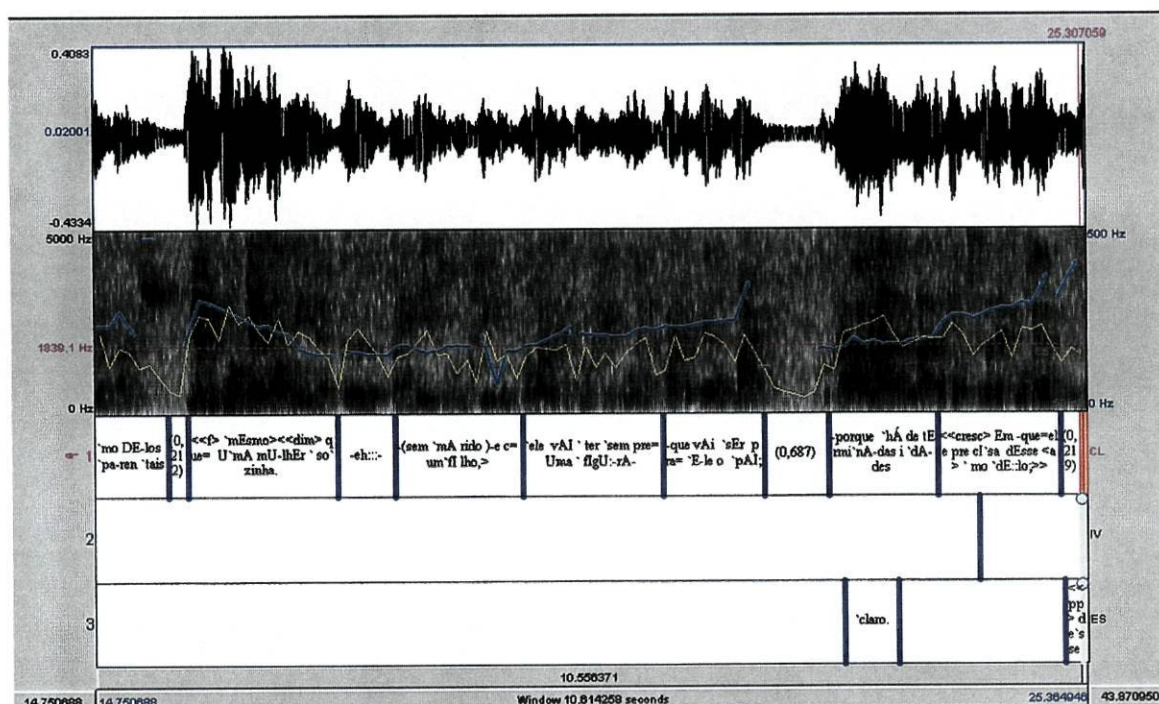


FIGURA 6/29A: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1p12 (02) - (08).

Como já referi, a informação transmitida nestes três actos relaciona-se com um tema já tratado; em cada um deles é introduzido um elemento importante ("amigo da mãe", "avô" e "tio") que pode ser interpretado como sinónimo de "modelo"; enquanto a primeira parte do acto tem uma altura de tom global descendente, o constituinte mais importante é realçado através de uma subida de tom. Recebe assim uma posição de proeminência prosódica. A realização destes três enunciados com estruturas paralelas e características prosódicas idênticas cria um padrão rítmico, de intensidade decrescente (independentemente de o acto (14) ser produzido "a meias"). Este movimento rítmico é interrompido, com certo impacto, pelo enunciado (15), cujo primeiro constituinte é verbalizado com uma intensidade de voz mais elevada e com um tom de voz mais agudo, propriedades que lhe conferem um grau de proeminência ainda maior do que o que foi atribuído aos elementos "mãe", "avô" e "tio", certamente para se sobrepor a ES, evitando que ela tome a vez. O constituinte "nada" parece desempenhar uma função de clímax, o momento de tensão que precede o ponto de uma viragem.



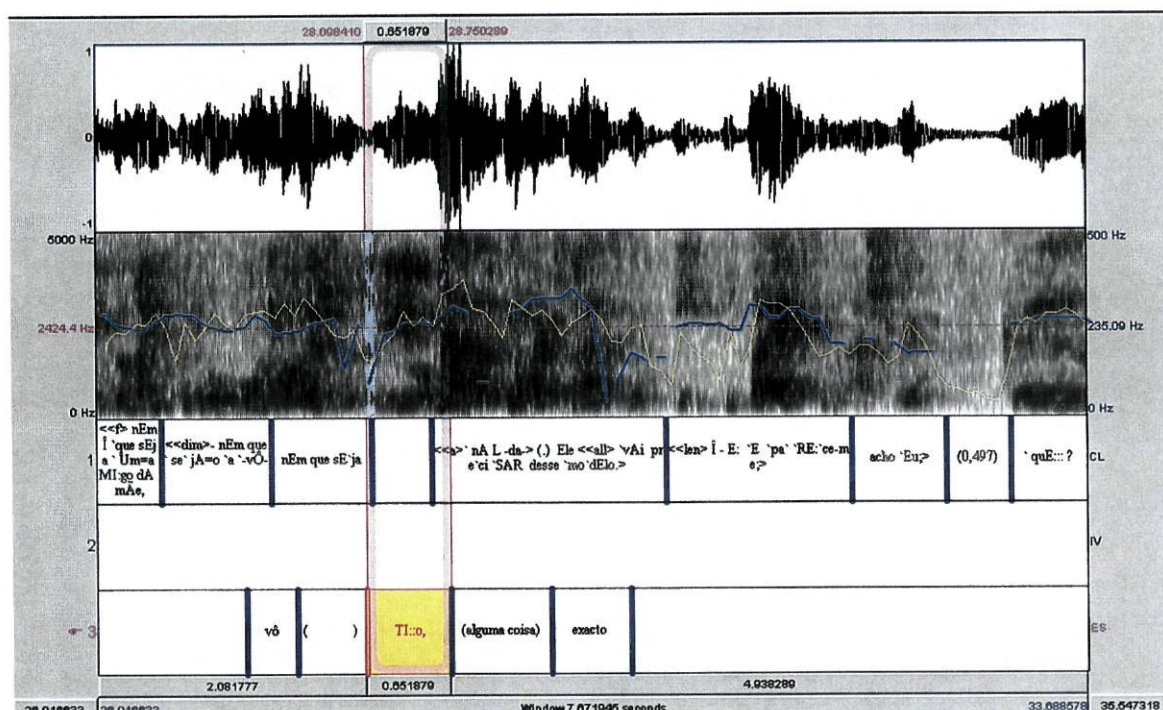


FIGURA 6/29B: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1p12 (09)- (18).

O elemento lexical "*nada*" recebe, através da prosódia, o significado de um remate, especificando que não interessa estar a especificar mais quem pode representar esse modelo. "*Nada*" parece parafrasear-se do seguinte modo: "não interessa explicar mais, o que importa é que se trate de um homem, de um elemento do sexo masculino". Para reforçar ainda a ideia apresentada nesta sequência, a falante repete a informação já transmitida em (08), a uma velocidade mais rápida por se tratar certamente de uma repetição e de um retardamento na dinâmica da conversação. Este enunciado, rematando o que foi dito, tem uma orientação retroactiva, pois refocaliza informação já tratada e reforça-a, ou seja, intensifica-a pela repetição. Constitui um acto com características de fecho, um sinal interactivo reavaliativo de conclusão.

Durante a produção deste acto, ES realiza actividades verbais de retorno. Estas terminam com a continuação da vez, em (17), apoiada pelo sinal interactivo de adição "e", produzido com uma subida abrupta de altura de tom.

O aparte metacomunicativo que se segue em (18), anúncio anteposto, informa sobre o modo como deve ser interpretado o que vai ser dito, isto é, que o significado expresso (a opinião da falante) pode não ser verdadeiro (correcto). É produzido a uma altura de tom mais baixa e com uma altura de tom global em suspenso - características prosódicas típicas de um aparte, que o destacam da fala envolvente.

Segue-se, agora, a descrição da comunicação não-verbal das parceiras nesta interacção que permitirá completar a análise da comunicação verbal:



<<f>`mEsmo><<dim> que=`U`mA - CL levanta a cabeça, fecha os olhos e volta a baixar um pouco a cabeça e a olhar para ES; levanta o braço direito para o corpo, baixa-o, a mão fica ao lado esquerdo do corpo, aberta, palma virada para o corpo, polegar esticado (IMAGENS 1, 2);

mU- - levanta um pouco a mão, sempre paralela ao corpo, polegar esticado (IMAGEM 3);

lhEr - volta a baixar a mão; roda a cabeça um pouco para a direita, olhando sempre para ES;

`so - levanta um pouco a mão e baixa-a outra vez; volta a rodar a cabeça para ES;

`zinha. - mantém a mão baixa, paralela ao corpo, polegar esticado (IMAGEM 4);

-eh:::- - CL continua a olhar para ES; levanta um pouco o braço; levanta um pouco a cabeça, sempre voltada para ES;

(-sem - - CL volta a baixar a mão até à coxa;

`mA`rido) - CL desenha com o braço e mão um semi-círculo a partir do corpo para fora, até meio da coxa (IMAGEM 5);

-e c=um`fI`lho,> - CL continua a mover a mão para a frente, numa trajectória que consiste noutro semi-círculo; a mão fica aberta, dedos esticados, palma para cima, costas da mão pousadas na coxa; a seguir inicia a fase de preparação do próximo gesto - começa a levantar de novo a mão na direcção do tronco; mantém a orientação da cabeça e do olhar (IMAGEM 6);

`ele `vAI - CL faz com a mão uma trajectória em semi-círculo, no sentido contrário ao último; levanta um pouco a cabeça e semicerra os olhos (IMAGEM 7);

`ter `sem`pre= - CL move a mão de novo para a frente, mas pára e pausa a mão antes de terminar o semi-círculo da trajectória;

=Uma ``fI - CL contiua o semi-círculo da trajectória até aos joelhos, pousando as costas da mão na coxa; roda a cabeça cerca de 90° para a direita, olhando para ES (IMAGENS 8, 9);

gU:-rA- - mantém esta posição da mão; vira a cabeça para a esquerda, para IV, que mantém a cabeça inclinada para baixo, olhar dirigido para o chão (IMAGEM 10);

-que vAi ``sEr - CL move a mão de novo para o corpo, sem levantar o braço (trajectória rente à coxa); olha para ES e vira de novo a cabeça na sua direcção (IMAGEM 11);

`pra=`E-le - CL move de novo as mãos para a frente e pausa as costas da mão na coxa (IMAGEM 12);

o ``pAI; - mantém a mão pousada nesta posição, olhos abertos (parecem estar orientados para ES); CL abana várias vezes com a cabeça (IMAGEM 13);

(0,687) - CL mantém a posição; no final da pausa começa a mover a mão (levantando-a); no PT, ES acena com a cabeça, a seguir verbaliza um sinal de acordo, que se sobrepõe à retoma da vez de CL; ES continua a apoiar a vez de CL com acenos até ao próximo sinal verbal de retorno em (10);

-porque [hÁ de'tErmí - CL roda a cabeça para IV (que continua a olhar para baixo); move a mão para trás e levanta também o braço esquerdo, move ambas as mãos para a frente do corpo, palmas viradas para o corpo, dedos afastados; roda de novo a cabeça para ES (IMAGENS 14, 15);

`nA] - CL baixa ambos os braços mantendo a mesma posição de mãos (lado a lado, palmas viradas para o corpo); CL vira de novo a cabeça para IV (IMAGEM 16);

-das i`dA-des- - CL vira de novo a cabeça para ES e olha para ela; CL levanta os braços (IMAGEM 17);

<<cresc>'Em -que= CL levanta ainda mais os braços, encosta as mãos uma à outra, costas com costas, à frente do peito, dedos afastados, virados para cima; baixa um pouco mais a cabeça, olhando para ES; inicia um aceno com a cabeça (IMAGEM 18);

ele pre'CI'sa - CL baixa um pouco mais os braços, mantendo as mãos nesta posição (perpendiculares aos braços, ângulo de 90° no pulso); simultaneamente acena com a cabeça; continua a olhar para ES (IMAGEM 19);

`dEsse - CL sobe um pouco mais e volta a baixar os braços, ficando com o pulso direito apoiado na coxa esquerda, o resto da mão perpendicular, dedos da mão esquerda entrelaçados com os da mão direita, palma voltada para cima; continua a acenar com a cabeça (IMAGEM 20);

<a>`mo`dE::lo;>> - CL volta a levantar um pouco e a baixar de novo as mãos unidas nesta posição; continua a olhar para ES; ES continua a olhar atentamente para CL, tronco inclinado para a frente, e emite um sinal de retorno; IV continua a olhar para baixo, cabeça inclinada para baixo, braços cruzados (IMAGEM 21);

[(0,219) - CL sobe um pouco mais as mãos e vira as pontas dos dedos para o corpo; roda a cabeça um pouco para a esquerda, fechando os olhos;

<<f>'nEm - CL aproxima mais as mãos do corpo (fase de preparação de um gesto), enquanto roda mais a cabeça para a esquerda (IMAGEM 22);

↑`que sEja ``Um=aMI:go - CL move os braços de novo para cima/frente, numa trajetória circular, ao mesmo tempo que roda a cabeça de novo para a frente e orienta os olhos para ES (IMAGEM 23);



dA 'mãe,- CL aproxima de novo as mãos do tronco, rodando os dedos para baixo, enquanto começa a virar um pouco a cabeça para a esquerda; ES retoma a sua actividade de retorno não-verbal acenando com a cabeça (IMAGENS 24, 25);

<<dim>- nEm que` se`jA=o - partindo desta posição, CL inicia outra trajectória circular com as mãos/braços para o corpo/cima+frente/cima, continuando a virar um pouco mais a cabeça para a esquerda e, em seguida, de novo para a frente (executa uma espécie de semi-círculo para o lado esquerdo/frente com a cabeça) (IMAGEM 26);

`a`-vô- - aproxima as mãos do corpo, rodando os dedos para baixo; ES continua a acenar com a cabeça (IMAGENS 27, 28, 29);

[`nEm que sE`ja] - partindo desta posição, inicia outra trajectória circular com as mãos/braços para cima/frente, voltando também a virar a cabeça para a esquerda e de novo para a frente; desta vez o círculo é mais pequeno: as mãos não descem mais do que até ao nível do peito (IMAGENS 30, 31);

actividade de retorno de ES: o'TI::o, - CL aproxima os dedos do corpo, ao mesmo tempo que roda a cabeça para a esquerda (as pontas dos dedos ficam mesmo abaixo do pescoço) - esta posição representa uma fase de preparação para o próximo golpe de gesto que acompanha "nada" (IMAGENS 32, 33);

[<<a>`nA - CL vira a cabeça para a frente e move os braços/mãos para a frente, mantendo a mesma configuração dos dedos entrelaçados (IMAGENS 34, 35);

↓-da->](.) - CL faz um segundo movimento semi-circular para a frente (a palavra "nada" foi realizada ao mesmo tempo que um golpe de gesto numa trajectória global semi-circular, subdividida em duas trajectórias mais pequenas, também semi-circulares); ES realiza uma actividade verbal de retorno precedida e acompanhada por acenos (IMAGEM 36);

`Ele[<<all>`VAI `pre`ci- olhando sempre para ES, CL realiza alguns acenos enquanto baixa um pouco mais as mãos, mantendo sempre os dedos entrelaçados; este momento coincide com um comentário de retorno de ES (16); ES continua a acenar com a cabeça (IMAGENS 37, 38, 39);

`SAR `desse]`mo`dElo.> - CL roda as mãos de novo para dentro e aproxima-as mais do corpo; em "mo-" fecha os olhos, em "-delo" abre-os e olha para ES e ergue as sobrancelhas; também em "-delo" roda as mãos um pouco para cima; ES continua a acenar com a cabeça (IMAGEM 40);

<<len>↑-E: - CL fecha e abre os olhos, orienta-os para cima, mantendo as sobrancelhas erguidas;

`E `pa- mantendo esta posição das mãos, a orientação dos olhos e as sobrancelhas erguidas, CL encolhe ligeiramente os ombros;

`RE: `ce-me=> - CL aproxima um pouco as mãos do corpo;

`acho `Eu; - CL inclina um pouco a cabeça para a esquerda/baixo (como se encolhesse o ombro esquerdo);

(0,497) - CL roda as palmas das mãos (as mãos estavam juntas, costas com costas) para baixo, ficando voltadas para o corpo, dedos entrelaçados virados para o corpo; olha em frente, cabeça orientada para a frente;

`quE::: - mantém posição;

↓-Es'tA' eh - CL volta a rodar os dedos entrelaçados para cima;

(ver imagens do exemplo 30).

**Acento / ritmo / ênfase vs. gesto / movimento da cabeça:** os constituintes do acto (02) são acompanhados por um gesto que lhes atribui uma nova localização no espaço gestual da falante: em "*mesmo*", a mão direita aproxima-se do corpo; há depois dois movimentos consecutivos cima/baixo que coincidem com a verbalização dos elementos "*mulher*" e "*sozinha*"; os movimentos da mão/braço, que consistem numa trajectória semi-circular com a orientação frente/tronco e em duas trajectórias duplas curtas (cima/baixo) junto do tronco, contribuem para a marcação do ritmo da fala. A modalidade gestual está sincronizada com o movimento da cabeça: uma pequena rotação para a direita e de novo para a frente. Como acontece na maior parte dos casos descritos sob 4., durante a hesitação (03), há uma paragem tanto do gesto (congelamento) como da cabeça.

O primeiro constituinte do acto (03) é localizado gestualmente como um pouco mais afastado do tronco (a meio da coxa), o segundo quase junto ao joelho; trata-se de um gesto composto por duas unidades distintas: dois semi-círculos no mesmo sentido. O movimento da cabeça consiste também em duas pequenas deslocções: uma para cima, que coincide com a verbalização do primeiro constituinte; outra para baixo, que coincide com a verbalização do segundo. Sendo assim, neste caso o ritmo da fala é apoiado pelo movimento rítmico de duas modalidades não-verbais: pelos movimentos da cabeça (no eixo vertical, em movimentos de orientação oposta) e pelo gesto (no eixo horizontal, em movimentos de trajectória semi-circular no mesmo sentido).

O acto que se segue (04) é acompanhado por três batidas gestuais<sup>7</sup>, sendo estes movimentos verticais realizados ao longo de um eixo horizontal. Estas batidas coincidem com a realização das sílabas acentuadas "*vAI*", "*pre=U*" e "*fI-*". A primeira batida representa a fase final de uma trajectória na direcção do corpo; a segunda, de uma trajectória para a frente, a terceira, de uma trajectória ainda mais para a frente. Também neste caso os movimentos da cabeça acompanham a orientação do gesto: quando o braço se aproxima do corpo, CL vira a cabeça para a esquerda, lado para onde aponta a mão; quando move a mão para a frente, orienta a cabeça também para a frente.

No acto (05) a marcação de ritmo já não é tão intensa: gestualmente o ritmo antecedente é mantido: em "*ser*" a mão é movida para junto do tronco; em "*ele*" de novo para junto do

---

<sup>7</sup> Para simplificar a descrição deste movimento que muitas vezes reúne as propriedades dos gestos batuta e dos gestos referenciais (cf. Müller, 1998), chamo **batidas de gesto** (ou **batidas gestuais**) ao ponto terminal de um golpe de gesto em que a mão bate contra uma superfície.



joelho; para focalizar a palavra "*pai*", a mão mantém-se aberta, com a palma voltada para cima, pousada na coxa. Este gesto tem uma capacidade focalizadora idêntica, por exemplo, a um erguer de sobrancelhas. É susceptível de criar um campo de mostração à frente do falante, onde tudo o que é dito tem uma grande importância. A produção deste acto também foi acompanhada por movimentos da cabeça - uma ligeira rotação para o lado esquerdo e de novo para a frente. Nesta posição, a falante realiza ainda uma série de abanos que têm a função de reforçar a sua opinião contra, porque estes abanos não se relacionam directamente com o conteúdo expresso pelo enunciado verbal, mas sim com uma informação transmitida antes sobre a atitude da falante.

No acto (06) CL inicia uma explicação que necessita do seu maior envolvimento. Para isso, a falante gesticula com ambas as mãos. No momento de continuação da vez, iniciada pelo sinal interactivo argumentativo "*porque*", as mãos de CL, localizadas à frente do corpo, ficam numa configuração tensa, formando uma espécie de recipiente (contentor). Esta posição anuncia a importância e seriedade da informação que vai ser transmitida. São, ainda, um indicador de um maior envolvimento da falante. Também aqui, o ritmo da frase é reforçado pelos gestos que marcam, desta vez, não só as sílabas acentuadas, mas quase todas as sílabas. É o que acontece com as sílabas "*mi-na-das-idades*" que coincidem com movimentos alternados dos braços e das mãos (semi-abertas), nas direcções corpo/cima e frente/baixo. Neste caso o movimento da cabeça parece ter outra função: não a de estar envolvido na marcação do ritmo, mas sim, uma função ligada à orientação do olhar: CL olha alternadamente para IV e para ES. Este comportamento pode ter a ver com o facto de CL estar a dar informações que também fazem parte do saber de IV, pretendendo certificar-se de se esta está de acordo com o que está a ser dito. Este exemplo mostra como a interpretação de todo o contexto e de todas as actividades em simultâneo é indispensável para a classificação das unidades de comunicação gestual.

No enunciado (08), a ênfase gestual acompanha a ênfase prosódica. As mãos de CL têm uma nova configuração: juntas, à frente do corpo, na vertical, costas com costas, dedos ligeiramente abertos e esticados. Os elementos verbais pronunciados durante a realização deste gesto são "*ele precisa*". Aqui os movimentos das mãos acompanham o ritmo da fala: cada sílaba acentuada é marcada por um movimento, alternadamente para cima e para baixo: ele↑ - preci↓ - sa↑. Esta noção de "precisar de alguma coisa", de "necessidade", é transmitida pela pressão com que a falante junta as mãos. Sendo assim, este gesto reforça o significado da palavra "*precisar*". Por sua vez, os movimentos da cabeça - uma série de acenos - servem como elementos intensificadores desse mesmo conteúdo. Os elementos verbais que se seguem - "*desse modelo*" - são acompanhados por um ligeiro baixar para a frente das mãos (que mantêm a mesma configuração), de tal modo que os dedos se entrelaçam. Em "*modelo*", a descida atinge uma amplitude máxima, as palmas das mãos para cima, um gesto de abertura e mostração.

A continuação da actividade de gesticulação durante a pausa vazia que se segue a este acto é um indicador de que a vez de CL ainda não terminou - sinal de manutenção de vez. Este momento coincide com uma série de acenos de ES, através dos quais a ouvinte



exprime o seu acordo para com a falante - sinais de realimentação. No que diz respeito à orientação do olhar, em todo este acto há sempre contacto visual entre CL e ES.

Na sequência de enunciados com características sintácticas e prosódicas paralelas - (09-11), (12) e (14) - em que, sob o ponto de vista prosódico, se instaura um padrão rítmico, a fala é acompanhada por gestos idênticos, que reforçam a marcação do ritmo. Estes gestos consistem em movimentos circulares (frente/cima+frente/baixo+tronco/baixo+tronco/cima+frente/cima) das mãos, unidas costas com costas e com os dedos entrelaçados. Constata-se que, no caso do enunciado (14), em que há uma divisão de tarefas, CL executa um gesto idêntico aos que executara antes, ao mesmo tempo que começa o enunciado; quando inspira, ES verbaliza o resto. O elemento "tio" encontra-se não só perfeitamente integrado no enunciado sob o ponto de vista rítmico e prosódico, mas também sincronizado com o gesto de CL, que é idêntico aos gestos que acompanham a verbalização de "mãe" e de "avô".

Os elementos verbais pronunciados com maior ênfase prosódica ("mãe", "avô" e "tio") estão sincronizados com o segmento da trajectória do gesto que começa em tronco/cima e continua em frente/cima+frente/baixo+tronco/baixo; esse ponto (tronco/baixo) coincide com o momento em que a falante vira a cabeça um pouco para a esquerda, como se tomasse balanço para a realização do movimento que vai acompanhar o acto seguinte (cf. imagens 25, 29 e 33).

O enunciado (15), que serve de remate a esta série tripla e que interrompe o ritmo instaurado, é acompanhado por uma comunicação não-verbal ainda mais enérgica, sobretudo no que diz respeito ao movimento da cabeça que acompanha a verbalização de "nada": rotação para a esquerda e de novo para a frente, ao mesmo tempo que move as mãos para a frente, num segmento correspondente a um quarto da trajectória antecedente. A continuação do movimento, que corresponde ao segundo quarto da trajectória, processa-se a uma velocidade mais lenta e está sincronizada com a parte restante do enunciado. O conteúdo deste é reforçado por vários acenos com a cabeça. Toda esta sequência funciona como um pedido de retorno.

**Aparte/hesitação:** a intensa actividade de retorno de ES termina com a continuação da vez de CL, introduzida pelo sinal interactivo de adição "e", realizado com uma subida abrupta de altura de tom (cf. Figura 6/29b). Este acto, produzido a uma velocidade mais lenta, é interrompido para a introdução de um aparte (18). Durante o aparte, cujo conteúdo é reforçado por um encolher de ombros, o gesto fica congelado: as mãos em suspenso mostram que a vez vai continuar (sinal de manutenção de vez).

Durante a pausa vazia a seguir ao aparte e ao prolongamento em "que", as mãos mantêm a mesma configuração, mas descem um pouco, para voltarem a subir depois da superação da hesitação. Sendo assim, pausa vazia e a hesitação são abrangidas pela mesma unidade gestual e constituem uma fase de hesitação.

**Pedido de retorno / retorno:** o momento correspondente ao final do acto (05), marcado por vários fenómenos de focalização, constitui um sinal de pedido de retorno complexo,



composto por sinais emitidos por várias modalidades. Este sinal não é constituído apenas pelas características prosódicas (altura de tom e pausa vazia) da fase terminal deste acto, mas também por fenómenos não-verbais: o olhar orientado para a parceira, os abanos de cabeça e o gesto final congelado (palma da mão voltada para cima) têm, indubitavelmente, uma influência importante sobre ES.

Observando a transcrição da fala, a actividade de retorno de ES - em (05) - parece ter sido emitida com certo atraso, fora do ritmo esperado. No entanto, a actividade da ouvinte já começara antes, no PT, em forma de acenos de cabeça; a expressão verbal de acordo representa a continuação desta actividade de retorno.

Ao longo de vários actos da vez de CL, ES mantém uma actividade de realimentação intensa, composta sobretudo por acenos com a cabeça e emissão de sinais verbais de acordo (repetições de partes dos enunciados de CL e apoio à construção da vez). Será que esta se deve a sinais de pedido de retorno emitidos por CL, como em (05)? Ou terá mais a ver com outros factores externos ao tema da conversação, como, por exemplo, o facto de CL ter iniciado uma explicação sobre um assunto que ES já compreendera?

Na minha opinião, embora os sinais de pedido de retorno sejam fundamentais para a manifestação de atenção/compreensão/acordo por parte do ouvinte, o estado sócio-cognitivo<sup>8</sup> do ouvinte e a sua relação com o falante é que acabam por determinar a intensidade da actividade de retorno. Atendendo ao desenvolvimento temático desta conversação e ao que se pôde observar para cada um dos interactantes no que diz respeito ao seu estado mental, à sua opinião relativamente aos temas tratados e à sua relação com as parceiras, nota-se que ES tem necessidade de se aproximar de CL, mostrando acordo e empatia. Isso é conseguido através da actividade de realimentação da vez de CL.

---

<sup>8</sup> Cf. parte II, 2.4.



1 MES-



2 -MO



3 MULHER



4 SOZINHA



5 (SEM MARIDO)



6 UM FILHO



7 ELE VAI



8 UMA FI-





9 -GU-



10 -RA



11 QUE VAI



12 PRA ELE



13 O PAI



14 PORQUE HÁ



15 DETER-



16 -MINADAS



17

IDADES



18

EM QUE ELE



19

PRECISA



20

DESSE



21

MODELO



22

NEM



23

AMIGO



24

DA





25

MÃE



26

SEJA



27

O



28

AV-



29

-O



30

NEM



31

SEJA



32

ES: O



33

ES: TIO



34

NA-



35

-A-



36

-DA



37

ELE



38

VAI



39

PRECISAR



40

MODELO



#### 6.4 Exemplo (30): SEQUÊNCIA DE FRASES COM CARACTERÍSTICAS FORMAIS E ROSÓDICAS IDÊNTICAS (INTERROGAÇÕES)

|         |     |                                                                     |
|---------|-----|---------------------------------------------------------------------|
| 1p12-17 | CL: | <<len>↑-E: `E `pa``RE: `ce-me=>                                     |
| 1p12-18 |     | `acho `Eu;                                                          |
| 1p12-19 |     | (0,497) ``quE:::? ↓-Es'tA'                                          |
| 1p12-20 |     | eh `U-ma `crI`An`ça ↓`que ``vi`va `num<br>`lAR`com dOis==`hO`mens.  |
| 1p12-21 |     | (0,318) `mEs`mo `que ``Um: (.) -a``ssU'                             |
| 1p12-22 |     | <<all>`E `de-pOis -lÁ es'tÁ:;=                                      |
| 1p12-23 |     | =é que `tEm=`E`ssa `ques``tão,>                                     |
| 1p12-24 |     | 0,099)-quEm=É que= Assume o`quê;                                    |
| 1p12-25 |     | -papEL de ``mÃe?                                                    |
| 1p12-26 |     | -e o outro`-vAi -assumir `o<br>[-pa`pel ↑-de `pA-i- (0,366)]        |
| 1p12-27 | ES: | [ eu eu também exacto]                                              |
| 1p12-28 | CL: | `Ou`vAi=Assu [mir o`pa`pEl<<ff>`pa`ssI-<br>vo>`E=outro`É=-a`ctIvo?] |
| 1p12-29 | IV: | [(<<p>mm.(.) não- assumem o de pai.>]                               |
| 1p12-30 | CL: | (.)[<<f>`ou -Ambos] `a`ssUMEm o de `pA:↓-i- >                       |
| 1p12-31 | ES: | [<<pp>pois>]                                                        |
| 1p12-32 | CL: | <<a>`en`-tÃO? -vai fAl'tar A`LI `sempre `um:<br>``MO`dE[`lo>]       |
| 1p12-33 | ES: | [ ( ) ]                                                             |
| 1p12-34 | CL: | <<p>`vai faltAr sempre ali um mo`de`lo;>                            |
| 1p12-35 |     | (0,410) `e `quEm `vAi `ser=Esse `mo[`dE-lo-]                        |

Após uma auto-reparação para introdução de dois anúncios - (22) e (23) -, já descritos no exemplo 9, CL verbaliza uma série de interrogações. Como estes enunciados são importantes, tanto pela sua força argumentativa, como pela sua função de manutenção de vez, interessa explorá-los melhor.

Sob o ponto de vista formal, encontram-se os seguintes tipos de frases interrogativas. Em (24), uma interrogativa parcial, através da qual a falante questiona a distribuição dos papéis de mãe e de pai. Seguem-se várias frases interrogativas totais que se encontram agrupadas aos pares, pois, sob o ponto de vista temático, referem-se alternadamente aos dois aspectos em questão: aos papéis que podem ser assumidos pelos dois elementos de um casal de homossexuais. Em (25), ocorre a primeira interrogativa total, com forma

elíptica, relativa ao papel de mãe. Em (26), a segunda interrogativa total, relativa ao papel de pai. Estas duas interrogativas põem em causa a ideia de que "um assume o papel de mãe, e o outro assume o papel de pai". Em (28), encontram-se mais duas frases interrogativas totais, que exprimem a dúvida sobre uma ideia alternativa à primeira, cujo conteúdo, de certo modo, parafraseiam: "um assume o papel passivo, e o outro assume o papel activo". (30) representa um enunciado do mesmo tipo, através do qual a falante exprime outra ideia alternativa, aliás, acabada de ser enunciada por IV no seu comentário em (29): *"ambos assumem o papel de pai"*.

Estas interrogações são um meio eficaz de apresentar vários argumentos de modo a permitir e (orientar para) a escolha de um. Por isso, a ordem desses argumentos não parece ser arbitrária: pelo contrário, encontram-se dispostos numa sequência que vai do menos plausível ao mais plausível. Tendo sido realizado em último lugar, o argumento que representa a opinião da falante é o mais plausível e, fica, sob o ponto de vista comunicativo, numa posição mais focalizada do que os primeiros (na última parte de uma série). Deste modo, estas interrogações funcionam como dispositivos argumentativos não-impositivos, a que a falante recorre para justificar a sua opinião e influenciar as ouvintes no sentido de estas poderem vir a concordar com ela (a situação preferida na interacção).

O carácter não-impositivo deste tipo de estratégia argumentativa está ligado ao facto de os argumentos serem apresentados em forma de frases interrogativas. Esta forma revela que a falante tem necessidade de obter um conhecimento e faz um apelo (indirecto) às ouvintes, ou a si própria, para que lhe satisfaçam essa necessidade. Através delas, a falante exprime a sua dúvida e procura uma resposta; simultaneamente, convida as ouvintes a uma participação mais activa no raciocínio e a tirar as suas próprias conclusões de livre vontade. Estas características fazem com que estas frases interrogativas tenham o valor ilocutivo de perguntas.

Estas interrogações não parecem, contudo, ter sido feitas para obter uma resposta por parte das ouvintes. Assim sendo, apresentam características comuns às perguntas retóricas do discurso monológico<sup>9</sup>. Como já foi mencionado na parte II, 5.2.2.5, as perguntas retóricas fazem apelo a um saber comum entre falante e ouvinte e fazem com que o ouvinte colabore mais activamente na interacção. Neste caso, através da produção desta sequência de "perguntas", a falante faz com que as ouvintes participem activamente no seu raciocínio, convida-as a reflectir sobre uma dada questão e a tirar as suas próprias ilações. Por sua vez, as ouvintes ficam com a impressão de terem reflectido sobre o assunto e chegado a uma conclusão, sem que tivessem sido influenciadas pela falante.

---

<sup>9</sup> Não se devia talvez chamar a estes enunciados interrogativos perguntas retóricas, visto a questão da retoricidade na interacção verbal ainda estar pouco estudada. Meibauer (1986: 181) salienta a falta de investigação das perguntas retóricas em situações dialógicas, em que, embora a pergunta não tenha em vista a obtenção de uma resposta, provoca a realização de sinais de retorno de acordo e de desacordo por parte dos ouvintes.



Se uma destas frases interrogativas pode ser comparada com, e funcionar como uma pergunta retórica, a sequência de frases interrogativas pode-se fazer corresponder às baterias de perguntas retóricas, referidas na parte II, 5.2.2.5. Estas são usadas como um meio de melhorar a eficácia da pergunta retórica, aumentando também a sensação da existência de um saber comum entre falante e ouvintes e fazendo com que os ouvintes participem de um modo mais activo no que está a ser dito. Como as perguntas retóricas, esta sequência de interrogações com um cunho de retoricidade funciona como uma estratégia argumentativa eficaz.

Sob o ponto de vista prosódico, as frases interrogativas apresentam características diferentes das interrogações não-marcadas: nas três sequências de interrogações formadas por (25) + (26), (28) e (30) verificam-se dois picos de proeminência prosódica, o primeiro com uma ligeira subida de altura de tom e aumento de intensidade, o segundo com uma descida e subida de altura de tom mais brusca e um aumento de intensidade da voz. No primeiro pico, a intensidade é mais elevada do que no segundo. Estes picos correspondem à realização dos elementos "*mãe*", "*pai*", "*passivo*", "*activo*", "*pai*", que focalizam, isto é, que colocam numa posição de proeminência (note-se, ainda, que os aumentos maiores de intensidade de voz coincidem com as actividades de retorno das parceiras, como se pode ver na Figura 6/30a). Numa pergunta "normal", não-marcada, o primeiro pico parece não se verificar. Além disso, a repetição de contornos entoacionais indênticos causa também um efeito de ritmo mais forte que, por sua vez, contribui para a focalização local do que está a ser dito, mantendo as ouvintes atentas. Assim sendo, as propriedades prosódicas destas interrogações são pistas de contextualização importantes para a "retoricidade" destas fases interrogativas, ou seja, contextualiza-as como perguntas que não foram feitas para obter uma resposta, mas sim apenas para servir os propósitos argumentativos do falante.

Concluindo, ao apresentar os argumentos em forma de frase interrogativa, a falante conduz a interacção de acordo com os seus interesses, influencia o raciocínio das parceiras e mostra como o seu próprio ponto de vista é lógico e evidente. Como se pode ver, no enunciado (29), IV chega a responder à "pergunta" de CL do modo pretendido por esta; e no enunciado (31), ES produz um sinal de realimentação<sup>10</sup>. Deste modo, a constatação de que "ambos assumem o papel de pai" não surge como imposta pela falante, mas como uma conclusão lógica tirada pela própria IV com base na informação apresentada por CL e aprovada por ES. Consequentemente, a dedução final - "*vai faltar ali sempre um modelo*" é apresentada como sendo também do consenso das parceiras; como se pode ver, o ponto de vista da falante não lhes foi imposto, elas limitaram-se a aceitá-lo. CL pode continuar a sua argumentação, mantendo a razão e, também, a vez.

A vez de CL termina com um novo enunciado interrogativo depois da repetição (eco) da sua conclusão - "*então vai faltar sempre ali um modelo*" (34). Por um lado, esta repetição reforça a ideia expressa; por outro lado, sendo um tipo de pausa cheia, anuncia a proximidade de uma cedência de vez, que pode estar relacionada com a reclamação de vez de ES em (33), que precede a sua tomada de vez em (36).

---

<sup>10</sup> Cf. nota de rodapé 9.

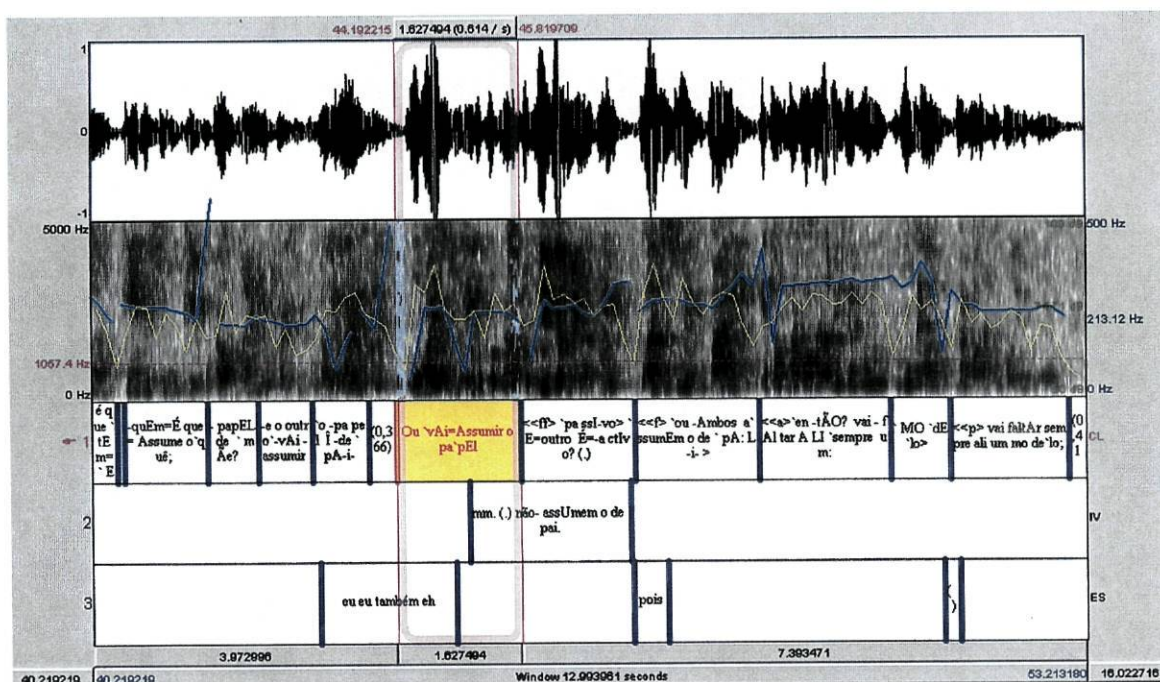


FIGURA 6 / 30A: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1p12 ((25) - (34))

Convém agora analisar mais detalhadamente a comunicação não-verbal correspondente a esta passagem:

<<len>↑-E: - CL fecha e abre os olhos, orientando-os para cima e mantendo as sobrancelhas erguidas (IMAGEM 1);

`E `pa- mantendo a posição das mãos, a orientação dos olhos e as sobrancelhas erguidas, CL encolhe ligeiramente os ombros (IMAGEM 2);

`RE: `ce-me=> - CL aproxima um pouco as mãos do corpo (IMAGEM 3);

`acho `Eu; - CL inclina um pouco a cabeça para a esquerda/baixo (como se encolhesse o ombro esquerdo) (IMAGEM 4);

(0,497) - CL roda as palmas das mãos (as mãos estavam juntas, costas com costas) para baixo, ficando com elas voltadas para o corpo, dedos entrelaçados virados para o corpo; olha em frente, cabeça orientada para a frente (IMAGEM 5);

`quE:::? - mantém a posição (IMAGEM 6);

↓-Es'tA' eh - CL volta a rodar os dedos entrelaçados para cima (IMAGEM 7);

eh 'U-ma `crI'An`ça - CL faz duas pequenas trajetórias circulares com as mãos, mantendo a configuração antecedente (costas com costas, dedos entrelaçados) (IMAGEM 8);



↓que `vi`va `num `Lar - CL aproxima as mãos do corpo (IMAGEM 9);

`com dOis=`hO`mens - CL vira as mãos e fecha-as em punho e empurra-as para a frente, alcançando a maior amplitude em "ho"; logo a seguir, volta a aproximá-las um pouco do corpo (IMAGENS 10, 11);

(0,318) `mEs`mo `que - CL aproxima as mãos do corpo, mantendo a mesma configuração, e vira a cabeça para a esquerda (IMAGEM 12);

`Um:- CL está a olhar para baixo; faz um gesto do corpo para a frente (na direcção dos joelhos), com as mãos fechadas e os punhos unidos<sup>11</sup>, virados um contra o outro (IMAGEM 13);

-a`ssU'- CL entrelaça as mãos, palmas voltadas para o corpo, numa configuração côncava, e aproxima-as do lado direito do corpo. CL fecha os olhos, levanta as sobrancelhas e vira a cabeça ligeiramente para a direita (IMAGENS 14, 15, 16);

<<all>`E `de-pOis - CL levanta mais os braços e afasta as palmas das mãos, ficando com as pontas dos dedos entrelaçadas, palma direita voltada para o lado esquerdo; mantém as sobrancelhas erguidas; cabeça voltada para a frente (IMAGEM 17);

-lÁ es`tÁ:;= - CL vira agora as mãos para o outro lado (direito), sempre com os dedos entrelaçados; mantém as sobrancelhas erguidas; vira a cabeça um pouco para a direita e olha para baixo (IMAGEM 18);

=é que `tEm= - CL endireita as mãos à frente do corpo, fechadas, polegares e indicadores quase esticados, os outros dedos entrelaçados (IMAGEM 19);

`E`ssa `ques` ``tão,> - CL baixa um pouco os braços mantendo a mesma posição de mãos; no fim da verbalização destes elementos, baixa as sobrancelhas; em "essa", levanta um pouco a cabeça e olha para ES (IMAGEM 20);

(0,099) - mantém posição;

-quEm=É que= -Assume - CL move a cabeça numa trajectória circular (cima/lado esquerda/baixo); tem os olhos semi-cerrados; em "quem é" vira as palmas das mãos para a direita; em "que assume", vira as palmas das mãos para a esquerda (IMAGENS 20, 21);

o`quê; - inclina a cabeça um pouco para o lado direito; vira as palmas das mãos para a direita e baixa um pouco as mãos; em "o", ergue um

---

<sup>11</sup> CL já fizera este gesto para acompanhar a verbalização de "homens", "homossexuais" e "adopção". O gesto serviu de elemento coesivo para a localização destes elementos lexicais perto dos joelhos da falante, ou seja, o mais afastado possível do seu corpo. Pode-se concluir que, além de contribuir para a coesão do discurso, este gesto não só cria uma localização espacial fictícia para os conceitos/objectos que se refere, mas também mostra aspectos da subjectividade do falante relativamente a esses conceitos/objectos. Essa distância subjectiva está também patente no uso do pronome demonstrativo "essa", que refere a alguma coisa que se encontra afastada do falante (e também do ouvinte). Deste modo, CL mostra, inconscientemente, que "essa questão" é um assunto que lhe é pouco agradável.

pouco as sobancelhas; mesmo no final da verbalização de "quê", começa a inclinar a cabeça um pouco para o lado esquerdo (IMAGEM 23);

-papEL de - CL inclina o tronco e a cabeça para a esquerda; orienta os olhos para ES; move os braços e vira as palmas das mãos com os dedos entrelaçados para a esquerda; em "pel" endireita a cabeça (IMAGEM 24);

``mÃe? - logo a seguir à verbalização de "mãe", CL começa a mover os braços para a direita; continua a olhar para ES (olhos ao canto esquerdo); inclina a cabeça para a esquerda (IMAGEM 25);

-e o outro - CL continua a mover os braços e as mãos para a direita, ficando com as palmas viradas para o lado direito, dedos entrelaçados; inclina o tronco, depois a cabeça para a direita; continua a olhar para ES (olhos ao canto direito) (IMAGEM 26);

`-vAi -assumir `o [-pa'pel ↑-de `pA-i- - CL mantém a postura e a posição dos braços e mãos, mantém o olhar orientado para ES e realiza uma série de abanos com a cabeça; (sobreposição com actividade de retorno de ES; IV mantém a mesma postura); (IMAGENS 27, 28, 29);

(0,366)] - CL começa a virar a cabeça para a esquerda; ES encolhe ligeiramente os ombros e emite um sinal de retorno (IMAGEM 30);

'Ou`vAi=Assu - CL inclina a cabeça para a esquerda, move os braços para a esquerda e vira as palmas das mãos também para esse lado; continua a olhar para ES (olhos ao canto esquerdo) (IMAGENS 31, 32, 33);

[mir o 'pa'pEl - CL inclina o tronco para o lado direito, move os braços para a direita e vira as mãos para o lado direito; vira a cabeça para o lado esquerdo e depois para ES; (actividade de retorno de IV) (IMAGEM 34);

<<ff>`pa'ssI-vo> - CL move os braços para a esquerda e vira as palmas das mãos para a esquerda; inclina o tronco para a esquerda (IMAGENS 35, 36);

`E=outro'É=-a'ctIvo?] - CL endireita o tronco, orienta a cabeça para ES (para a frente) e move os braços para a direita, vira as palmas das mãos para o lado direito; olha para ES (IMAGENS 37, 38, 39);

[<<f>`ou -Ambos] - CL move os braços para cima/esquerda e vira as palmas das mãos para o lado esquerdo (trajectória com menos amplitude do que as antecedentes); levanta um pouco a cabeça enquanto olha para ES (IMAGEM 40);

`a'ssumEm (coincide com o sinal de retorno de ES) - CL move os braços para a direita e vira a palma da mão direita para cima, a da esquerda para baixo; orienta o olhar para cima; (IMAGEM 41);

o de - CL mantém a posição de braços/mãos; vira a cabeça para ES e olha para ela;

`pA:↓-i- > - CL move os braços para a esquerda e vira as palmas das mãos para a esquerda; a seguir à verbalização de "pai", CL ergue as



sobrancelhas e orienta o olhar para cima; move os braços para o meio, à frente do corpo (IMAGEM 42);

<<a>`en'-tÃO? - partindo da posição de braços anterior (braços paralelos à frente do corpo, mãos juntas em punho, dedos entrelaçados e fechados), CL vira as palmas das mãos para a esquerda; orienta o olhar para ES; mantém as sobrancelhas erguidas (IMAGEM 43);

-vai fAl- - CL vira as palmas das mãos para a direita; vira a cabeça um pouco para o lado direito; mantém as sobrancelhas erguidas (IMAGEM 44);

`tar - CL baixa as sobrancelhas; vira as palmas das mãos para a esquerda; vira a cabeça de novo para a frente (ES), um pouco inclinada para a direita (IMAGEM 45);

A'LI - CL vira as palmas das mãos para a direita; (IV levanta a cabeça e olha para CL);

`sempre - CL vira as palmas das mãos para a esquerda; inicia uma série de abanos; IV levanta a cabeça e olha para CL (IMAGEM 46);

`um: - CL afasta as mãos uma da outra à frente do corpo, dedos voltados para cima; ES inclina-se para trás, começa a levantar a mão esquerda, continua a olhar para CL (IMAGEM 47);

`MO`dE[`lo>] - enquanto abana a cabeça, CL olha para ES e movimenta as mãos, com os dedos voltados para cima, indicadores esticados, em direcções opostas: a esquerda para baixo/frente; a direita para cima; volta a juntá-las em frente do corpo; aqui, ES acena com a cabeça, inclina-se para trás e arranja o cabelo com a mão - prepara-se para tomar a vez (IMAGENS 48, 49, 50);

<<p>`vai faltAr sempre - continuando a abanar com a cabeça, CL baixa um pouco mais os braços, mantendo as mãos na mesma posição; ergue as sobrancelhas (IMAGENS 51, 52);

ali um mo'de`lo;> - CL acena várias vezes com a cabeça; mantém os braços na mesma posição (levantados em frente do corpo, mãos fechadas, indicadores esticados) (IMAGEM 53);

(0,410) ES volta a baixar o tronco, mantendo-o no entanto mais erecto do que antes, e a cabeça levantada, orientada para CL (pretende tomar a vez); CL mantém a postura anterior e começa a levantar a cabeça;

`e `quEm - CL mantém a mão direita na mesma posição (palma virada para cima, indicador esticado para a frente-cima, os outros dedos fechados) e levanta o braço esquerdo, aproxima a mão esquerda do corpo (palma virada para o corpo, indicador apontando para o pescoço); ergue um pouco as sobrancelhas e volta a baixá-las (IMAGENS 54, 55);

`vAi `ser= - CL baixa um pouco a cabeça; move o braço esquerdo para a frente, palma da mão virada para baixo, indicador apontando para a frente/baixo e o braço direito para cima, mão direita voltada para o corpo (IMAGEM 56);

Esse `mo[`dE-lo-] - CL baixa agora a mão direita até que o indicador direito fique quase paralelo ao indicador esquerdo; acompanha a

verbalização destes elementos com acenos de cabeça enquanto olha para ES que começa a falar (IMAGENS 57, 58).

**Focalização de partes de conteúdo / forma dos gestos:** a sequência (25-28) é acompanhada por movimentos alternados dos braços/mãos para a esquerda e para a direita, de uma amplitude relativamente elevada. A amplitude máxima do gesto (mãos entrelaçadas, palmas viradas para a esquerda) e do movimento da cabeça (cabeça virada para a esquerda) coincidem com a realização da sílaba de maior proeminência "*mãe*". O momento de maior amplitude do gesto e do movimento da cabeça para o lado oposto coincide com a produção de "*vai*"; durante a verbalização dos restantes elementos deste acto - (26) -, CL mantém esta postura e executa uma série de abanos com a cabeça enquanto olha para ES (que, nesse momento, emite um sinal de retorno). Estes abanos, que acompanham um momento de paragem gestual, não se referem à informação que está a ser transmitida, mas revelam outro significado implícito - a sua opinião contra.

CL continua a vez - em (28), conduzindo os braços/mãos para o outro lado; o momento de maior amplitude do gesto e da rotação/inclinação da cabeça coincide com a realização das sílabas acentuadas "*vai a-*"; volta para o lado direito, atingindo a amplitude máxima em "*pel pa-*". Com a realização simultânea da actividade de retorno de IV - em (29) -, CL aumenta a intensidade da voz e muda, de um modo mais repentino, a orientação do movimento - move os braços/mãos de novo para a esquerda; atinge a amplitude máxima no final da verbalização de "*passivo*"; move de novo braços/mãos no sentido inverso, atingindo a amplitude máxima no final da verbalização de "*activo*".

No enunciado seguinte - (30) -, o movimento tem menor amplitude. O ponto extremo à esquerda é alcançado na sílaba acentuada em "*Ambos*", o ponto extremo à direita, nas sílabas acentuadas em "*a`ssUMEM*"; o movimento seguinte para a esquerda é curto e acompanha a verbalização de "*pai*".

A seguir, no acto (32), CL ergue as sobrancelhas, as mãos param à frente do corpo e não avançam de novo para o lado direito, o que marca o fim da fase de oposição. Mas a forma do movimento mantém-se: as mãos unidas pelos dedos entrelaçados oscilam para a direita e para a esquerda, cada um destes pequenos movimentos acompanhando a verbalização de cada um dos elementos lexicais que constituem o enunciado. Diferentemente dos exemplos antecedentes, nesta sequência as diferentes partes estão marcadas não por gestos formalmente distintos, mas por diferentes amplitudes em gestos idênticos.

Só em "*um*" é que a falante separa as mãos, deixa os indicadores e os polegares esticados e, mantendo um movimento curto das mãos para a direita e para a esquerda, verbaliza "*modelo*" com entoação ascendente e tom de voz mais agudo. O gesto que acompanha a fala neste momento tem uma forma idêntica a um gesto mostrativo, feito, simetricamente, com ambas as mãos. Pode-se classificar de dítico. Esta forma contrasta com a dos gestos que a antecedem. Pela sua forma dítica e pelo contraste com o gesto antecedente, esta comunicação não-verbal estabelece a descontinuidade e tem um efeito focalizador local sobre a fala que acompanha (focalização II). Deste modo, a informação - "*o modelo*" - é



focalizada sob o ponto de vista não-verbal e, como indica a Figura 6/30a, sob o ponto de vista prosódico (estilo enfático com subida e descida abruptas de altura de tom).

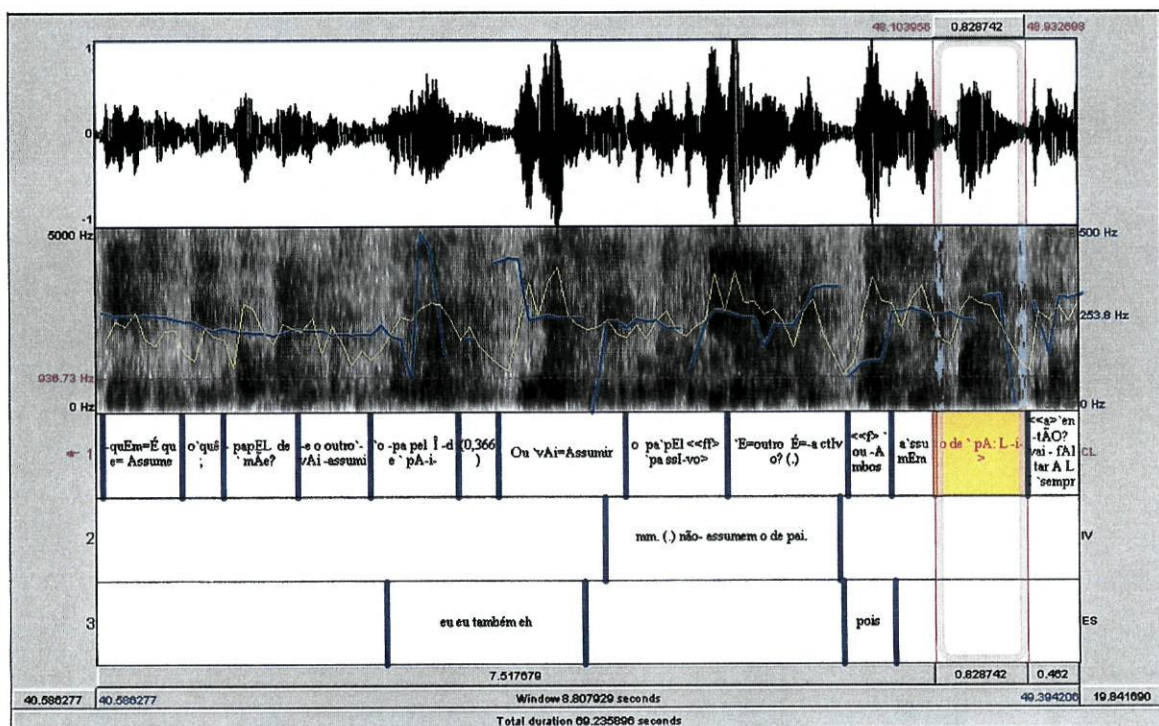


FIGURA 6/30B: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1p12 (25)-(30).

**Gesto/movimento da cabeça vs. acento/ritmo:** observando as batidas do gesto, constata-se que estas não estão regularmente distribuídas. Na Figura 6/30b, os traços verticais azuis indicam os momentos das batidas. Vê-se que eles não coincidem com as divisões "sintáticas" dos enunciados, pois são, por vezes, realizados dentro dos constituintes. Sendo assim, conclui-se que estes gestos e movimentos da cabeça estão mais ligados a questões prosódicas do que a questões sintáticas dos enunciados. Os intervalos de tempo entre as batidas são mais curtos ou mais prolongados, tendo os segundos aproximadamente o dobro da duração dos primeiros. Pode-se, por isso, falar de uma regularidade aproximada (auditivamente sentida como regular) na marcação do ritmo através dos movimentos dos braços e da cabeça<sup>12</sup>. Esta regularidade caracteriza-se por uma tendência para que os últimos intervalos entre as batidas gestuais de um acto sejam mais extensos. Por sua vez, este último intervalo coincide com a produção dos elementos verbais mais proeminentes. Sendo assim, a extensão mais longa pode estar

<sup>12</sup> McClave (2000: 865) (cf. parte I, capítulo 2.3) chama a atenção para movimentos da cabeça executados durante enumerações alternativas. Neste caso, os movimentos da cabeça também acompanham uma enunciação de alternativas; no entanto, ao contrário dos que foram observados por McClave, estes movimentos não coincidem exactamente com os elementos de diferentes alternativas, pois, como acabei de referir, estão mais ligados a questões prosódicas.

relacionada com uma função de reforço informativo ou com um pedido de retorno. Estas características, juntamente com os contornos prosódicos específicos (como grandes variações de altura de tom) e determinados elementos linguísticos, podem constituir indicadores de retoricidade importantes na interacção face a face que mereceriam um estudo mais aprofundado e sistemático.

Relativamente à questão das batidas prosódicas da fala, Uhmman (1992) usa o conceito de **batidas vazias** para referir o momento, num intervalo de tempo, em que se esperava um acento que fica por realizar. Na minha opinião, este conceito também se pode aplicar ao caso das **batidas de gesto**, para designar os momentos, num determinado intervalo de tempo, em que um gesto esperado fica por executar. Essa expectativa resulta dos condicionamentos criados pela repetição de padrões rítmicos (batidas de gesto em intervalos de tempo regulares). Além de marcar o ritmo, este movimento contribui ainda para localizar, respectivamente à esquerda e à direita, os diferentes tópicos (papel de mãe e papel de pai) e para distinguir dois elementos que vão desempenhar o mesmo papel e que estão implícitos no elemento lexical "*ambos*" (as mudanças de sentido dos movimentos fazem-se após a produção de "*ambos*", de "*assumem*" e de "*pai*"). Esta nova orientação da informação faz com que o "*papel de pai*" seja, desta feita, localizado à esquerda. Constata-se, assim, que através do gesto, a falante deixa escapar informações sobre as representações do nível conceptual. Pode-se deduzir que, a este nível, está representada uma oposição entre os papéis de pai e de mãe, assim como entre os dois indivíduos que formam o casal de homossexuais. Este pequeno exemplo comprova a importância da observação minuciosa da comunicação não-verbal do ser humano numa situação de interacção social.

**Pedido de retorno vs. actividades de retorno:** a sucessão de perguntas aparentemente retóricas provoca nos ouvintes a vontade de emitir uma opinião: Em (27), ES manifesta a sua solidariedade pelo "não saber" de CL através de um encolher de ombros e de acenos com a cabeça e olha para IV, que emite também um comentário durante a verbalização do acto (28); IV olha constantemente para baixo e parece não participar com grande vontade na vez de CL; no entanto, ao emitir a sua opinião, mostra estar a seguir a falante. Em (33), ES acena com a cabeça, continuando a exprimir acordo para com CL, ao mesmo tempo que se prepara para tomar a vez (a mudança de posição indica que a ouvinte pretende mudar o seu papel interaccional).





1

E:



2

E



3

PARECE-ME



4

ACHO



5

(PAUSA)



6

QUE



7

EH



8

EH UMA CRIANÇA



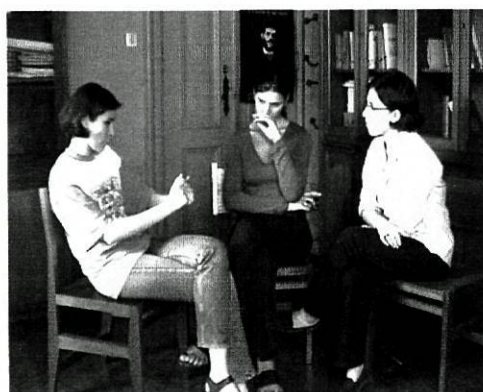
9

QUE VIVA



10

COM



11

HOMENS



12

(PAUSA VAZIA)



13

UM



14

A-



15

-ssu'



16





17

DEPOIS



18

LÁ ESTÁ



19

TEM ESSA



20

QUESTÃO



21

QUEM



22

ASSUME



23

O QUÊ



24

O PAPEL



25

DE MÃE



26

E O



27

VAI



28

ASSUMIR



29

DE PAI (ES: EU TAMBÉM)



30

(ES: EXACTO)



31

OU



32

VAI





33

ASSUMIR



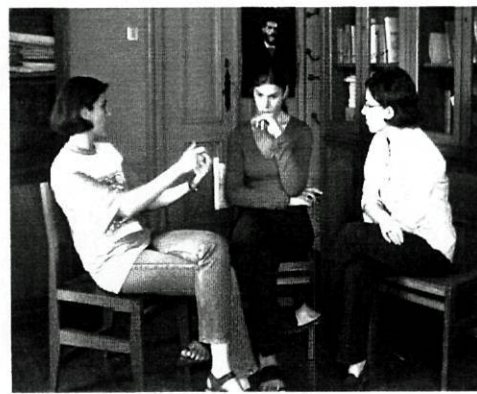
34

PAPEL



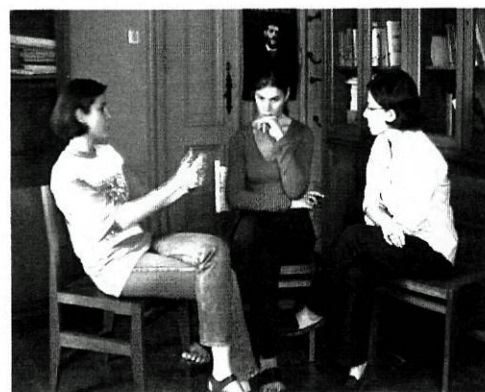
35

PA -



36

-SSIVO (IV: RETORNO)



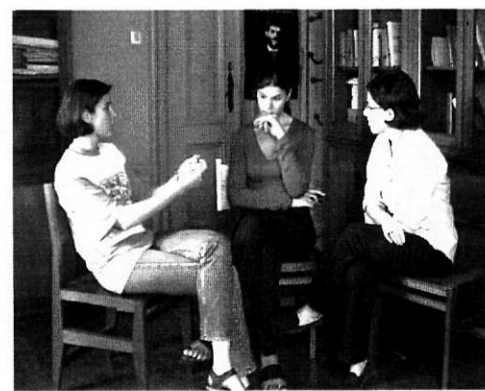
37

OUTRO (IV: RETORNO)



38

É ACTI- (IV: RETORNO)



39

-VO



40

OU



41 ASSUMEM



42 PAI (ES: POIS)



43 ENTÃO



44 VAI FAL-



45 -TAR



46 SEMPRE



47 UM



48 MO-





49

-DE-



50

-LO



51

VAI



52

FALTAR



53

ALI UM MODELO



54

E



55

QUEM



56

ESSE



57

MO-



58

-DELO



## 6.5 Exemplo (31): SEQUÊNCIAS DE FRASES COM CARACTERÍSTICAS FORMAIS E PROSÓDICAS IDÊNTICAS

1p13-14 CL: <<f>`Eu - Eu `cOm`pre`-En:-do->  
 1p13-15 que -que os homosse`xuais `reclAmem prA eles -Os  
 di`REI:: ↑-tos=  
 1p13-16 =↑`E: -cOmpreEndo-  
 1p13-17 <<a>`COM`pre`Endo `per-feI`ta`mEN-te->

**Repetição:** para convencer as parceiras da sua capacidade de entendimento da questão, evitando, assim, que a considerem limitada, CL precisa de manifestar a sua compreensão. Para isso, recorre ao uso repetido do elemento "*compreendo*". As características prosódicas de cada uma das realizações desta palavra são diferentes, transmitindo diferentes atitudes da falante: no primeiro caso, (14), o prolongamento do som em "e:" e a entoação global descendente traduzem um elevado grau de assertividade; a primeira repetição deste elemento verbal, que constitui um falso arranque - (16) -, é produzida com uma altura global de tom constante, característica que indica que a frase vai ser continuada (cf. Figura 6/31).

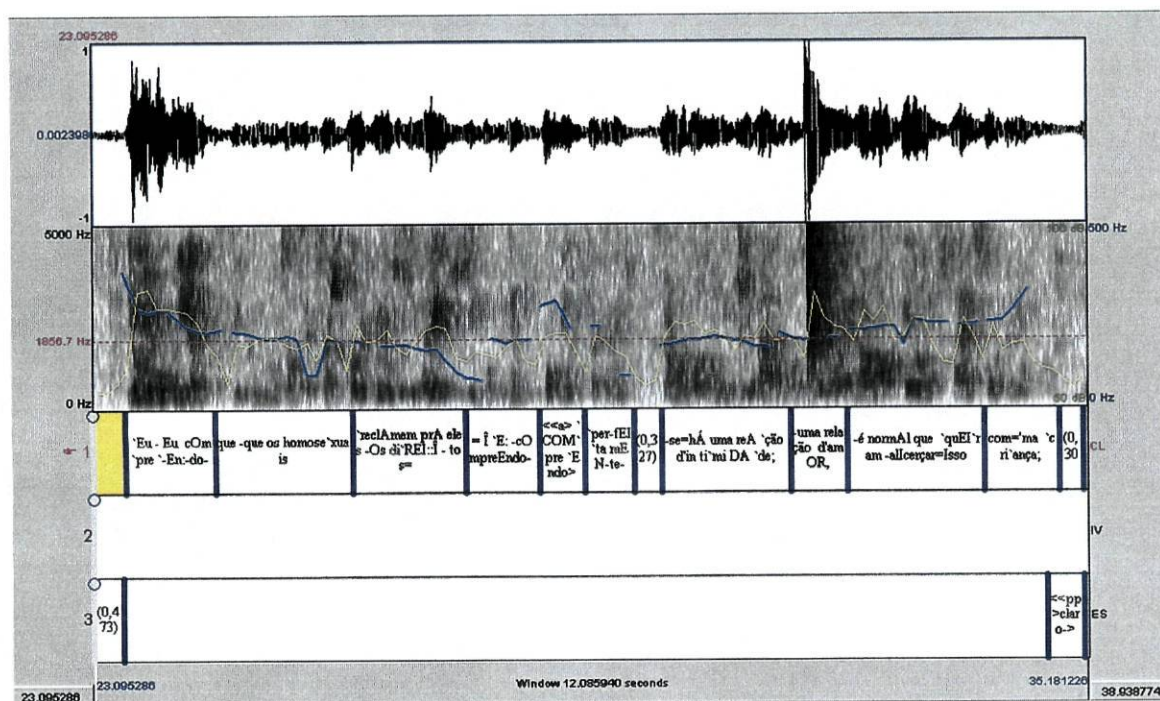


FIGURA 6/31: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1p13 (14) - (17)

Este acto é interrompido e, a seguir, reparado; a reparação consiste no enunciado (17), em que a este elemento é acrescentado um advérbio com a função de intensificar ("perfeitamente"). Desta vez, "compreendo" é produzido com uma subida e descida abruptas de altura de tom, um tom de voz mais agudo e uma maior intensidade, características que revelam um maior envolvimento da falante e, possivelmente, certa irritabilidade relativamente ao facto de poderem pensar que ela não compreende (estilo enfático). Tudo leva a crer que, em (16), CL tinha pretendido realizar um enunciado de estrutura idêntica ao antecedente; como ainda não tinha estruturado bem o que pretendia dizer, precisou de ganhar tempo. O enunciado reparador (17) serve para ganhar tempo para a estruturação/planeamento da próxima ideia.

Veja-se, em seguida, a comunicação não-verbal correspondente a esta passagem:

IV tem a cabeça orientada para CL, os olhos dirigidos para baixo; ES tem o tronco inclinado para a frente, os braços apoiados nas pernas e olha para CL. CL está encostada para trás na sua cadeira, tem o braço direito apoiado sobre o colo, à frente do corpo, o braço esquerdo caído para trás da cadeira; a cabeça está voltada para a frente; olha em frente.

<<f>`Eu - Eu `cOm`pre``-En:-do-> - CL tem a cabeça orientada para a frente, braços em repouso; abana com a cabeça; IV olha para fora, depois para CL (IMAGENS 1, 2);

que -que - CL realiza mais uma série de pequenos abanos;

os homose`xuais - CL olha para baixo; estica o braço direito para a frente, costas das mãos quase pousadas em cima do joelho, mão aberta, palma voltada para cima; em "ais" começa a levantar o braço direito (IMAGENS 3, 4);

`reclAmem prA eles -Os di`REI:: - CL move a mão direita para o corpo; olha para C; o movimento da mão para o corpo em "ais" está integrado num movimento circular de fora para dentro, de baixo para cima: CL executa dois destes círculos durante esta passagem ("ais reclamem para eles os direi") - movimentos icónicos - como se a falante se estivesse a encher de alguma coisa (IMAGENS 5, 6, 7, 8, 9);

↑-tos=↑`E: -cOmpreEn- - CL baixa a mão perto do joelho e move-a, rente à coxa, na direcção do corpo (IMAGEM 10);

do - CL pousa a mão na coxa e roda ligeiramente a cabeça para a esquerda, levantando os ombros e fechando os olhos (encolher de ombros); mantém a mão pousada sobre a coxa (IMAGENS 11, 12);

<<a>``COM`pre``Endo `per-fEI`ta`mEN-te-> - no fim de "compreendo" roda a cabeça de novo para a frente; no fim de "perfeitamente" baixa de novo os ombros; passa com a palma da mão sobre a coxa na direcção do joelho; olha sempre para baixo; IV olha para baixo (IMAGENS 13, 14);

(0,327) - CL começa a rodar a cabeça um pouco para a esquerda.



Sob o ponto de vista não-verbal, a realização repetida destes elementos também foi distinta. No primeiro caso, CL tem os braços em repouso e executa apenas alguns abanos com a cabeça; os abanos parecem funcionar aqui como um intensificador em termos de McClave, desempenham uma função semântica de intensificação (McClave, 2000: 861). Simultaneamente, por se tratar de abanos e não de acenos, transmitem uma ideia de oposição, de contraste, qualquer coisa implícita que se opõe ao que está a ser dito. Na minha opinião, embora sirva para intensificar o conteúdo do enunciado, este movimento anuncia uma contra-argumentação - que de facto se concretiza mais tarde (exemplo 33, 1p13 (33)).

No caso do falso arranque - em (16) -, que se segue a uma fase de gesticulação, a falante baixa a mão; simultaneamente encolhe os ombros e fecha os olhos. Estas actividades não-verbais revelam que CL está indecisa quanto ao modo como se deve expressar e prefere fazer uma paragem e orientar a sua vez de outro modo. A sua actividade não-verbal, palma da mão sobre a coxa, olhar direccionado para baixo, indica que se encontra numa fase de concentração.

Ultrapassada esta fase, CL orienta a cabeça para a esquerda e continua a sua vez, recorrendo a uma sequência condicional para explicar o seu ponto de vista (ver exemplo 32).

Deste exemplo pode-se concluir que as repetições de um mesmo elemento lexical só podem ser consideradas repetições parcialmente, pois, sob o ponto de vista pragmático, as três realizações do elemento "*compreendo*" têm significados distintos.

No que diz respeito à relação entre o significado dos elementos lexicais e o significado do gesto, no enunciado (15), certas características semânticas da expressão "*reclamar para si os direitos*" são representadas através dos dois movimentos circulares das mãos de fora para o corpo.



1

EU



2

COMPREENDO



3

OS IIO-



4

-MOSSEXUAIS



5

RECLAMEM



6

PARA ELES



7

OS



8

DI-





9

-REI-



10

-TOS



11

COM-



12

-PREENDO



13

COMPREENDO



14

PERFEITAMENTE

## 6.6 Exemplo (32): SEQUÊNCIAS LÓGICO-ARGUMENTATIVAS: CONDICIONAL / CAUSAL

O exemplo que se segue corresponde à passagem imediatamente adjacente ao exemplo anterior:

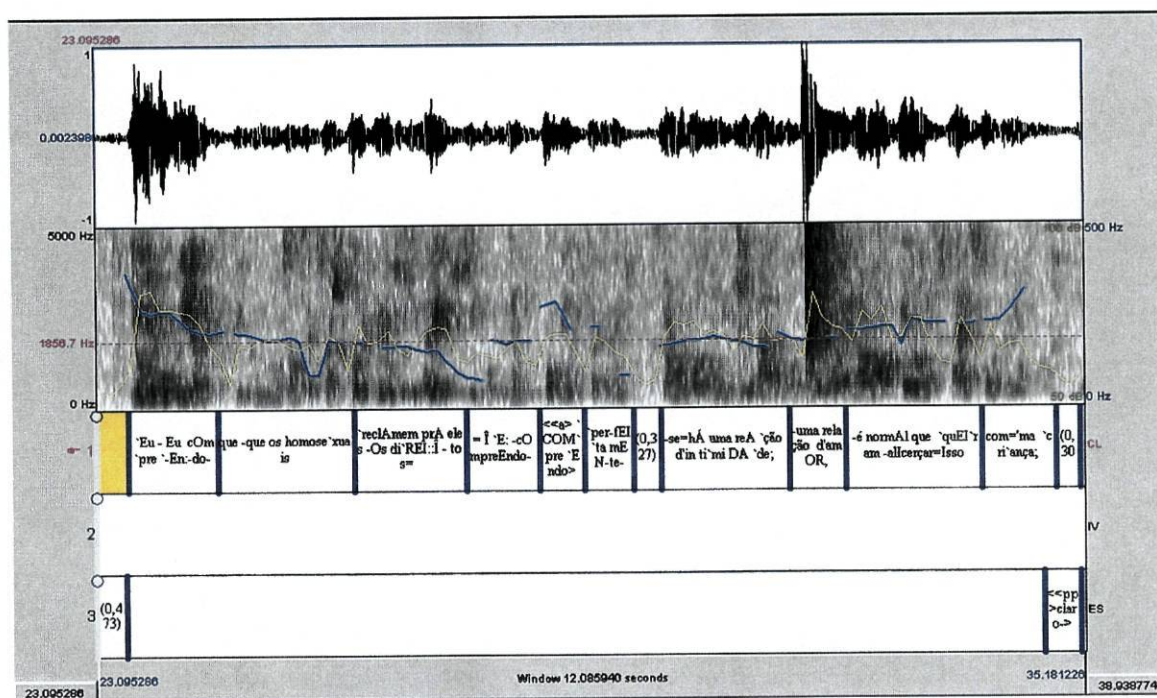
- 1p13-18 (0,327) -se=hÁ uma relA``ção d'in'ti`mi`DA`de;  
 1p13-19 -uma relação `d'amOR,  
 1p13-20 ((bate com uma mão na outra))  
 1p13-21 -é normAl que ``quEI`ram -alIcerçar=Isso  
 1p13-22 <<a>`com='ma ``cri`ança;>  
 1p13-23 ES: <<pp>claro->  
 1p13-24 CL: `na=`im`po`ssi`biliDA(`hA)-de de tEr-  
 → 1p13-25 -A nÃo ```ser `que -no fu`tUro;  
 → 1p13-26 `-hAja ma`nipula[ções -ge`NÉ:]`ti-cas  
 → 1p13-27 ES: [ <<pp>(manipulações)>]  
 → 1p13-28 CL: ((inspiração)) ``no-corpo[ `hu`Mano]<<all>-e `nãõ`sei`quê.>  
 → 1p13-29 IV: [ <<pp>(não)>]  
 → 1p13-30 CL: ((inspiração)) <<all>`portanto>  
 → 1p13-31 `na=impo`ssi-biliDAde `de TER,  
 1p13-32 <<a>-as pe``ssOas `vÊEm na adop``ção uma`forma ```DE>

Este exemplo vai ser tratado em quatro partes. A primeira incidirá sobre uma sequência condicional; a segunda, sobre a relação entre o gesto e aspectos do conteúdo dos enunciados; a terceira, tratará sequências causais e a quarta, o papel do gesto na marcação de um parêntese.

**Sequência condicional:** o enunciado (18), a seguir à reparação descrita no exemplo antecedente, forma a primeira parte de uma sequência frase condicional + frase principal (*se p + então q*) que a falante usa para justificar a afirmação "*compreendo perfeitamente*" (exemplo 31). A sequência condicional representa uma forma pouco impositiva de expor uma opinião: ao apresentar as condições que conduzem às conclusões desejadas, CL permite que as parceiras não só tenham acesso ao seu raciocínio lógico, mas também que participem na extracção das conclusões a que pretende que cheguem. Esta sequência tem ainda outra função interaccional: sabe-se que à enunciação de "*se p*", se deve seguir a enunciação de "*então q*". Sendo assim, o primeiro enunciado cria imposições sequenciais no que toca à realização do segundo e, simultaneamente, indica que a vez de CL se vai seguir, pelo menos até esta completude sequencial estar alcançada.



Sob o ponto de vista prosódico, verifica-se o seguinte (cf. Figura 6/32a): a primeira parte desta sequência argumentativa, correspondente a "*se há uma relação de inti*", tem uma altura de tom global constante; em "*idade*" verifica-se uma variação de altura de tom marcadamente descendente-ascendente-descendente que confere ênfase a esta palavra; transmite também certa emoção do parte da falante que pode estar ligada a questões de timidez/pudor. O enunciado reparador apresenta um padrão de altura de tom idêntico ao primeiro: altura de tom constante em "*uma relação d'a*", e uma subida de altura de tom em "*mor*". O enunciado seguinte tem uma altura de tom global constante em "*é normal que*", de tal modo que a passagem do antecedente para este decorre sem grandes descontinuidades; notam-se, neste acto, dois momentos de subida-descida de tom respectivamente em "*queiram*" e "*com uma criança*". Nesta última verbalização, a subida de altura de tom decorre do nível médio de altura de tom para o nível alto; a descida, mais abrupta, efectua-se do nível alto para o nível baixo. A variação de altura de tom, produzida também num tom de voz mais agudo, funciona como um sinal de pedido de retorno, provocando em ES uma reacção (23), a saber, um sinal de realimentação.



433

A comunicação não-verbal que se observou na passagem acima transcrita foi a seguinte:

(0,327) - CL começa a rodar a cabeça um pouco para a esquerda; tem os olhos orientados para baixo, quase fechados;

-se=hÁ uma relA - CL levanta a mão esquerda (relaxada, pontas dos dedos voltadas para baixo) e a direita (palma voltada para o corpo, dedos voltados para cima); vira a cabeça para a frente (IMAGENS 1, 2);

`ção d'in'ti - roda a cabeça um pouco para a esquerda e de novo para a direita; bate as mãos uma na outra à frente do corpo (IMAGEM 3);

`mi'DA'de; -uma relação - CL roda a cabeça de novo um pouco para a esquerda; afasta de novo as mãos, movendo o braço direito para trás e voltando a baixá-lo - a seguir a "relação" - batendo ruidosamente com as costas da mão direita na palma da mão esquerda (IMAGEM 4);

`d'amOR, -é - depois de bater com as mãos uma na outra, CL abre-as e move-as para a frente do corpo, palmas viradas para o corpo (IMAGENS 5, 6);

nor-mAl que - CL orienta a cabeça para a frente e olha para ES; move os braços um pouco mais para a frente (por cima dos joelhos), abre as mãos e move-as, numa trajectória circular para os lados/baixo, formando uma espécie de contentor (IMAGEM 7);

`quEI`ram - CL continua a olhar para ES; junta as mãos à frente do corpo, entrelaçando os dedos, palmas viradas uma para a outra (IMAGEM 8);

-alIcerçar=Isso <<a>'com - ao mesmo tempo que entrelaça as pontas dos dedos, baixa os braços e estica-os para a frente, chegando com as mãos aos joelhos; ao mesmo tempo que empurra os braços para a frente, inclina a cabeça para baixo, continuando a olhar em frente (IMAGENS 9, 10);

=ma `cri`ança;> - levanta um pouco a cabeça, orientada para ES; aproxima as mãos, assim entrelaçadas, do corpo, ficando com as palmas voltadas para o corpo, polegares esticados para cima (IMAGEM 11);

actividade de retorno de ES - CL ergue as sobrancelhas e olha para cima; durante a pausa realiza a fase de preparação do próximo gesto - levanta um pouco mais os braços (IMAGEM 12);

**Gesto / conteúdo lexical:** no princípio do enunciado (18), CL inicia também uma nova unidade gestual. Primeiro move ambas as mãos até as juntar à frente do corpo; simultaneamente à verbalização de "intimidade", bate com uma mão na outra, fazendo certo ruído; a produção de "amor" também é acompanhada por uma batida com uma mão na outra, provocando um ruído ainda mais alto do que o antecedente. Estes dois batimentos com as mãos, que contribuem para expressar a ideia de "união", "afecto", são proporcionais aos graus de afecto contidos nas palavras "intimidade" e "amor".

O início do acto (18) e ainda outros dois momentos desta sequência - "idade" e "amor" - está também marcado por um movimento da cabeça para a esquerda. A trajectória



esquerda/frente repete-se em mais dois momentos da sequência dos enunciados (18) e (19), como se fosse um movimento impulsionador do gesto: cada vez que a falante afasta as mãos antes de as bater uma na outra, vira a cabeça para a esquerda.

Na segunda parte desta sequência condicional - (21) e (22) -, CL olha sempre em frente (para ES) e gesticula à frente do corpo. Inicia aqui uma nova forma gestual: em "*normal que*", as mãos desenham um semi-círculo à frente do corpo; no fim da trajectória, as mãos encontram-se afastadas e abertas, palmas voltadas para cima. Serve de gesto de abertura, focalizador desta nova informação.

A unidade gestual efectuada a seguir - em (22) - relaciona-se com o conteúdo dos elementos lexicais que acompanha: em "*eles*", a cláusula gestual corresponde a um juntar de mãos à frente do corpo, bem unidas; em "*queiram alicerçar isso*", CL empurra ambos os braços para a frente, levando as mãos unidas nas pontas dos dedos até aos joelhos; em "*com uma criança*" mantém as mãos nesse sítio, relaxando-as um pouco; na pausa vazia, volta a mover os braços/mãos no sentido inverso, até ao meio das coxas. Olha sempre para ES, que, a partir da verbalização de "*isso*", acena com a cabeça e, no PT, exprime o seu acordo também verbalmente - (23).

Cada uma destas cláusulas gestuais serve também como elemento focalizador do enunciado verbal que acompanha, seja através da marcação do ritmo, seja através da indicação de aspectos de conteúdo ou de localização no espaço gestual. O seu grau de focalização é proporcional à amplitude dos movimentos. A falante CL tem a capacidade de fazer acompanhar a fala de gestos amplos e expressivos, que a apoiam na estruturação e no reforço da informação que transmite verbalmente.

**Sequência causal:** depois do sinal de retorno de ES, - em (24) - CL continua a sua vez. Nos enunciados que se seguem está implícita uma dimensão lógica de causalidade, em que (24) e (31) representam a causa e (32) a consequência. A verbalização da causa cria relações sequenciais de imposição que só ficam satisfeitas após a produção do enunciado que vai servir de consequência ao primeiro.

A fala em "*na impossibilidade de ter*" está marcada por partículas de riso (*Lachpartikeln*)<sup>13</sup>, através do que a falante demonstra a sua atitude perante esse facto - um facto que considera ridículo. Lembra-se, no entanto, que, com os avanços técnicos, pode mesmo ser que isso seja possível. A nova ideia que lhe vem ao pensamento faz com que interrompa a orientação planeada e introduza um aparte, ou parêntese, - (25), (26) e (28) - com um comentário adicional referente ao conteúdo expresso em (24).

Durante a produção do aparte há várias actividades de retorno. ES ergue as sobrancelhas, acena com a cabeça e move os cantos da boca para os lados (no momento em que CL verbaliza o elemento "*futuro*"), expressando a sua expectativa relativamente ao que CL vai dizer, e sorri durante os actos a seguir - do acto (25) até ao princípio do acto (30). Em (27) manifesta verbalmente o seu acordo (ou compreensão). Por sua vez, IV mantém-se

---

<sup>13</sup> Cf. Selting *et al.* (1998).



séria e não muda de posição, limitando-se a negar, verbalmente, a informação transmitida por CL.

Sob o ponto de vista prosódico, este aparte caracteriza-se por um nível de altura de tom global constante, com marcações nítidas de fronteiras entre os seus constituintes: o ataque tem um nível de altura de tom baixo e é seguido por uma subida abrupta de altura de tom; na última sílaba de "futuro", há uma descida abrupta de altura de tom; este momento coincide com uma inspiração. A restante parte deste enunciado encontra-se prosodicamente dividida em mais duas partes, cujas fronteiras coincidem com as actividades de inspiração da falante. Sendo assim, as fronteiras finais caracterizam-se por um contorno entoacional descendente; as fronteiras iniciais, por um contorno entoacional ascendente. Ao contrário dos apartes até aqui tratados, este foi produzido a uma velocidade da fala normal. Este fenómeno parece relacionar-se mais com questões da actividade respiratória da falante, as quais, por sua vez, estão ligadas à actividade gestual que acompanha a fala.

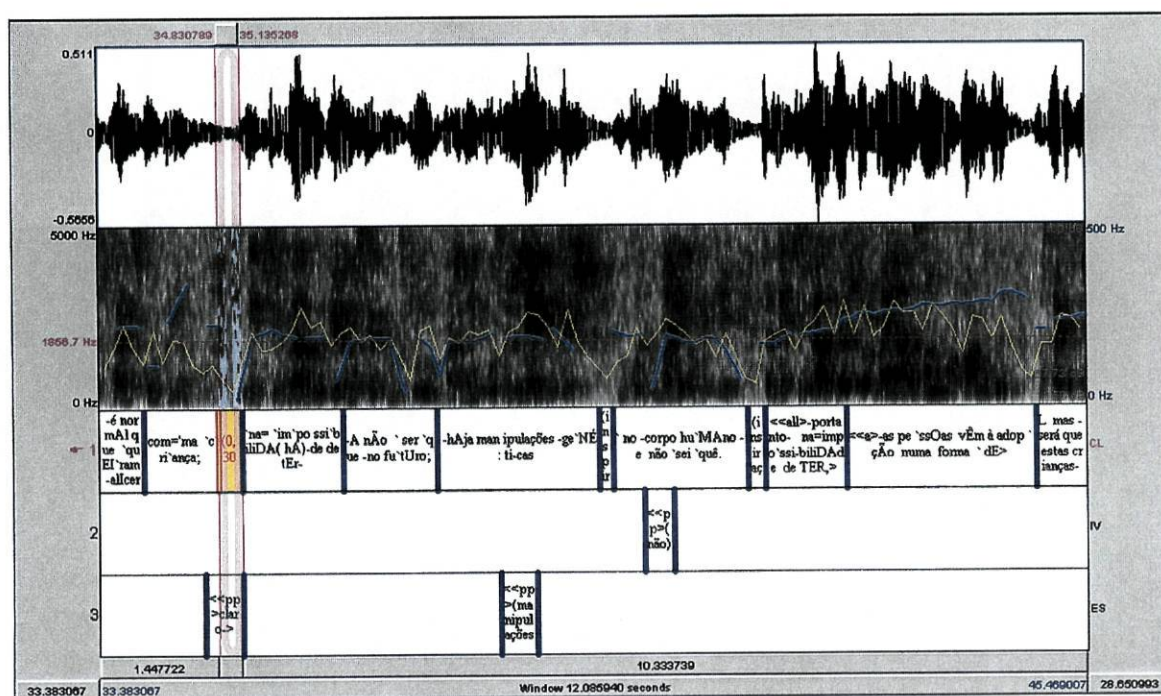


FIGURA 6/32B: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1p13 (22) - (32).

A retoma do tema principal (30) é marcada linguisticamente pelo sinal interactivo argumentativo "portanto" (que é simultaneamente um sinal topográfico de transição por articular o acto que se inicia com outro já realizado) e pela repetição dos elementos produzidos antes da introdução do aparte que estabelece a coesão entre a parte da vez interrompida e a que se vai iniciar. Em "portanto", verifica-se uma ligeira subida de altura de tom e um aumento da velocidade de produção da fala - como se CL pretendesse recuperar o tempo gasto com o aparte. Os elementos repetidos estão prosodicamente



inseridos na subida de altura de tom iniciada na retoma. O último acto desta sequência - (32) - é a parte mais proeminente, destacando-se da fala antecedente pelo tom de voz mais agudo e por uma altura de tom mais elevada. É a última sílaba acentuada deste acto que ocupa a posição de maior proeminência conseguida sobretudo por um pico de altura de tom. A atribuição de mais ênfase a este elemento deve-se, certamente, ao facto de não haver completude gramatical neste acto, devido à elipse de um constituinte sintacticamente obrigatório - "ter uma criança" - que deveria seguir-se à expressão "uma forma de". Esta elipse faz com que o elemento "de" seja valorizado sob o ponto de vista comunicativo/informativo, pois ele passa a representar a informação não-verbalizada e implícita. A ênfase prosódica assinala essa valorização.

#### Comunicação não-verbal que acompanha esta passagem:

`na=``im`po`ssi`bili - CL levanta um pouco mais os braços e afasta-os para a frente, mantendo sempre a mesma posição das mãos; roda a cabeça para cima; olha para cima, mantém as sobrancelhas erguidas; depois roda a cabeça para a esquerda (IV); IV também está a olhar para ela (IMAGENS 13, 14);

DA(`hA)-de de tEr- - CL olha para IV; afasta as mãos uma da outra para os lados, soltando os dedos, cujas pontas ainda se tocam; levanta um pouco a cabeça, sempre orientada para IV;

-A não ```ser `que -no fu`tUro; - CL aproxima as mãos do corpo; tem as pontas dos dedos entrelaçadas e inicia um movimento circular, da frente-baixo para o corpo/cima; faz dois círculos consecutivos (um coincide com a realização de "a não ser", o outro, com "no futuro"; a seguir, pára as mãos entrelaçadas à frente do ventre; durante a execução destes movimentos circulares, baixa, levanta e volta a baixar a cabeça, rodando-a ligeiramente para a direita, para ES, de novo para cima e de novo para baixo (IMAGENS 15, 16, 17);

`-hAja man`ipula[ções -ge`NÉ:] - CL desenha, com os braços/mãos, mais um círculo idêntico aos antecedentes; continua a olhar para ES; em "pulações", vira a cabeça para IV e olha para ela; ES emite um sinal de retorno (em "gené") (IMAGENS 18, 19, 20, 21);

`ti-cas - CL executa mais um movimento, um pouco menos circular do que os antecedentes; termina com as mãos entrelaçadas sobre o colo, cabeça orientada para ES (IMAGEM 22);

((inspiração)) - CL levanta um pouco as mãos, ficando com as palmas viradas para o corpo, dedos para cima; começa a inclinar a cabeça para baixo e olha para baixo (IMAGEM 23);

`no -corpo - olhando sempre para baixo, para o próprio corpo, CL executa duas vezes duas trajectórias assimétricas com as mãos: "no cor" - move a mão direita na direcção do corpo, mão esquerda para a frente; "po"- move a mão direita para a frente e a mão esquerda para o corpo (IMAGEM 24);

[`hu`Mano] - CL entrelaça as mãos à frente do ventre; continua a olhar para baixo; a seguir a "mano", ergue as sobrancelhas; IV emite um sinal de desacordo ao que CL não reage (IMAGENS 25, 26);

<<all>-e 'não 'sei 'quê.> - CL vira um pouco a cabeça para a esquerda e encolhe os ombros, ficando com o ombro esquerdo mais levantado; continua com as sobrancelhas erguidas; olha para ES (IMAGEM 27);

((insiração)) - CL mantém as sobrancelhas erguidas; orienta o olhar para cima (IMAGEM 28);

<<all>-portanto-> - CL levanta um pouco mais a cabeça; continua a olhar para cima, sobrancelhas erguidas; começa a rodar as mãos para fora;

'na=impo'ssi-biliDAde 'de TER, - CL roda as mãos mais para fora, ficando com elas abertas, dedos entrelaçados, palmas voltadas para o corpo; começa a esticar mais os braços para a frente (IMAGEM 29);

<<a>-as pe'ssOas 'vêm na adop - CL olha para baixo, baixa a cabeça, estende o pescoço para a frente, baixa um ombro que estava mais levantado; estica completamente os braços para a frente até chegar com as mãos ao nível dos joelhos, palmas das mãos bem abertas voltadas para cima (IMAGEM 30);

'çãO 'numa 'forma 'de> - mantém a posição de braços/mãos e de cabeça (IMAGENS 31, 32);

**Gesto / aparte:** a distinção entre o tema principal e o tema intercalado introduzido pelo aparte também é feita a nível não-verbal.

O princípio do enunciado (24) está marcado por um afastamento e junção das mãos à frente do corpo; este gesto marca a retoma da vez e constitui um sinal de abertura.

O parte é acompanhado por movimentos de braços/mãos totalmente diferentes dos antecedentes: mantendo as mãos entrelaçadas, CL executa movimentos circulares; o primeiro círculo, de menor amplitude, coincide com a produção de "*a não ser que*"; o segundo, de maior amplitude, coincide com a produção de "*no futuro*"; o terceiro, ainda mais amplo e alto, coincide com "*manipulações gen*"; o quarto movimento, menos circular, mas localizado ao mesmo nível do último círculo, coincide com "*éticas*". A verbalização de "*no corpo humano*" é acompanhada por um gesto, em que as mãos, embora afastadas do corpo, parecem percorrê-lo de cima para baixo; simultaneamente, a falante inclina a cabeça para baixo e olha para o seu corpo. Este gesto tem, assim, um carácter dístico, pois aponta para o objecto que está metaforicamente pelo conteúdo a que se refere. O fecho deste aparte é indicado, verbalmente, pela expressão de carácter impreciso "*e não sei quê*", que funciona como resumo de tudo o que falta dizer; tanto o significado topográfico de fecho, como o significado da expressão (o "*não sei quê*") são reforçados ainda por um ligeiro encolher de ombros e pelo retorno das mãos a uma posição de descanso. Durante a verbalização de "*e não sei quê*", CL desvia o olhar para cima, indicando, ainda, que vai continuar a vez.

Todo os elementos que constituem o parêntese, à excepção da expressão "*e não sei quê*", são acompanhados por actividades de retorno não-verbais de ES (acenos com a cabeça) e verbais (repetição de partes do enunciado de CL).



Para retomar o tema principal, a falante CL recorre à repetição dos últimos elementos verbalizados antes da introdução do aparte. Trata-se do fenómeno conhecido por **dobra sintáctica**, um meio de estabelecer coesão entre duas partes da fala, interrompida pela introdução de um aparte<sup>14</sup>. Nesta retoma, CL volta a olhar em frente e continua com uma actividade gestual formalmente idêntica à que realizara antes da introdução do aparte: uma actividade gestual com a mesma configuração de mãos e trajectórias idênticas, como comprovam as imagens 13/14 e 29/30). A execução de um gesto com características idênticas ao do gesto feito antes da introdução do aparte é um fenómeno idêntico à repetição de características prosódicas e de elementos lexicais na retoma de temas/da vez (dobra sintáctica). Estes diferentes tipos de repetição têm todos a mesma função coesiva<sup>15</sup>.

No enunciado (31), empurra as mãos entrelaçadas e abertas (palmas viradas para o corpo) para a frente, até ao meio das coxas; no enunciado (32), CL orienta a cabeça e o olhar para baixo e estica ainda mais os braços, de tal modo que as mãos ficam ao nível dos joelhos, assentes nos pulsos, palmas voltadas para cima, pontas dos dedos orientadas para a frente/cima. Esta posição corresponde ao momento de verbalização da palavra "adopção". Durante a produção do resto deste enunciado, CL mantém as mãos nesta posição de abertura. Desta vez, o gesto de abertura não se pode classificar como um sinal de pedido de retorno, porque não foi seguido por nenhuma actividade de retorno por parte das ouvintes; é um sinal de reforço informativo que focaliza a informação implícita que ficou por verbalizar, assim como, retroactivamente, o que acaba de ser dito.

Resumindo, o início e o final do aparte, assim como a retoma do tema principal, são maracados, de modos distintos, por diferentes fenómenos:

#### Início do aparte

- sinal interactivo argumentativo e topográfico de abertura ("*a não ser que*");
- altura de tom ligeiramente ascendente, em seguida estável;
- movimento da cabeça;
- início de novas unidades gestuais, formalmente diferentes da unidade antecedente.

#### Final do aparte

- expressão (de remate/abreviação) ("*e não sei quê*"), sinal topográfico de fecho;
- altura de tom descendente;

<sup>14</sup> Cf. parte II, 3.2.1; Uhmman, 1997: 251.

<sup>15</sup> Para designar repetições de gestos com características idênticas, McNeill (2000) recorre ao termo *catchment* (reactivação do gesto) (cf. parte I, 2.6.3.3). As características do gesto consideradas na definição de *catchment* estão sobretudo ligadas ao seu significado e à relação deste com o significado dos elementos lexicais da fala. Será que no caso da repetição de um gesto, cuja função é acima de tudo estrutural, também se pode falar de reactivação? Certamente dever-se-iam considerar vários tipos de reactivação do gesto, como por exemplo a estrutural e a semântica.

- pausa vazia com
- paragem do gesto e
- orientação do olhar para cima.

#### Retoma do tema principal

- sinal interactivo argumentativo e topográfico de transição ("portanto");
- repetição dos últimos elementos do enunciado interrompido pela introdução do aparte (dobra sintáctica);
- o ataque a uma altura de tom muito mais elevada do que a fala antecedente; em seguida, manutenção de um nível de tom global ascendente;
- reactivação do gesto que acompanhara os elementos do enunciado interrompido.





1

SE HÁ



2

UMA RELAÇÃO



3

INTIMIDADE



4

UMA RELAÇÃO



5

DE AMOR



6

É



7

NORMAL



8

QUEIRAM



9

ALI-



10

-CERÇAR ISSO



11

CRANÇA



12

ES: CLARO



13

NA



14

IMPOSSIBILIDADE DE TER



15

A NÃO



16

SER





17 -TURO



18 HAJA



19 MANIPU-



20 -LAÇÕES



21 GENÉ- (ES: MANIPULAÇÕES)



22 -TICAS



23 (INSPIRA)



24 NO CORPO



25

HU-



26

-MANO



27

E NÃO SEI QUÊ



28

(INSPIRAÇÃO)



29

NA IMPOSSIBILIDADE



30

AS PESSOAS VÊM



31

ADOÇÃO



32

UMA FORMA DE



Esta passagem representa a continuação da sequência analisada no exemplo anterior:

Neste exemplo, CL volta a socorrer-se da estratégia argumentativa já descrita no exemplo 30. Em primeiro lugar, a falante dá a conhecer os argumentos que revelam os aspectos em que a sua opinião se fundamenta (a opinião contra a adopção de crianças por homossexuais).

Os argumentos são os seguintes: a) as crianças já estão suficientemente marcadas com certas coisas; b) metê-las numa situação mais difícil vai desconstruí-las, desestruturá-las.

Verbalizados numa forma assertiva e impositiva, os argumentos poderiam não ser devidamente considerados pelas ouvintes, ou provocar nelas uma reacção negativa. Para fazer com que sejam bem recebidos pelas ouvintes, a falante reduz o grau de certeza, apresentando-os sob a forma de suposições: em frases interrogativas com a forma verbal no Futuro do Indicativo, meios típicos de expressão de suposição no português. Sendo negativas, as interrogações têm uma orientação positiva, ou seja, ao funcionarem como perguntas, orientam as ouvintes para uma resposta afirmativa.

Expressando dúvidas sobre o tema, a falante induz as ouvintes a seguirem o seu raciocínio e a participarem numa resposta para a questão levantada. Simultaneamente, conduz as ouvintes para um tipo de resposta. Pelo que toca às ouvintes, é-lhes dado o espaço necessário para reflectirem livremente sobre o assunto, ou seja, não lhes são impostos limites. Deste modo, sentem-se mais motivadas a participar no raciocínio da falante.

Isso está patente nas respectivas actividades de retorno: na actividade de ES, que concorda com a falante (a repetição (eco) de sílabas de uma palavra acabada de pronunciar pela falante é um sinal de realimentação da ouvinte (cf. Rodrigues, 1998: 177-178); mais adiante (41), vê-se que ES se sente motivada a manifestar a sua opinião (de acordo com CL) ao ser-lhe indicado "*esse pormenor*", que ainda não lhe ocorrera. Por sua vez, IV também colabora com a falante acrescentando um elemento (uma reformulação de um elemento da vez de CL): "*traumatizadas*" para substituir "*marcadas*".

Embora tenham provocado estas reacções por parte das ouvintes, parece que as suposições exprimidas pelas frases interrogativas não foram feitas para obter respostas das ouvintes. Aliás a própria falante auto-responde-se, mantendo a expressão de dúvida - "*não sei*" (44), "*talvez*" (46) e "*não sei*" (47). As auto-respostas a perguntas são um fenómeno típico das perguntas retóricas clássicas (Schmidt-Radefeldt, 1977: 381). Assim, como no caso do exemplo 30, estas duas sequências de enunciados representadas pelas "perguntas" iniciadas por "*mas será que...?*" e "*não irá...?*" têm características comuns às perguntas retóricas do discurso monológico. Ou seja, funcionam como dispositivos argumentativos de retoricidade. A eficácia destes enunciados, como meio de influenciar as parceiras, levando-as a escutar com atenção e interesse e a não tentar reclamar para si a vez, parece ser aumentada pela verbalização das respectivas respostas: estas permitem a CL conduzir a argumentação de modo a que as parceiras acabem por concordar consigo, chegando à conclusão desejada.

Nesta passagem (33-47) há um paralelismo sobretudo sob o ponto de vista prosódico. As proeminências em "*marcadas*", "*ambígua*", "*desconstruí-las*" e "*destruturá-las*" são conseguidas por meio da diminuição da quantidade (prolongamentos de sons) e um aumento de intensidade. Foram produzidas em intervalos regulares, criando um padrão rítmico, que representa um meio de focalização prosódica importante.



**Para poder analisar com mais pormenor esta passagem, convém descrever a comunicação não-verbal efectuada em simultâneo:**

↓'mas -será que estas - CL volta a virar as mãos para o corpo e a aproximá-las dele, afastando os cotovelos para os lados; vira as palmas das mãos para baixo e, mantendo as mãos entrelaçadas, pousa-as sobre a coxa; levanta um pouco a cabeça na direcção de ES (IMAGENS 1, 2);

crianças- que 'vã::o ser - olhando sempre para ES e mantendo as mãos sobre a coxa, afasta mais os cotovelos para os lados (IMAGENS 2, 3);

DAdas 'pr'adopção, - CL começa a rodar as mãos para fora e a esticar os braços para a frente (IMAGEM 4);

<<len>'jÁ não ↑'es-tão-(.) - estica os braços, palmas das mãos voltadas para cima, dedos entrelaçados (IMAGEM 5);

'sufi'ciente'mEN:-te (0,546) - mantendo a mesma configuração de mãos, roda os ombros para trás/cima/baixo, de modo que os braços, que acompanham este movimento, sobem e as mãos ficam pousadas a meio das coxas (IMAGENS 6, 7);

['mAr'CA::'das;>] - mantendo as mãos assim entrelaçadas, CL move os braços de novo na direcção do corpo e de novo para fora, numa trajectória circular (tronco/baixo+frente/baixo+frente/cima+tronco/cima) (IMAGENS 8, 9, 10).

Simultaneamente, ES realiza actividades de retorno: ergue as sobrancelhas, acena com a cabeça e repete sílabas do enunciado de CL (37); IV também executa uma actividade de retorno (38);

[-com cErtas - CL desenha meio círculo com as mãos nesta posição, movendo-as para o lado esquerdo do corpo (IMAGENS 11, 12);

↓'cOi-sas-] <<cres>-'me - continuando sempre a olhar para ES, CL move os braços/mãos, nesta posição, para cima e para baixo; ergue as sobrancelhas e volta a baixá-las; em simultâneo: actividade de retorno de ES (37) (IMAGEM 13);

'TÊ-'las numA 'situa'ção - CL levanta um pouco mais a cabeça; com os braços/mãos faz uma trajectória no sentido oposto à antecedente, um semi-círculo de grande amplitude (tronco/baixo+tronco/cima+frente/cima+frente/baixo); olha para cima e de novo para ES (IMAGENS 14, 15, 16);

mAIIs!'Am'Bí:: - CL ergue as sobrancelhas; olha para cima; com os braços/mãos faz uma trajectória no sentido oposto à antecedente, um semi-círculo de grande amplitude (frente/baixo+frente/cima+tronco/cima+tronco/baixo) (IMAGENS 17, 18);

'gua!=nãO i'rÁ::] - CL leva as mãos até ao lado da face, dedos esticados e afastados e desenha um círculo, do corpo para fora, à frente da cabeça; o movimento circular coincide com a actividade de retorno de ES (41) (IMAGENS 19, 20, 21, 22);

[-des'cOns'tru'í:: - - CL desenha mais dois círculos idênticos ao primeiro; tem os olhos orientados para cima; termina com as mãos

abertas à frente da face, braços afastados; mantém a orientação do olhar, com os olhos muito abertos (IMAGENS 23, 24, 25);

lAs?>] - CL baixa um pouco os braços, inclina a cabeça um pouco para a esquerda, desvia o olhar para cima, ergue as sobrancelhas e provoca uma ligeira protusão do lábio inferior (estes sinais significam o mesmo que "não sei" (IMAGEM 26));

'e' n'`sei'. - CL baixa os braços e junta as mãos à frente do corpo; olha para baixo (IMAGENS 27, 28);

(.) -destrutu`RÁ::`las; - CL faz um pequeno círculo com a mão direita; vira a cabeça para a esquerda; ergue as sobrancelhas, olha para cima (IMAGENS 29, 30);

↑-tAlvez - quando volta a juntar as mãos, vira a cabeça para a frente e inclina-a para baixo, olha para baixo; a seguir, vira a cabeça de novo um pouco para a esquerda e olha para cima (IMAGEM 31);

'não ↓-sei- - CL encolhe os ombros enquanto vira a cabeça para o lado esquerdo e de novo para a frente; orienta os olhos para baixo (IMAGEM 32);

<<f>`é por -Isso - CL vira a cabeça para a esquerda; abre as mãos, afasta-as uma da outra e vira as palmas para baixo/fora, dedos para cima, como se estivesse a afastar alguma coisa para longe de si (IMAGENS 33, 34);

que ↑-Eu=Acho `que.> (0,471)- CL vira a cabeça para a direita e olha para baixo; vira a cabeça de novo para a esquerda, ao mesmo tempo que faz movimentos desencontrados para a frente e para trás com as mãos, paralelas, palmas voltadas uma para a outra; o olhar está orientado para baixo (IMAGENS 35, 36, 37);

[ <<ff>`nA ``nA:: (coincide com actividade verbal de ES - até "não arriscar") - CL abana sucessivas vezes com a cabeça e levanta as mãos, afastando-as uma da outra; CL olha para ES no último "na"(IMAGENS 38, 39);

`nA=`In ↓-de`ci`são, - faz movimentos desencontrados, para a frente e para trás com as mãos levantadas; continua a olhar para ES (IMAGENS 40, 41, 42);

[`mAIS ``vA:-le- ``nAo-arris`car.>] - CL inclina a cabeça para a esquerda antes de dizer "mais"; simultaneamente à realização de "mais", CL aproxima as mãos da coxa; em "vale" faz um movimento circular para trás com a mão direita aberta e dedos esticados, mão esquerda fechada com o polegar esticado; faz uma série de abanos que acompanham "vale" e, mais marcados, em "não arriscar"; CL olha sempre para ES, que continua a falar (IMAGENS 44, 45, 46, 47);

actividade de reclamação de vez de ES: [<all> esse pormenor é importante> realmente <p>-a adopção] [vai ser um processo di`fí`cil;]- ES inclina o tronco mais para a frente e aponta com o dedo indicador em "pormenor", recolhe o dedo e aponta de novo em "é importante"; simultaneamente, acena com a cabeça; a seguir, sorri para CL



(certamente para atenuar o facto de ter que desistir de querer tomar a vez) (IMAGENS 38 - 46);

'é por=Isso que ' nA= - CL faz um pequeno círculo com as mãos na posição em que se encontravam (mão direita sobre a esquerda do lado esquerdo do corpo); roda a cabeça um pouco para a direita (IMAGEM 48);

inde'ci - CL move as mãos para a frente, até ao meio da coxa, numa trajectória em forma de um pequeno semi-círculo para a frente, mantendo as mãos sempre na mesma posição (IMAGENS 49, 50);

`são - CL movimenta os braços/mãos no sentido contrário (trajectória também semi-circular); vira a cabeça para a esquerda e de novo para a direita;

-é mAU - CL desenha outro círculo para a frente com os braços/mãos, com outra configuração de mãos: palmas viradas uma para a outra, mãos paralelas (IMAGEM 51);

[arris'-car-] - CL faz um gesto no sentido contrário ao do antecedente, voltando a colocar as mãos na posição anterior; orienta o olhar para ES, que emite um sinal de retorno - [arriscar] (IMAGEM 52);

CL começa a mover os braços para a frente do corpo (preparação para o próximo gesto, ergue as sobrançelas, levanta o ombro esquerdo) (IMAGEM 53);

-portanto- CL roda a cabeça, ligeiramente inclinada para trás, para a esquerda; orienta o olhar para cima; continua a mover os braços e mãos para a frente, num movimento de "afastar" (IMAGEM 53);

↓`mais - CL move as mãos de novo um pouco para junto do corpo, fechando-as ligeiramente e acena com a cabeça (IMAGEM 54);

-vAle - CL move as mãos de novo para a frente, palmas viradas para a frente, numa trajectória semi-circular; efectua mais outro aceno;

dei`XÁ-los ``estAr - CL desenha um círculo mais amplo, do corpo para fora; acena de novo com a cabeça; olha para ES (IMAGENS 55, 56);

-A'ssim, - CL junta as mãos à frente do corpo (IMAGENS 57, 58);

<<p>`pá ↓-olha-> - cedência de vez: CL olha para ES em "pá", depois para baixo; inclina a cabeça para baixo enquanto levanta ambos os braços, paralelos, mãos abertas, palmas para o corpo/cima (este gesto significa uma postura de quem diz: "é assim e lamento não saber melhor") (IMAGENS 58, 59. 60);

<<pp> sei lá.> - mantém a cabeça inclinada para baixo e olhar orientado para baixo; junta as mãos à frente do corpo, palmas pousadas sobre a coxa; move os cotovelos para a frente - uma substituição de um encolher de ombros; a seguir, CL abana com a cabeça e olha para ES (IMAGENS 61, 62, 63).

**Gesto / conteúdo do enunciado:** antes da realização da sequência de enunciados (33) - (36), CL tem a cabeça inclinada para baixo e os olhos voltados para cima. As mãos estão abertas, em cima dos joelhos, palmas viradas para cima. A continuação da vez - em (33) - efectua-se através do elemento adversativo "*mas*". Prosodicamente, este elemento tem um ataque a um nível muito baixo relativamente à altura de tom da última sílaba do acto antecedente - o que contribui para a marcação de contraste - e uma altura de tom ascendente (cf. Figura 6/33a). Além de sinal de manutenção de vez, "*mas*" desempenha as funções de sinal interactivo contra-argumentativo e de sinal topográfico de transição. O acto (33), que introduz o tópico "*crianças*", termina com entoação ligeiramente ascendente, um indicador de que esta frase ainda vai ser completada (sinal de manutenção de vez - continuação da vez).

No princípio do enunciado (33), CL move as mãos entrelaçadas para junto do corpo, pressionando as palmas das mãos contra a coxa enquanto afasta os cotovelos mais para os lados. Tem a cabeça orientada para baixo, os olhos para cima, um sinal de que está a reflectir. Através desta postura e da pergunta retórica, a falante induz as parceiras a participarem na reflexão.

O acto seguinte - (34) -, uma frase relativa que se refere ao tópico introduzido pelo acto antecedente (*crianças*), tem uma altura de tom global inferior ao acto principal. O gesto que acompanha a verbalização de "*dados para adopção*" revela algumas características da ideia contida nesta expressão: a falante move os braços para a frente, virando as palmas das mãos para cima, como se afastasse alguma coisa e a desse a alguém. Mantém esta posição.

Como se pode constatar, nos enunciados (33) e (34) a comunicação não-verbal da falante reforça as ideias expressas pela fala e fornece informações relacionadas com a sua própria atitude.

**Gesto e prosódia / significado lexical :** no acto (35), que informa sobre o tópico "*crianças*", predomina uma altura global de tom média e constante, mais baixa do que na frase principal; CL vai aproximando as mãos um pouco mais do corpo, iniciando a fase de preparação do próximo gestual.

O enunciado (36) é formado pelo constituinte "*marcadas*", realizado com uma intensidade de voz mais elevada e com um prolongamento da sílaba acentuada. A prosódia tem aqui uma função onomatopaica/icónica (cf. Uhmman, 1992: 313) importante, na medida em que transmite a ideia da acção de "*marcar*" exercida por "*certas coisas*" sobre "*as crianças*".

A actividade não-verbal que acompanha a produção de "*marcadas*" - (36) - destaca-se formalmente da antecedente: partindo da posição das mãos em (35), CL desenha um círculo à frente do corpo (orientação frente/cima+tronco/cima+tronco/baixo +frente/baixo); este círculo acompanha as sílabas "*marca*"; a trajectória do gesto seguinte tem a mesma orientação, mas não forma um círculo completo, pois termina com as mãos mais próximas do corpo. Em "*coisas*", CL mantém as mãos abertas e os dedos



entrelaçados à frente do corpo, e move-os um pouco para cima e para baixo, mantendo os olhos sempre orientados para cima, ergue as sobrancelhas, anunciando que qualquer coisa de importante vai ser dita.

Concluindo, em (36) o gesto e a prosódia colaboram na transmissão da ideia expressa pelo enunciado: as duas formas do movimento das mãos, que acompanham respectivamente a produção de "*marcar*" e de "*coisas*", deixam transparecer o significado de "agir sobre alguma coisa, exercer uma pressão sobre alguma coisa, desgastar alguma coisa"; as características prosódicas contribuem com os significados de "peso, pressão, sofrimento, dificuldade".

**Actividades de retorno:** simultaneamente ao enunciado (36), verifica-se a actividade de realimentação de ES (37). Esta consiste numa repetição de parte de um termo do enunciado de CL e num sinal linguístico que expressa acordo<sup>17</sup>; esta actividade já é iniciada um pouco antes, simultaneamente à realização de "*suficientemente*" por parte de CL, em forma de acenos com a cabeça e da manutenção do contacto visual com a falante. Em seguida, ES levanta o braço direito, que estava em repouso, e estica o indicador. Este gesto de apontar vai acompanhar a actividade verbal de retorno seguinte (41).

O comentário de retorno de IV - em (38) - também realizado em simultâneo com os enunciados (36) e (37), consiste na especificação de uma ideia, uma actividade que poderia ser considerada uma reparação do acto (36) se não tivesse sido realizada ao mesmo tempo que este. Durante esta actividade, IV mantém a cabeça inclinada para baixo e o olhar orientado para baixo; não só esta postura, mas também o facto de este comentário ter sido produzido com pouca intensidade de voz, revelam pouco envolvimento da ouvinte.

**Gesto e prosódia / coesão:** CL continua a vez através de um enunciado em que introduz nova informação - a admissão de mais uma hipótese. A segunda parte desta sequência é formada pela interrogação de orientação positiva (39). Esta sequência é produzida com uma intensidade de voz crescente, que se deve às actividades de retorno das parceiras no momento imediatamente anterior - em (36) (cf. Figura 6/33a).

A actividade não-verbal que acompanha a expressão "*metê-las numa situação*" - (39) - caracteriza-se por um gesto com uma trajectória no sentido contrário da do gesto simultâneo à realização de "*marcadas*" (tronco/baixo+tronco/cima+frente/cima+frente/baixo). O sintagma gestual efectuado ao mesmo tempo que a verbalização de "*mais ambí*" decorre no sentido inverso do sintagma gestual precedente, ou seja, da frente para o corpo (frente/baixo+frente/cima+tronco/cima+tronco/baixo). No final deste enunciado, CL inicia a preparação do sintagma gestual seguinte, que vai acompanhar o enunciado (40).

No acto (39), os elementos "*mais ambígua*" encontram-se numa posição de proeminência devido à intensidade muito mais elevada e ao prolongamento do som em "*ambígua*". As

<sup>17</sup> A repetição das palavras do falante constitui um sinal de realimentação relativamente comum (cf. Rodrigues, 1998: 177 segs.).



características prosódicas destes elementos são idênticas às de "*marcadas*". Os prolongamentos das sílabas acentuadas mantêm-se ainda nos actos (40), (42) e (45). A repetição destas características prosódicas pode-se relacionar com dois tipos de informação: por um lado, transmite significados de "marcação", de "dificuldade", ou seja, a ideia de "ser marcado por certas coisas da vida"; por outro lado, os prolongamentos repetidos também expressam a atitude de dúvida e de incerteza da falante, que solicita a participação das parceiras (cf. Figuras 6/33a e 6/33b). Pode-se, aqui, atribuir à prosódia uma função onomatopaica.

Nos actos (39) e (40), os gestos têm a mesma configuração, mas orientação oposta. A manutenção desta configuração e a repetição das características prosódicas contribuem para a coesão desta parte da vez. Trata-se de uma unidade de informação global, orientada para um determinado tópico. Esta unidade, por sua vez, está estruturada em unidades mais pequenas, cujas fronteiras são marcadas, não-verbalmente, por mudanças de orientação da trajectória do gesto.

**Gesto / informação adicional à fala:** o enunciado (40) caracteriza-se por uma forma de actividade gestual diferente das antecedentes: CL desvia (ou tem já desviados) os olhos para cima, ergue as mãos abertas até aos lados da cabeça, executa três círculos à frente da face, acompanhando respectivamente a verbalização de "*não irá*", "*descons*" e "*trui*". Na fase terminal da última cláusula gestual (terceira repetição), CL move a cabeça um pouco para a frente; as suas mãos assumem uma configuração tensa: dedos flectidos, abertos e hirtos. Começa depois a baixar as mãos. Estes gestos relacionam-se com a ideia de perturbação a nível mental, expressa em "*desconstruí-las*". Neste caso contribuem com informações específicas sobre o tipo de "desconstrução" em causa, a saber, questões psicológicas da criança. Deste modo, seguindo o princípio da economia - usar o mínimo de esforço para transmitir o máximo de informação -, a falante recorre a um gesto que lhe permite revelar informações que não são explicitadas pela fala, alcançando, de um modo rápido e eficiente, os seus objectivos comunicativos.

**Gestos de abertura:** a parte da vez de CL correspondente ao enunciado (40) fica sobreposta com a uma actividade de retorno de ES - em (41) e (43) - que consiste em comentários que expressam compreensão relativamente à explicação de CL. ES focaliza esta actividade com um gesto dítico, apontando para CL, ao mesmo tempo que inclina o tronco para trás. A actividade de retorno consiste em dois actos, no início dos quais ES estica o dedo e volta a recolhê-lo. O gesto de apontar tem uma dupla função: não só indica (focaliza) um tópico importante, mas também funciona como um sinal de abertura para a introdução de uma informação. Concluindo, estes gestos funcionam como sinais de abertura e de focalização local, idênticos, por exemplo, a um abrir e fechar de mãos. O facto de a ouvinte assumir uma nova postura e mostrar interesse em falar influencia a continuação da vez da falante - pelo menos no que diz respeito às características prosódicas da fala. Outro gesto de abertura encontra-se no princípio da verbalização de "*destruturá-las*": CL levanta um pouco a mão direita e volta a baixá-la (no momento imediatamente anterior acabara de juntar as mãos à frente do corpo). Este gesto de pequena amplitude indica o começo, isto é, marca a abertura para uma nova informação (gesto de abertura), sendo, pois, um meio de focalização global.



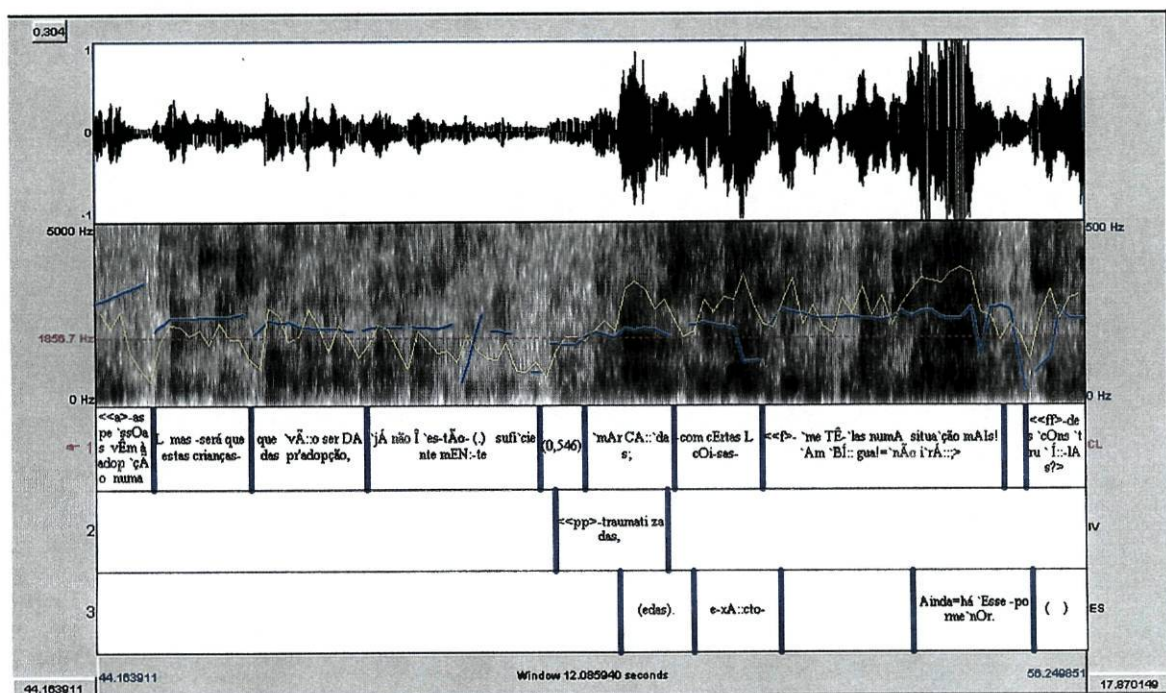


FIGURA 6 / 33A: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1p13 (33) - (41).

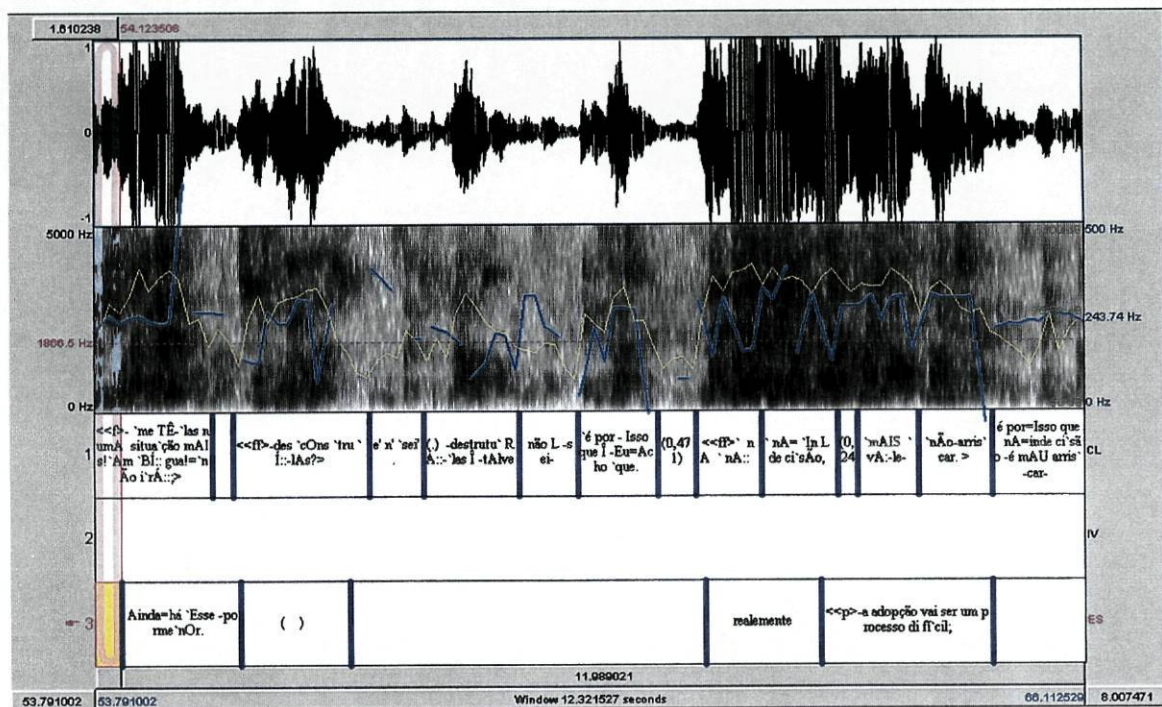


FIGURA 6/33B: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1p13 (42)- (51).



**Movimentos do corpo / conteúdo do enunciado:** nos enunciados (46) e (47), que constituem uma auto-resposta às "perguntas retóricas", mais concretamente, durante a produção do elemento "*talvez*", CL desvia o olhar para cima, reforçando o significado de dúvida, de reflexão sobre alguma coisa; do mesmo modo, o significado da expressão "*não sei*" também é intensificado pela comunicação não-verbal: um encolher de ombros, orientação dos olhos para baixo e um ligeiro abano com a cabeça.

**Defesa da vez / reclamação de vez:** a conclusão desejada pela falante é anunciada em (48). Este enunciado é realizado a seguir a um momento de pouco envolvimento. Para evitar que as parceiras tomem a vez, CL continua-a recorrendo a estratégias focalizadoras. A expressão composta pelo sinal interactivo argumentativo "*por isso*" e os elementos "*é que*" da construção clivada tem propriedades de focalização, funcionando como sinal de manutenção de vez (retoma). Esta função é ainda reforçada pela prosódia e pela comunicação não-verbal: prosodicamente, o enunciado é produzido com um aumento de intensidade de voz e com um ataque a um nível baixo, com altura de tom ascendente em "*é*" (cf. Figura 6/33b); sob o ponto de vista não-verbal, é precedido pela orientação do olhar para ES (que se mostra inquieta e com vontade de falar) e acompanhado por movimentos da cabeça e um novo gesto (CL afasta as mãos e vira as palmas para a frente/baixo para depois as ir baixando até à pausa vazia). Este gesto marca a continuação da vez de CL. Pela sua forma, palmas viradas para a frente/baixo, não cria nenhum campo de mostração, mas focaliza o que se vai seguir, na medida em que dá indicações subjectivas sobre a atitude da falante relativamente a isso - uma atitude de afastamento. Segue-se uma indicação metacomunicativa sobre o modo como o que vai ser dito deve ser interpretado - como a opinião da falante. Simultaneamente ao enunciado - (48) -, CL executa abanos lentos com a cabeça: para a esquerda em "*é por isso*", para a direita em "*que eu acho que*", de novo para a esquerda na pausa vazia. CL olha para baixo. O gesto de afastamento e os abanos com a cabeça são indicadores importantes de uma atitude de rejeição por parte da falante.

Os abanos tornam-se mais rápidos durante a hesitação em (49), na repetição de "*na*", momento que coincide com a reclamação de vez de ES. Note-se que, antes desta passagem, ES está encostada para trás, a olhar para CL, enquanto mexe no cabelo (actividade de auto-toque que denuncia certa inquietação); logo a seguir ao enunciado (47), ES começa a inclinar-se para a frente; estas actividades mostram que ela se prepara para reclamar o papel de falante - o que sucede mais adiante, em (50). A atitude de rejeição da falante atrás mencionada pode-se correlacionar tanto com o tema em questão, como com a reclamação de vez por parte de ES (que provoca a defesa da vez por parte da falante).

Por aqui se pode verificar como a actividade de ES tem repercussões na vez de CL em termos de intensidade de voz e de actividade gestual: a intensidade da voz aumenta ainda mais, CL levanta as mãos, que estavam pousadas na coxa, com as palmas viradas para baixo, e move-as, em movimentos desencontrados de amplitude decrescente, para a frente e para trás. Este gesto desencontrado acompanha ainda a verbalização de "*na indecisão*". Sendo assim, o gesto antecipa o significado que está para ser expresso verbalmente.



Durante a produção deste acto, CL olha para ES, que reclama a vez. É a esta actividade de reclamação de vez que se deve o aumento da gesticulação e da intensidade da voz, assim como, eventualmente, a hesitação.

A actividade de reclamação de vez de ES consiste nos enunciados (50) e (52). Enquanto realiza acenos com a cabeça e olha fixamente para CL, ES aponta para a frente e volta a recolher a mão. Estes gestos de apontar são idênticos aos gestos de abertura descritos atrás, realizados na actividade de retorno de ES em (41) e (43). ES desiste de reclamar a vez em (53).

**Gesto / conteúdo do enunciado:** há situações em que o gesto reforça o significado expresso através da fala: como foi atrás referido, o gesto que antecede e acompanha a verbalização de "*indecisão*", um movimento entre dois pólos opostos, representa iconicamente a atitude de hesitação que precede uma decisão.

Antes da completação da conclusão em (51), CL inclina a cabeça para a esquerda e, olhando sempre para ES, pousa as mãos sobre a coxa; em "*vale*" faz um movimento circular com as mãos, do meio da coxa para o corpo (lado esquerdo), e abana com a cabeça; continua a abanar com a cabeça e congela o gesto até ao fim do enunciado. O movimento da cabeça reforça o significado de "*não arriscar*". A configuração das mãos, a direita a proteger a esquerda, evoca o conceito de protecção: o pulso direito pousado sobre a coxa, mão direita aberta, palma para o lado esquerdo, pontas dos dedos para cima; mão esquerda dobrada por dentro da direita, palma virada para o corpo. O gesto transmite informações que a falante não verbaliza, ou seja, transmite informações adicionais à fala.

Como a conclusão, expressa em (49) e (51), ficara sobreposta à fala de ES, CL parafraseia-a no acto seguinte - (53)- , com uma intensidade de voz normal, ao mesmo tempo que ES sorri (sinal de que aceita que CL continue a vez), e emite um sinal de retorno (sinal de que ES desiste de reclamar a vez para si). CL acompanha a sua vez com vários abanos com a cabeça que intensificam o conteúdo do enunciado.

**Gesto / estruturação / coesão:** em (53) a fala é acompanhada por sintagmas gestuais que se podem considerar como pertencendo à unidade gestual iniciada em (48), que transmite uma ideia de rejeição. Nos dois primeiros sintagmas gestuais (gestos), as mãos mantêm a configuração que tinham na fase final do gesto antecedente, contribuindo assim para a coesão entre os vários actos. O primeiro gesto consiste num movimento de trajectória circular de pequena amplitude, realizado à frente do corpo, simultaneamente à produção de "*é por isso que*"; na segunda, o movimento tem uma trajectória semi-circular, do corpo até meio da coxa, e acompanha a verbalização de "*indecis-*"; na terceira, a trajectória do movimento é circular, e decorre no sentido contrário; aqui as costas das mãos encontram-se viradas para o corpo; este movimento acompanha a verbalização de "*-são*". Nos gestos que se seguem, a falante muda um pouco a forma das mãos: em "*é mau*", baixa as mãos, mão direita para a frente, de um lado da coxa esquerda, mão esquerda do outro lado; em "*arriscar*", levanta-as e aproxima-as do corpo.



Retoma da vez: simultaneamente a "*arriscar*", ES acena com a cabeça e emite um sinal de realimentação - (54). Este sinal de acordo consiste na repetição de um elemento lexical importante da vez de CL e atrai o olhar de CL (em "*arriscar*", CL olha para ES). No PT em que ES verbaliza o sinal de realimentação, a falante ergue as sobrancelhas e começa a preparar outro gesto. Assim, mesmo antes de produzir o elemento "*portanto*" - um sinal interactivo argumentativo que, ao mesmo tempo que apoia a retoma da vez, anuncia a introdução de uma conclusão, (55) e (56), a conclusão final que justifica a opinião falante - a falante mostra, não-verbalmente, que vai continuar a sua vez. Por servir de charneira entre o acto antecedente e aquele que introduz, este elemento desempenha ainda a co-função de sinal topográfico de transição. A retoma da vez é acompanhada por um encolher de ombros e por um gesto de abertura. O primeiro modaliza o que vai ser dito e transmite a atitude de dúvida, de "não saber melhor", da falante; o segundo é formado por um ligeiro afastamento das mãos para os lados, com as palmas viradas para a frente.

**Um gesto / vários significados:** em "*mais vale deixá-los assim*" - (56) -, CL olha de novo para ES. Este enunciado é acompanhado por vários acenos com a cabeça e por uma unidade gestual composta por vários gestos, com as mãos sempre na mesma posição: um movimento para o corpo, simultâneo à realização de "*mais*"; outro para a frente, simultâneo à verbalização de "*vale*"; outro circular, para cima e para baixo, simultâneo a "*deixá-los estar*"; na parte descendente deste movimento, CL coloca as mãos paralelas, palmas viradas uma para a outra, dedos afastados. Em "*assim*", CL entrelaça as mãos e aproxima-as do corpo, sem as pousar. ES acena com a cabeça. No gesto que acompanha a produção do enunciado (56), enquanto a configuração das mãos e dos braços comunica a ideia de "*protecção*", a orientação da trajectória, do corpo para fora, revela a atitude de rejeição de tal situação por parte da falante, atitude esta que já tinha sido transmitida pelos gestos precedentes - em (51) e (53).

**Comunicação não-verbal substitui e reforça o conteúdo dos enunciados:** vez de CL termina com a expressão apelativa "*pá olha*" (57) e com a manifestação de dúvida (59), incitando as parceiras a uma crítica (cedência de vez). Para terminar, afasta os braços para os lados, abre as mãos com as palmas viradas para cima, ergue as sobrancelhas, inclina a cabeça para baixo e desvia o olhar para baixo. Este conjunto de movimentos e posições do corpo transmite o significado de "não saber melhor" e substitui a fala. Trata-se de uma comunicação não-verbal que traduz uma atitude e que é descodificável pelos membros da mesma cultura da falante (se é que não se pode considerar uma forma de comunicação não-verbal de natureza universal).

A seguir, CL bate com uma mão na outra e pousa-as, juntas, sobre a coxa. Encolhe de novo os ombros (afastando os cotovelos para a frente e de novo para trás, movimento que parece ser uma variante de um encolher de ombros) enquanto verbaliza, com pouca intensidade de voz, "*sei lá*". A seguir abana a cabeça e olha para ES. Este conjunto de manifestações não-verbais transmite o "não saber" da falante, assim como uma atitude de enfado em continuar a tratar o tema, isto é, como se dissesse: "é isto que tenho para dizer, pensem o que quiserem, e já chega".



**Manutenção de vez *forçada*:** como durante a última sequência de enunciados de CL - (55) e (56) - nenhuma das parceiras se mostrou interessada em tomar a vez, este último momento da vez de CL, que precede a verdadeira cedência de vez, pode ser interpretado como uma manutenção forçada da vez, ou seja, como uma aplicação da regra 1c do sistema de alternância de vez de Sachs/Schegloff/Jefferson (1974)<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Cf. Rodrigues, 1998: 31; cf. também parte II, capítulo 2.1 deste trabalho.



1 MAS SERÁ QUE



2 CRIANÇAS



3 QUE VÃO



4 PRÁ ADOÇÃO



5 NÃO ESTÃO



6 SUFICIENTE-



7 -MENTE



8 MAR-





9

-CA-



10

-DAS (ES: -ADAS)



11

COM (ES: EXACTO)



12

CERTAS



13

COISAS



14

ME-



15

NUMA



16

SITUAÇÃO



17

MAIS



18

AMBÍGUA



19

NÃO (ES: AINDA)



20

IRÁ (ES: HÁ ESSE)



21

ES: PORME-



22

ES: -NOR



23

DES-



24

-CONS (ES: ( ))





25

-TRUÍ-LAS



26



27

NÃO



28

SEI



29

DES-



30

-TURÁ-LAS



31

TALVEZ



32

NÃO SEI



33

É



34

POR ISSO



35

EU ACHO



36



37



38

NA (ES: ESSE PORMENOR)



39

NA (ES: É IMPORTANTE)



40

NA INDECI- (ES: REALMENTE)





41 -CI- (ES: A)



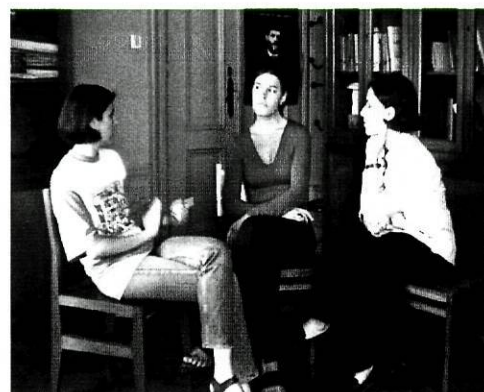
42 -SÃO (ES: ADOÇÃO)



43 MAIS (ES: VAI SER)



44 VA- (ES: UM PROCESSO)



45 -LE (ES: DIF-)



46 NÃO (ES: -CIL)



47 ARRISCAR



48 NA IN-



49

-DE-



50

-CISÃO



51

É MAU



52

ARRISCAR (ES: ARRISCAR)



53

PORTANTO



54

MAIS VALE



55

DEIXÁ-LOS



56

TAR





57

ASSIM



58



59

PĂ



60

OLIA



61

SEI LĂ



62



63

## 6.8 Exemplo (34): SEQUÊNCIAS LÓGICO-ARGUMENTATIVAS

Neste exemplo centrar-me-ei no papel da prosódia de duas sequências condicionais e de uma temporal, assinaladas com setas horizontais na transcrição em baixo:

- 2p1-15 NF: <<f>'o que -TÁ em 'CAUsa,>  
 2p1-16 (0,381) <<all>'eu ↑'Acho -que ↓-É a`ssim.>  
 2p1-17 (0,374)-sE::: -neste= `se::ehm:::  
 →2p1-18 nEste`CA-so- ↑`se HÁ <<acc>-um um HOMem -e uma mulHER  
 →2p1-19 -e Eles são ca`SA'dos,  
 →2p1-20 -ou se há uma rela`ÇÃO->  
 →2p1-21 (0,744)acho que `DE-vem <<a>'aju'dAr nas 'ta`RE-fas->  
 →2p1-22 (0,440) q::: 'vÃO -benefi'cIAr?  
 2p1-23 (0,443)  
 2p1-24 CP: `CLA [ro;]  
 2p1-25 NF: [tI]  
 2p1-26 po. se tu Aich' `Acho que tu deves ajudAR a tua  
 mulHER a co'zi`NHA-re-  
 2p1-27 (0,116)  
 2p1-28 CP: <<ff>'EU [-cozi-nho]  
 2p1-29 NF: [<<ff>tu va'is']  
 2p1-30 CP: e `Ela -lAva a ['LOU`ça.> <<p(sozinha).>]  
 2p1-31 NF: [nÃO- ↑`E ↓tu `VAIS benefi]  
 2p1-32 `CIA`re.>  
 →2p1-33 ↑ se VAIS benefi`ciA`Re;  
 →2p1-34 `da`QUIlo,  
 →2p1-35 'eu 'Acho que <<a><all>↑tENs `que ↑`a`ju`DAR?>>  
 2p1-36 ↓`e -Acho'que-  
 2p1-37 (1,203) se `ca`lhar; 'É com'`É 'como `dIzes-  
 2p1-38 (0,076) -o `TERmo `aju`DAR- `pode `ser- mudAdo para  
 comparti`lhA`re.  
 →2p1-39 (0,456) por'quE=<<all>`AO di'zEr`mos 'aju↑dA`R>=eh,  
 →2p1-40 <<all>↓`tA-mos `a dizer que tAmos a `fazer> 'qual-quer  
 coisa:::-  
 →2p1-41 (0,646)  
 →2p1-42 CP: <<p>tamos a fazer um [favor;>]  
 →2p1-43 NF: [<<ff>'a 'fa`zEr um]  
 →2p1-44 `fa'vOr à 'mu`lhEr.>  
 2p1-45 ↑`e -NÓS não `tAmos- a fazER UM -fa'vor,



`por`que, (0,492) -pA'ssa `por ↑`sER -U::m-  
 `hm `hm,

Observe-se agora a comunicação não-verbal que acompanhou estas três passagens:

(0,374)-sE::: - NF está inclinado para a frente, olha para baixo, segura o isqueiro e de vez em quando acende-o (IMAGEM 5);

-neste= - NF afasta as mãos para os lados (IMAGEM 6);

`se:: - NF volta a fechar as mãos (IMAGEM 7);

ehm:::. - NF levanta um pouco mais o tronco e a cabeça e olha em frente;

nEste `CA-so- - em "caso", NF afasta as mãos e orienta o olhar para baixo (IMAGEM 8);

↓`se HÁ - NF mantém as mãos afastadas e continua a olhar para baixo (IMAGEM 9);

<<acc>-um um HOMem -e uma mulhER -e Eles são ca`SA'dos, -ou se há uma rela`ÇÃO-> - NF executa movimentos com braços/mãos para a direita e para a esquerda; no fim do enunciado está ligeiramente voltado para a esquerda (para fora do espaço interaccional) (IMAGENS 10, 11, 12, 13, 14);

(0,744) - NF inspira; CP, que continua a olhar para NF de baixo para cima, com uma expressão irónica no rosto, cabeça inclinada para a frente, ergue as sobrancelhas; NF começa a levantar um pouco mais a cabeça (IMAGEM 15);

acho que `DE-vem <<a>`aju'dAr nas `ta`RE-fas-> - NF vira a cabeça para a direita e olha para CP em "devem" (IMAGENS 16, 17).

(0,440) - NF roda a cabeça para a frente e olha para BS e depois para baixo (IMAGEM 18);

q::: - NF levanta a cabeça olhando sempre para baixo; afasta e abre a mão direita, vira a palma para cima, polegar esticado; segura o isqueiro com a mão esquerda;

`vão -benefi`ciAr? - NF vira a cabeça para CP e olha para ele; em "vão" faz um pequeno movimento com a mão direita na direcção do corpo; em "benefi" volta a afastar a mão aberta do corpo; em "ciar", volta a juntar a mão à outra e fecha-a (IMAGEM 19, 20);

(0,443) - segue-se o sinal de retorno de CP (24); NF segura no isqueiro com ambas as mãos; mantém a cabeça orientada para CP e continua a olhar para ele (IMAGEM 21);

[tI]po. - NF vira a cabeça um pouco mais para a direita; endireita o tronco (assume uma postura vertical, ligeiramente voltada para a direita); levanta a cabeça ao mesmo tempo que começa a inclinar o tronco um pouco mais para trás; orienta o olhar para baixo; levanta os braços e abre as mãos, que ficam semi-abertas, palmas viradas para dentro; segura o isqueiro com a mão direita, entre o polegar e o indicador (IMAGENS 22, 23);

se tu Aich' - NF continua a olhar para baixo; braços abertos, palmas das mãos para cima; inclina o tronco mais para trás, mantendo a mesma posição dos braços e das mãos; no fim deste falso arranque, move o tronco de novo para o meio (posição vertical) e começa a baixar os braços (IMAGEM 24);

`Acho que - NF continua a baixar os braços e um pouco mais o tronco (IMAGEM 25);

tu debes - NF vira a cabeça para CP (CP mantém um ar irónico) e olha para ele; levanta um pouco mais os braços (IMAGEM 26);

aju - continuando a olhar para CP, NF move o braço direito ligeiramente para a frente;

dAR a tua mu - NF baixa ambos os braços, mantendo a mesma posição de mãos; começa a virar a cabeça para a frente (IMAGEM 27);

lhER - NF vira a cabeça para a frente e inclina-a para baixo;

a co'zi`NHA-re- NF afasta um pouco as mãos para os lados, os braços continuam apoiados nas coxas; começa a rodar a cabeça para CP e sorri (IMAGENS 28, 29);

retorno de CP: <<ff>'EU [-cozi-nho] e `Ela -lAva a ['LOU`ça.> <<p(sozinha).>] - o elemento, eu" é localizado com um movimento da cabeça para cima e para baixo; "ela" com um movimento da cabeça para o lado direito; a expressão "lava a louça" é marcada de novo com uma posição central da cabeça; CP mantém sempre os braços cruzados; durante este comentário, NF continua a olhar para CP e a rir; levanta os braços, aproxima as mãos uma da outra, à frente do corpo (fase de preparação de um novo gesto) (IMAGENS 30, 31, 32, 33);

[<<ff>tu va`is'] - enunciado sobreposto com o resto do comentário de CP; NF continua a olhar para CP e a sorrir; levanta ainda mais os braços até as mãos atingirem o nível dos ombros; palmas viradas para o corpo; volta a baixar um pouco os braços (IMAGEM 30);

[nÃO- - vira a cabeça para a frente, semi-cerra os olhos; mantém a mão esquerda aberta, com a palma virada para o corpo; baixa o braço direito, mantendo a palma da mão virada para o corpo, os dedos esticados, e aproxima a mão do corpo (IMAGEM 33);

↑`E ↓tu `VAIS benefil] - volta a afastar a mão direita do corpo; mantém a mão esquerda na posição em que estava; orienta o olhar para BS; BS está a sorrir (IMAGEM 34, 35);

`CIA`re.> - NF aproxima de novo do corpo a mão esquerda; CP olha para BS e sorri (IMAGEM 36);



↑ se vAIS benefi- NF sorri também para BS; NF afasta o braço direito para a frente/baixo, palma da mão voltada para cima (IMAGENS 37, 38);

`ciA`Re; - NF continua a sorrir, olhando para BS; baixa um pouco mais os braços abertos; CP olha para NF e sorri; BS olha para NF e sorri;

-da`QUIlo, - NF baixa um pouco mais as mãos; CP olha para NF; BS continua a olhar para NF; no fim da produção destes elementos, NF inclina a cabeça para baixo e desvia o olhar para baixo (IMAGEM 39);

`eu `Acho - NF afasta os braços para os lados, simetricamente, mantendo as mãos abertas, palmas voltadas para cima; começa a inclinar o tronco para a frente (IMAGEM 40);

que <<a><all>↑tENS `que ↑`a`ju`DAR?>> - NF inclina o tronco mais para a frente; baixa os braços e as mãos e junta-as à frente do corpo; começa a mexer no isqueiro (IMAGENS 41, 42);

↓`e -Acho`que- - NF inclina a cabeça mais para baixo, olhando para o que está a fazer: levanta um pouco a mão direita, com que segura o isqueiro, como se o fosse acender (IMAGEM 43);

(1,203) - NF acende o isqueiro três vezes; CP e BS sorriem; BS olha para baixo;

se `ca`lhar; - NF acende o isqueiro; mantém a mesma posição; levanta um pouco a cabeça; CP inclina a cabeça para baixo e olha para NF, de baixo para cima, sempre a sorrir (IMAGEM 44);

`É com`É `como `dIzes- NF continua a mexer no isqueiro; baixa de novo a cabeça (IMAGEM 45);

-o `TERmo `aju`DAR- NF levanta um pouco a cabeça enquanto mexe no isqueiro (IMAGEM 46);

`pode `ser- NF inclina a cabeça um pouco para a esquerda;

mudAdo para comparti`lhA`re. - NF levanta um pouco a cabeça; olha em frente (IMAGEM 47, 48);

por`quE=<<all>`AO di`zEr`mos `aju↑dA`R>=eh, - NF mantém a posição; levanta só um pouco mais a cabeça; CP olha para cima e depois para NF, de baixo para cima (IMAGEM 49);

<<all>`tA-mos `a dizer que tAmos a - NF desvia o olhar para baixo; afasta e levanta a mão direita, palma para cima, dedos esticados, polegar esticado (IMAGEM 50, 51);

`fazer> `qual-quer coi - NF mantém a cabeça um pouco inclinada para trás, pálpebras quase fechadas (olhando para baixo?); faz um ligeiro movimento com a mão direita no sentido oposto ao movimento anterior: para o corpo (IMAGEM 52);

sa:::- - NF faz um movimento com a mão no sentido oposto ao antecedente: para fora (mais imagens no exemplo 23);

(0,646)- NF faz um movimento com a mão direita na direcção do corpo, os dedos em ângulo recto com a palma da mão, pontas dos dedos viradas para o corpo, palma da mão para fora; a mão esquerda assume uma forma quase simétrica e, segurando o isqueiro, acompanha o movimento para o corpo; este movimento coincide com a actividade de retorno de CP (<<p>tamos a fazer um); durante este comentário, CP mantém-se sério; continua a olhar para NF;

[<<ff>`a `fa`zEr - NF mantém esta posição das mãos e levanta os ombros e os braços; orienta a cabeça para CP e olha para ele;

um] `fa`vOr - NF afasta os braços à frente do corpo para os lados, desenhando um círculo;

à `mu`lhEr.> - inclina-se um pouco mais para trás e afasta um pouco mais os braços, olhando sempre para CP (CP está também a olhar para ele, agora sério); em seguida junta mais os braços, palmas das mãos voltadas uma para a outra;

↑`e -NÓS não `tAmos- NF afasta de novo os braços para os lados, palmas das mãos voltadas para cima; levanta um pouco os ombros e vira a cabeça para a frente;

a fazER UM -fa`vor,- olhando para baixo, vira o tronco ligeiramente para o lado esquerdo e a cabeça também; move ambos os braços com as palmas das mãos sempre voltadas para cima, para o lado esquerdo.

A primeira parte desta passagem já foi tratada no exemplo 14, no que diz respeito às actividades de reparação: o falso arranque em (15) foi reparado pelo anúncio em (16), a hesitação em (17), pelo enunciado (18). Este último representa uma primeira parte de uma sequência condicional. Juntamente com o enunciado (19), informa sobre as condições relativamente às quais será tirada a conclusão que se segue em (21).

Sob o ponto de vista prosódico, os enunciados (18) e (19) têm uma altura de tom global relativamente constante e dão a impressão de serem realizados a uma velocidade cada vez mais elevada, como já referido sob 5.2.3. A impressão do início de uma aceleração em "um homem" tem a ver com o facto de estes elementos estarem muito próximos dos prolongamentos de sons em (17). Pelo que se pode ver na representação gráfica do sinal, nesta passagem os picos de intensidade encontram-se regularmente distribuídos, ou seja, o número de acentos por unidade de tempo mantém-se; em contrapartida, o número de sílabas por unidade de tempo aumenta. Estes fenómenos correspondem precisamente a um aumento de densidade I (quantidade de sílabas por unidade de tempo) e uma (impressão de) redução de densidade II (quantidade de sílabas acentuadas por unidade de tempo), que correspondem aos parâmetros identificados como responsáveis pela impressão de maior velocidade (cf. Uhmman, 1991, 1997<sup>19</sup>).

O acento na última sílaba tem um contorno descendente-ascendente, características que colocam este elemento numa posição de proeminência. Esta posição, seguida de uma

---

<sup>19</sup> Cf. parte I, 3.4.5; 5.2.3.



pausa vazia curta num momento anterior à completção da *gestalt* sintáctica iniciada (neste caso da sequência condicional completa), cria expectativas relativamente ao enunciado que está para ser produzido. Esta subida e descida de tom constituem um meio de focalização, uma chamada de atenção para o que está para suceder. Como a primeira parte desta sequência - (18) e (19) - foi produzida com uma velocidade mais elevada do que a fala envolvente, ocupa uma posição de segundo plano relativamente à fala seguinte - enunciado (20); a segunda parte da sequência, que transporta a informação mais importante, encontra-se numa posição de maior destaque. Assim, a primeira parte da sequência funciona como um meio de focalização da fala seguinte. Por outras palavras, o aumento de velocidade desfocaliza a fala e simultaneamente coloca a fala seguinte numa posição de destaque. Trata-se, *mutatis mutandis*, de uma situação idêntica ao efeito de luz conseguido, num desenho, através da marcação da sombra no espaço que envolve o que se pretende iluminar. Deste modo, a terminação do enunciado (20) fica numa posição de maior proeminência e é mais eficaz na sua função de focalização global proactiva, orientando as atenções para o que vai ser dito.

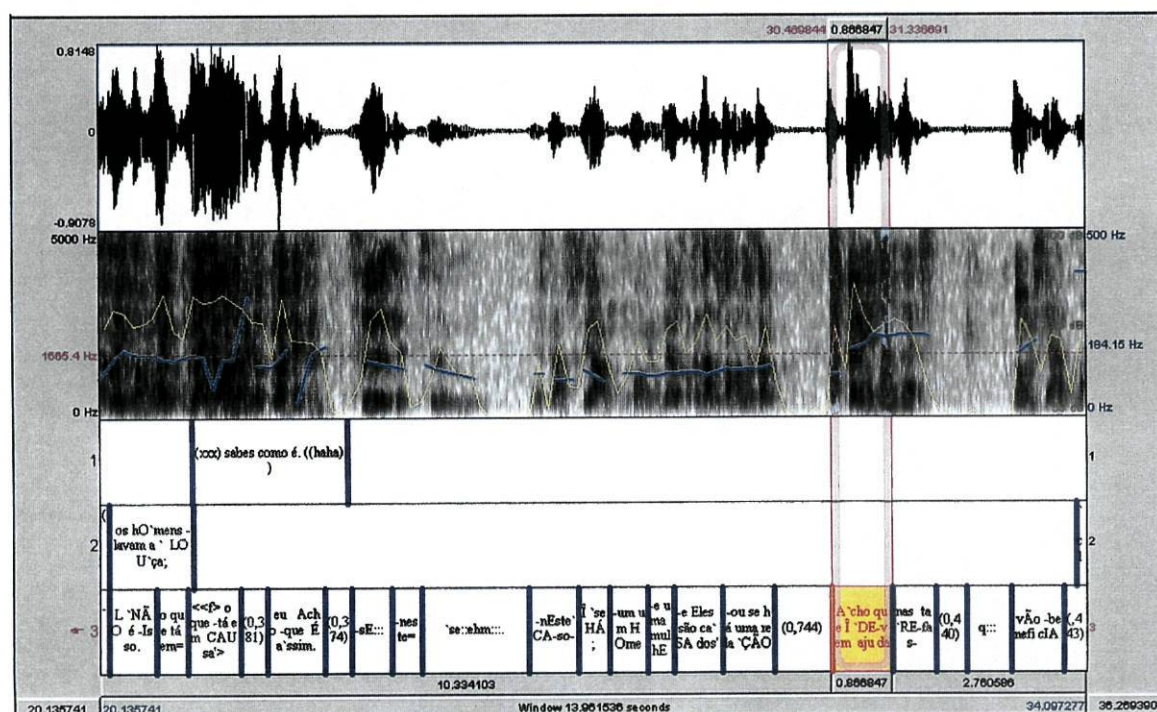


FIGURA 6/34A: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2p1 (15) - (22).

A expectativa criada está patente na comunicação não-verbal de CP: durante esta passagem da vez de NF, CP mantém uma expressão facial e postura de troça; tem a cabeça inclinada para baixo, olha para NF de baixo para cima, tem as sobrancelhas erguidas e os olhos muito abertos. Quando NF alcança o fim da primeira parte desta sequência condicional, ou seja, o PT marcado por uma terminação de um enunciado com entoação ascendente, seguido por uma pausa vazia, CP exprime uma expectativa ainda maior, abrindo mais a boca e levando a ponta da língua ao canto da boca enquanto



continua a olhar, do mesmo modo, para o falante. NF parece não se deixar intimidar por esta expressão.

Nesta passagem, a comunicação não-verbal do falante caracteriza-se por movimentos rítmicos dos braços/mãos para a direita e para a esquerda, que terminam com as mãos juntas à frente do corpo, segurando o isqueiro, o tronco inclinado para a frente. Os gestos estão mais ligados ao ritmo do que a qualquer aspecto de conteúdo, embora dividam o espaço gestual em dois pólos opostos que poderiam corresponder às dicotomias homem-mulher, casados-relação; por outras palavras, marcam duas instâncias postas em contraste. No fim da primeira parte desta sequência condicional - (18), (19), (20) -, NF olha para baixo, inspira e olha em frente, preparando-se para o que vai dizer a seguir. No enunciado seguinte - (21) -, NF olha para CP em "*devem*", mantendo a mesma posição de braços/mãos.

A continuação da vez é marcada pela expressão "*acho que*", um elemento que não só anuncia o modo como o que vai ser dito deve ser entendido, mas também modaliza o efeito impositivo que isso possa ter. A qualidade de voz cada vez mais aguda, assim como a subida global de altura de tom dão a impressão de o enunciado ser produzido com uma intensidade de voz crescente. Após uma pequena hesitação, em (22), composta por uma pausa vazia e por uma vocalização, verifica-se uma ligeira descida na altura de tom, embora se mantenha uma altura de tom global ascendente. A variação de altura de tom ascendente-descendente-constante na última sílaba acentuada ("*ciar*") confere proeminência a este momento do enunciado e transmite o envolvimento do falante, a sua atitude de indignação/censura relativamente a CP. Esta última parte do enunciado é acompanhada por um gesto de abertura (um abrir e fechar de uma mão). A parte final do acto, com as características prosódicas atrás descritas, seguida de pausa vazia e acompanhada pela orientação do olhar do falante para CP, funciona como um pedido de retorno. É um tipo de focalização local.

A primeira parte da segunda sequência condicional - que pretendo considerar aqui apenas entre (33) e (35) - foi produzida com uma altura de tom global ligeiramente descendente. A curva no gráfico que representa a altura de tom do som "A`Re" (em "*beneficiare*") mostra uma subida e descida bruscas (cf. Figura 6/34b). Este fenómeno parece ter a ver com uma oclusão glotal no final desta palavra; o começo da primeira parte desta sequência condicional decorre, como no exemplo antecedente, com um ataque com uma subida abrupta de altura de tom. A última sílaba acentuada deste acto é produzida com uma altura de tom ascendente; este grau ascendente é continuado no enunciado a seguir - (35) -, a segunda parte da sequência condicional. A informação mais importante - "*tens que ajudar*" - é transmitida em estilo enfático. Nesta expressão, proferida a uma velocidade de fala mais elevada, há dois momentos de subida brusca de tom: um, no ataque de "*tens*", caracterizado por uma variação de altura de tom descendente-ascendente-descendente; outro, entre "que", de altura de tom baixa, e "*ajudar*", pronunciado com uma variação de altura de tom descendente-ascendente-constante. Termina com um nível alto de altura de tom. Deve-se dizer que esta expressão é verbalizada com uma voz de falsete (o falante encontra-se na mudança da voz), o que a



coloca numa posição ainda mais proeminente. Há uma descida abrupta de altura de tom entre este som e a continuação da vez em (36), realizada a um nível baixo de altura de tom.

No enunciado (33), que representa a reparação (repetição) do enunciado antecedente, NF repete o gesto que já fizera nesse mesmo acto interrompido: com as mãos à frente do corpo, cotovelos levantados, move o braço direito para a frente, mantendo a mão aberta. Nesse momento sorri, ainda como reacção ao comentário de CP - em (28) e (30). Em "*daquilo*", (34), aproxima a mão direita do corpo e baixa um pouco os braços, inclina a cabeça para baixo e olha para baixo; a continuação da sequência condicional - em (35) - está marcada por um afastamento dos braços; em seguida, NF inclina o tronco ligeiramente mais para a frente, pousa os cotovelos nas coxas (regressando, assim, a uma posição de descanso do gesto) e mantém o olhar orientado para baixo.

Destaca-se ainda uma sequência temporal - constituída pelos enunciados (39) a (44) -, já tratados no exemplo 24, em que NF justifica a razão pela qual o termo "*ajudar*" deve ser substituído por "*compartilhar*": *quando se diz p (ajudar), então está-se dizer q (que se está a fazer um favor)*. A primeira parte desta sequência parece ser realizada a uma velocidade da voz mais rápida: a impressão de maior rapidez tem a ver com a pausa vazia que precede o enunciado (39), com a hesitação na parte final e com a hesitação no final do enunciado (40) (cf. Figura 6/34d).

O contraste entre a primeira e a segunda parte da sequência está prosodicamente marcado pelas diferenças de altura de tom: a primeira parte - em (39) - termina com uma altura de tom ascendente (de um nível médio para um nível alto); segue-se uma descida abrupta de altura de tom. O ataque da primeira sílaba da segunda parte da sequência - (40) -, contrasta com o tom antecedente pelo seu nível de altura médio; tem também uma altura de tom descendente (em "*tamos*"). O resto do enunciado tem uma altura de tom global constante (ou muito ligeiramente descendente).

O enunciado de CP enquadra-se no seguimento da vez de NF tanto ritmicamente, como relativamente à altura de tom. Quando NF repete as palavras de CP - em (43) e (44), aumenta a intensidade da voz e dá uma nova orientação entoacional ao enunciado: o ataque é a um nível de tom um pouco mais alto do que o tom antecedente, há uma subida global de altura de tom "*a fazer um*", uma ligeira descida global em "*favor à*" e uma descida mais abrupta em "*mulher*". Esta descida de altura de tom contrasta com a subida no enunciado seguinte (45). Verifica-se, ainda, que este enunciado foi realizado a uma velocidade mais elevada, certamente para superar o tempo gasto em pausas e hesitações.

No exemplo 23, já descrevi esta passagem sob o ponto de vista da comunicação não-verbal em situações de hesitação e da sua superação. Destaca-se ainda o gesto em semi-círculo, da frente do corpo para os lados, com ambas as mãos, palmas viradas para o corpo, que envolve também uma inclinação do tronco para trás. Este gesto acompanha os enunciados (43) e (44) e reforça o significado de "*dar*", de "*fazer um esforço por alguém*". Em simultâneo, verifica-se uma rotação da cabeça para CP e a orientação do olhar para ele. Durante a realização do gesto, o ouvinte CP olha para o falante e acena



com a cabeça. A inclinação da cabeça do falante na direcção do ouvinte, o contacto visual entre os dois e os acenos da cabeça do segundo são sinais de sintonia entre ambos.

Considerando estas três sequências (as duas condicionais e a temporal) sob o ponto de vista da sua realização sequencial, verifica-se que a terceira difere das primeiras na medida em que não foi realizada de uma só vez. Além disso, enquanto a parte final das duas primeiras se encontra numa posição de proeminência, a da última termina com entoação descendente. Esta diferença tem a ver com o facto do NF prever as reacções de CP. Enquanto "ajudar a mulher" pode causar a indignação de CP, "fazer um favor à mulher" é uma expressão que foi sugerida por CP, não podendo, por isso, provocar uma reacção de desacordo. Nos dois primeiros casos - (26) e (35) - NF deixa transparecer a sua irritação condicionada pela atitude de CP; no segundo, revela mais o seu envolvimento e concordância com o parceiro.

Recorrendo a sequências lógico-argumentativas que constituem uma *gestalt* sintáctica, o falante cria obrigações relativamente a realizações futuras que só podem ser satisfeitas depois da completação dessa *gestalt* sintáctica. Assim, após a produção de uma parte dessa sequência, os ouvintes esperam, com certa expectativa (cujo grau depende das estratégias, mais ou menos redundantes, utilizadas pelo falante) pela realização de uma segunda parte. A terminação da primeira parte em entoação ascendente (ou ascendente-descendente) e a chamada pausa retórica (pausa vazia), assim como a orientação do olhar para um ouvinte por parte do falante, constituem modos eficazes de aumentar essa expectativa.

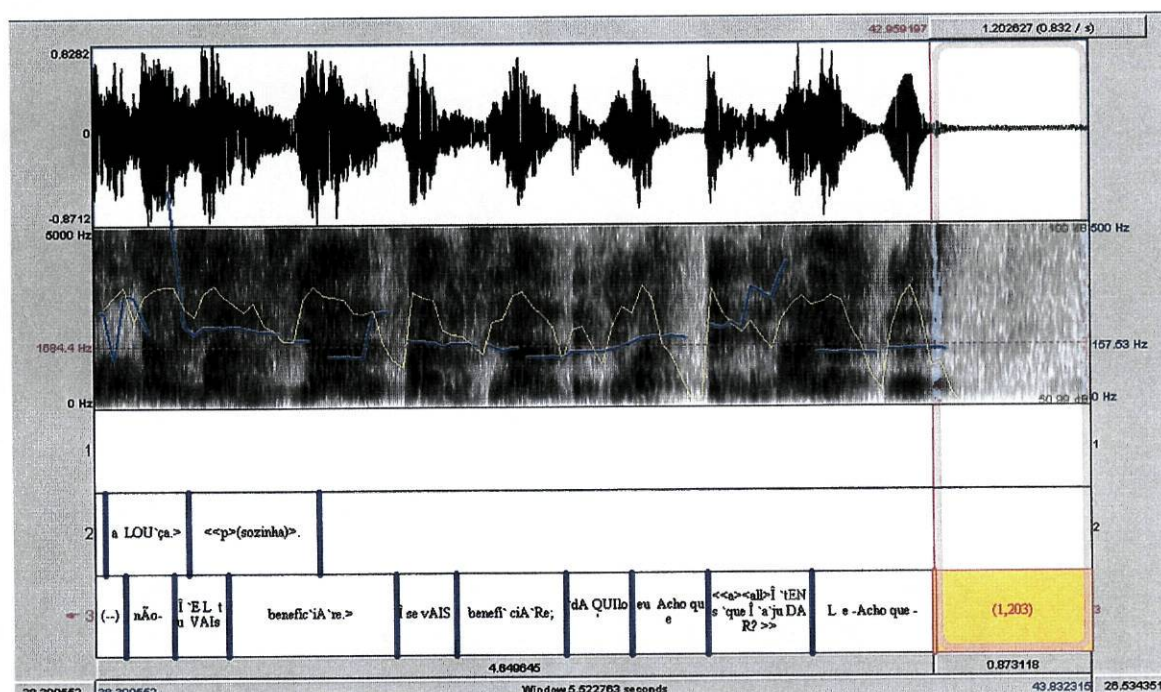


FIGURA 6/34B: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2p1 (31) - (36).



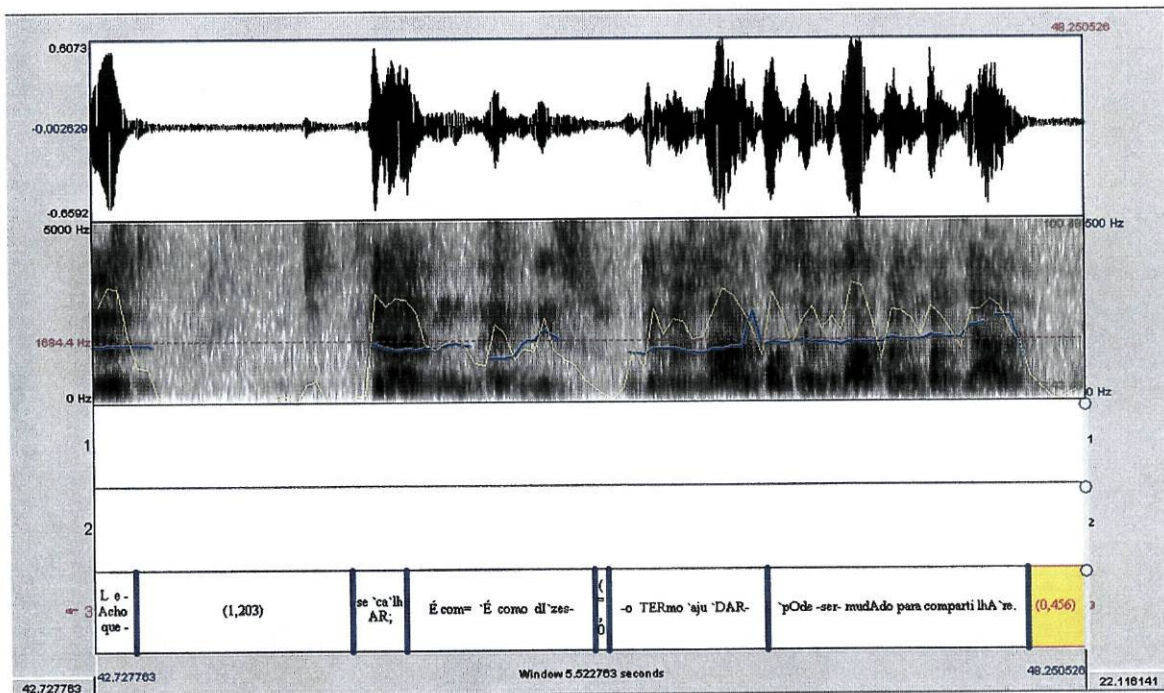


FIGURA 6/34C: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2p1 (36) - (38).

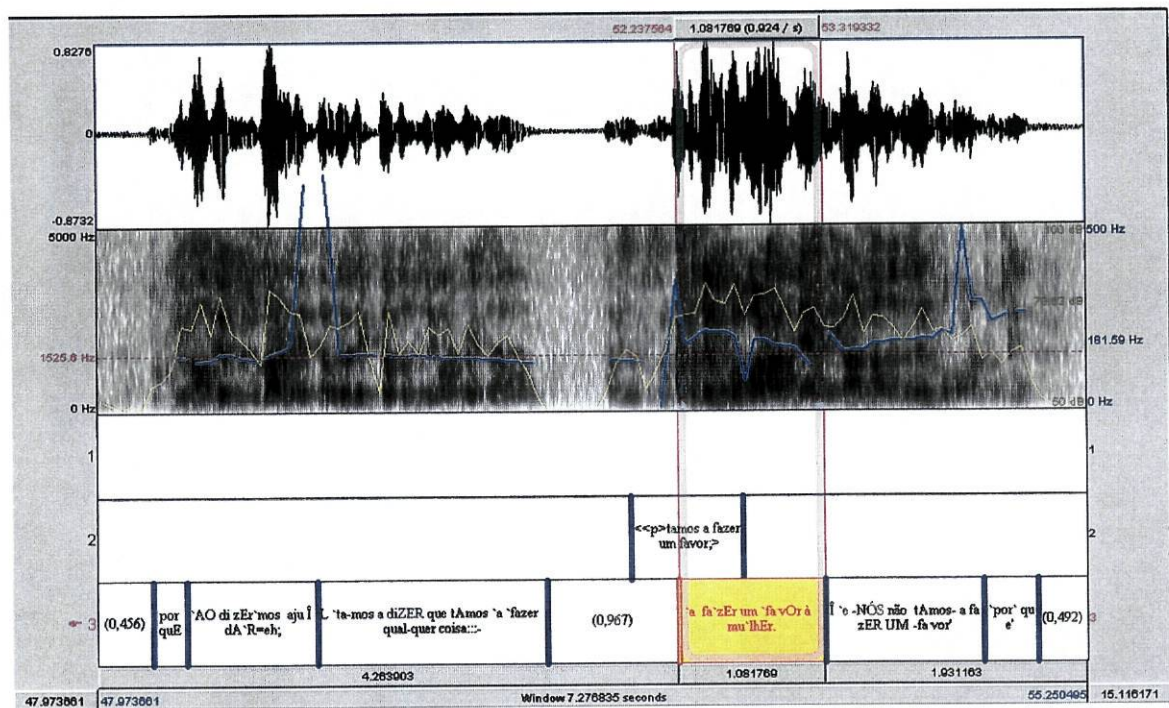


FIGURA 6/34D: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 2p3 (39) - (46).



1

EM CAUSA



2

ACHO



3

ASSIM



4

(PAUSA VAZIA)



5

SE:::



6

NESTE



7

SE:::EHM:::



8

NESTE CASO





9

SE HÁ



10

HOMEM



11

MULHER



12

CASADOS



13

OU SE HÁ



14

RELAÇÃO



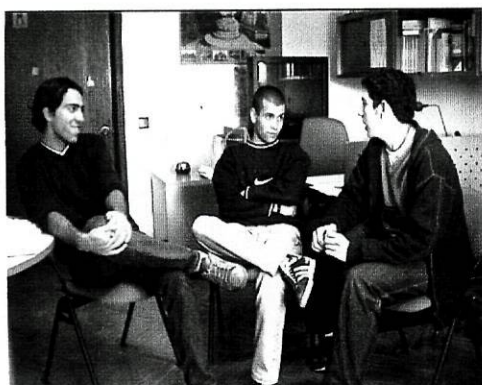
15

(PAUSA VAZIA)



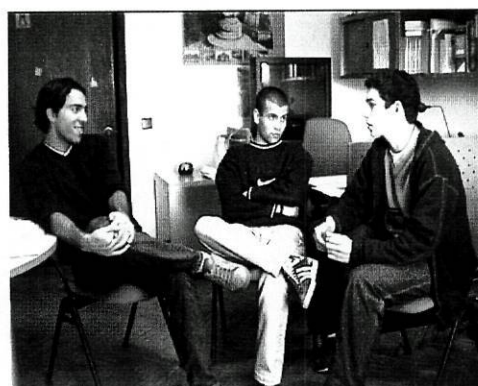
16

ACHO



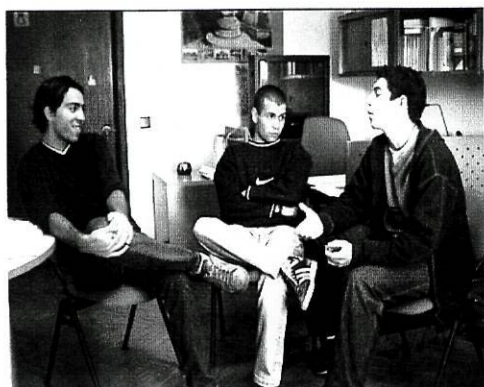
17

AJUDAR NAS TAREFAS



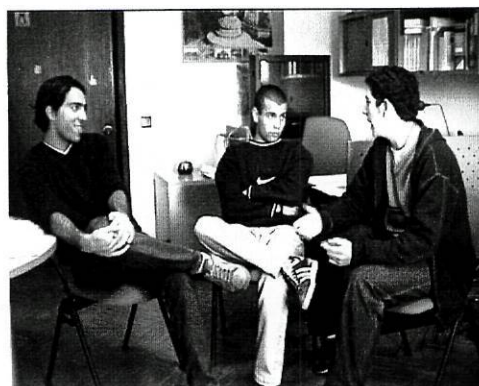
18

(PAUSA VAZIA)



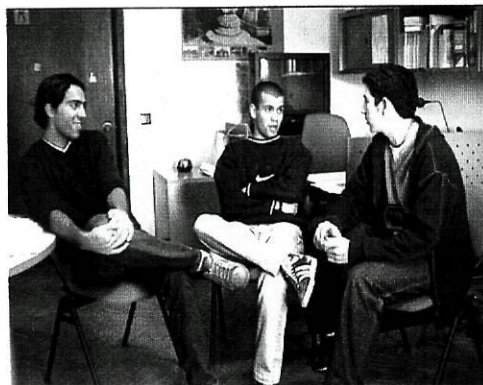
19

VÃO



20

BENEFICIAR



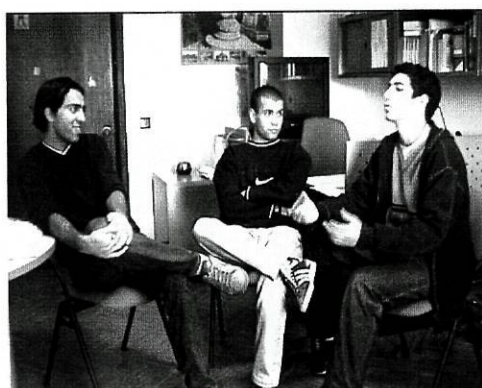
21

CP: CLARO



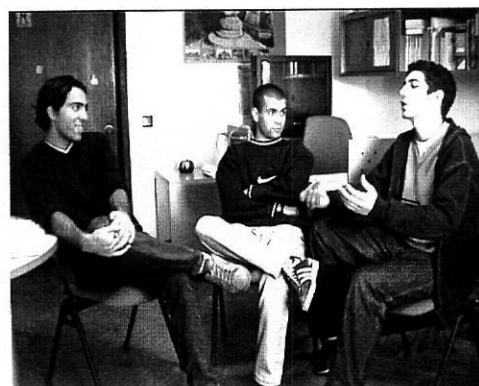
22

TI-



23

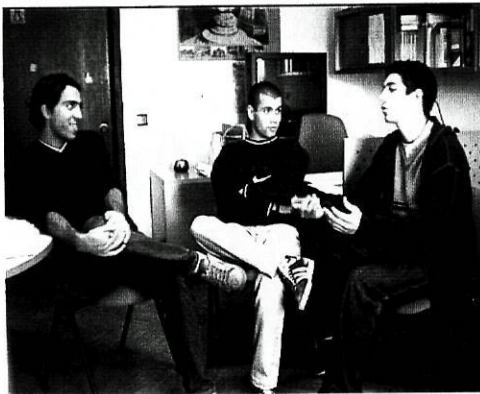
-PO



24

SE TU AICH





25

ACHO



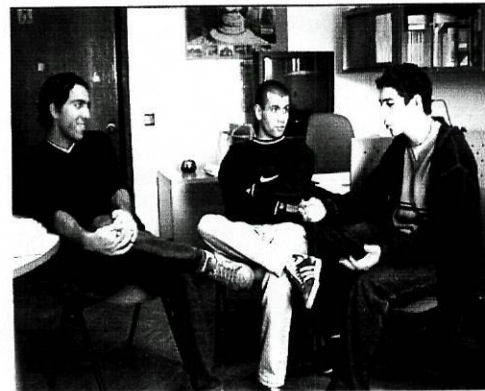
26

TU DEVES



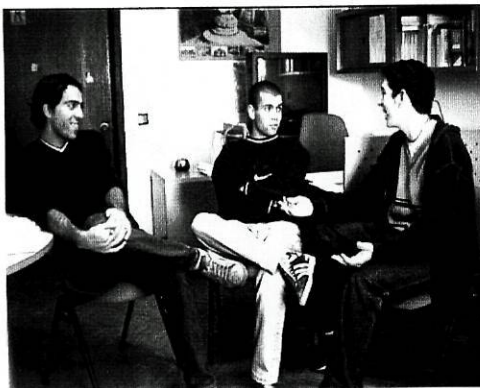
27

MULHER



28

COZI-



29

-NHAR



30

TU VAIS (CP: EU COZINHO)



31

(CP: ELA)



32

(CP: LAVA)



33 NÃO (CP: LOUÇA)



34 SE TU



35 BENEFICIAR



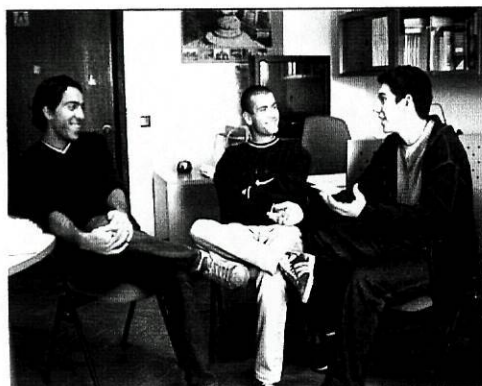
36



37 SE VAIS



38 BENEFICIAR



39 DAQUILO



40 EU ACHO





41

TENS



42

AJUDAR



43

E ACHO QUE



44

SE CALHAR



45

É COMO TU DIZES



46

O TERMO AJUDAR



47

MUDADO



48

COMPARTILHAR



49

PORQUE



50

TAMOS A AJUDAR



51

TAMOS



52

FAZER



## 6.9 Exemplo (35): APENSO/APARTE - PEDIDO DE RETORNO/REFORÇO INFORMATIVO

1p09-01 IV: ``ou=AdOptas=``ou:: -ou [``sim]  
 1p09-02 CL: [<<ff>se bEm que:]  
 1p09-03 quAn:do=tu a=A`do`ptas,  
 →1p09-04 <<g>-não `a↓-doptas ↑-não é->  
 1p09-05 (0,485) -poucos são os CA'sos em que que te  
 [``dÃO] `U-ma criAnça-  
 1p09-06 IV: [``dÊem]  
 1p09-07 CL: [<<p>a uma pessoa >]  
 1p09-08 IV: [<<f>`sEM -tu `TE]  
 1p09-09 -res>  
 1p09-10 <<f>`exA [cto.>]  
 1p09-11 CL: [-só ]  
 →1p09-12 qu' Eh`` não`É?  
 1p09-13 ``uma `mu-lhERr solteira- (. )  
 1p09-14 -recebe -uma [cri`ANça `hoje;]  
 1p09-15 IV: [``não=sei,`mas também ]  
 1p09-16 há=lá=imENSas -estra`TÉgias <<dim>`pra::::: .>  
 1p09-17 (0,767)<<all>quer dizer.> (0,237) `A`cho=[-Eu-]  
 1p09-18 CL: [-hÁ.]

### Descrição da comunicação não-verbal produzida em simultâneo:

[<<ff>se bEm que:] quAn:do=tu a=A`do`ptas, - CL orienta a cabeça mais para IV, olha para ela e começa a falar; tem as mãos/braços em posição de descanso; IV, que gesticulava e estava orientada para ES, junta as mãos à frente do corpo, roda a cabeça para CL e olha para ela; ES, que estava a olhar para IV, também orienta o olhar para CL (IMAGENS 1, 2, 3, 4, 5);

<<g>-não `a↓-doptas ↑-não é-> - antes da verbalização destes elementos, CL ergue as sobrancelhas; começa a abanar a cabeça (os abanos acompanham "não ado"); CL mantém as sobrancelhas erguidas, fecha os olhos e volta a abri-los (IMAGENS 6, 7);

(0,485) - durante a pausa, CL olha para IV, IV para CL; ES olha para CL e sorri;

-poucos são os CA'sos em que - CL mantém a mesma posição; ES inclina o tronco para a frente, orientado para CL, e levanta o braço esquerdo com que apoia o queixo (assume uma postura de ouvinte, orientada para o que CL vai dizer); IV continua a olhar para CL e sorri (em "poucos são") (IMAGEM 8);

que te [``dÃO] // [``dÊem] - CL mantém a mesma posição; IV faz um pequeno movimento com o tronco; acena com a cabeça; ergue as sobrancelhas; levanta um pouco os braços e as mãos e desenha 1/4 de círculo com cada mão, ficando com os braços afastados ao lado do corpo, mãos ao nível do peito, abertas, palmas voltadas para cima, dedos virados para a frente (IMAGENS 9, 10);

`U-ma criAnça- - CL mantém a mesma posição; em "criança" faz uma série de pequenos acenos com a cabeça; IV continua a olhar para CL, sobrancelhas erguidas, tronco um pouco inclinado na direcção de CL; ao mesmo tempo que movimenta o braço direito para a direita, mantém a mão esquerda na mesma posição e move a direita para o lado esquerdo, estica um pouco o indicador, com o qual aponta para a mão esquerda; IV fecha os olhos e roda a cabeça para o lado direito (início de um abano) (IMAGEM 11);

[<<p>a uma pessoa >] - CL continua a olhar para IV; aos acenos seguem-se agora abanos com a cabeça (IMAGEM 12);

SIMULTANEAMENTE:

[<<f>`sEM -tu ``TE] -res> - IV olha para CL e volta a juntar as mãos à frente do corpo; em "teres" roda a cabeça para a esquerda e olha para as mãos (IMAGEM 13);

<<f>`exA [cto.>] - IV mexe nos dedos, tem a cabeça inclinada para baixo, olha para as mãos (IMAGEM 14);

SIMULTANEAMENTE:

CL ergue as sobrancelhas e acena com a cabeça; está sempre a olhar para IV; a seguir verbaliza [-só ]

qu' Eh``'não``É? - depois de olhar para IV, CL vira a cabeça para a frente e para baixo (IMAGEM 15);

`uma `mu-lhERr solteira- (.) - CL continua a olhar para baixo; começa uma actividade de auto-toque (passa a mão sobre a coxa, para cima e para baixo); em "eira" faz uma série de abanos com a cabeça (IMAGEM 16);

-recebe -uma [cri``ANça `hoje;] - CL continua a abanar com a cabeça, vira-a para IV e olha para ela quando esta começa a falar (mais IMAGENS no exemplo 18);

SIMULTANEAMENTE:

[``não=sei, - IV, que continua a olhar para baixo, para as mãos, levanta o ombro esquerdo e faz uma careta (torce o nariz); nesse momento, CL olha para IV;

`mas tambÊem ] - CL continua a olhar para IV e com a sua actividade de auto-toque; ES olha agora para IV; IV começa a rodar a cabeça para a direcção de CL, mantendo-a, no entanto, inclinada para baixo; continua a olhar para baixo; levanta o braço esquerdo, deixando a mão aberta e caída, com as pontas dos dedos para baixo;

há=lá=imENSas - levanta agora a mão esquerda e volta a baixá-la;



-estra'TÉgias - volta a baixar o braço/mão até ao nível do peito; segura com a mão direita os dedos da mão esquerda; CL continua a olhar para IV e mantém a actividade de auto-toque;

<<dim>'pra::::: .> - IV afasta as mãos um pouco para os lados, sempre a olhar fixamente em frente/baixo, cabeça inclinada para baixo;

(0,767) - IV baixa um pouco mais as mãos; continuando a olhar em frente/baixo, faz uma careta; começa a rodar a cabeça para cima/esquerda (ES);

<<all>quer dizer.> - roda a cabeça para cima/esquerda; olha para ES; inicia a preparação da próxima unidade gestual (começa a movimentar as mãos);

(0,237) - desce a mão direita que pousa no colo e levanta a mão esquerda que leva até à cara (mordisca num dedo); tem os olhos semi-cerrados; começa a abrir mais os olhos;

`A'cho=[-Eu-] - orienta o olhar para cima; ao mesmo tempo que mordisca o dedo mínimo, vira a cabeça para CL, que emite um comentário de retorno.

(A continuação desta passagem foi tratada no exemplo 18.)

Nesta sequência, IV detém a vez e CL começa também a falar; a contribuição de CL para a vez de IV é de tal forma que não se pode falar aqui de falante e de ouvinte, mas de duas parceiras que, ora uma ora outra, transmitem informações (de cujo conhecimento ambas compartilham), construindo a vez em conjunto. Para a co-construção da vez as parceiras recorrem a meios verbais e não-verbais que lhes permitem verificar se estão a compreender/ser compreendidas. A constatação contínua da compreensão mútua, através do recurso a elementos fáticos (verbais e não-verbais), permite-lhes falar com menos precisão, deixar frases por completar e, conseqüentemente, gastar menos energia na transmissão de ideias.

Como já referi, IV detém a vez em (02) e é interrompida por CL que pretende emitir a sua opinião. Esta interrupção pode-se considerar uma *tomada de vez*. A intensidade da voz mais elevada apoia a falante nessa tomada de vez, isto é, faz com que IV páre de falar para ouvir as informações de CL. No entanto, IV parece não assumir ter perdido a vez, pois ambas vão falando alternada e/ou simultaneamente. Em (11), a vez passa a ser detida somente por CL, que a volta a perder em (15).

O tom de voz mais grave e o nível de altura de tom mais baixo com que é pronunciado o enunciado (04) confere-lhe um grau de assertividade relativamente elevado. O nível de altura de tom desta parte do acto contrasta com o nível de altura de tom bastante mais elevado usado no apenso "*não é*". Esta expressão encontra-se, assim, numa posição de proeminência e refocaliza, retroactivamente, a informação que acaba de ser transmitida. CL não obtém nenhum sinal de retorno de IV que, mexendo nos próprios dedos, mãos à frente do corpo, continua a olhar para ela com atenção.



Quando IV pára de falar em (01), fica a olhar para CL, exprimindo o seu acordo verbalmente - (06) - e não-verbalmente (aceno com a cabeça). Também ergue as sobrancelhas e faz um gesto de abertura ao mesmo tempo que inclina o tronco um pouco para a frente. Estes movimentos parecem poder parafrasear-se do seguinte modo: "ora aí está". O gesto também pode estar ligado ao significado de "dão/dêem".

Quando verbaliza "*uma criança*" em (05), CL acena com a cabeça, olhando para IV. Este aceno não se refere ao conteúdo da frase, mas sim a uma manifestação de empatia com a parceira, como se lhe pedisse que concordasse com ela; esses acenos passam a abanos na verbalização do enunciado seguinte, (07), que se relacionam agora com o enunciado produzido em simultâneo por IV - (09). Em seguida, enquanto IV mostra que compreendeu e que concorda com o que CL diz, roda a cabeça para a frente/baixo e olha para as suas mãos. Simultaneamente à manifestação de acordo de IV, CL ergue as sobrancelhas e volta a produzir acenos, olhando sempre para IV (07), como se quisesse prender a sua atenção.

Através do desvio do olhar para baixo e da manifestação de acordo, IV cede a vez a CL; esta continua, então, referindo o caso específico da mulher solteira e manifestando a sua dúvida sobre se lhe é facilmente dada uma criança para adopção. Em "eh não é", (12), CL olha também para baixo (talvez porque IV já não está a olhar para ela)

A expressão "*não é*", uma forma típica de apenso que desempenha a função de reforço informativo ou de pedido de retorno, foi aqui usada como uma reparação de uma hesitação. Ao mesmo tempo funciona como uma espécie de "aparte especial", através do qual, antes de prosseguir a sua vez, a falante pretende chamar a atenção da parceira que deixara de colaborar com ela na construção da vez e desviara o olhar para baixo. Sendo assim, um aparte, definido como uma informação intercalada na que está a ser transmitida, pode conter informações de qualquer tipo, relativamente ao tema principal que está a ser tratado; além disso, também pode desempenhar funções fáticas ligadas à atitude da falante ou, como é este o caso, à relação entre falante e ouvinte na regulação dos papéis interacionais.

Concluindo, a expressão "*não é*" representa um aparte, que constitui uma reparação de uma hesitação e, simultaneamente, funciona como um pedido de atenção e de participação activa da parceira, num momento em que os papéis de ambas não estão ainda bem definidos. Como, neste caso, não está bem claro se CL quer de facto continuar a vez ou se prefere que IV a continue - e por isso mostra interesse em que ela participe activamente na transmissão da informação - a classificação deste sinal como um pedido de retorno é incerta. De qualquer modo, é um sinal topográfico de transição por servir de charneira entre o que foi dito antes e o que vai ser dito a seguir.

Formalmente, a expressão "*não é*" é típica dos apensos como atrás referido. No desempenho de pedido de retorno ou de reforço informativo, focaliza, retroactivamente, o que foi dito antes e contribui para que o conteúdo da vez refocalizado seja decodificado pelos ouvintes como "consensual" e "credível". Neste contexto, atendendo a que tanto IV como CL não explicitam as suas ideias de um modo claro e preciso, tanto no "*não é*" -



-apenso como no "não é"- aparte, está implícita uma função de controle: através do primeiro, além de refocalizar o que disse, CL verifica se a sua parceira está a compreender, e/ou se se encontram ambas em sintonia relativamente ao conteúdo que está a ser tratado; através do segundo, ao mesmo tempo que reclama a sua atenção, fora de um PT, controla o estado de compreensão mútua. Nesta actividade de controle a comunicação não-verbal desempenha um papel importante, sobretudo a orientação do olhar e os movimentos da cabeça.

Os abanos da cabeça que acompanham a fala seguinte - em (14) - expressam a opinião da falante relativamente ao conteúdo, uma opinião que contradiz o significado da frase "recebe uma criança hoje". Os gestos de auto-toque mostram que CL se encontra nesse momento mais recolhida, numa actividade motora orientada para si e menos envolvida na interacção.

Neste exemplo encontram-se movimentos com a cabeça que se podem interpretar como pedido de retorno (acenos - em (05)); outros contribuem apenas com informações adicionais sobre a atitude da falante (abanos - em (07) e (14)), outros referem-se ao conteúdo expresso pela fala (abanos em (09)), outros, ainda, isolados e independentes da fala, expressam simplesmente acordo e desacordo (em (06)).

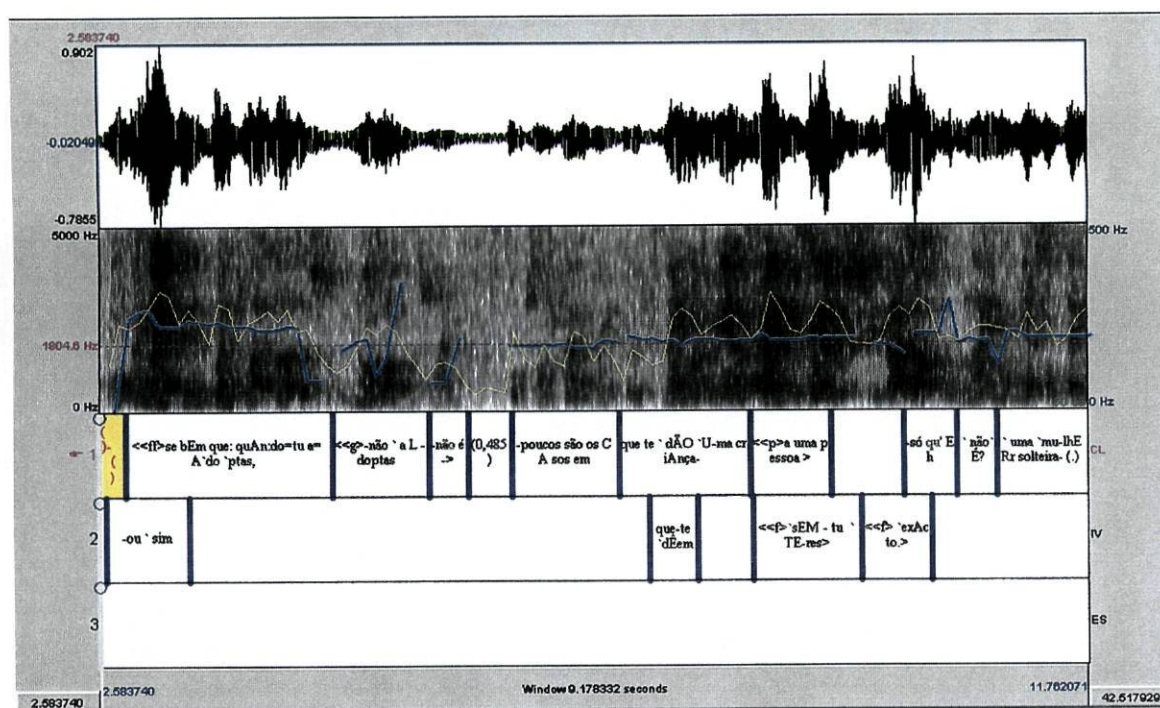


FIGURA 6/35: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 1p9 (01) - (10).



1 IV: OU



2 CL: SE BEM



3 CL: QUE



4 CL: QUANDO



5 CL: A ADOPTAS



6 CL: NÃO ADOPTAS



7 CL: NÃO É



8 CL: POUCOS SÃO OS CASOS





9 CL: EM QUE TE



10 CL: DÃO / IV: DÉEM



11 CL: UMA CRIANÇA



12 CL: A UMA PESSOA / IV: SEM TU



13 IV: TERES



14 IV: EXACTO



15 CL: NÃO É



16 CL: UMA MULHER

## 6.10 EXEMPLO (36): SEQUÊNCIAS DE ACTOS COM CARACTERÍSTICAS FORMAIS E PROSÓDICAS IDÊNTICAS: CONTAGENS

Já se viu que sequências de enunciados com características idênticas acompanhados (ou não) por unidades de comunicação não-verbal idênticas podem formar padrões rítmicos. Estes, por sua vez, criam expectativas relativamente a realizações futuras de determinados enunciados na sequência da interacção. Há formas/estruturas pertencentes ao plano verbal da interacção que propiciam a ocorrência de tais padrões, como as sequências lógico-argumentativas, acabadas de referir; outras são, por exemplo, as contagens, ou enumerações.

A partir do conhecimento que têm do mundo e do sistema de língua da comunidade a que pertencem, os indivíduos que se encontram numa situação de interacção sabem quando alguém inicia uma contagem, pois há dispositivos na fala que permitem a sua descodificação. Esses dispositivos são de ordem prosódica e sintáctica.

Uma contagem caracteriza-se por um padrão típico em que cada elemento a enumerar é realizado com maior intensidade de voz e, sobretudo, com uma altura de tom ascendente ou em suspenso. Como refere Erickson (1992), um evento de contagem caracteriza-se pelo facto de cada nova informação ser introduzida a um ritmo regular, com intervalos idênticos entre as unidades informativas. Por via de regra, os acentos primários recaem sobre os tópicos mais importantes da contagem, formando as **batidas rítmicas** (prosódicas); para que estas surjam em intervalos regulares, na enunciação dos tópicos são efectuadas adaptações a essa regularidade rítmica, através do recurso a estruturas sintácticas ou a variações de velocidade da fala (cf. Erickson, 1992: 389).

No plano não-verbal também há gestos convencionalizados para apoiar o tipo de actividade de contagem que consiste num "contar pelos dedos"<sup>20</sup>. Na cultura portuguesa e na generalidade dos países românicos, a unidade gestual de contar é composta por vários sintagmas gestuais (gestos); em cada um desses gestos, um dedo de uma mão é tocado ou pressionado pelo indicador da outra, ou até mesmo apertado pelo indicador e pelo polegar da outra mão. Há também uma ordem nesta contagem: começa-se sempre pelo dedo mínimo, termina-se no polegar e, em caso de necessidade, repete-se o mesmo processo<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> As expressões "contar pelos dedos" e "x contar-se pelos dedos" são exemplos de como uma convencionalização gestual se reflecte no léxico de uma comunidade linguística. Note-se o significado de quantidade contável da última expressão. Por exemplo, "Os trabalhos sobre o português falado contam-se pelos dedos".

<sup>21</sup> Note-se que o gesto convencionalmente usado em contagens está sujeito a grandes variações culturais no que diz respeito ao uso de uma ou de ambas as mãos, à posição da mão que conta, à posição da mão cujos dedos são contados, à ordem pela qual se contam os dedos e à amplitude do movimento. Por exemplo, nos países germânicos predomina o uso de uma só mão, inicialmente fechada, voltada para cima, em que se vão abrindo sucessivamente os dedos, começando pelo polegar. Nos países românicos, predomina o gesto atrás referido. Mas há também uma variante deste gesto, em que a contagem é realizada apenas com uma mão, servindo o polegar de "contador" que vai tocando sucessivamente os restantes quatro dedos, respeitando a mesma ordem (dedo mínimo, dedo anelar, dedo médio e indicador) e que se fecha quando ele próprio é incluído na contagem. Seria de todo o interesse investigar o gesto de contar sob os pontos de vista intra e intercultural.



Para facilitar a descrição do papel deste gesto nas contagens e porque pode ser importante determinar com precisão como se processa a sincronização entre o gesto e as partes prosodicamente mais proeminentes dos enunciados, interessa distinguir bem as diferentes fases do gesto de contar. Trata-se, então, de uma unidade gestual, com uma determinada função - a de enumerar instâncias, objectos, eventos -, composta por vários gestos. Cada um destes gestos tem a função de acompanhar a enumeração de um elemento do conjunto de todos os elementos a enumerar. As fases preparação, toque<sup>22</sup> e retracção são idênticas em todas as cláusulas gestuais da mesma contagem:

- **preparação:** uma mão encontra-se aberta, com a palma quase voltada para cima; a outra, ao contrário, com a palma para baixo, indicador mais ou menos esticado, encontrando-se os restantes dedos fechados/relaxados;
- **toque:** o indicador de uma mão toca/pressiona ou agarra o dedo mínimo da mão que se encontra com a palma voltada para cima;
- **retracção:** a mão que tocou/pressionou/agarrou o dedo mínimo volta para trás/cima.

Este processo repete-se pela ordem atrás referida. Atendendo a que, numa contagem ideal, cada tópico, ou elemento enumerado, é isolado dos outros e localizado iconicamente num só dedo, os dedos da mão revelam-se como marcadores de partes do discurso e dão apoio à organização do mesmo. Por vezes, quando o tratamento de cada tópico abrange mais do que um acto verbal (por exemplo, uma sequência de actos), os dedos são pressionados/segurados durante o tempo correspondente à realização desses actos.

A indicação do começo de uma actividade de contagem é dada pela execução de um primeiro gesto desta unidade gestual. A partir deste momento, os ouvintes esperam que o falante mantenha a vez durante, pelo menos, o intervalo de tempo necessário para terminar a sua enumeração. Independentemente da sua extensão (quantidade de elementos contados e informação com eles relacionada) ou de esta ser, de facto, concretizada ou não, o certo é que a indicação não-verbal funciona à partida como um **anúncio** sobre o que se vai seguir. Essa função de anunciar não pode ser desempenhada pela prosódia num primeiro acto de uma contagem que não é acompanhado pelo gesto correspondente, pois é necessária a produção de, pelo menos, três repetições de determinadas características prosódicas, para que uma sequência seja interpretada como um padrão rítmico de contagem (cf. parte II, capítulo 1.3).

No que diz respeito à função de manutenção de vez, conclui-se que, sempre que um falante inicia uma contagem ou enumeração (de factos, objectos ou eventos) e esta é

---

<sup>22</sup> Como o termo **golpe** (definido como o pico, a amplitude máxima do esforço do gesto) não é muito adequado para referir a fase correspondente nesta forma gestual, prefiro, para o caso do "gesto de contar", usar o termo "**toque** (de contagem)"; embora seja uma espécie de auto-toque, funcionalmente é bastante diferente do gesto de auto-toque e não deve, de modo nenhum, ser confundido com ele.

descodificada como tal pelo ouvinte, o falante não só mostra que a sua vez não terminou, mas também que esta se vai prolongar durante mais algum tempo, até, pelo menos, ao fim da contagem iniciada.

No *corpus* destacam-se alguns exemplos de contagens em que o falante recorre ao apoio não-verbal do gesto convencionalmente usado em enumerações. Um deles já foi analisado, aliás sob o ponto de vista da reparação<sup>23</sup>. O exemplo 36 ilustra outras contagens:

- 3p2-33 VB ↓`Era um DI`A,  
 3p2-34 (0,250) <<all>`en-grA-ÇA-do `Em `CA`-sa->  
 3p2-35 (0,110)↓-mas Era a `mi`nha -mÃE que faZIA ``tu`do,  
 →3p2-36 <<g>`então,> ↓-buscar `à -esCO::la- e t'  
 3p2-37 (0, )  
 3p2-38 LV: !``-NÃO!=É:: `fA-zem:- ``fA`ZEM ``tu`do;  
 →3p2-39 (0,115)-dE:sde=`AlmOços e ↑`jan-tares em `CA:::-:sa-  
 →3p2-40 `des`de -arru`mAr `as`CA::`sas. ↑-desde- ↑ah'  
 3p2-41 (0,485)`fA`zem `mEs`mo=MUIto `MA`IS;  
 3p2-42 ↓`elas ``vêm `trabalhar;  
 3p2-43 <<all> `a minha -mãe vem ``tra`balhar>=às ↑`SEte,  
 →3p2-44 (0,538)`chE-ga a casa `tem`que `fa`zer o jan`TAR::;  
 →3p2-45 `depois'-a`caba de`fa`zer o-jan`tar=`arrumar↑-TU::do-  
 3p2-46 VB: <<p>-e o seu pai [senta-se,>]  
 3p2-47 LV: [-o `meu ``pAI=lá `sen`ta]  
 3p2-48 [↓`dI::`nho,]

#### A comunicação não-verbal desta passagem foi a seguinte:

↓`Era - antes da verbalização de "era", VB tinha as mãos junto ao corpo (frente/lado esquerdo); em "era", inclina um pouco a cabeça para trás/esquerda, ergue as sobrancelhas e sorri (IMAGEM 1);

um DI`A, - VB levanta um pouco a cabeça; faz um movimento assimétrico com os braços - levanta o braço direito até ao ombro e baixa o esquerdo (IMAGENS 2, 3);

<<all>`en-grA-ÇA-do - VB move as mãos para a frente e para baixo, inclina a cabeça para a esquerda (IMAGEM 4);

`Em `CA`-sa-> VB junta as mãos na posição de repouso e endireita a cabeça (IMAGENS 5, 6);

<sup>23</sup> Cf. parte II, capítulo 4, exemplo 2: neste exemplo, na reparação de um acto de contar, o elemento reparador é acompanhado pela repetição do gesto de contar que acompanhara o elemento reparado.



(0,110)- ↓-mas Era a 'mi`nha -mãE que faZIA ``tU`do, - ainda durante a pausa, depois acompanhando a fala, VB encolhe o ombro direito, inclina e vira a cabeça para a direita, olhando sempre para AT (IMAGENS 7, 8, 9);

<<g>'então,> ↓-buscAR 'à -esCO::la- e t' - VB olha para AT e, em "buscar", inicia o gesto de contar (toca no dedo mínimo esquerdo com o indicador direito); afasta de novo a mão direita em "escola"; na vocalização que se segue, realiza o segundo gesto de contar (toca no dedo anelar com o indicador direito) (IMAGENS 10, 11, 12, 13, 14);

!``-NÃO!=É:: -`fA-zem:- ``fA``ZEM - LV olha para VB e levanta um pouco a cabeça (IMAGEM 15);

``tu`do; (0,115)- - LV olha para cima e, na pausa vazia, de novo para baixo, olhando para as mãos (IMAGENS 18, 19);

dE:sde= - 'AlmOços - LV faz o primeiro gesto de contar: toca no dedo mínimo esquerdo com o indicador direito; levanta um pouco a cabeça, continua a olhar para baixo (IMAGENS 20, 21, 22);

e - afasta o indicador (fase de retracção do gesto; vira a cabeça um pouco para a direita (IMAGEM 23);

↑`jan-tares em ``CA:::sa- LV faz o segundo gesto de contar: toca com o indicador direito no dedo anelar esquerdo e pressiona-o até ao fim da verbalização de "casa"; continua a olhar para baixo; vira a cabeça para a frente em "casa" (IMAGENS 24,25,26,27);

`des`de -arru`mAr 'as`CA::`sas. - em "desde", LV efectua o terceiro gesto de contar, tocando no dedo médio esquerdo com o indicador direito; mantém o dedo pressionado até ao fim da produção de "casas"; em "as casas", vira a cabeça para a esquerda e olha para VB (IMAGENS 29, 30, 31, 32, 33, 34);

↑-desde- ↑ah' (0,485)`- olhando sempre para VB, LV toca no indicador esquerdo com o indicador direito - quarto gesto de contar; na pausa cheia, orienta o olhar para cima (IMAGENS 35, 36, 37, 38);

fA`zem `mEs`mo - LV olha em frente e continua a pressionar o indicador esquerdo com o indicador direito; em "mesmo", vira a cabeça para a direita e olha para VB (IMAGENS 39, 40);

=MUIto 'MA`IS; - LV afasta as mãos para os lados, palmas viradas para cima; atinge a maior amplitude em "muito mais"; em "mais", volta a virar a cabeça para a frente e olha em frente (IMAGENS 42, 43, 44);

↓`elas ``vêm `trabalhar; - em "elas", LV aproxima as mãos uma da outra, à frente do corpo; em "tra", LV levanta mais a mão direita; em "lhar", levanta mais a mão esquerda, vira a cabeça para a direita e olha para VB (IMAGENS 45, 46, 47, 48, 49);

<<all> 'a minha -mãe vem -LV vira de novo a cabeça para a frente e olha em frente; afasta o braço esquerdo para o lado (IMAGENS 50, 51, 52);

``tra`balhar>=às ↑``SEte, (0,538)`chE-ga - em "trabalhar" inclina a cabeça um pouco para baixo e olha para baixo; junta as mãos à frente do corpo, as costas da mão direita contra a palma da mão esquerda; mantém

esta posição até ao fim da verbalização destes elementos (IMAGENS 53, 54, 55, 56);

a casa - LV endireita a cabeça; começa a afastar as mãos (IMAGEM 57);

tem`que `fa`zer o jan`TAR::; - LV faz outro gesto de contar, tocando, em "fazer", no dedo anelar esquerdo com o indicador direito; em "jantar", vira a cabeça para o lado e olha para VB; no fim da verbalização deste elemento, afasta as mãos (IMAGENS 58, 59, 60);

`depois'-a`caba de`fa`zer - LV vira a cabeça de novo para a frente, olha para baixo e começa a aproximar a mão direita da esquerda (IMAGEM 62);

o-jan`tar=`arrumar↑-TU::do- - em "jantar" LV toca no dedo médio esquerdo com o indicador direito; mantém o dedo pressionado até "tudo"; em "tudo" começa a virar a cabeça para a esquerda (IMAGENS 63, 64, 65);

Retorno de VB: <<p>-e o seu pai [senta-se,>] - LV olha para VB, afasta as mãos e inspira (IMAGEM 66);

[o `meu `pAI=lá - LV vira a cabeça de novo para a frente, inclina o tronco para trás e afasta os braços para os lados, palmas das mãos viradas para fora (IMAGENS 67, 68);

`sen`ta] [↓`dI::`nho,] - LV levanta o braço direito, cotovelo apoiado na mão esquerda, braço esquerdo pousado no colo; inclina a cabeça um pouco para a frente (pantomima) (IMAGENS 69, 70).

A falante VB e, a seguir, LV pretendem mostrar como as mulheres "fazem muito mais" do que os homens. Embora não cheguem a enumerar muitas tarefas executadas pelas mulheres, o facto de recorrerem ao "gesto de contar" indica que se está perante um número razoável de factos que obrigam a uma contagem. Contra o esperado, as tarefas enumeradas são tão poucas que não justificam o uso deste gesto. No entanto, mesmo que não tenha cumprido a sua função de apoio "técnico" à contagem, o gesto contribui com outra função ligada à acção de enumerar: transmite um significado de "várias tarefas". Este significado foi-lhe conferido metaforicamente, através do uso neste tipo de actividade social. Sendo assim, o gesto de contar funciona, a nível do discurso, como uma metáfora de "numerosidade limitada". Mas vejamos agora, de mais perto, o modo como as falantes concretizaram as respectivas enumerações:

Em (35), LV introduz uma informação que pode ser explicitada através de uma contagem. De facto, começa com uma enumeração em (36): LV olha para AT em "buscar" e faz o primeiro gesto de contar - com o indicador direito, pressiona (para baixo) o dedo mínimo da mão esquerda (toque); em "escola", afasta de novo as mãos (retracção). Em "e t' " (=e tal) repete o gesto, pressionando, desta vez, o dedo anelar (toque). Baixa os olhos quando LV começa a falar, junta as mãos, roda a cabeça para LV e olha para ela em "é" (38).

A proeminência (prosódica) cai sobre a palavra "escola", que coincide com a fase de retracção do gesto. Esta proeminência resulta de um aumento dos parâmetros prosódicos altura de tom e intensidade e da diminuição da quantidade (prolongamento da vogal).



Sob o ponto de vista informativo, este acto representa a especificação de uma informação já dada e compartilhada pelas interactantes. Como tal, o seu interesse é reduzido e, por isso, minimizado. Sendo assim, a quantidade das tarefas realizadas pela mãe não chega a ser enumerada; é apenas mencionada uma - a de "*ir buscar à escola*" -, ficando as restantes subentendidas na expressão de imprecisão "*e tal*" (que não é completamente pronunciada). A ideia de "muitas tarefas" é reforçada ainda pelo gesto de contar.

A diminuição da carga informativa pode ter sido provocada por LV que, num PT (no fim do enunciado (31), sorri para VB e levanta as mãos (que estavam pousadas sobre o colo) até ao nível do peito (mantém-as junto ao corpo até tomar a vez); sempre com a cabeça orientada para VB, LV olha fixamente para ela, piscando os olhos com frequência. Parece preparar-se para falar. Ao notar a disposição de LV para tomar a vez, VB orienta as suas actividades para uma terminação. Diminui a carga informativa do enunciado e não completa a enumeração iniciada. Esta concentração de toda a informação desejada em "*e tal*" e no dedo anelar, funciona como um sinal de cedência de vez.

A sequência a seguir - (38)-(46) - já foi tratada no exemplo 4 sob o ponto de vista da reparação. LV toma a vez em (38), olhando sempre para VB. O sinal topográfico de fecho "*não*" apoia-a nesta tomada de vez, fechando retroactivamente a contagem iniciada por VB e criando, simultaneamente, uma oportunidade para começar a falar<sup>24</sup>. Este elemento está prosodicamente marcado com um aumento da intensidade da voz relativamente à fala antecedente e uma subida brusca de altura de tom, características do estilo enfático, utilizado nos momentos em que o falante quer transmitir alguma coisa de mais importante. É acompanhado pela orientação da cabeça e do olhar de LV para VB.

A este sinal linguístico segue-se a expressão do acordo de LV para com VB: a forma verbal "*é*" refere-se retroactivamente ao que foi dito na vez antecedente. Simultaneamente representa o início da vez. Sendo assim, é um sinal topográfico de transição. O conjunto de todos estes sinais - "*não! é*" + o olhar - forma um sinal de tomada de vez composto.

Segue-se o acto (38), em que a avaliação de VB (35) sobre o trabalho das mulheres é repetida e generalizada: "a minha mãe fazia tudo" é generalizado em "*fazem tudo*". Sendo assim, LV não só manifesta o seu acordo com VB, mas também dá continuidade à ideia tratada pela primeira. Este acto é produzido com um contorno final de altura de tom descendente, que lhe atribui características assertivas. Há uma repetição do elemento "*fazem*", um falso arranque, certamente porque não foi pronunciado com as características prosódicas adequadas às intenções comunicativas da falante. A segunda verbalização deste elemento tem um ataque a um nível mais baixo de altura de tom; segue-se uma subida e uma descida bruscas de altura de tom que é continuada em "*tudo*".

---

<sup>24</sup> Note-se que, neste contexto, o elemento "*não*" não tem uma função de negação ou desacordo. É usado para cancelar o que foi dito antes e apresentar um novo ponto de vista que, à falante, parece superar em importância o(s) anterior(es).



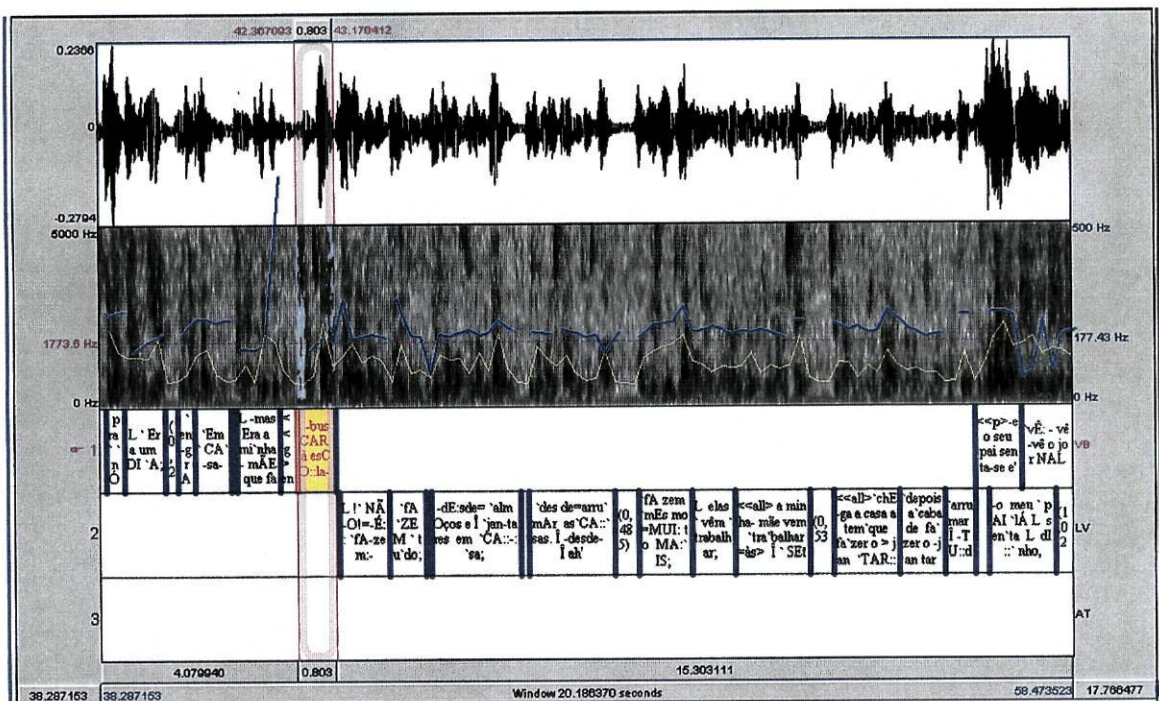


FIGURA 6/36A: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3p2 (33) - (48).

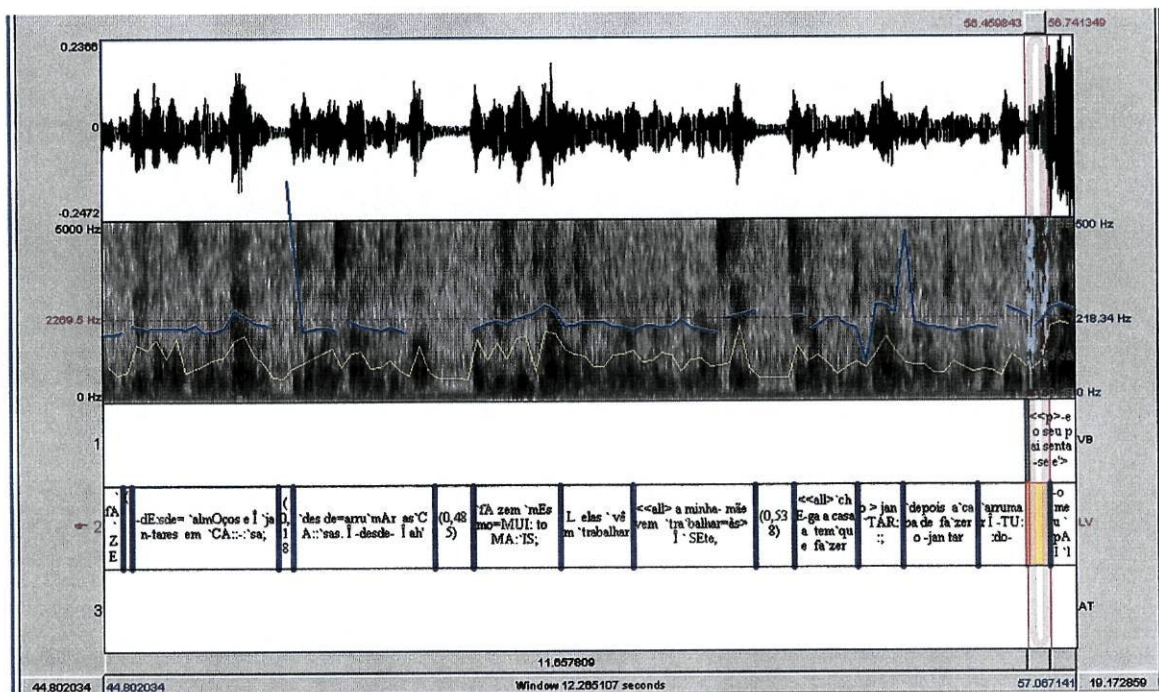


FIGURA 6/36B: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3p2 (39) - (45).



Esta variação de alturas de tom, que coloca a expressão "*fazem tudo*" numa posição de maior proeminência, revela um tom de "indignação", que caracteriza a atitude da falante relativamente ao que expressa.

A atitude de concordância com a parceira não se manifesta, contudo, só através do conteúdo dos elementos lexicais. Como já foi várias vezes salientado no que diz respeito aos fenómenos interaccionais, tanto no plano da comunicação não-verbal, como no plano suprasegmental, a identidade e continuidade estão correlacionadas com uma atitude de acordo, consenso e sintonia, enquanto o contraste e descontinuidade são indicadores de desequilíbrio ou de discordância. O facto de LV (39) recorrer a uma estratégia de contagem idêntica àquela que tinha sido iniciada por VB salienta a atitude positiva de cooperação e de concordância existente entre as duas participantes. LV faz uma contagem das tarefas das mulheres, dando, assim, seguimento ao tema tratado por VB, e reforça o seu ponto de vista através da introdução de mais informações. A continuação do tema representa, assim, um sinal de cooperação e de sintonia.

Para salientar a relação entre o gesto e a prosódia, vejamos, mais uma vez e de mais perto, esta contagem:

No princípio da sua contagem, LV levanta um pouco a cabeça, não deixando contudo de olhar para baixo, e toca com o indicador direito

- a) no **dedo mínimo** esquerdo (em "*almoços*" -39);
- b) no **dedo anelar** (em "*jantares*" - em "*casa*" solta o dedo, separa as mãos);
- c) no **dedo médio** (em "*desde arrumar as*" - olha para VB, em "*casas*", e separa as mãos);
- d) no **dedo indicador** (em "*desde-*" - vira a cabeça para a frente, desvia o olhar para cima, mostrando que se encontra num processo cognitivo, e baixa um pouco as mãos).

Na pausa vazia que se segue - (41) -, LV roda a cabeça para VB, levanta um pouco mais as mãos e olha para baixo. No acto seguinte (41), afasta as mãos, vira as palmas para cima. Atinge a amplitude máxima do gesto em "*mais*".

A vez de LV poderia ter acabado aqui, mas através do gesto (de abertura) em "*mais*" e da manutenção da orientação do olhar para baixo, evitando assim o contacto visual com as outras participantes e continuando a concentrar-se na continuação da vez, LV mostra que ainda pretende manter o papel de falante.

Esta contagem, embora muito mais completa do que a antecedente, por falta de mais informação segue uma estratégia idêntica: não tendo mais elementos para enumerar, a falante recorre a um enunciado que abrange todas as tarefas que ainda ficaram por referir

- "*fazem mesmo muito mais*". Além disso, este enunciado estabelece uma comparação entre a quantidade de tarefas das mulheres e a quantidade de tarefas dos homens.

Em seguida, LV olha de novo para VB e prossegue com a sua vez, produzindo um falso arranque e uma auto-reparação (cf. exemplo 4): uma generalização (aplicada a todas as mulheres) - em (42) - é substituída pelo caso particular de uma mulher (a sua mãe) - em (43). Esta reparação é efectuada com uma maior velocidade da fala, um fenómeno corrente nestas actividades, por um lado para recuperar o tempo perdido, por outro lado, para minimizar o pedaço de fala corrigido, orientando a atenção dos participantes para o que vai ser dito.

Em (43), LV olha para baixo, inclina a cabeça um pouco para a direita e faz um gesto à frente do corpo, um gesto que localiza iconicamente um ponto no espaço e que coincide com a produção da expressão "*às sete*" e, em (44), inicia uma nova contagem. Esta não começa com o primeiro dedo (dedo mínimo), mas sim com

- a) o **dedo anelar** esquerdo: toque em "*fazer*"; em "*jantar*" - (44) -, a falante roda a cabeça para VB e olha para ela; este momento coincide com o alongamento máximo do dedo anelar por pressão do dedo indicador; retracção a seguir a "*jantar*".

Em (45) vira de novo a cabeça para a frente e continua a contar, pressionando o indicador direito contra o

- b) **dedo médio** esquerdo: toque em "*jantar*" - (45) -, segura o dedo médio esquerdo com a mão direita, mantendo-o preso até "*tudo*"; retracção a seguir a "*tudo*".

Neste momento, VB introduz outro tópico, contextualmente implícito, mas ainda por mencionar - o "*pai*", o outro elemento da comparação. LV olha para ela, ergue as sobranceiras e começa a afastar os braços, mostrando que vai introduzir uma informação diferente; na verdade, essa informação contrasta com a antecedente na medida em que se refere ao novo tópico. Todos estes movimentos - orientação do olhar, sobranceiras e fase de preparação do gesto - focam o que vai ser dito; são sinais topográficos de abertura. Simultaneamente, por mostrarem que LV não está ainda interessada em ceder a vez após a conclusão da sua enumeração, constituem um sinal de manutenção de vez.

Esta passagem exemplifica claramente a influência recíproca entre as duas parceiras: por um lado, VB segue atentamente a vez de LV e colabora com ela, introduzindo novas informações; contribui para uma aceleração da dinâmica da interacção, fazendo com que LV acabe com o tratamento de um tema, que já se estava a tornar repetitivo e sobre o qual a falante demonstrara não ter mais informações novas a dar; por outro lado, LV colabora com a parceira aceitando o tratamento do tema por ela referido.

No que diz respeito à delimitação dos diferentes actos de contar, deve-se ter em conta não só o gesto de contar, mas também a actividade de outras modalidades não-verbais: os movimentos do olhar parecem efectuar-se paralelamente a determinados momentos do



enunciado, sobretudo junto das fronteiras entre os diferentes actos; coincidem também com o acento primário (pelo menos neste exemplo da enumeração): em "CA:::sa" (39), em "jan<sup>ˈ</sup>TAR::" (44), "TU::do" (45), marcando os pontos em que a falante poderia ter obtido um sinal de retorno por parte das parceiras. São momentos importantes de terminação de uma unidade informativa em que LV pretende certificar-se do modo como a sua informação foi e está a ser recebida pelas ouvintes.

Quanto à prosódia, constata-se que, na segunda contagem, há dois momentos mais proeminentes que coincidem com as sílabas "TAR::" (44) e "TU::" (45). A proeminência é conseguida através do aumento de intensidade, subida de altura de tom e um prolongamento da vogal. A entoação com que ambas as palavras são realizadas provoca uma impressão auditiva de altura de tom ascendente. De facto, verifica-se que há uma subida abrupta de altura de tom antes de "TAR::" e outra antes de "TU::"; cada uma destas sílabas é produzida com entoação respectivamente descendente-média e em suspenso, com uma altura de tom relativamente mais elevada do que a fala envolvente. Estas duas sílabas são as batidas rítmicas da contagem, que coincidem também com o toque do gesto de contar.

Atendendo a que o ritmo parece ser uma característica típica destas actividades, convém analisar em termos de padrões rítmicos as partes da fala correspondentes às contagens. Seguindo a proposta de Couper-Kuhlen (1992) para a notação do ritmo da fala, (marcada através de '/'), e dando conta não de todas as sílabas acentuadas, mas só das sílabas mais proeminentes, foram anotadas as cadências que figuram na tabela da página seguinte<sup>25</sup>.

Verifica-se que, em primeiro lugar, os enunciados que correspondem a cada elemento enumerado são produzidos a um ritmo auditivamente percebido como regular, mas a característica mais evidente é o contorno entoacional e o ligeiro prolongamento do elemento terminal de cada acto. Vejam-se os elementos "escola" (36), "casa" (39), "casas" (40), "jantar" (44) e "tudo" (45).

Note-se que a regularidade das cadências em (43), (44) e (45) é um indicador de que o enunciado (43) também faz parte da contagem (segunda contagem de LV), não sob o ponto de vista semântico, mas sob o ponto de vista prosódico. Por isso, talvez, é que o acto (44), o acto que, de facto, enumera o primeiro elemento da contagem, é acompanhado pelo gesto correspondente ao segundo acto de contar - toque no dedo anelar -, e não pelo gesto correspondente ao primeiro acto de contar - toque no dedo mínimo. Subjectivamente, LV efectuara a primeira contagem com o enunciado (43). Pode-se falar aqui de um "erro" de produção gestual? Ou de um erro de prosódia? Sem pretender encontrar agora uma resposta para este desvio, limito-me a comentar que, à semelhança do que se passa com a fala, também na comunicação gestual, no caso de gestos mais convencionalizados, também pode haver uma falta de "perfeição sintáctica" (admitindo que também exista uma espécie de sintaxe do gesto) devida a erros (ou lapsos) na sua execução.

---

<sup>25</sup> Cadência é entendida como a duração relativa entre as batidas rítmicas (cf. Müller, 1996. 170).

Em segundo lugar, confirma-se o que Erickson (1992) refere relativamente à adaptação do enunciado ao padrão rítmico, que obriga, por vezes, a uma maior rapidez de produção da fala. Em cada acto há elementos menos acentuados e elementos mais acentuados distribuídos de tal modo que dividem o acto em duas partes: uma primeira, não-proeminente - como "*desde almoços e jantares*" - e uma segunda, proeminente - como "*em casa*" (39). Verifica-se que há uma preocupação em produzir estas duas partes em intervalos de tempo regulares e idênticos para todos os actos de contar pertencentes à mesma contagem. Por exemplo

- em (44) - "*chega a casa tem que fazer*" - foi produzido num intervalo de tempo de 0,776 msgs., muito idêntico ao ocupado com a produção do elemento "*jantar*" (0,677 msecs.);
- em (45), há uma tentativa de realizar "*depois acaba de fazer o jantar*" no mesmo intervalo de tempo, mas houve um pequeno desvio (0,935 msecs.); em contrapartida, os elementos "*arrumar tudo*" (0,640) são produzidos em 0,640 msecs., um intervalo de tempo mais próximo do que ocupa a produção de "*jantar*".

|    |                                                      | CADÊNCIA EM MSEGS. |                 |              |
|----|------------------------------------------------------|--------------------|-----------------|--------------|
|    |                                                      | 0,400-<br>0,950    | 1,100-<br>1,700 | msecs.       |
| VB | / era um dia                                         | /                  |                 | 0,851        |
|    | / engraçado em casa                                  |                    | /               | 1,360        |
|    | / mas era a minha mãe que fazia de tudo              |                    | /               | 1,032        |
|    | / <b>então buscar à ESCOLA</b>                       |                    | /               | 1,153        |
|    | / e t'                                               |                    |                 |              |
| LV | NÃO! É                                               | /                  |                 | 0,634        |
|    | / fazem                                              | /                  |                 | 0,403        |
|    | / fazem tudo + pausa                                 | /                  |                 | 0,754        |
|    | / <b>desde almoços e jantares em CASA</b>            |                    | /               | <b>1,220</b> |
|    | / pausa + <b>desde arrumar as CASAS</b>              |                    | /               | <b>1,108</b> |
|    | / desde ah + pausa                                   |                    | /               | 1,111        |
|    | / fazem mesmo muito mais                             | /                  |                 | 0,907        |
|    | / elas vêm trabalhar                                 |                    | /               | 1,542        |
|    | /a minha mãe vem trabalhar às sete                   | /                  |                 | 0,492        |
|    | / + pausa                                            |                    | /               | 1,375        |
|    | / <b>chega a casa tem que fazer o JANTAR</b>         |                    | /               | <b>1,617</b> |
|    | / <b>depois acaba de fazer o jantar arrumar TUDO</b> |                    | /               | <b>1,684</b> |
|    | / (depois) o meu pai lá sentadinho                   |                    |                 |              |



A nível sintáctico constata-se também certo paralelismo nos últimos elementos destes dois actos de contar, nas expressões "*fazer o jantar*" e "*arrumar tudo*". Este paralelismo de sintaxe e prosódia na fala, juntamente com o apoio dado pelo gesto de contar é muito importante para a organização da informação na actividade de enumeração e fornece aos ouvintes as pistas necessárias para a sua interpretação.

Quanto à relação entre o gesto de contar e a proeminência frásica, este pequeno exemplo permite concluir que não há uma rigidez na sincronização entre a parte proeminente de um acto de contar e a cláusula do gesto de contar, pois a proeminência verbal tanto pode coincidir com a fase de retracção, como com a de toque; além disso, nem sempre há uma sincronização entre um gesto de contar da unidade gestual de contar (em que há um referente que é marcado pelo gesto) e o acto de contar, se for definido como uma unidade informativa com características prosódicas típicas que coincide, num caso ideal, com uma unidade entoacional.

Como demonstra a primeira contagem de LV, enunciados (39) e (40), a falante realiza em (39) dois gestos de contar dentro de uma unidade prosódica de contagem e um só gesto de contar na unidade prosódica seguinte. Além disso, durante a produção do segundo constituinte do primeiro acto (jantares em casa) e todo o segundo acto, a falante mantém o dedo "contado" pressionado, soltando-o na verbalização do elemento prosodicamente mais proeminente. Sendo assim, a proeminência está mais sincronizada com o início da fase de retracção do que com o toque.

Nesta breve contagem, o momento do toque coincide com a produção do elemento informativamente mais importante (almoços e jantares) e a retracção, com o elemento verbal importante para a marcação do ritmo (casa). Sendo assim, enquanto o toque (gesto) está sincronizado com o elemento que faz parte do conjunto dos elementos a enumerar, a batida rítmica (prosódia) não se encontra necessariamente sincronizada com este, nem com o gesto.

Na segunda contagem de LV, enunciados (44) e (45), o toque consiste numa preensão do dedo durante um período de tempo mais prolongado; o momento de toque coincide com o último elemento da parte não-proeminente do acto de contar; o dedo é mantido preso até ao fim do acto.

Embora deste exemplo já ressaltem aspectos interessantes relacionados com a actividade de contar, seria preciso um *corpus* mais extenso para se poderem tirar conclusões sobre a coordenação e sincronização do gesto de contar com o elemento contado e a proeminência frásica.



1

ERA



2

DI-



3

-A



4

ENGRAÇADO



5

CASA



6

(PAUSA VAZIA)



7

MAS



8

MÃE





9

TUDO



10

BUS-



11

-CAR



12

À



13

ESCOLA



14

ET'



15

LV: NÃO



16

FAZEM



17

FAZEM



18

TUDO



19

(PAUSA VAZIA)



20

DESDE



21

ALMO-



22

-ÇOS



23

E



24

JAN-





25

-TARES



26

CA::



27

-SA



28



29

DES-



30

-DE



31

ARRUMAR



32

AS



33

CA-



34

-SAS



35

DES-



36

-DE



37

AH



38

(PAUSA VAZIA)



39

FA-



40

-ZEM

506





41

MESMO



42

MUI-



43

-TO



44

MAIS



45

ELAS



46

VÊM



47

TRA-



48

-BA-



49

-LHAR



50

MINHA



51

MÃE



52

VEM



53

TRABALHAR



54

ÀS



55

SETE



56

CHEGA

508





57

CASA



58

TEM



59

FAZER



60

JANTAR



61



62

DE FAZER



63

JANTAR



64

ARRUMAR



65

TUDO



66

(INSPIRA) (VB: SEU PAI)



67

O MEU PAI



68

LÁ



69

SENTADINHO (VB: SENTA-SE VÊ VÊ)



70

(VB: VÊ O JORNAL)



## 6.11 Exemplo (37): CONTEXTUALIZAÇÃO DE SEQUÊNCIAS NARRATIVAS E SUA ESTRUTURAÇÃO

Este exemplo é constituído por uma narrativa oral, em parte já tratada no exemplo 13; recorri a esta passagem para ilustrar vários modos de marcação de fronteiras entre diferentes unidades de informação. Não podendo aprofundar aqui a narrativa oral sob um ponto de vista sistemático, visto esse tema não caber no âmbito deste trabalho, quero apenas chamar a atenção para os meios verbais e não-verbais de que o falante se serve para contextualizar partes narrativas<sup>26</sup>; por outras palavras, interessam-me os meios que o falante utiliza para a) *indicar* que o que está (ou vai) dizer é a narração de um episódio e b) *introduzir* as informações necessárias para que os ouvintes não só compreendam esse episódio da maneira intendida pelo falante, mas também o "vivam" do modo mais real possível.

3p2-67 AT: 'o -mEU 'pAi 'ti'nha -U'ma 'cOisa' hm- ↓'-ehm::-

3p3-01 (0,744) 'BEM <<all>'prOn'tos=

3p3-02 'o mEu 'PAI -tra'bA-lha 'fO'ra=

3p3-03 =de maneira 'que=-aQUI↓lo 'ER-'A=a'ssim;>

3p3-04 (0,454) 'SEM'pre 'quE::=

3p3-05 -Ele che'gAva a 'CA:'sa,

3p3-06 ↑'imAgi'nem,

3p3-07 <<f>'TÁ-vamos- (0,238) ↑'TO'DAS -na 'sa↓-la->

3p3-08 -a'Ver=Um 'pro'gra-ma-

3p3-09 <<p>-bEm->

3p3-10 (0,373) <<f>↑'ELE 'che'GA:::-va->

3p3-11 (0,472) 'sen-TAva-se 'ao nosso ↓-lado-

3p3-12 (0,163) [(0,168) 'pe'GA::'va]

3p3-13 LV: [<<pp>'mu'da'va.>]

3p3-14 AT: -num 'co-mAndo-

3p3-15 <<a>-e 'mu'DA:'va;>

3p3-16 (0,668)<<all> ↓'perCEbes=

3p3-17 =e 'NÓS,>

3p3-18 (0,220)

3p3-19 VB: 'simples-mENte=a=O'lhAR?

3p3-20 AT: <<ff>↑!-SIM['plEs'-mEnte-] [(-)<a>'mu]

3p3-21 VB: [<<a>pois?>] [o 'pai 'manda,]

3p3-22 AT: ''DA-va-!]>>

3p3-23 (0,161)

3p3-24 AT: -e 'pU-Nha-

<sup>26</sup> Sobre narrativas orais cf. Quasthoff (1981), Rath (1981), Morais (2002).

3p3-25 (-) e `nós;  
 3p3-26 ahm::: ↑'ei?  
 3p3-27 <<pp>e assim.>  
 3p3-28 -discrE'tamente. [(0,344)]  
 3p3-29 VB: [<<p>sim->]  
 3p3-30 AT: <<all>`tinha-mos`to'dos -q' = `SA'IR 'da ``SA:la=`não -é-  
 3p3-31 (0,208) <<all>-tivEmos=de ↑``com`PRARE::.(-)  
 3p3-32 `trÊS 'Ou -quAtro televisões 'em ``ca:``sa;  
 3p3-33 -por -causa ``DI::↑-sso->  
 3p3-34 (0,894)

### Segue-se, antes de mais, a descrição da comunicação não-verbal da falante AT:

*'BEM - antes deste enunciado, AT tinha o braço esquerdo levantado, dedo indicador esquerdo junto à boca e olhava para VB; em "bem", move o braço para a frente, desvia o olhar para o lado/cima (IMAGEM 7);*

*<<all>`prOn'tos=- AT baixa a mão, deixando o braço levantado, roda um pouco a cabeça para a direita e olha para VB (IMAGENS 8, 9);*

*`o mEu ``PAI - AT continua a olhar para VB, roda a mão para fora (IMAGEM 10);*

*-tra``bA-lha `fO'ra=- AT mantém o braço direito levantado, fecha e aproxima a mão direita do corpo, roda a cabeça um pouco para a esquerda e, em "fora", olha para baixo (IMAGEM 11).*

*=`de maneira `que=-aQUI↓lo `ER-`A=a``ssim;> - inclina a cabeça para baixo, estica os dedos da mão que estava levantada; continua a olhar para baixo (IMAGENS 12, 13, 14).*

*(0,454) `SEM'pre ``quE::=- levanta um pouco a cabeça, continua a olhar para baixo (IMAGENS 15, 16, 17, 18);*

*-Ele che`gAva a `CA:'sa, - AT começa a rodar a cabeça para VB e olha para ela; em "casa", move a mão esquerda (que se encontra levantada) para a esquerda, palma para baixo; a seguir, olha para baixo e começa a rodar a cabeça para a frente e a mover a mão para a direita (estes movimentos no fim do acto focam o início do próximo acto que deverá conter a nova informação (IMAGENS 19, 20);*

*↑imAgi'nem, - AT levanta também o braço esquerdo, enquanto baixa um pouco mais o direito, ficando com as mãos ao mesmo nível, encosta-se um pouco para trás, ombros levantados; também levanta a cabeça, ergue as sobrancelhas (IMAGENS 21, 22);*

*<<f>`TÁ-vamos- - AT move as mãos para os lados, em trajectórias circulares, e olha para VB (IMAGEM 23);*



(0,238) ↑`TO'DAS -na `sa↓-la-> - AT fica com os braços/mãos abertas para os lados, palmas viradas para cima, ao nível do peito e faz um pequeno movimento circular; baixa os ombros e vira a cabeça para a frente, desviando o olhar de VB; a seguir, ergue as sobrancelhas (IMAGENS 24, 25, 26);

-a'`VER=Um - AT volta a afastar as mãos/braços para o lado, palmas para dentro (movimento mais limitado do que o antecedente); mantém as sobrancelhas erguidas (IMAGEM 27);

`pro`gra-ma- - AT olha para VB e vira a cabeça; afasta as mãos para os lados (IMAGENS 28, 29, 30);

<<p>-bEm-> - continua a olhar para VB; a abertura dos braços atinge a amplitude máxima (IMAGEM 31);

(0,373) - AT junta as mãos à frente do corpo, ao nível do peito; ergue as sobrancelhas, roda a cabeça para a frente e olha para baixo; retrai as comissuras dos lábios, como se estivesse aflita, e inspira (IMAGEM 32);

<<f>↑`ELE `che`GA::`va-> - AT entrelaça os dedos e move as mãos juntas para a esquerda do corpo; olha para baixo; mantém as sobrancelhas erguidas; simultaneamente à sílaba "GA" move a cabeça um pouco para baixo e de novo para cima (IMAGENS 33, 34);

(0,472) - AT move os braços e as mãos entrelaçadas para a frente do corpo; mantém as sobrancelhas erguidas, olha para baixo, cabeça inclinada para baixo (IMAGEM 35);

`sen-TAva-se - AT baixa as mãos (entrelaçadas) para a frente, até às coxas; continua a olhar para baixo (IMAGEM 36);

`ao nosso ↓-lado- AT mantém a posição; em "lado" vira a cabeça para VB, olha para ela e volta a rodar a cabeça para a frente (IMAGEM 37);

(0,163) [(0,168) - AT ergue as sobrancelhas; retrai as comissuras dos lábios, levanta um pouco as mãos entrelaçadas (IMAGEM 38);

`pe`GA::`va] - sempre com as sobrancelhas erguidas, AT baixa as mãos de novo e mantém-as em baixo (IMAGEM 39);

-num - AT roda a cabeça para LV e de novo para a frente; levanta e baixa as mãos (um pouco) continuando a sorrir (IMAGEM 40);

`co-mAndo- baixa as sobrancelhas e sorri (IMAGEM 41);

<<a>-e `mu`DA:`va;> - AT continua a sorrir, levanta a cabeça, olha para VB, afasta as mãos para os lados e volta a entrelaçá-las (IMAGENS 42, 43);

(0,668) - AT continua a sorrir, mexe um pouco os dedos com as mãos entrelaçadas, olha para VB, que emitira um sinal de retorno, e acena com a cabeça; no fim da pausa, ergue as sobrancelhas;

<<all> ↓'perCEbes= - AT levanta as mãos entrelaçadas, encolhe os ombros, vira a cabeça para a frente e orienta o olhar para a frente; depois, olha muito brevemente para baixo antes de virar de novo a cabeça para a direita (IMAGEM 44);

= 'e `NÓS,> (0,220)- AT baixa os ombros, baixa as mãos, olha fixamente em frente, sorri, mantém as sobrancelhas erguidas (pantomima) e a expressão um pouco vazia (de quem está surpreso/indignado) durante a pausa vazia; simultaneamente VB faz um comentário (IMAGENS 45, 46, 47);

retorno de VB - IMAGENS 48, 49;

<<ff>\_!-SIM[plEs'-mEnte-] - AT olha para VB, move o braço direito para a frente, com a mão fechada, como se segurasse o comando da televisão, e vira a cabeça para a frente, olha em frente; em "mente" levanta o braço; na pausa, repete o movimento de carregar no comando, levantando um pouco os ombros (IMAGENS 50, 51, 52);

[(-)<a>`mu] ``DA-va-!]>> - AT afasta as mãos para os lados e, em "da", encosta-se para trás e cruza os braços à altura do peito; sorri enquanto fala (IMAGENS 61, 62);

(0,161) - AT olha para cima, continuando a sorrir, inclina a cabeça para o lado e fecha os olhos; ergue as sobrancelhas (pantomima) (IMAGENS 56, 57);

-e `pU-Nha- - AT cruza os braços ao contrário e inclina-se mais para trás, olha em frente; continua a sorrir (IMAGEM 58);

(-) e `nós; - AT desvia o olhar para o lado direito/baixo; levanta os dedos da mão que está pousada sobre o braço (IMAGEM 59);

ahm::: - AT olha em frente, olha para baixo, olha para cima (roda com os olhos, da esquerda para a direita), fecha os olhos, sempre com a mesma expressão na face; vira a cabeça um pouco para a esquerda - rindo um pouco; volta a pousar os dedos (que tinha levantado) um a um (IMAGENS 61, 62);

↑'ei? - AT olha de lado para a esquerda; ergue as sobrancelhas (IMAGEM 63);

<<pp>e assim.> - AT estica e levanta os dedos da mão que está pousada sobre o braço; mantém as sobrancelhas erguidas (IMAGEM 64);

-discrE`tamente.[(0,344)] - AT mantém os dedos esticados para cima; roda a cabeça para a esquerda; sorri; mantém as sobrancelhas erguidas; tem os olhos fechados, queixo para a frente, cabeça ligeiramente inclinada para a esquerda; simultaneamente, VB emite um sinal de retorno (IMAGEM 65);



<<all>`tinha-mos`to`dos -q`= `SA`IR `da ``SA:la= - AT olha para VB, sempre com os dedos esticados; sorri (IMAGENS 66, 67);

=`não -é- levanta um pouco a cabeça e olha para cima (IMAGEM 68);

(0,208) - baixa os olhos, baixa os dedos, roda a cabeça um pouco para a direita (para VB) e começa a frase seguinte;

<<all>-tivEmos=de ↑``com`PRARE::.(-) - AT olha para VB; levanta a mão direita com os dedos esticados, mantendo os braços cruzados à frente do corpo; na hesitação, AT interrompe o movimento e olha para baixo (IMAGENS 69, 70);

`trÊS `Ou -quAtro televisões `em ``ca:`sa; - AT olha para LV, depois para VB (IMAGEM 71);

-por -causa ``DI::↑-sso-> - AT afasta as mãos um pouco para a frente e cruza os braços; vira a cabeça para o lado, olha para o lado; ajusta a sua posição de repouso (IMAGEM 72);

Pausa vazia - IMAGENS 73, 74;

Tomada de vez por VB - IMAGEM 75.

A primeira parte da passagem acima transcrita já foi analisada sob o ponto de vista da reparação no exemplo 13 (parte II, 4.): uma reparação realizada através de um aparte, em (01) e (02), e da introdução de um anúncio - (03). Foram também descritas as características prosódicas destes dois tipos de acto conversacional relativamente à fala envolvente.

Esta passagem constitui o início de uma narrativa oral em que AT descreve um episódio passado consigo, em família. A situação contextual (a parte transcrita segue-se à narração de um episódio por parte de LV) e o uso de uma forma verbal no Pretérito Imperfeito do Indicativo são suficientes para que as parceiras saibam que AT está a narrar alguma coisa - o recurso a este tempo verbal constitui, assim, uma pista de contextualização de narrativas no discurso oral. Para que a sua narração possa ser devidamente compreendida/interpretada pelas parceiras, AT ainda pretende fornecer mais informações introdutórias. A quantidade de indicações importantes para a contextualização do que vai ser narrado, presentes em simultâneo na mente da falante, provoca alterações no planeamento e na estruturação dos enunciados: AT muda duas vezes, em (01) e em (06), a orientação que começara a dar ao discurso, até encontrar a mais adequada às suas intenções comunicativas. Assim, depois de, em (67), anunciar o começo de uma narração (o tema principal) em que entra uma personagem (o pai), AT interrompe o tema principal e introduz uma informação adicional (aparte). O enunciado (01) serve de fronteira entre o tema principal e o aparte (02); o anúncio (03) focaliza a informação relativa ao episódio que AT quer contar - (04) e (05). O começo desta unidade informativa está prosodicamente focalizado através da produção enfática de "*sempre que*". A continuação deste acto é feita a um nível médio de altura de tom (cf. Figura 6/37a).

As fronteiras entre estes dois actos também estão marcadas por algumas modalidades não-verbais (cf. exemplo 13). No fim do acto (05), AT começa a rodar a cabeça para a



frente, desviando o olhar de VB, para quem olhara no princípio de (05), e começa a mover as mãos, preparando-se para fazer um novo gesto, formalmente distinto dos antecedentes - durante a enunciação de (1), AT executara gestos com configurações idênticas: braço direito apoiado sobre o cotovelo, levantado, movendo-se para a direita e para a esquerda, abrindo mais ou menos a mão (cf. exemplo 13).

Em (06), AT introduz uma informação adicional com a descrição da cena em que se vai desenrolar o episódio. Para contextualizar esta nova orientação temática e resolver, do melhor modo, a interrupção da orientação até aí seguida, AT serve-se do elemento apelativo "*imaginem*", que, ao mesmo tempo que solicita a atenção das parceiras, lhes dá instruções sobre o modo como elas deverão representar o seu papel de ouvintes - isto é, elas devem não só "ouvir", mas também "imaginar". Por outras palavras, é-lhes explicitamente exigida uma participação que vai mais além da de um normal ouvinte/observador e que envolve uma actividade imagístico-cognitiva<sup>27</sup>. A informação que vai ser transmitida a seguir fornece os elementos necessários para a construção dessa imagem que VB e LV deverão "ver": trata-se da descrição de um lugar - uma sala -, onde se encontram algumas personagens do episódio que vai ser narrado - "nós", certamente ela, a mãe e as irmãs -, sentadas a ver televisão. Estes elementos constituem a cena sobre a qual se irá desenvolver a narração. Resumindo, o elemento "*imaginem*" destaca-se da fala antecedente por uma subida abrupta de altura de tom e pela velocidade elevada. Funciona como uma espécie de anúncio, um acto metacomunicativo que dá instruções, não sobre o modo como o conteúdo deve ser interpretado, nem sobre características do conteúdo, mas sim sobre o modo como as ouvintes têm que processar a informação que vão receber: criar uma imagem com os elementos que lhes são fornecidos.

A comunicação não-verbal efectuada em simultâneo com este acto de transição para outra informação também se caracteriza por uma mudança postural e gestual: AT continua a mover os braços/mãos colocando-os numa posição que vai definir o início de um novo gesto, isto é, assume uma nova posição do tronco e da cabeça e ergue as sobrancelhas. Todos estes movimentos de preparação marcam uma transição para o próximo acto.

As características prosódicas dos dois actos (07) e (08) são idênticas (cf. Figura 6/37a): destacam-se da fala envolvente pela intensidade de voz mais elevada; além disso, embora com algumas diferenças relativamente ao nível de altura de tom, os contornos entoacionais das partes mais proeminentes de ambas caracterizam-se por uma subida de tom (acima do nível médio) e por uma descida mais acentuada a seguir à sílaba acentuada. Esta repetição tem uma função onomatopaica/icónica de transmitir a "paz" que dominava a situação antes do evento que vai ser narrado.

---

<sup>27</sup> A este respeito, convém referir o papel da construção de uma cena na narrativa oral: segundo Tannen (1989: 135), a referência a particularidades e detalhes familiares permite aos falantes e aos ouvintes activarem as suas memórias e construir imagens de cenas. Por sua vez, sob o ponto de vista cognitivo, a criação de um mundo compartilhado de imagens facilita a compreensão; consequentemente, como desempenham um papel importante no pensamento humano, as cenas narradas representam um meio de envolver os ouvintes na interacção.



O novo gesto consiste num gesto de abertura à frente do corpo, como se a falante afastasse a cortina de um palco para os lados; este gesto acompanha a produção de "*távamos*": durante a enunciação dos restantes elementos do acto, as mãos ficam paradas nesta posição; o erguer de sobrancelhas indica já o início do próximo acto; de um modo idêntico ao acto antecedente, em (08), os primeiros elementos são acompanhados por um gesto de abertura, menos amplo do que o antecedente; durante a produção dos últimos elementos, as mãos ficam paradas. A orientação do olhar define o início da introdução desta unidade de informação (constituída pelos dois actos que descrevem a cena) e a sua terminação: em "*távamos*" e no final do acto (08), AT olha para VB e desvia de novo o olhar.

A fronteira final do aparte é marcada também verbalmente pelo elemento "*bem*" - em (09) -, realizado com menor intensidade de voz e com uma altura de tom baixa (cf. Figura 6/37a); este elemento, articulando o acto antecedente com o que se vai seguir, funciona como um sinal topográfico de transição e apoia a retoma do tema principal a seguir ao aparte. Simultaneamente, a sua verbalização é acompanhada por um pequeno afastamento de mãos da falante, de menor amplitude do que os dois gestos antecedentes. A pausa vazia que se segue a este acto, acompanhada, por um lado, pela retoma de uma posição de repouso, por outro lado, pelo erguer das sobrancelhas, pela inspiração e pelo movimento da boca, tem um efeito retórico de aumentar a expectativa da narração.

A retoma realiza-se através da repetição dos últimos elementos produzidos antes do aparte - "*ele chegava*" (05). Como nos casos antecedentes de introdução de uma nova informação, estes elementos foram produzidos com mais intensidade de voz e com uma subida de altura de tom no ataque (Figura 6/37b). Os restantes enunciados, que contêm a informação relacionada com o tema "*o que o pai faz*", têm uma altura de tom regular média, à excepção do elemento "*mudava*" em (15). Os actos (10) a (13), que descrevem as diferentes acções realizadas pela personagem "*pai*", encontram-se separados por pausas vazias. Estas pausas colaboram, juntamente com os contornos entoacionais finais, para a marcação de fronteiras entre os actos; no entanto, a sua principal função é retórica: são pausas retóricas que contribuem para criar uma maior expectativa nas ouvintes.

Todas as acções do pai foram acompanhadas não-verbalmente por uma nova configuração de mãos (dedos entrelaçados), localizada ou junto do corpo - em (10) -, ou junto do peito - durante a pausa vazia -, ou em baixo - em "*sentava-se*". AT mantém essa posição de mãos até ao fim desta unidade temática - em (22). A falante mantém os olhos sempre orientados para baixo e as sobrancelhas erguidas. Só em (11), quando a expectativa começa a aumentar, é que volta a olhar para VB. Em (12) sorri, olha para LV, depois para VB e levanta de novo as mãos. A informação mais importante é acompanhada por um movimento de abertura de mãos e pela orientação do olhar para VB; todos estes actos são acompanhados por um sorriso.

No enunciado (10), em contraste com (05), encontram-se grandes variações de altura de tom. Globalmente caracteriza-se por uma subida (do nível médio para o alto), uma descida (do nível alto para o médio), uma descida abrupta com um ataque a nível baixo e uma subida até ao nível médio, seguida de uma altura de tom constante. A terminação em



suspenso indica que a vez continua; a descida abrupta, por sua vez, parece conferir a este enunciado um tom grave, criando uma expectativa. Esta tendência verifica-se no enunciado a seguir (11), que termina numa altura de tom baixa. Se esta altura de tom baixa não transmite o possível estado emocional de AT na situação do episódio - certo temor e respeito -, pelo menos pretende evocar esses sentimentos nas parceiras. Como já tem sido apontado (cf. Tannen, 1989: 98 segs.), nas narrativas orais, um dos objectivos do falante consiste em envolver os parceiros o mais possível no episódio que está a ser narrado. Um indicador de como a ouvinte está envolvida na contribuição da falante é a actividade de retorno de LV - em (13): ao adivinhar o que AT vai dizer, LV verbaliza antecipadamente ("*mudava*")<sup>28</sup>. Esta participação da ouvinte também revela o bom entendimento existente entre as parceiras relativamente ao tema em questão.

AT continua como tinha planeado e repete o elemento usado por LV ("*mudava*") para completar a sua informação - (15). A produção deste elemento foi feita num tom de voz mais agudo e com grandes variações de altura de tom (estilo enfático), que transmitem um elevado grau de indignação da falante<sup>29</sup>.

Segue-se, em (16), uma pequena pausa vazia, de maior duração do que as antecedentes, e o elemento "*percebes*", que funciona como um sinal de reforço informativo, focaliza retroactivamente a informação acabada de transmitir. Atendendo a que este elemento está prosodicamente ligado ao enunciado seguinte e lhe serve de sinal de abertura, classifico-o, a nível da articulação entre os actos conversacionais, como um sinal topográfico de transição. O elemento verbal "*percebes*" é acompanhado por movimentos do corpo que transmitem uma chamada de atenção (movimento com as mãos) e uma atitude de impotência perante as circunstâncias (encolher de ombros da falante, sobrancelhas erguidas). Ao contrastarem com as características posturais/de movimentação antecedentes, estes movimentos também definem diferentes unidades informativas, ou seja, marcam o contraste entre a informação antecedente (sobre a personagem "*pai*") e a que se vai seguir (relativa a "*nós*"). Os elementos verbais "*e nós*" anunciam uma transição de personagem da narração: isto é, funcionam como um anúncio específico de situações de narrativa oral<sup>30</sup>.

Estes anúncios são típicos da narrativa oral. Geralmente, são seguidos pela fala de alguém a quem um falante dá voz. No presente caso, porém, a informação anunciada não é transmitida verbalmente, mas sim através de uma representação pantomímica da reacção não-verbal das personagens referidas por "*nós*" à atitude de outra ("*pai*"). Este meio de representação reproduz a reacção silenciosa das personagens "*nós*" à atitude da personagem "*pai*" de um modo mais real do que qualquer descrição verbal, envolvendo as ouvintes na narração, se se partir do princípio de que quanto mais real for a

<sup>28</sup> Rath (1981: 294) chama a atenção para este tipo de actividade do ouvinte durante o clímax de uma narrativa oral (*Pointieren-Miterzählen*).

<sup>29</sup> Tannen (1989: 28) considera a narrativa oral uma estratégia de envolvimento. As histórias mais comuns têm a ver com experiências pessoais e incluem a expressão de sentimentos como reacção aos eventos narrados.

<sup>30</sup> Günthner (1992: 227) atribui a estes tipos de enunciados a função de anunciar as personagens que vão ser postas em cena. Ao apresentar as personagens, o narrador fica num segundo plano.



"representação" maior é o grau de envolvimento e de participação das parceiras na narração e maior é a sua aproximação da realidade.

Em seguida, VB sente necessidade de exprimir por palavras - numa pergunta, um sinal de retorno em forma de pedido de esclarecimento - aquilo que pensa ter interpretado da representação de AT e que pretende que ela lhe confirme (19).

A reacção de AT a este pedido não é a esperada. Embora registre o comentário de VB, AT não atende ao pedido e repete a parte final do episódio narrado - em (20); a partir da continuação que AT dá à vez, tudo indica que o enunciado de VB é percebido como uma demonstração de surpresa/indignação sobre o que ela acabara de relatar - certamente a reacção que AT mais deseja e que representa uma expressão de grande solidariedade (porque muitas vezes se ouve o que mais se quer ouvir). A insistência de AT em repetir o episódio pode resultar de as parceiras não terem reagido do modo desejado por AT - limitaram-se a sorrir e a olhar para ela durante a sua narração - de tal modo que ela pensa ser necessário representá-lo de um modo mais convincente, como se irá ver mais adiante.

Em (20), AT mostra certa empatia ou concordância com VB na medida em que, na retoma da vez, repete o elemento "*simplesmente*", utilizado por ela. Só que o usa noutro contexto informativo, na repetição da expressão da sua indignação relativamente à atitude do pai - em (20). Sendo assim, AT não respeita a máxima de qualidade de Grice (*be relevant*), reagindo de um modo coerente ao enunciado de VB.

A principal função do enunciado (20) + (22) consiste em reforçar a informação transmitida, mostrando a importância que ela tem. É um instrumento de refocalização, de reforço informativo. Fica sobreposto ao comentário irónico de VB - "*pois, o pai manda!*", uma censura irónica ao facto de AT estar escandalizada. AT não reage a este comentário. Sob o ponto de vista prosódico, os grandes desníveis nas alturas de tom conferem ao acto "*simplesmente mudava*" um grau de ênfase ainda mais elevado do que os momentos anteriores de maior proeminência.

Este reforço da informação também é efectuado não-verbalmente: AT representa o acto de segurar no comando da televisão, tornando a narração ainda mais real. O gesto de manipulação do comando para mudar de canal é feito duas vezes e a sua amplitude revela o grande envolvimento da falante. Em (24) AT continua a narração das acções do "*pai*", que consistem em novas manipulações do comando: recorrendo à expressão "*e punha*", AT transmite a ideia de repetição que, aliás, também é representada não-verbalmente. Esta insistência relata, de um modo claro e com poucas palavras, a quantidade de vezes que o pai muda de canal sem se importar com os interesses dos outros.

Em (24), AT continua a representação pantomímica do pai: este, depois de mudar de programa com o comando, assume uma postura nova - braços cruzados, cabeça levantada, tronco inclinado para trás. Esta postura também é idêntica à das outras personagens, cuja representação (vez) é anunciada em (25); em (26) AT repete, não-verbalmente e através de algumas interjeições, a reacção destas à atitude do pai. Nesta fase da narrativa, a comunicação não-verbal desempenha um papel comunicativo mais



importante do que a fala: através da pantomima, AT descreve o comportamento do pai e a reacção das outras personagens; a comunicação verbal é utilizada simplesmente para apoiar a comunicação não-verbal, sobretudo na estruturação da informação (sucessão de acções e de personagens). Sendo assim, a situação considerada mais "normal", a de uma supremacia da fala sobre os movimentos do corpo, é, neste caso, invertida e mantém-se até ao fim do acto (30).

O enunciado (27) serve para marcar a continuação da vez e da narração, articulando uma nova informação - (28) e (30) -, a consequência do episódio narrado, com a informação antecedente. AT obtém o retorno de VB - em (29).

O acto (27) é acompanhado não-verbalmente pela manutenção da mesma posição de braços, com a mão aberta, dedos esticados para cima, numa posição tensa; esta configuração da mão denuncia um estado de tensão, ou seja, o estado emocional das personagens - em (27) - (30). O apenso "*não é*", um sinal de reforço informativo, destaca-se da fala envolvente pela prosódia (altura de tom média e constante) e por uma comunicação não-verbal, que indica que a fala vai continuar. Sendo assim, constitui um elemento de transição para o acto seguinte (31). Resumindo, ao mesmo tempo que a falante fecha, verbalmente, o acto antecedente, mostra, não-verbalmente, que a vez vai continuar.

AT conclui a narração do episódio com um enunciado do tipo epílogo, que relata as consequências desse episódio (31) - (34). Esta informação é transmitida a uma velocidade de fala mais elevada, de onde se depreende que a falante se apressa a terminar a vez. Esta aceleração deve-se ao facto de a falante ver que as parceiras não mostram grande interesse em ouvir mais (VB e LV limitam-se a olhar para AT sorrindo), assim como ao facto de AT não ter mais nada para dizer. A verbalização destes actos finais é acompanhada por um desvio do olhar para VB e por outro gesto (AT levanta a mão direita e abre-a, mantendo esta posição até ao fim da vez). No fim da vez, AT cruza os braços, vira a cabeça para o lado e sorri. Deste modo, a cedência de vez está marcada por um enunciado de carácter conclusivo, por uma pausa vazia, pelo desvio do olhar e pela retoma da posição de repouso dos braços/mãos.

**Observações finais:** a análise deste exemplo mostrou que, também nas situações de narrativa oral, a prosódia e a comunicação não-verbal desempenham papéis importantes: como nos exemplos antecedentes, não só marcam a descontinuidade e o contraste, mas também estruturam a fala, dividindo-a em diferentes actos e unidades de informação (temas, subtemas, partes de subtemas), ou atribuindo actos a diferentes personagens. Aqui as partes da vez e as unidades de informação relacionam-se também com um plano de enunciação narrativa (fictícia) em que há outros espaços e outras entidades em jogo. Muitas vezes, a fala e a comunicação não-verbal produzidas pela falante pertencem a essas entidades situadas no plano transposto. Aí o falante recua para um segundo plano e dá a voz e o corpo a essas personagens. É aqui que a comunicação não-verbal pode substituir completamente a fala, ou reforçá-la, de modo a criar uma cena o mais real possível, fazendo com que os ouvintes participem na vez com envolvimento.



O uso dos diferentes movimentos do corpo na marcação de fronteiras entre os actos e na focalização para o que vai ser dito na narrativa oral não difere grandemente do seu uso na fala não-narrativa. De um modo idêntico ao que foi descrito nos outros exemplos, a modalidade verbal e a não-verbal completam-se na transmissão das indicações necessárias para a interpretação da vez por parte dos ouvintes e, eventualmente também, para a emissão de sinais de retorno, no modo entendido/induzido pelo falante.

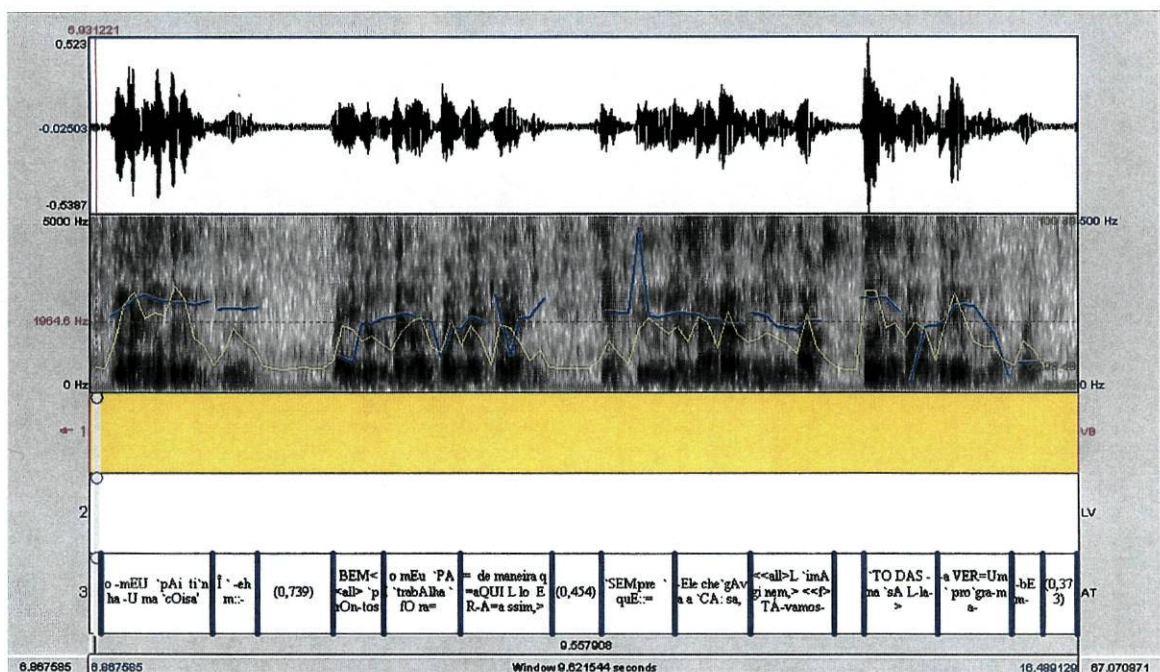


FIGURA 6/37A: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3P3 (01) - (09).

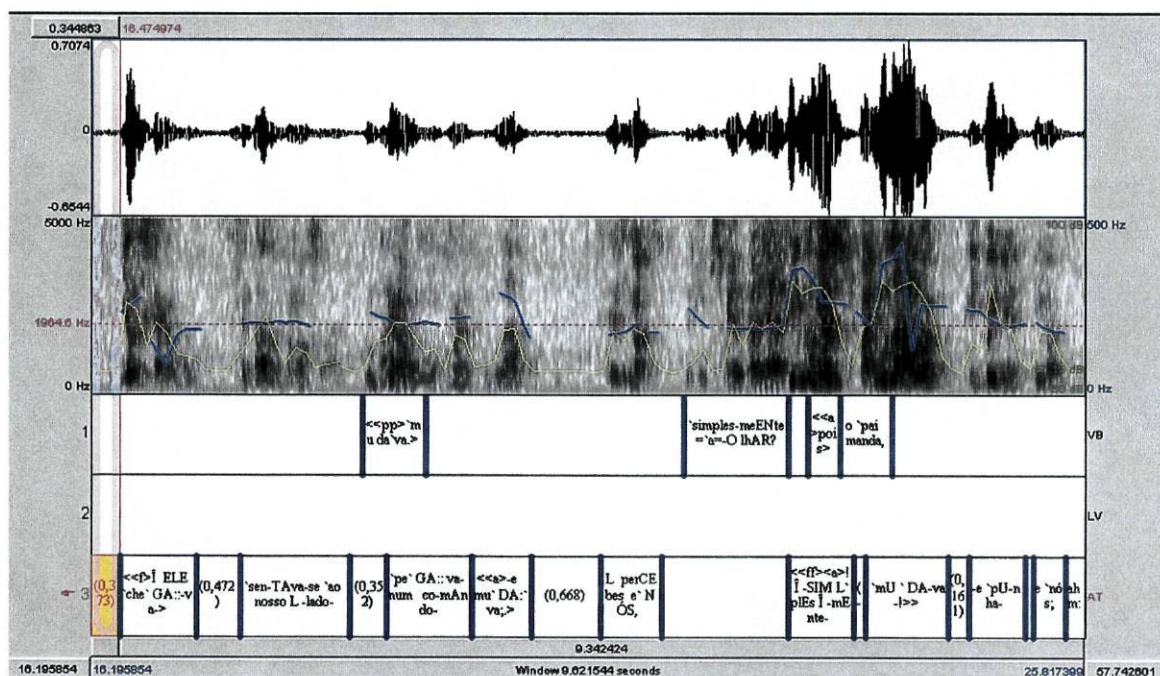


FIGURA 6/37B: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3P3 (10) - (24).



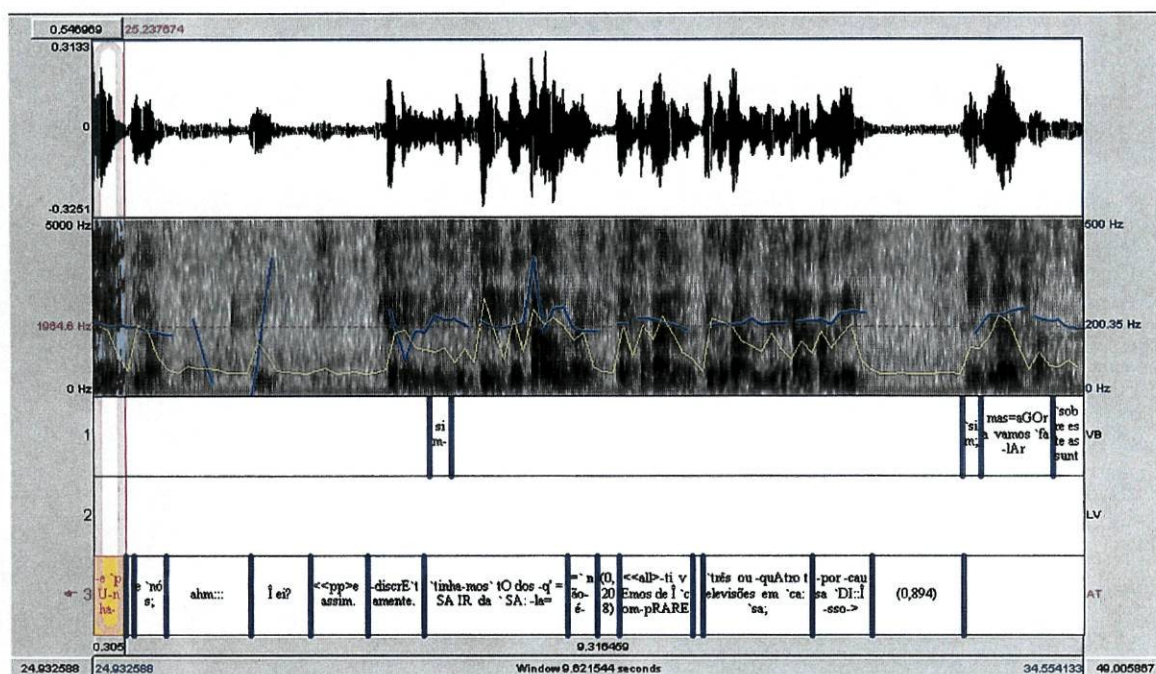


FIGURA 6/37C: REPRESENTAÇÃO DO SINAL ACÚSTICO / SEQUÊNCIA 3P3 (25) - (33).



1 O MEU PAI



2 UMA COISA



3 HM



3 EHM ::



5 (PAUSA)



6 (PAUSA)



7 BEM



8 PRON-





9

-TOS



10

O MEU PAI



11

TRABALHA



12

AQUILO



13

ERA



14

ASSIM



15

(PAUSA)



16

(PAUSA)



17

SEMPRE



18

QUE



19

CHEGAVA



20

A CASA



21

IMAGI-



22

-NEM



23

TÁVAMOS



24

(PAUSA VAZIA)





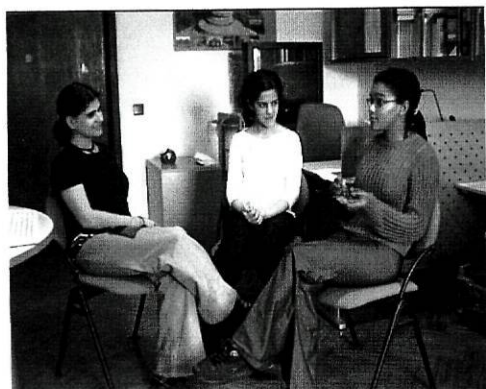
25

TODAS



26

NA SALA



27

A VER



28

PRO-



29

-GRA-



30

-MA



31

BEM



32

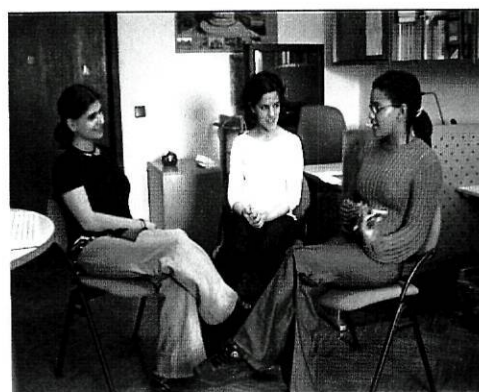
(PAUSA VAZIA)

527



33

ELE CHE-



34

-GAVA



35

(PAUSA VAZIA)



36

SENTAVA-SE



37

AO NOSSO LADO



38

(PAUSA VAZIA)



39

PEGAVA



40

NO





41

COMANDO



42

MUDA-



43

-VA



44

PERCEBES



45

E



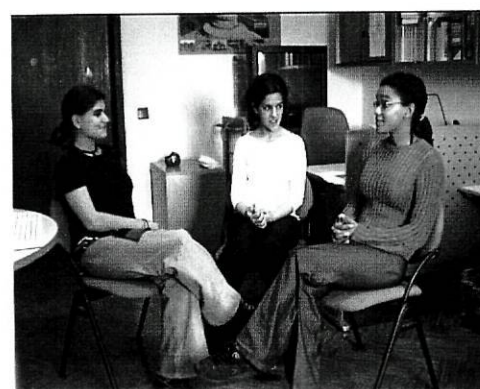
46

NÓS



47

(PAUSA VAZIA)



48

VB: SIMPLEMENTE

529



49

VB: A OLHAR



50

SIM-



51

-PLES -

(VB: POIS)



52

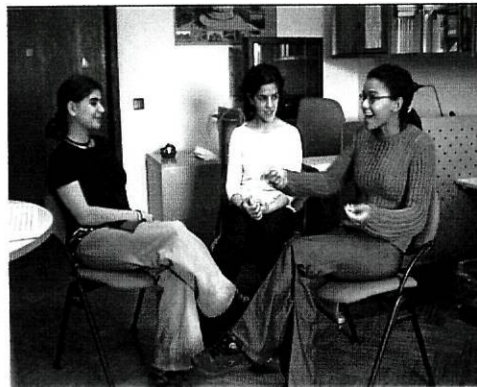
-MENTE



53

-MU

(VB: O PAI MANDA)



54

-DA-



55

-VA



56

(PAUSA VAZIA)

530

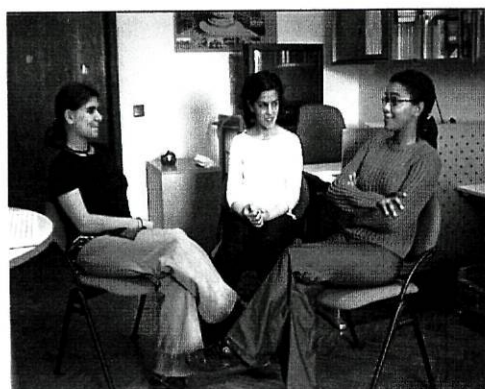




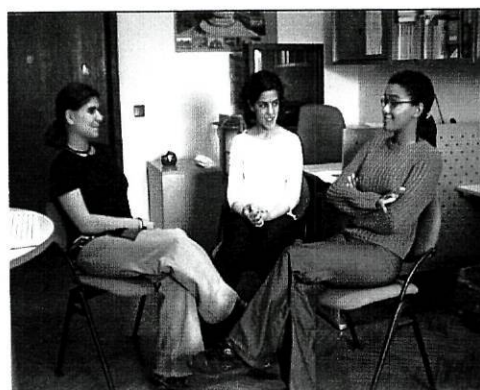
57 (PAUSA VAZIA)



58 PUNHA



59 E NÓS



60 AA-



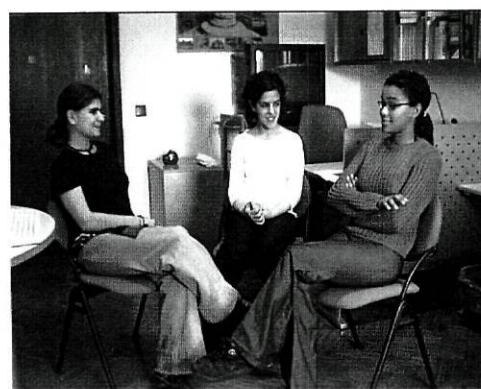
61 -HM-



62 -M



63 EI



64 ASSIM



65

DISCRETAMENTE



66

TODAS



67

SALA



68

NÃO É



69

TIVEMOS



70

COMPRAR



71

TRÊS



72

POR CAUSA DISSO



## 7. CONCLUSÃO

Atendendo à quantidade de aspectos a considerar nesta conclusão, tratarei em separado as questões relacionadas com

- estratégias de focalização;
- as actividades de focalização na manutenção de vez;
- a relação entre a fala e a comunicação não-verbal;
- a relação entre as diferentes modalidades não-verbais.

### 7.1 Estratégias de focalização

A análise detalhada e abrangente dos exemplos do capítulo 6 veio ilustrar o funcionamento dos meios de focalização descritos no capítulo 5. Foi possível constatar que os meios verbais (linguístico-pragmáticos e prosódicos) e os meios não-verbais (movimentos do corpo) se combinam, mais ou menos redundantemente, para orientar as actividades dos interactantes para o que é de maior interesse (subjectivo) na conversação. Nos sub-capítulos seguintes, encontram-se resumidas as principais características de cada um dos grupos de focalização referidos:

#### 7.1.1 Meios linguístico-pragmáticos

Verificou-se que os anúncios, actos metacomunicativos que fornecem vários tipos de informação sobre o que vai ser dito, representam um meio de focalização importante. Foram encontrados nos exemplos 30 (22), (23) e 34 (15), (16), assim como na contextualização de partes narrativas e na indicação de diferentes partes da narrativa em que o falante é o narrador e partes da mesma em que ele é uma das personagens (cf. exemplo 37 (03), (17) e (25)). Não se encontram características prosódicas específicas nos anúncios, além da tendência para uma terminação com altura de tom descendente, no caso de não serem produzidos em estilo enfático.

Outras expressões comuns são do tipo "*acho eu*", anúncios pós-posicionados, que retroactivamente dão indicações sobre o modo como o enunciado a que se referem deve ser interpretado pelos ouvintes (cf. exemplos 29 (18), 35 (17), 30 (17)). O exemplo 29 ilustra um caso interessante de um destes anúncios, que foi produzido com as características típicas de um aparte, encontrando-se numa posição menos proeminente na vez, ou seja, desfocalizado relativamente à fala envolvente.

Demonstrou-se também que qualquer enunciado que inicie uma sequência lógico-argumentativa condicional, causal ou contra-argumentativa (cf. exemplos 27, 28, 32 e 34) estabelece imposições sequenciais na interacção. À semelhança de um par adjacente, a verbalização, neste caso produzida por um único falante, de uma primeira parte de uma

sequência argumentativa, por exemplo do tipo "*se p*", implica a realização futura da segunda parte "*então q*". Ao recorrer a tais estratégias argumentativas, o falante faz com que os parceiros tenham curiosidade em ouvi-lo e não sintam necessidade de o interromper enquanto essa sequência não tiver terminado. Também foi possível exemplificar como as sequências de enunciados com características idênticas, que acentuam o ritmo da fala, mantêm os ouvintes atentos e lhes dão indicações relativamente a verbalizações futuras na vez (cf. exemplos 29, 30, 33).

### 7.1.2 Meios prosódicos

As características formais dos enunciados não bastam para a constituição do foco de acção na interacção face a face: um papel fundamental é igualmente desempenhado pela prosódia. Se a fala fosse um contínuo de valores prosódicos constantes, estaria, além de outras coisas, desprovida de quaisquer sinais que transmitissem o envolvimento dos falantes e não conteria indicações implícitas nem sobre a sua atitude, nem sobre a sua subjectividade e as suas emoções, nem sobre o que é mais ou menos importante.

Como se sabe, o que é especial, novo e, consequentemente, importante para o falante é, geralmente, colocado numa posição de destaque. Na sequência da fala, qualquer pequena descontinuidade, conseguida, normalmente, por alterações de características prosódicas, constitui um sinal de alerta para alguma coisa de novo. Na marcação da descontinuidade podem estar envolvidas variações de intensidade, de altura de tom e de quantidade.

Quando a descontinuidade faz sobressair algum(alguns) elemento(s) na vez, de um modo mais proeminente, fala-se de colocação da ênfase. Os elementos enfatizados constituem uma parte proeminente da fala. Como reagimos intuitivamente a sons proeminentes, é natural que os elementos verbais produzidos num estilo enfático nos chamem mais a atenção e, consequentemente, tenham um maior efeito focalizador. As alterações dos parâmetros prosódicos típicas da ênfase consistem num aumento da intensidade ou em variações consecutivas de altura de tom, por exemplo, descendente-ascendente-descendente, e numa diminuição da velocidade de produção da fala. À subida de altura de tom está muitas vezes ligada uma qualidade de voz mais aguda. O ritmo marcado, constante ou acelerado (a acentuação mais forte de sílabas em intervalos regulares ou cada vez maiores) também contribui para enfatizar partes da vez.

Ao mesmo tempo que as variações de características prosódicas colocam os elementos produzidos numa posição de destaque, estabelecem, automaticamente, um contraste com a fala antecedente. Geralmente esse contraste localiza-se nas fronteiras entre os actos conversacionais ou entre partes deles. Assim, nos exemplos 27, 28, 32 e 34, as segundas partes das sequências lógico-argumentativas encontram-se numa posição de destaque relativamente às primeiras partes: são produzidas com uma altura de tom mais elevada, com uma velocidade mais lenta e com um aumento de intensidade da voz. Em alguns destes casos (exemplo 32 (24)+(32) e exemplo 34 (33)+(35)), o fim é acompanhado por dois tipos de actividades não verbais: pela orientação do olhar para o ouvinte e por um gesto de abertura. Esta combinação de sinais é muito importante no mecanismo de alternância de vez (sinal de pedido de retorno complexo).



O funcionamento de baterias de frases de estruturas paralelas nas actividades de focalização foi demonstrado através da descrição de sequências de interrogações, que funcionam de um modo semelhante a baterias de perguntas retóricas (cf. exemplos 30 e 33) e em que o ritmo desempenha um papel importante. A sensação de ritmo deve-se ao facto de o ser humano ter a tendência para organizar ordenadamente a informação que recebe, por exemplo agrupando elementos com características idênticas (Auer/Couper-Kuhlen, 1994). É isso que acontece com ritmo auditivamente percebido. Um padrão rítmico, ouvido como tal à terceira repetição, cria expectativas relativamente ao desenvolvimento da vez - ao fim de um intervalo de tempo conhecido, espera-se a realização de uma próxima batida rítmica. Sendo assim, à semelhança de uma sequência argumentativa, as sequências rítmicas desencadeiam expectativas. Além disso, são eficazes na criação da ênfase e na constituição de um foco de acção. Combinadas com variações prosódicas, por exemplo aumento gradual de velocidade e de altura de tom, também são capazes de criar um clímax, sobretudo se tiverem sequências de frases sintacticamente paralelas como suporte físico. Sendo assim, as sequências de interrogações com marcas de "retoriedade", além de influenciarem os ouvintes, levando-os a aceitar a opinião do falante, são susceptíveis de criar um ritmo e de orientar as actividades conversacionais para o que vai ser dito. A criação de expectativas através da formação do ritmo também se verifica noutras sequências de frases paralelas, como aquelas em que se procede a contagens.

Do mesmo modo que há partes da vez que se encontram numa posição mais proeminente, assim também há outras que são colocadas num segundo plano: é o caso dos apartes (ou parênteses), enunciados intercalados na vez, que tratam um tema diferente do tema em curso no momento da interrupção, mas com ele relacionado. Os meios usados para desfocar estes actos são, sobretudo, de natureza prosódica - redução da altura de tom e aumento da velocidade (cf. exemplos 29 (03), (18) e 32 (25)-(28)).

Pelo que pude apreciar a partir da análise destes exemplos, as partes da vez que, sob o ponto de vista temático, se situam a um nível inferior ao do tema principal, encontram-se prosodicamente desfocalizadas. Isso parece ser uma característica típica da subordinação. Vejam-se as primeiras partes das sequências lógico-argumentativas atrás referidas e de frases relativas, como ilustra o exemplo 33 (34). Talvez porque o valor de DC das frases subordinadas seja inferior ao das frases matrizes.

Concluindo, uma sequência de enunciados pode estar marcada por descontinuidades com propriedades tanto focalizadoras como desfocalizadoras. As descontinuidades com propriedades focalizadoras marcam um contraste com a fala antecedente. Esse contraste pode estar relacionado com questões

- temáticas (diferentes unidades temáticas ou informativas);
- estruturais (marcação de fronteiras entre os actos conversacionais e outras unidades de informação);
- modais (ligadas a atitudes e expectativas dos interactantes e à relação entre si);
- interaccionais (ligadas à distribuição dos papéis de falante e de ouvinte).

As descontinuidades com propriedades desfocalizadoras, por sua vez, podem ter a ver com dois aspectos distintos: ou com a deslocação do tema actual para um segundo plano relativamente ao tema antecedente, que pertence ao plano principal, como é o caso dos apartes; ou com o menor grau de envolvimento do falante na actividade interaccional, ligado a momentos de dificuldades no planeamento/estruturação da informação.

A prosódia também pode desempenhar mais do que uma função em simultâneo: além de marcar descontinuidades, pode revelar o estado mental dos interactantes e informar, iconicamente (função onomatopaica da prosódica), sobre aspectos relacionados com o conteúdo da fala.

### **7.1.3 Meios não-verbais**

No que diz respeito à comunicação não-verbal analisada nestes exemplos, constatou-se que os movimentos do corpo desempenham funções de focalização idênticas às que foram detectadas para os meios verbais; há, contudo, algumas modalidades que são mais "específicas" ou "completas" do que outras, por poderem transportar informações adicionais - é o caso dos gestos que, além de focalizarem, podem transmitir informações idênticas ao conteúdo semântico dos enunciados (reforçando-o) ou ainda contribuir com informações adicionais sobre outros aspectos relacionados tanto com o conteúdo dos enunciados, como com o estado sócio-cognitivo do falante.

Além disso, as formas de comunicação não-verbal também foram classificadas como anúncios: veja-se por exemplo, o caso de um encolher de ombros que precede a verbalização de "*não sei*", ou de um erguer de sobrelanceiras que precede uma expressão de dúvida (exemplo 33 (39)), e a introdução de um aparte (exemplo 7 (63)). Na minha opinião, qualquer comunicação não-verbal que antecipe a produção verbal e dê indicações sobre o seu conteúdo ou sobre a atitude do falante pode-se considerar uma espécie de anúncio.

Resumindo, de acordo com as suas características físicas e com as propriedades dos movimentos que podem efectuar, cada modalidade não-verbal desempenha determinadas funções e codifica uma quantidade mais ou menos limitada de significados. Para melhor esclarecer esta afirmação, segue-se um resumo das informações transmitidas por cada uma das modalidades.

#### **7.1.3.1 Tronco / cabeça / olhar**

O movimento de orientação da cabeça e dos olhos para alguém, ou seja, a orientação para estabelecimento do contacto visual, representa uma atitude de aproximação; se esta tomada de contacto se sucede a uma postura mais distanciada, em que o tronco, cabeça e olhos se encontram orientados para outro lado, marca uma descontinuidade e tem um função focalizadora.



Assim, nos pontos de começo e de fim de uma unidade informativa (acto conversacional) são frequentes as orientações do olhar e da cabeça para o outro. Este aspecto já foi mencionado por Kendon (1990: 59 segs.)<sup>1</sup>. A orientação do olhar para alguém está também relacionada com o controle, por parte do falante, do modo como os parceiros estão a receber o que ele diz/faz. É claro que ambas as funções estão presentes em simultâneo, mas uma delas pode ser dominante. As pequenas diferenças só são interpretáveis a partir do contexto. De qualquer modo, pode-se dizer que há um **olhar focalizador-informativo** - indicando alguma coisa específica ou então do conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte - e um **olhar observador-controlador**, efectuado quando o falante controla o que se passa à sua volta. No primeiro caso, a orientação do olhar para o outro é um movimento de abertura, e o desvio do olhar é um movimento de fecho. Sob o ponto de vista pragmático, estes dois tipos de movimento têm uma função idêntica à dos sinais topográficos de abertura e de fecho. Por isso, podem ser definidos como sinais **topográficos não-verbais de abertura e de fecho**.

O desvio do olhar para cima, para a frente, para baixo e para os lados, é considerado um sinal de fecho relativamente ao enunciado antecedente em que houve contacto visual; no entanto, também é um indicador de que o falante se concentra no planeamento do seu discurso. Sendo assim, o processo de desvio do olhar tem a função de um **sinal topográfico de transição**.

No que diz respeito aos movimentos da cabeça, podem-se considerar três grupos gerais. O primeiro grupo é constituído por movimentos que transmitem vários tipos de significados: a) **sim** e **não** ou **aceitação** e **rejeição** - os típicos acenos e abanos; b) actividade mental do falante (pensar, reflectir sobre alguma coisa); e c) os significados já referidos por McClave (2000: 860 segs.) de **intensificação**, **inclusividade** e de **incerteza**<sup>2</sup>. Os movimentos correspondentes às alíneas a) e b) podem ser compreendidos se forem realizados independentemente da fala. O segundo grupo é formado pelos movimentos que estruturam a fala; e o terceiro, pelos movimentos que estão ligados a atitudes do falante (podem ser não-movimentos). Estas três funções podem ser desempenhadas em simultâneo.

A análise de conta de como os **acenos** e os **abanos** actuam nas estratégias de focalização como meios de intensificação (exemplo 30 (15)). Podem estar relacionados com o conteúdo da vez (exemplo 27 (26) e (28)), ou com a atitude do falante para com o tema (exemplo 29, exemplo 35 (14)). Podem ser feitos antes (exemplo 33 (42)), durante (exemplo 33 (51)) ou depois (exemplo 33 (59)) do discurso a que se referem. Quanto mais intensos forem, mais enfatizam esse momento na vez. Há movimentos da cabeça que acompanham gestos, fazendo parte da mesma unidade de movimento - uma unidade composta (exemplo 30). Outros são executados independentemente da fala e significam simplesmente acordo/desacordo (exemplo 35 (6)).

---

<sup>1</sup> Cf. parte I, 2.5.

<sup>2</sup> Cf. parte I, 2.3.



### 7.1.3.2 Mímica

A face pode também participar nas actividades de focalização - não só no que diz respeito à sua orientação (para o ouvinte ou para o lado), mas também pelo que toca aos movimentos dos diferentes músculos: o erguer das sobrancelhas foi a unidade de movimento mais encontrada na função de focalização, tanto antes da produção do acto focalizado como durante a sua realização. Pode ser um movimento rápido ou manter-se durante mais tempo, enfatizando a produção de uma parte da vez.

Constataram-se também expressões faciais que antecipam a produção do acto a que se referem. O exemplo 36 ilustra um desses casos.

O sorriso é mais comum na modalização da fala (tanto por parte do falante como por parte do ouvinte), como elemento atenuador da força impositiva dos enunciados, como um meio de defesa de face e de aproximação entre os parceiros. Além disso é uma manifestação de inúmeras emoções. Esta modalidade recebe aqui menor atenção, visto não se ter revelado muito importante como estratégia de focalização. O riso foi encontrado sobretudo em actividades de retorno nos exemplos 25 e 26, que ilustram casos de comentários irónicos por parte de uma ouvinte.

Convém ainda referir uma expressão facial que, acompanhada por outros movimentos do corpo, tem o significado mais convencionalizado de "não saber". Resulta do complexo de movimentos de vários músculos da face - o erguer de sobrancelhas e, eventualmente, um ligeira protrusão do lábio inferior -, do desvio dos olhos para cima, de um encolher de ombros e, por vezes, também da orientação da cabeça para o lado ou para cima. Este conjunto de movimentos (dos ombros, da cabeça, das sobrancelhas, dos olhos e dos lábios) também antecede, por vezes, o enunciado a que se refere, servindo de anúncio para o que vai ser dito, contextualizando a atitude do falante relativamente ao conteúdo do enunciado que vai verbalizar (exemplo 33 (42)-(44)).

O estudo das expressões faciais, em que estão envolvidos inúmeros músculos responsáveis por micro-movimentos importantes para a descodificação das expressões, implica o recurso a várias câmaras na gravação das interacções. O *corpus* recolhido não pode, assim, ser utilizado para este tipo de análise.

### 7.1.3.3 Gestos

Num gesto há dois aspectos a considerar: as formas que podem tomar as mãos/dedos e braços; e a trajectória dos movimentos que podem ser executados pelos braços e/ou pelas mãos. Por isso, os gestos são geralmente sinais compostos por diferentes movimentos e posições de braços/mãos. À semelhança dos gestos da linguagem gestual, podem ser decompostos para análise (cf. McNeill, 1992: 42 segs.). Fala-se de descontinuidade quando a configuração ou a trajectória do gesto mudam. A mudança pode processar-se a nível da unidade gestual (entre uma fase de repouso até à fase de regresso a esse repouso) ou a nível do sintagma gestual (gesto) (os movimentos em que se subdivide uma unidade gestual).



Os gestos que pertencem à mesma unidade gestual mantêm, geralmente, uma característica comum: ou relativamente à configuração e ao movimento só das mãos, independentemente dos movimentos dos braços (por exemplo as mãos sempre entrelaçadas, ou sobrepostas, ou em movimento - trajectórias da frente para trás, de cima para baixo, em linha recta ou circulares); ou relativamente ao tipo de trajectória traçada pelo movimento dos braços (por exemplo, movimentos repetidos de um braço para cima e para baixo, com vértice no cotovelo, ou para os lados e para a frente do corpo, com vértice nos ombros).

Os momentos de descontinuidade (mudança) dos movimentos estão sincronizados com todos os níveis de estruturação do discurso: podem coincidir com a produção de diferentes sons (sílabas) ou de diferentes constituintes, de forma que cada novo movimento ou configuração corresponde à produção de sílabas ou de constituintes distintos (o que não significa que se obedeça aqui a uma hierarquia). Estes gestos marcam diferenças, assinalam constituintes mais importantes. As descontinuidades podem também estar relacionadas com mudanças temáticas, que implicam a necessidade de focalizar diferenças.

No desempenho da função de focalização foram encontrados sobretudo os chamados **gestos de abertura**. À semelhança do erguer das sobrelanceiras, podem preceder ou acompanhar o enunciado a que se referem, marcando a sua fronteira inicial (de uma unidade informativa). Estes gestos são acompanhados com frequência pela orientação do olhar e da cabeça para um parceiro. Esta combinação tem um efeito focalizador mais forte.

O gesto de abertura contrasta com o movimento de regresso ao estado de repouso (fase de retracção), muito comum em hesitações; é um **gesto de desfocalização**, geralmente ligado a uma redução do envolvimento do falante (redução da informação a nível verbal) que termina, muitas vezes, desempenhando a função de **sinal de cedência de vez**.

As batidas de um gesto podem acentuar o ritmo da fala; contribuindo para a focalização dessa parte da vez; ao desenhar, representar ou modelar a referência de um elemento lexical, verbalizado (quase) simultaneamente, um gesto reforça-a, tornando-a mais visível e, conseqüentemente, focaliza-a. Além disso, como já disse, cria um **foco visual**, um lugar para onde o ouvinte/observador orienta o seu olhar.

Como um gesto raramente é apenas icónico, rítmico (gesto batuta) ou metafórico, mas pode congrega estas três propriedades<sup>3</sup>, a actividade gestual também pode desempenhar várias funções em simultâneo: por exemplo, ao mesmo tempo que contribui para a marcação do ritmo da fala, localiza determinados constituintes no espaço gestual e focaliza localmente esses elementos que localiza no espaço interaccional, facilitando, assim, a descodificação da fala pelo ouvinte.

---

<sup>3</sup> Como demonstra o exemplo 9, um gesto rítmico de estruturação (o gesto batuta), também pode servir para localizar determinados referentes no espaço gestual, sendo, por isso, também um gesto dístico.



Considerando o que foi descrito nestes últimos parágrafos, pode-se concluir que todas as modalidades não-verbais são susceptíveis de desempenhar a função de focalização; umas adequam-se melhor a um tipo de focalização global, outras, a um tipo de focalização local, outras podem ser perfeitamente usadas nas duas situações. O grau de alcance de cada uma das modalidades pode ainda variar conforme a energia usada na sua execução (a energia usada, por sua vez, informa sobre o envolvimento do falante). Muitas vezes, há combinações idiossincráticas de mais do que uma modalidade, que são habitualmente utilizadas para a marcação do foco. Sendo assim, é difícil, pelo menos a partir de um *corpus* tão limitado como o que foi aqui analisado, determinar todos os significados possíveis que cada uma das modalidades pode suportar. No entanto, esta pluralidade de formas e de funções não impede que se determinem as funções mais comuns que cada uma das formas de comunicação não-verbal pode desempenhar<sup>4</sup>.

## 7.2 Manutenção de vez e actividades de focalização

Nos exemplos 27-37, em que foi concedida especial atenção às actividades de focalização no desempenho da função de manutenção de vez, a análise comprovou que as estratégias de focalização permitem aos interactantes não só orientar as actividades para o que está para acontecer, mas também para o que está a/acabou de acontecer. As estratégias de focalização local e global proactiva são as mais comuns no desempenho da função de manutenção de vez, porque, quando o falante chama a atenção dos parceiros para o que está a ser e para o que vai ser dito/feito, evita (na maioria dos casos) que os parceiros reclamem para eles o papel de falante. Além disso, uma orientação para o que está a ser/vai ser dito/feito implica um avançar da informação, ou seja, um momento de maior dinâmica na interacção.

Como acabei de resumir sob 7.1, os processos de focalização podem ser realizados por meios linguísticos, prosódicos e não-verbais que actuam (ou não) em simultâneo, desempenhando, ainda, outras co-funções idênticas ou distintas entre si. Por via de regra, na focalização é válido o princípio de compensação no que diz respeito à activação dos meios disponíveis para o desempenho desta actividade. Isto é, se uma modalidade (por exemplo não-verbal) for solicitada para uma determinada tarefa e não puder ser utilizada para focalizar o que vai ser dito, é possível que a outra se encarregue do desempenho dessa função. Imagine-se que os braços e mãos estão a ser utilizados para estruturar o discurso, efectuando um tipo de focalização local; para chamar a atenção para a introdução futura de uma informação importante, o falante ergue as sobrancelhas.

Pode haver também casos de redundância, em que todos os canais colaboram na focalização da mesma coisa. Por exemplo, no princípio de um acto conversacional em que há uma mudança temática relativamente ao tema antecedente, observam-se os seguintes fenómenos: aumento de intensidade de voz e subida brusca de altura de tom no

---

<sup>4</sup> Tal tarefa constitui o principal objectivo da investigação que tem vindo a ser realizada por Poggi (2002a,c).



ataque, abertura de ambos os braços e mãos para os lados, com palmas das mãos viradas para cima (um gesto que contrasta com a posição antecedente dos braços/mãos), erguer das sobrelanceiras, orientação do olhar para os parceiros, levantar da cabeça e do tronco (se antes estava inclinado para a frente). Pode-se, pois, dizer que neste momento há uma redundância de sinais de abertura.

Também se demonstrou como os diferentes meios usados na actividade de focalização podem ser analisados com base na classificação elaborada para os **sinais conversacionais verbais** em Rodrigues (1998): além de servirem para manter a vez, funcionando como sinais conversacionais de manutenção de vez, podem desempenhar as funções de sinais conversacionais interactivos, topográficos e modais. O recurso a esta classificação permite dar conta não só de todos os níveis que constituem a interacção face a face, mas também da **polissemia** e **polifuncionalidade** dos sinais conversacionais verbais e não-verbais.

Fundamentada na classificação dos sinais conversacionais e tendo em conta que na manutenção de vez se podem distinguir situações de defesa, perda e manutenção forçada da vez, de continuação e retoma da vez, momentos específicos de pedido de retorno ou de reforço informativo, verifiquei que as estratégias de focalização observadas neste *corpus* são mais frequentes nas situações de pedido de retorno e de retoma da vez. Surgem também em situações de reforço informativo e na defesa da vez.

### 7.2.1 Pedido de retorno

Um sinal de retorno pode ser produzido, de um modo quase automático, num PT; há, no entanto, situações que demonstram que a sua realização foi, de certo modo, provocada pelo falante, tanto ao longo da vez como antes da terminação de um acto. Geralmente, a produção de sinais de retorno está ligada a uma actividade mais emotiva, ou seja, quanto maior for o grau de envolvimento do falante, maior será a probabilidade de este obter sinais de retorno do ouvinte num PT. Sendo assim, pode-se afirmar, à partida, que tanto o estilo enfático como a intensificação dos movimentos do corpo favorecem qualquer manifestação por parte do ouvinte. Veja-se agora, com maior pormenor, o que pode acontecer a nível da fala e da comunicação não-verbal.

As características verbais (linguísticas) do pedido de retorno são sobretudo a terminação de um acto (o momento em que foi alcançada a completude de uma *gestalt* sintáctica) ou a repetição do mesmo (cf. exemplo 27, (26)).

As características verbais prosódicas com que são produzidos os últimos sons de um acto são de grande importância na obtenção de um sinal de retorno. Tanto podem ser típicas de um tom assertivo - com altura de tom marcadamente descendente (cf. exemplo 27, acto (26)) - como típicas de um estilo enfático - com variações de altura de tom descendente-ascendente (cf. exemplo 29 (05), (08)), com variações de altura de tom descendente-ascendente e tom de voz mais agudo (cf. exemplo 32 (22)) e com variações de altura de tom seguido de pausa retórica (cf. exemplo 34 (22)).



Mas será que estas características prosódicas constituem, por si sós, sinais de pedido de retorno? O facto é que nos exemplos atrás referidos, a produção verbal é acompanhada por outras modalidades não-verbais - no exemplo 27, por um desvio do olhar para cima, no exemplo 34, por um gesto de abertura e pela orientação do olhar para o ouvinte. Perante esta redundância de meios de focalização, a vez foi acompanhada por um sinal de realimentação; será que teria acontecido o mesmo se apenas um deles tivesse sido enunciado? É possível que as características prosódicas sejam as mais importantes, como já foi apontado no exemplo 6 (74) - (75). Mas não só.

A comunicação não-verbal mais comum nestas situações é efectuada pelas modalidades olhar (mímica) e gesto. Assim, a orientação do olhar para o ouvinte é um indicador de que há alguma coisa de importante a considerar e que deve participar nela. Esse estabelecimento de contacto visual poder-se-ia parafrasear como "estás a compreender/de acordo com o que eu disse?", "atenção, isto é importante" (cf. exemplos 29 (05), 30 (32), 34 (21), (22), 35 (05)). Por sua vez, o desvio do olhar para cima, que se verifica no exemplo 27 (26), funciona como um sinal de abertura proactivo, indicando que o falante se concentra no que vai ser dito, mas não provoca necessariamente a produção de um sinal de retorno por parte do ouvinte. Em meu entender, as características prosódicas desse acto são, nesse momento, essenciais para a obtenção de um sinal de retorno.

O gesto de abertura seguido de uma paragem do movimento, ou simplesmente a paragem do movimento, são formas de comunicação não-verbal eficientes na obtenção de um sinal de retorno (cf. exemplo 34 (21), (22)).

Outras actividades não-verbais que transmitem o envolvimento do falante e influenciam a participação verbal dos ouvintes na vez, são por exemplo, os movimentos da cabeça. Como demonstram os exemplos 29 (05) e 30 (32), a falante faz vários abanos num PT. Embora este tipo de actividade esteja relacionado com a atitude da falante relativamente ao conteúdo da vez, estes movimentos transmitem o seu envolvimento e, por isso, provocam uma reacção por parte da ouvinte. No entanto, os acenos também podem servir de pedidos de retorno explícitos, como ilustra o exemplo (35) (05): os acenos executados pela falante CL não se relacionam com o conteúdo do enunciado, nem com a atitude da falante relativamente ao tema, mas com a sua relação com a parceira, como se lhe solicitasse um sinal de acordo.

Sendo assim, verifica-se que não há formas de comunicação não-verbal típicas da função de pedido de retorno, embora haja formas mais adequadas do que outras para o seu desempenho. Na verdade, é um caso idêntico ao dos sinais conversacionais verbais, em que não há formas específicas para diferentes funções. Mas, também à semelhança dos sinais verbais, há formas que são tendencialmente usadas nessas situações, a saber, todas as que servem para focalizar o que está/vai ser dito, como os gestos de abertura (com ou sem paragem), a orientação para o ouvinte (posição do tronco, cabeça e olhar), a chamada de atenção através do erguer de sobrancelhas e o pedido de acordo através de acenos.



### 7.2.2 Actividades de retorno (realimentação)

Os sinais de retorno foram também considerados, sobretudo os sinais de realimentação que, por apoiarem a vez do falante, são compatíveis com a manutenção de vez. Como todos os sinais de retorno, os sinais de realimentação são geralmente produzidos num PT. Muitas vezes são realizados automaticamente, porque o ouvinte sente necessidade de mostrar ao falante que o está a seguir. A emissão de sinais de acordo pode também estar ligada à necessidade do ouvinte de dar a entender ao falante que concorda com ele, mesmo que tal confirmação não lhe tenha sido solicitada. Tem mais a ver com o seu grau de envolvimento, com o seu estado sócio-cognitivo. Os actos (37) e (54) do exemplo 33 ilustram situações destas. A ouvinte repete palavras e partes de palavras produzidas pela falante para demonstrar o seu acordo e envolvimento. Em contrapartida, nos actos (50) e (52), a vontade da ouvinte em manifestar a sua opinião é tão forte que a sua actividade de retorno pode ser interpretada como uma reclamação de vez. Esta actividade não consiste apenas em verbalizações, mas também na execução de vários acenos com a cabeça e de gestos díticos, que reforçam o conteúdo de "*esse*", embora no acto (52) o gesto de apontar coincida com a produção de "*não é importante*" e não de "*esse*".

Outras actividades de realimentação são desencadeadas por sinais de pedidos de retorno, como os que foram atrás descritos. Formalmente podem ser desde simples manifestações verbais de acordo num PT (cf. exemplo 27 (27), exemplo 34 (24)), combinadas também com acenos (cf. exemplo 30 (33)), até sinais compostos por actividades de várias modalidades, como o caso do exemplo 33 (22), que consiste na verbalização de sinais de acordo - repetição de palavras ou partes de palavras acabadas de produzir pela falante - fora de um PT, seguida de acenos e de gestos díticos. Nem sempre há uma sincronização da produção do sinal verbal de retorno com o PT; uma passagem do exemplo 29 demonstra que a verdadeira actividade de retorno do ouvinte já se iniciara no PT, em forma de acenos com a cabeça, e que só depois do PT, durante a continuação da vez pelo falante, é que a ouvinte pronuncia um sinal verbal de acordo (06).

O erguer das sobrancelhas também parece ser uma forma de comunicação verbal comum nas situações de retorno, como se pode ver no exemplo 35, em que durante a produção do sinal verbal de acordo - que consiste na completação do enunciado da falante, uma espécie de reparação -, a ouvinte ergue as sobrancelhas, inclina o tronco para a frente e executa um gesto de abertura.

Concluindo, os sinais de realimentação variam conforme expressam atenção, compreensão, acordo e empatia, ou seja, conforme transmitem maior ou menor envolvimento do ouvinte.

### 7.2.3 Reforço informativo

Como se pode ver nos exemplos 27 (01), 31 (17), 32 (32) e 35 (12), os sinais de reforço informativo são idênticos aos de pedido de retorno, mas diferem dos primeiros na medida em que os ouvintes, além de demonstrarem a sua atenção orientando o olhar para o falante, não produzem nenhuma actividade de retorno. No exemplo 27, encontramos,



pouco antes de um PT, um gesto de abertura, combinado com a orientação do olhar para o ouvinte-observador; os elementos verbais foram produzidos com uma altura de tom ascendente, onde está patente o envolvimento da falante; no exemplo 31, as características prosódicas reflectem também o envolvimento da falante; no entanto, a nível não-verbal, há uma postura de recolhimento e não de abertura - auto-toque e orientação do olhar para baixo; o exemplo 32 demonstra um caso idêntico, mas sem orientação do olhar para a observadora; no exemplo 35, existe apenas contacto visual; não há pistas prosódicas nem não-verbais, apenas a verbalização de uma expressão verbal comum nas situações de pedido de retorno e de reforço informativo. Destes poucos exemplos ressalta que a orientação do olhar para o ouvinte-observador parece ser uma forma de comunicação não verbal importante para a obtenção de um sinal de retorno.

Pode-se, pois, avançar que, tendencialmente, no plano não-verbal, uma orientação para dentro, para si próprio, característica de situações em que o falante tem que se concentrar, não provoca, na maioria dos casos, um sinal de retorno do ouvinte; pelo contrário, a orientação para fora, para o parceiro, isto é, a abertura do canal de comunicação, desencadeia mais facilmente uma reacção visível/audível por parte do ouvinte.

#### **7.2.4 Retoma da vez / retoma do tema**

Os momentos em que o falante continua a vez, após uma interrupção do tema causada por um sinal do ouvinte ou pela introdução de um aparte, são designados respectivamente por retoma da vez e retoma do tema principal. É, pois, uma situação em que o falante tem que dar as indicações necessárias para mostrar que vai continuar a sua vez. Nestes momentos, o falante recorre com frequência a estratégias de focalização.

Estas podem consistir apenas no uso de uma altura de tom que contrasta com a que foi usada na produção do acto antecedente (exemplos 10 (16) e 27 (28)).

Também é comum o uso de sinais topográficos de abertura verbais, como "*mas*", com altura de tom ascendente nos (exemplos 27, 28 (33) e 33 (33) este elemento é também um sinal interactivo contra-argumentativo). No exemplo 27, a produção deste sinal é acompanhada por uma fase de preparação de um gesto; as sobrancelhas encontram-se erguidas e baixam na continuação do acto. A falante também faz vários acenos com a cabeça que, embora se relacionem com a atitude da falante relativamente ao conteúdo do acto, também revelam, indirectamente, a sua vontade de continuar a vez; o mesmo se aplica relativamente à orientação do olhar para baixo, um indicador de que a falante se concentra no que vai dizer. No exemplo 28, o elemento "*mas*" foi produzido com um tom de voz mais agudo; a mudança de posição das pernas e de orientação do olhar e do tronco para a frente são também indicadores de que se segue alguma coisa de novo. No exemplo 33, o ataque de "*mas*" é feito a um nível de altura de tom baixo (relativamente ao tom antecedente houve uma descida brusca), com uma orientação ascendente. Aqui a comunicação não-verbal da falante denuncia uma atitude de dúvida de reflexão, que condiz com o conteúdo do enunciado.



Outros elementos verbais são "*pronto*", com entoação ascendente, acompanhado por uma subida do braço (exemplo 28 (35)), e o sinal interactivo argumentativo (simultaneamente um sinal topográfico de transição) "*portanto*" (exemplo 33 (55)). Este é antecedido por a) um erguer das sobrancelhas e b) por uma fase de preparação do gesto, e acompanhado por a) um encolher de ombros (um sinal não-verbal que contribui com significado adicional sobre a atitude da falante perante o conteúdo da vez) e b) por um gesto de abertura.

Há momentos de simples continuação de vez em que o falante também recorre a sinais de focalização para marcar a introdução de novos temas ou o contraste com o tema antecedente.

Devem-se ainda realçar os momentos de retoma de vez que se seguem à introdução de apartes. Como foi atrás referido, estes actos realizados "*à parte*" do tema principal, por causarem um retardamento no prosseguimento da vez, ou por pertencerem a um nível temático secundário, são, geralmente, colocados numa posição de segundo plano, isto é, são desfocalizados, como ilustra o exemplo 29 (03), em que a retoma do tema principal no início do enunciado a seguir ao aparte está marcada pela mudança da altura de tom de constante para ascendente.

Os meios de desfocalização usados são, sobretudo, prosódicos. Na retoma do tema principal é muito comum repetir os elementos produzidos antes da introdução do aparte (dobra sintáctica). A repetição permite o estabelecimento da coesão entre a parte interrompida e a sua retoma. Tal fenómeno pode-se observar no exemplo 32 (25)-(28). Note-se que esta estratégia coesiva também é seguida na comunicação não-verbal - na retoma do tema principal, a falante tem uma actividade gestual formalmente idêntica à que interrompera com a introdução do aparte.

Estas repetições têm mais a ver com questões estruturais do discurso do que com questões de conteúdo. Um exemplo de repetições de gestos ligadas a questões semânticas é a reactivação (do gesto) de McNeill (cf. parte I, 2.6.3.6). Embora este conceito tenha sido desenvolvido para outro tipo de repetições (repetições de gestos ilustrativos), também poderia ser aplicado aos outros tipos de repetições.

### **7.3 Relação entre a comunicação verbal e a comunicação não-verbal**

Para dar aos parceiros as indicações necessárias para descodificarem a mensagem do modo por si entendido, um falante tem à sua disposição uma grande variedade de "sinais" de natureza distinta. Os meios escolhidos dependem do jogo entre os factores externos e os factores internos ao falante: a relação com o parceiro, o seu estado sócio-cognitivo, a fluência de pensamento nesse momento, a sua capacidade de planeamento discursivo, etc.

Uma análise minuciosa dos movimentos realizados pelas diferentes partes do corpo correlacionada com a produção verbal permite tirar algumas conclusões sobre as funções



que a comunicação não-verbal pode desempenhar relativamente à comunicação verbal. Na relação entre estas duas formas de comunicação há vários aspectos a considerar: um relacionado com as respectivas funções de alternância de vez, outro, com as respectivas funções topográficas (isto é, relativas à estruturação do discurso), outro, com os significados que transmitem (se há uma correlação de significado relativamente aos estados de coisas, atitudes e emoções expressas) e outro ainda relacionado com a coordenação entre ambas.

Nos capítulos antecedentes já foi comprovado que as funções desempenhadas pelas modalidades não-verbais podem ser descritas com base na classificação desenvolvida em Rodrigues (1998) para os sinais conversacionais verbais. Por outras palavras, a nível de alternância de vez, as várias unidades de movimento da comunicação não-verbal podem ser sinais de manutenção de vez, de pedido de retorno, de reforço informativo e de retoma da vez. Os aspectos relacionados com a estruturação do discurso, com o significado e com a coordenação entre a comunicação verbal e a comunicação não-verbal serão explicados a seguir.

### 7.3.1 Movimentos do corpo e estruturação do discurso

Na descrição dos exemplos 1-37 mostrou-se que a comunicação não-verbal é um fenómeno indispensável na estruturação do discurso, tanto na marcação de contrastes entre partes da vez, como no estabelecimento de ligações de coesão: verificam-se, com frequência, unidades não-verbais nas fronteiras entre os actos e entre diferentes unidades temáticas, marcando descontinuidades.

Notou-se também que a preferência dada a uma ou a outra modalidade não-verbal depende, por vezes, de questões de ordem individual; no entanto, na estruturação do discurso, são os movimentos da cabeça e os gestos que parecem ser usados de modos mais semelhantes no que diz respeito à extensão das unidades em que dividem o discurso. Distiguem-se sob o ponto de vista formal, visto terem propriedades físicas muito diferentes - enquanto os movimentos da cabeça são limitados (embora rápidos) os gestos podem descrever trajectórias com diferentes amplitudes e percursos.

No caso específico do gesto, a manutenção de uma característica formal dentro da mesma unidade gestual (por exemplo, a combinação mesma trajectória + diferente configuração de mãos; ou mesma configuração das mãos + diferente trajectória) funciona como um **indicador de coesão** entre partes do discurso: Uma coesão mais forte, que geralmente coincide com a produção de uma única unidade de informação, é conseguida pela manutenção da direcção do movimento e da configuração das mãos. Sendo assim, os movimentos dos braços e das mãos oferecem possibilidades combinatórias sem fim, difíceis de sistematizar, mas facilmente analisáveis a partir do contexto.

Resumindo: além de transmitirem informações relativas ao conteúdo dos enunciados e a outras questões de ordem emotiva, os gestos funcionam como **sinais de estruturação** do discurso: não só marcam **contrastos** (através de descontinuidades de movimentos) entre partes da vez, mas também estabelecem **ligações coesivas** entre outras partes da vez,



através de repetições de movimentos. Um caso destes está ilustrado no exemplo 32, em que a primeira parte de uma sequência condicional, (18)+(19), é acompanhada por um tipo de gesto, e a segunda parte, (21)+(22), por um gesto com trajectórias diferentes. Os gestos também são importantes na marcação do ritmo (cf. exemplo 29 (09), (11), (12), (14)).

Como se encontra descrito sob 7.1.3, à semelhança dos gestos, os movimentos da cabeça são importantes na estruturação do discurso. Os movimentos da cabeça podem estar sincronizados com sílabas, constituintes, actos conversacionais e sequências de actos e contribuem para a marcação de descontinuidades, do contraste, das fronteiras entre diferentes partes da vez (cf. exemplo 30). Por vezes os movimentos laterais para o mesmo lado (e que não são abanos) coincidem com a verbalização do mesmo tópico, criando, assim, relações de coesão entre partes da vez (cf. exemplo 30). Geralmente os movimentos da cabeça são mais frequentes em situações em que o falante fala com mais veemência (envolvimento).

### 7.3.2 Significado do movimento vs. significado dos elementos verbais

Sob o ponto de vista **semântico**, a comunicação não-verbal pode reforçar, acrescentar, contradizer ou substituir o significado expresso pelos elementos lexicais/enunciados. Como já foi referido, esses significados têm a ver com o conteúdo dos enunciados e com o estado sócio-cognitivo (inclusive emoções e atitudes) do falante.

Todos os movimentos do corpo parecem estar sincronizados com a fala e transmitir diferentes tipos de significados. No entanto algumas modalidades são mais usadas do que outras. A frequência dos movimentos da cabeça, olhos, braços e mãos é superior à dos movimentos do tronco e das pernas (de resto note-se que os interactantes estão sentados).

No que diz respeito aos movimentos dos olhos, já foram atrás referidos dois tipos de olhar - o observador-controlador e o focalizador informativo. A orientação do olhar está também ligada à mímica, ao grau de abertura dos olhos, à movimentação dos músculos da testa que provoca as deslocações das sobrancelhas - o erguer e o baixar das sobrancelhas (o carregar do sobrolho). A mímica relaciona-se sobretudo com a atitude do falante, mas no caso da narrativa oral, faz parte da representação de uma personagem (veja-se o exemplo 37, em que AT informa sobre a atitude das personagens narradas simplesmente através da mímica).

Os movimentos da cabeça que se podem considerar como fazendo parte do plano semântico são aqueles que não tem a ver com a orientação da cabeça para alguém ou para o lado, a saber, os abanos e os acenos. Estes movimentos tanto podem surgir ligados ao conteúdo semântico dos enunciados (negativos ou afirmativos), como referir-se à atitude da falante, contrastando com o significado dos enunciados. Por outras palavras, os abanos e os acenos podem reforçar, completar (acrescentar), substituir ou contradizer o significado positivo (de aceitação, acordo) ou negativo (de rejeição, desacordo) expresso verbalmente. O exemplo 27 ilustra um caso de reforço: o acto de rejeição (25), uma frase negativa, é acompanhado por um abano; o acto (28), uma frase afirmativa, é



acompanhado por um aceno. Estes movimentos não só estabelecem o contraste entre estes dois tipos diferentes de actos, mas também reforçam o conteúdo semântico dos enunciados (cf. também exemplo 33, actos (47), (51), (53) e (56)). Quando não transmitem significados idênticos ao conteúdo dos enunciados é porque se referem a outras questões, por exemplo, à atitude da falante. Podem comunicar significados positivos (de empatia, simpatia), ou negativos (de antipatia) (cf. exemplo 35 (14) e exemplo 32 (26)-(27)). Nesse caso os movimentos da cabeça acrescentam uma informação à que é comunicada verbalmente, isto é, têm uma relação de adição com a comunicação verbal.

Como acontece com os outros movimentos do corpo, os gestos podem reforçar, completar (acrescentar), substituir ou contradizer o significado expresso pela fala<sup>5</sup>. Vejam-se alguns exemplos do *corpus*:

No exemplo 29 (08) o gesto que acompanha a verbalização do elemento "precisa" (mãos tensas pressionadas uma contra a outra) transmite essa mesma noção de "ter necessidade de alguma coisa"; no exemplo 31 (43)-(44), o significado de "fazer um favor" está implícito nos movimentos do corpo realizados em simultâneo; outros gestos indicam um elemento presente no espaço interaccional que representa, metaforicamente, o elemento referido - durante a verbalização de "corpo humano" a falante aponta para o seu próprio corpo com um gesto de abertura. Outros gestos salientam apenas algumas características semânticas dos elementos verbais que acompanham, como é o caso de uma batida de mãos à frente do corpo em "relação de intimidade" e outra mais forte em "relação de amor" (cf. exemplo 32 (18) + (19)). Ao mesmo tempo que estes gestos reforçam a ideia de escala, deixam transparecer um significado de "ligação" entre duas partes. A ideia de "futuro" está representada no gesto com rotação das mãos do tronco para a frente (exemplo 30, (25), (28)). O exemplo 30 (24) ilustra um gesto que, além de localizar referentes distintos em diferentes pontos do espaço gestual, tem uma trajectória um pouco oscilante que representa, iconicamente, a atitude de "dúvida" da falante. O exemplo 37, em que a falante narra um episódio (o pai a mudar de canal de televisão), mostra como o significado dos elementos lexicais ou dos enunciados pode ser ilustrado de um modo claro e directo através dos gestos, mais concretamente, por meio de gestos inseridos em toda uma coreografia de movimentos. Tais casos são frequentes em narrativas orais.

Outras vezes, um (ou vários) movimento(s) pode(m) substituir a fala. O exemplo 24 ilustra o primeiro caso, em que o falante executa um gesto em vez de verbalizar a expressão "ter força", ou "ter pulso" (embora, a seguir, acabe por pronunciar parte do elemento lexical "representado"). O exemplo 37 ilustra um momento da narrativa oral em que a falante representa uma cena várias vezes e em silêncio em vez de a descrever por palavras. Neste caso, o uso da comunicação não-verbal é uma estratégia para tornar a narrativa mais real - aliás porque o episódio assim narrado decorrerá, na realidade, em silêncio.

---

<sup>5</sup> Nos exemplos descritos não foram encontrados casos de contradição (que não se deve confundir com diferença).



O recurso a meios não-verbais (sobretudo a gestos emblemáticos) para substituir a fala está, segundo Poggi (2002a: 165), ligado ao princípio da economia. No entanto não é sempre esta a razão. No exemplo 24, BS parece recorrer a um gesto (não-acompanhado por fala) para não interromper a vez do falante; de facto queria apenas apoiá-lo através do fornecimento de uma informação. Sendo a actividade do ouvinte não-verbal, é logo recebida e decodificada pelo falante, sem que ele precise de parar de falar para a ouvir (caso o comentário do ouvinte tivesse sido verbal), nem de aumentar a intensidade da voz, nem, tão pouco, de repetir a parte da vez que poderia ter ficado sobreposta ao comentário de BS (se este fosse verbal).

Como não se trata de uma análise sistemática sobre a relação entre o significado da comunicação não-verbal e o significado da fala, estas conclusões apontam apenas alguns aspectos que puderam ser observados paralelamente à análise dos processos / estratégias de focalização. Para poder tirar ilações mais completas sobre este assunto, é necessário orientar a análise do *corpus* nesse sentido e também, de preferência, recorrer a mais *corpora* constituídos por gravações de outros tipos de interacção face a face.

### 7.3.3 Coordenação entre os movimentos do corpo e a fala

Já nos anos 60 se comprovou que os movimentos do corpo estão sincronizados com a fala e com a articulação dos sons<sup>6</sup>. A questão da sincronização da modalidade gestual com a fala foi analisada e sistematizada por McNeill (1992), que formula três regras: a *phonological synchrony rule*, a *semantic synchrony rule* e a *pragmatic synchrony rule* (cf. McNeill, 1992: 26 segs.). Segundo a regra da **sincronia fonológica**, o golpe do gesto precede ou termina no pico fonológico da fala; não é realizado a seguir a ele. Esta opinião é compartilhada por Kendon (1980) (cf. McNeill, 1992: 26). A **sincronia semântica** significa que as duas modalidades, gesto e fala, transmitem os mesmos significados ao mesmo tempo (*ibid.*, 27), isto é, abrangem a mesma *idea unit* (unidade nacional) (McNeill afirma que é possível que os gestos e fala, com significados não-relacionados, se combinem, mas não no caso de gestos espontâneos). A **sincronia pragmática** refere-se à simples co-ocorrência dos gestos e da fala. Em princípio, estas regras também se poderiam aplicar aos restantes movimentos do corpo.

Na análise dos últimos 11 exemplos pôde-se constatar o seguinte:

No que diz respeito aos movimentos do corpo e à sua sincronização com a parte proeminente da fala, confirma-se que o golpe do gesto coincide, na maioria dos casos, com a proeminência prosódica. O apoio técnico que tive à disposição permitiu mesmo distinguir, para o caso do gesto, entre uma sincronização exacta - em que o momento de maior amplitude do gesto coincide com a produção dos sons mais proeminentes - e uma sincronização aproximada, em que a proeminência frásica coincide com o início da fase

---

<sup>6</sup> Condon/Ogston (1966, 1967) constataram, a partir da análise de filmes, imagem por imagem, que os movimentos do corpo e os sons da fala ocorrem em simultâneo, com mudanças de intensidade idênticas, propondo uma sincronização geral do ritmo. Por sua vez, Dittman (1972) discorda desta ideia de uma sincronização tão rígida entre os movimentos do corpo e da fala e refere que há diferenças individuais devidas a diferenças de codificação.



de retracção do gesto<sup>7</sup>. Comprova-se assim a **regra da sincronia fonológica** de McNeill (sincronização exacta - exemplos 29, 30; sincronização da proeminência frásica com a fase de retracção do gesto, exemplo 36).

A situação é idêntica com os movimentos da cabeça, sobretudo com os que não são acenos nem abanos, mas simplesmente marcadores rítmicos ou de contrastes entre partes da vez. Como a trajectória de um movimento de rotação da cabeça é diferente da de um gesto (por mais diferentes que sejam as formas dos gestos, os movimentos da cabeça são sempre mais limitados), há dois casos a considerar: ou é a fase terminal do movimento (para a esquerda ou para a direita) ou a própria trajectória (fase de movimento) que coincide com a proeminência frásica (cf. exemplo 30).

Também se verificou, para o caso dos gestos e de alguns sinais não-verbais complexos constituídos por mais do que uma modalidade, que o significado das unidades não-verbais e da fala a que se referem e cujo conteúdo reforçam se encontram sincronizados. Mas também há situações em que os gestos que acompanham a fala não têm nada a ver com o conteúdo dos enunciados, nem com possíveis sinais verbais no desempenho de outras funções pragmáticas, porque fornecem simplesmente informações adicionais sobre a atitude do falante (exemplo 35 (05)). Outras vezes, o significado transmitido não-verbalmente refere-se a outros aspectos interaccionais - como a indicação de que a vez continua - denunciando simultaneamente que alguma coisa vai ser dita. É interessante o caso do exemplo 12, em que a orientação do olhar e o gesto têm um significado de abertura, enquanto os elementos verbais co-relacionados têm um significado de fecho. Nesse caso, na minha opinião, a propriedade "sincronia semântica" não se pode generalizar.

A sincronia pragmática também não se verifica, pelo menos no que diz respeito aos movimentos relacionados com a expressão de atitudes do falante (sinais modais não-verbais): em alguns exemplos constatou-se que a execução dos movimentos pode anteceder a produção dos elementos verbais com que estão relacionados, isto é, os movimentos são feitos na sua totalidade antes da produção verbal. Não se trata, pois, de uma antecipação idêntica à que McNeill (1992) refere, que coincide apenas com a fase de preparação do gesto<sup>8</sup>. Esta antecipação é total, ou seja, o gesto é executado na sua totalidade antes da fala, funcionando como uma espécie de anúncio. Além disso, do mesmo modo que há antecipação, também pode haver retardamento. Estes fenómenos de ante e pós-posicionamento parecem poder ser correlacionados com as tendências de ante e pós-posicionamento a nível verbal, que se manifestam nos anúncios (molduras, actos

<sup>7</sup> Pode-se levantar a questão de se as diferenças de sincronização têm a ver com questões idiossincráticas, culturais ou contextuais, ou se são puramente acidentais. No caso de uma sincronização perfeita, o ritmo parece ser mais duro, mais incisivo; a sincronização aproximada tem um ritmo mais suave e relaxado. Talvez sejam fenómenos desta ordem que distinguem os "modos de falar" de diferentes culturas - onde muitas vezes deparamos com comportamentos "diferentes" que não somos capazes de explicar.

<sup>8</sup> Segundo McNeill (1992), a antecipação do gesto é uma prova a favor do argumento de que os gestos revelam a forma primitiva dos enunciados: "there is a global-synthetic image taking form at the moment the preparation phase begins, but there is not yet a linguistic structure with which it can integrate" (McNeill, 1992: 26). Com isto, pretende salientar a estreita relação entre o gesto e a fala.



metacomunicativos, etc.). Desta observação pode-se concluir que as estruturas típicas do discurso também se detectam no plano não-verbal, podendo ser, por isso, características universais do ser humano.

## **7.4 Relação entre as diferentes modalidades não-verbais**

Na relação entre as modalidades não-verbais há também dois aspectos a considerar: um semântico-pragmático e um relativo à sua coordenação.

### **7.4.1 Relação entre o significado das modalidades não-verbais**

Verificou-se que há movimentos diferentes que podem desempenhar os mesmos significados pragmáticos - por exemplo, o erguer de sobrancelhas e o gesto de abertura; um gesto dístico e um "apontar" com os olhos ou com o queixo. Pode-se, assim, falar de unidades de movimento **sinónimas** (ou quase-sinónimas). Os movimentos sinónimos das diferentes modalidades podem ser feitos em simultâneo, criando redundância; outras vezes, são activados em termos de compensação - se um falha (por inúmeras razões), o outro entra em acção.

No entanto, também há situações em que as diferentes modalidades estão ocupadas com diferentes tipos de actividades: veja-se o exemplo 13, em que a orientação dos olhos tem um significado de abertura e o gesto um significado de fecho.

Como já referi, parece também haver movimentos do corpo mais especializados do que outros para comunicar determinados significados - o que tem a ver com as capacidades físicas dos movimentos - apontar com um dedo é mais natural, porque visível, e menos cansativo do que apontar com os olhos ou com o queixo. Por outras palavras, o facto de o gesto ser mais comum como sinal dístico não-verbal não significa que essa mesma função não possa ser desempenhada por outra parte do corpo.

Há movimentos (unidades de movimento) em que participa mais do que uma modalidade não-verbal. Sugiro que sejam entendidos como sintagmas de movimento complexos. É o caso do exemplo 30, em que muitos movimentos da cabeça estão de tal maneira sincronizados com o gesto que parecem fazer parte dele. Como no caso dos gestos compostos, estas variáveis podem-se decompor para análise. Unidades como estas levam-me a não concordar com o estudo de formas de gestos e de outras unidades de movimento independentemente do seu contexto e isoladas dos outros movimentos (ou de não-movimentos) das restantes partes do corpo.

Muitas vezes, a activação simultânea ou sucessiva de vários movimentos do corpo cria uma coreografia que transmite iconicamente uma atitude, um estado ou um processo: veja-se a atitude de rejeição no exemplo 28 (26), a atitude de indiferença no exemplo 32 (28), a atitude de reflexão no exemplo 33 (33), ou o "não saber" no exemplo 33 (46) e (47). Estes sinais não-verbais complexos são descodificados, sem problema, pelo menos pelos membros da mesma comunidade linguística e cultural. É possível que muitos deles



sejam universais, porque, na sua origem (filogenética), são movimentos executados pelo ser humano na relação entre o seu corpo e o meio-ambiente; é o chamado **grau-0** de Serenari, "*I livelli più semplici, quello che noi abbiamo appunto definito il grado 0 del gesto (che non è ancora un gesto in senso proprio)*" (Posner/Serenari, 2000: 84); na sua evolução, estes movimentos perderam a motivação original e são usados noutros contextos sociais.

Neste ponto pretendo referir o trabalho de investigação de Poggi (2002a, c), em que a autora distingue dois tipos de orientação do olhar (para cima e para baixo) e a que atribui significados específicos (respectivamente o de reflectir sobre alguma coisa e o de recordar-se de alguma coisa). Embora esses significados possam ser os mais comuns para esse tipo de movimento, isso não implica que seja sempre assim. Tendo em conta o paralelismo estrutural que caracteriza a fala e os movimentos do corpo, analogamente ao que se passa a nível do discurso, em que o significado (funcional/pragmático) de um elemento lexical se altera conforme a sua função pragmática e conversacional e as suas características prosódicas, também o significado/função dos sinais não-verbais varia conforme o uso. Assim, a sua classificação semântico-pragmática deve considerar a sua relação com os sinais verbais, com a prosódia, com as outras modalidades não-verbais e com todo o contexto e co-texto interaccional; além disso, deve servir-se de um instrumental teórico adequado para dar conta de questões de polissemia e de polifuncionalidade.

Por isso, na minha opinião, a elaboração de dicionários de modalidades não-verbais é uma tarefa arrojada: primeiro, porque todos os movimentos e combinações de movimentos estão sujeitos a idiossincrasias; segundo, porque um movimento raras vezes pode ser interpretado sem a consideração dos movimentos/não-movimentos das outras partes do corpo, que podem sempre influenciar a interpretação do seu significado; terceiro, como acontece com os sinais verbais - que, no plano pragmático podem perder o seu significado lexical a favor de um significado pragmático, sendo este ainda variável conforme o contexto em que se encontra inserido, a prosódia com que é produzido e os sinais não-verbais que o acompanham -, as formas de comunicação não-verbal tipicamente usadas numa função podem, num determinado contexto, ter uma função completamente diferente. Podem-se, sim, estudar tendências ou o que determinados movimentos ou conjuntos de movimentos mais convencionalizados podem significar; no entanto, considero arriscada qualquer generalização que vá muito além da expressão de várias escalas de valores de positivo/negativo, acordo/rejeição, aproximação/distância, focalização/desfocalização. É no contexto interaccional que têm que ser estudados os momentos que estão ligados a estas categorias, assim como os vários tipos de movimentos que tipicamente as expressam.

#### **7.4.2 Coordenação entre as modalidades não-verbais**

Nos primeiros estudos sobre a relação entre as diferentes modalidades não-verbais e a fala que foram realizados por Condon/Ogston (1966, 1967), os autores chegaram à conclusão de que não só os pontos de mudança de movimento de cada uma das partes do corpo coincidem entre si, mas também de que os pontos de mudança da cadeia fónica



também coincidem com os pontos de mudança dos movimentos. Ou seja, as diferentes modalidades de comunicação movimentam-se em conjunto. Isso não quer dizer que todas as modalidades entrem em actividade ao mesmo tempo: algumas podem permanecer estáticas, outras articulam-se e movem-se de vários modos. Kendon (1990: 93) descreve uma corrente de movimento como uma série de ondas de movimento contrastantes, em que ondas grandes podem conter várias ondas pequenas. As ondas maiores correspondem a palavras e frases, as mais pequenas, contidas nas maiores, a sílabas ou a outros sons (Kendon, 1990: 93).

Este tipo de sincronização confirma-se, mas não me parece que seja uma sincronização exacta. Detecta-se uma área preferida para a mudança, localizada nas fronteiras entre os actos conversacionais, um ponto em que o falante geralmente inspira. A meu ver, este fenómeno deve-se, sobretudo, a questões de ordem física/fisiológica e pode certamente ser explicado em termos do funcionamento do nosso sistema motor, inclusive da respiração.

No estudo dos movimentos do corpo é importante ter em conta que estes, assim como a fala, estão sincronizados com os movimentos respiratórios do falante; aliás, os movimentos das partes do corpo efectuem-se de modos naturalmente diferentes conforme se expire ou se inspire (numa inspiração é mais fácil levantar os braços, numa expiração é mais fácil baixá-los). E é nessa medida que um erguer dos braços pode funcionar como um sinal de abertura, indicando que o falante vai falar. Uma função idêntica desempenha nesse caso um abrir da boca ou uma inspiração. Por isso é que a descodificação de uma intenção de falar por parte de outro parceiro é intuitiva. A questão dos movimentos respiratórios precisaria de uma análise mais sistemática e não pôde aqui ser mais aprofundada.

Kendon (1972b) refere-se ainda a uma hierarquia de movimentos do corpo que segue o padrão da hierarquia das unidades da fala. Sem querer entrar aqui em mais pormenores, pois a análise efectuada não se orientou neste sentido, quero acentuar que, na minha opinião, não se pode falar de uma hierarquia entre os diferentes movimentos das partes do corpo, do mesmo modo que não se deve falar de uma hierarquia no discurso. Há partes do discurso que são valorizadas ou desvalorizadas relativamente ao discurso antecedente, e essa relação tem a ver com o que está antes e com o que está para vir, e não, como sugere Kendon, com uma hierarquização complexa de um todo. Este tipo de estrutura hierárquica parece-me pouco provável na interacção face a face em que a orientação dada à conversação está sujeita à influência recíproca dos participantes; ela vai-se auto-construindo, numa dinâmica pro e retroactiva, através de sucessões de sons e de movimentos, em que há um antes e um depois e em que, quando o que se comunica tem menor importância do que o antecedente, passa para um segundo plano, e se alguma coisa é mais importante do que o acaba de ser dito/feito, é colocada em posição de destaque.

Assim, uma inclinação do tronco para a frente não precisa necessariamente de coincidir com uma fronteira macro-estrutural da vez, nem um erguer de sobrancelhas precisa de pertencer a um nível micro-estrutural (a manutenção das sobrancelhas erguidas durante um intervalo de tempo mais longo pode coincidir com uma unidade da vez



supraordenada, com dois actos, com três actos, etc.; um erguer e baixar das sobrelanceiras podem simplesmente realçar parte de um elemento lexical produzido em simultâneo). Há, de facto, uma sincronização, há relações de coesão entre os enunciados marcados pela manutenção ou repetição de aspectos formais dos movimentos do corpo. Mas não me parece que se possa falar de uma onda ampla que abrange ondas mais pequenas, nem de que uma parte das modalidades não-verbais pertença a um nível macro-estrutural e outra parte a um nível micro-estrutural. Talvez as relações entre os movimentos das várias partes do corpo se possam descrever melhor em termos de rimo.

## 7.5 O ritmo no corpo

Não posso concluir sem deixar de fazer uma observação sobre a importância do ritmo na relação entre a fala e os movimentos do corpo. Da descrição de vários exemplos, ressaltou que os movimentos do corpo e a fala se complementam na marcação de ritmos, ora mais lentos, ora mais rápidos. Além disso (embora não o tenha explorado na descrição dos exemplos 1-37) pude verificar que os ritmos que marcam a vez do falante são mantidos pelo ouvinte nas actividades de realimentação, isto é, quando há consenso entre ambos; em contrapartida, em situações de desacordo, o ritmo da vez do falante (ou da vez antecedente) não é respeitado pelo ouvinte na sua actividade de retorno (ou pelo próximo falante na tomada de vez) (cf. Auer/Cuper-Kuhlen, 1994: 97 segs.). Isso demonstra que o ritmo fornece indicações relevantes para a interpretação das mensagens.

O ritmo manifesta-se, aliás, em todo o corpo humano. Com efeito, o corpo humano é marcado por movimentos rítmicos que se revelam tanto aos níveis da micro-biologia (nas contracções celulares) e da fisiologia (no bater do coração), como na fala e na expressão corporal através dos gestos, da dança, da música e das artes plásticas. Segundo Baier (2001: 20), um investigador da área da Dinâmica, já se constata movimentos estruturados da cabeça, dos braços e dos pés em fetos, mesmo em fase inicial de gestação. O ritmo é, pois, um fenómeno inato.

Com base em várias observações, Baier (2001: 54) afirma que o corpo humano é constituído por módulos rítmicos. Cada módulo tem a sua independência, mas não trabalha só nem isoladamente; pelo contrário, está dinamicamente ligado (directa ou indirectamente) aos outros módulos. Todos os componentes rítmicos têm que se organizar entre si, sem perderem a sua independência<sup>9</sup>. Estas afirmações também se aplicam à coordenação dos movimentos das várias partes do corpo e à sincronização destes com a fala, assim como à coordenação dos movimentos/fala de um indivíduo com os dos seus parceiros de interacção. Todos estes movimentos (das partes do corpo e dos órgãos do aparelho fonador) se encontram em constante inter-adaptação, mantendo ou alterando os ritmos, e, juntamente com o estado sócio-cognitivo dos interactantes e com outros condicionamentos externos, são responsáveis pela dinâmica da interacção.

---

<sup>9</sup> "Der Körper ist aus rhythmischen Modulen zusammengesetzt. Jedes Modul besitzt seine Selbständigkeit. Trotzdem arbeitet es nicht einsam und isoliert, sondern ist dynamisch (direkt oder indirekt) mit allen anderen Modulen verbunden. Alle rhythmischen Komponenten müssen sich arrangieren, ohne ihre Selbständigkeit dabei zu verlieren" (Baier, 2001: 54).



## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Liisa Melo e (2001) *Contributo para o estudo das construções com clivagem na língua portuguesa*. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.
- ALIBALI, Martha et al. (2001) "Gesture plays a role in thinking for speaking". In: Cavé, C./ Guaïtella, I./ Santi, S. (eds.) *Oralité et Gestualité. Interactions et comportements multimodaux dans la communication. Actes du colloque ORAGE 2001, Aix-en-Provence, 18-22 juin, 2001*. Paris: L'Harmattan, 407-410.
- ALLWOOD, Jens / ALSÉN, Elisabeth (1999) "Learning how to manage communication, with special reference to the acquisition of linguistic feedback". In: *Journal of Pragmatics* 31, 1353-1389.
- AMARAL, M<sup>a</sup> Augusta / COUTINHO, Amândio / MARTINS, M<sup>a</sup> Raquel Delgado (1994) *Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- ANSCOMBRE, Jean Claude/DUCROT, Oswald (1988) *L'argumentation dans la langue*. Liège: Pierre Mardaga,
- ARGYLE, Michael (1972) "Non-verbal communication in human social interaction". In: Hinde, R.A. (ed.) *Non-verbal Communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 243-269.
- (1988) [1975] *Bodily Communication*. London: Methuen.
- (1994) [1967] *The Psychology of Interpersonal Behavior*. Harmondsworth: Penguin.
- / DEAN, J. (1965) "Eye-contact, distance and affiliation". In: *Sociometry*, vol. VI, 32-49.
- ARNHEIM, Rudolf (1969) *Visual Thinking*. Berkeley: University of California Press.
- ATKINSON, L.E. / HERITAGE, J. (eds.) (1984) *Structures of Social Action. Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- AUCLIN, A. (1985) "Sur le statut des structures et des schémas d'action pour la description d'un événement de communication". In: Bange, Pierre (ed.) *L'analyse des interactions verbales. La dame de Caluire : une consultation. Actes du Colloque tenu à l'Université de Lyon, 13-15 décembre 1985*. Berne: Peter Lang, 253-260.
- AUER, Peter (1992) "Introduction: John Gumperz' approach to Contextualization". In: Auer, Peter/Di Luzio, Aldo (eds.) *The Contextualization of Language*. Amsterdam: John Benjamins, 1-37.
- (1995) "Ethnographic methods in the analysis of oral communication". In: Quasthoff, Uta, M. (ed.) *Aspects of Oral Communication*. Berlin: Walter de Gruyter, 419-440.
- (1996) On the prosody and syntax of turn-continuations. In: Couper-Kuhlen, Elisabeth/Selting, Margret (eds.) *Prosody in Conversation. Interactional Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 57-100.
- / DI LUZIO, Aldo (eds.) (1992) *The Contextualization of Language*. Amsterdam: John Benjamins.
- / COUPER-KUHLEN, Elisabeth (1994) "Rhythmus und Tempo konversationeller Alltagssprache". In: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*, 96, 78-106.

- AUSTIN, John (1962) *How to do Things with Words*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BAK, Yong-Ik (1996) *Das Frage-Antwort-Sequenzmuster in Unterrichtsgesprächen (Deutsch-Koreanisch)*. Tübingen: Max Niemeyer.
- BAIER, Gerold (2001) *Rhythmus. Tanz in Körper und Gehirn*. Hamburg: Rowolt Taschenbuch Verlag.
- BANGE, Pierre (1994) "Die Diskursanalyse in Süd-Ost-Frankreich und in der französischen Schweiz". In: Ehlich, Konrad (ed.), *Diskursanalyse in Europa*. Frankfurt a. M.: Peter Lang. 177-185.
- BARROS, Clara Araújo (1986) *Construções contrastivas em português*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- BATESON, Gregory (1985) [1972] *Ökologie des Geistes. Anthropologische, psychologische, biologische und epistemologische Perspektiven*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp Verlag.
- BAZZANELLA, Carla (1985) "L'uso dei connettivi nel parlato: alcune proposte". In: De Bellis, Annalisa Franchi/Savoia, Leonardo (eds.), *Sintassi e morfologia della lingua italiana d'uso. Teore e applicazioni descrittive*. Roma: Bulzoni, 83-94.
- (1995) "I segnali discorsivi". In: Renzi, Lorenzo/Salvi, Giampaolo/Cardinaletti, Anna (eds.) *Grande Grammatica italiana di consultazione*. Vol.III. Bologna: Il Mulino, 225-257.
- / FORNARA, Orsola (1995) "Segnali Discorsivi e linguaggio femminile: evidenze da un hábeas". In: Marcato, Gianna (ed.) *Donna & Linguaggio. Convegno Internazionale di studi: SAPPADA/PLODN*. Belluno: CLCUP.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de / DRESSLER, Wolfgang Ulrich (1981) *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Gunter Narr.
- BECKER-MROTZEK, Michael (1994) "Diskursforschung in der alten BRD". In: Ehlich, Konrad (ed.), *Diskursanalyse in Europa*. Frankfurt a.M.: Peter Lang, 87-106.
- / FIEHLER, Reinhard (eds.) (2002) *Unternehmenskommunikation*. Tübingen: Gunter Narr.
- BENOIT, Christian / MARTIN, Jean-Claude / PELACHAUD, Catherine / SCHOMAKER, Lambert (1998) "Audio-visual and multimodal speech systems". In: <http://coral.lili.uni-bielefeld.de/EAGLES/SLUG/archive/supplement>.
- BETTEN, Anne (1976) "Ellipsen, Anakoluthe und Parenthesen - Fälle für Germanistik, Stilistik, Sprachakttheorie oder Konversationsanalyse?". In: *Deutsche Sprache*, 207-230.
- BERGMANN, Jörg R. (1981) "Ethnometodologische Konversationsanalyse". In: Schöder, P./Steger, H. (eds.) *Dialogforschung*. Düsseldorf: Schwann, 9-52.
- (1994) "Ethnometodologische Konversationsanalyse". In: Fritz, G./Hundsnurscher, F. (eds.) *Handbuch der Dialoganalyse*. Tübingen: Max Niemeyer, 3-16.
- BERENS, Franz J. (1976) "Bemerkungen zur Dialogkonstituierung". In: Berens, F.-J./Jäger, K.-H./Schank, G./Schwitalla, J. (eds.) *Projekt Dialogstrukturen*. München: Max Hueber, 265-279.
- BIRDWHISTELL, RAY L. (1970) *Kinesics and Context*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.



- BLÜHDORN, Hardarik / SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (eds.) (2003) *Die kleineren Wortarten im Sprachvergleich Deutsch-Portugiesisch*. Frankfurt a. M.: Peter Lang.
- BOAS, Franz (1913) *The Mind of the primitive Man*. New York: Macmillan.
- (1982) [1940] *Race, Language and Culture*. Chicago: The University of Chicago Press.
- (1996) [1927] *Arte Primitiva*. Lisboa: Fenda.
- BOLINGER, Dwight (1972) "Accent is predictable (if you're a mind reader)". In: *Language* 48, 633-644.
- (1980) "Accents that determine stress". In: Key, Mary Ritchie (ed.) *The relationship of verbal and nonverbal communication*. The Hague: Mouton, 37-47.
- BOOMER, D.S. (1965) "Hesitation and grammatical encoding". In: *Language and Speech* 8, 148-158.
- / DITTMAN, A.T. (1962) "Hesitation pauses and juncture pauses in speech". In: *Language and Speech* 5, 215-220.
- BOSQUE, Ignacio / DELMONTE, Violetta (1999) *Gramática Descriptiva de la lengua Española*. Madrid: Espasa.
- BOYER, Jacques et al. (2001) "Rôle de la voix et des gestes dans la focalization". In: Cavé, C./ Guaitella, I./ Santi, S. (eds.) *Oralité et Gestualité. Interactions et comportements multimodaux dans la communication. Actes du colloque ORAGE 2001, Aix-en-Provence, 18-22 juin, 2001*. Paris: L'Harmattan, 459-463.
- BRAUER-FIGUEIREDO, Maria de Fátima (1993) "Zweitsprachigkeit und Mündlichkeit: einige Merkmale des gesprochenen Portugiesisch im phonologischen und im textuell-pragmatischen Bereich". In: Schöenberger, Axel/Scotti-Rosin, Michael (eds.) *Einzelfragen der portugiesischen Sprachwissenschaft. Akten des 2. gemeinsamen Kolloquiums der deutschsprachigen Lusitanistik und Katalanistik, Berlin, 10.-12. September, 1992; lusitanistischer Teil, Bd.2*. Frankfurt a.M.: TFM-Domus Editoria Europaea, 101-145.
- (1995) "Aspectos do português falado em Portugal e na Alemanha". In: *Actas do 4º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, Universidade de Hamburgo, 6 – 11 de Setembro de 1993*. Lisboa: LIDEL.
- (1999) *Gesprochenes Portugiesisch*. Frankfurt a.M.: Verlag Teo Teller de Mesquita
- BRASIL, David (1992) "Listening zu people reading". In: Couthard, M. (ed.) *Advances in spoken discourse analysis*. London: Routledge, 209-241.
- BRINKER, Klaus/SAGER, Sven (1996 [1986]) *Linguistische Gesprächsanalyse. Eine Einführung*. Berlin: Ehrich Schmidt Verlag.
- BRINKMANN, Hennig (1974) "Reduktion in gesprochener und geschriebener Rede". In: Moser, Hugo (ed.) *Gesprochene Sprache. Jahrbuch 1972*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 145-162.
- BROWN, Penelope / LEVINSON, Stephen (1978) "Universals in language usage: politeness phenomena". In: Goody, Esther N. (ed.) *Questions and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 56-289.
- BRUNNER, Lawrence J. (1979) "Smiles can be back channels". In: *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 37, nº5, 728-734.



- BRUNNER, Lawrence J. (1979) "Smiles can be back channels". In: *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 37, nº5, 728-734.
- BUBLITZ, Wolfram / KÜHN, Peter (1981) "Aufmerksamkeitssteuerung: zur Verstehenssicherung des Gemeinten und des Mitgemeinten". In: *Zeitschrift für germanistische Linguistik* 9, 55-76.
- BUCK, Ross W./SAVIN, Virginia J./MILLER, Robert E./CAUL, William (1974) "Communication of affect through facial expressions in humans". In: Weitz, Shirley (ed.) *Nonverbal Communication*. New York: Oxford University Press, 51-64.
- BÜHLER, Karl (1965) [1934] *Sprachtheorie*. Stuttgart: Gustav Fischer Verlag.
- BURKHARDT, Armin (1982) "Gesprächswörter. Ihre lexikologische Bestimmung und lexikographische Beschreibung". In: Mentrup, W. (ed.) *Konzepte zur Lexikographie. Studien zur Bedeutungserklärung in einsprachigen Wörterbüchern*. Tübingen: Max Niemeyer, 138-171.
- BUTTERWORTH, Brian/BEATTIE, Geoffrey W. (1978) "Gesture and silence as indicators of planning in speech". In: Campbell, R./Smith, P. (eds.) *Recent advances in psychology of language: formal and experimental approaches*. New York: Plenum, 347-360.
- CAFFI, Claudia / JANNEY, Richard W. (1994) "Toward a pragmatics of emotive communication". In: *Journal of Pragmatics* 22, 325-373.
- CAMACHO, Roberto Gomes/BRENTAU, Patrícia Fernanda Cherubini (2001) "Atribuição do foco no português e no inglês falado". In: *ALFA*, 46, 95-110.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo (1997) *Modalisation linguistique en situation d'interlocution. Proxémique verbale et modalités en portugais*. Paris: Éditions Peeters.
- (2001) *Semântica de discurso. Estudos de Linguística Portuguesa e Comparativa (Português-Francês)*. Porto: Porto Editora.
- CARVALHO, José Herculano de (1976) "Systems of deitics in Portuguese". In: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (ed.) *Readings in Portuguese Linguistics*. Amsterdam, North-Holland Publishing Company, 245-266.
- (1979) *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e a análise das Línguas*. Tomo I. Coimbra: Atlântida Editora SARL.
- CASTELEIRO, João Malaca (1976-1979) "Sintaxe e semântica das construções enfáticas com é que". In: *Boletim de Filologia*, XXV, 97-166.
- CASIMIGLIA Blancafort, Helena/TUSÓN Valls, Amparo (1999) *Las cosas del decir. Manual de análisis del discurso*. Barcelona: Ariel Lingüística.
- CHODOROWSKA, Mariana (1997) "On the polite function of ¿me entiendes? in Spanish". In: *Journal of Pragmatics*, 28, 355-371.
- CHOMSKY, Noam (1976a) [1965] *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1976b) *Studies on Semantics in Generative Grammar*. The Hague: Mouton.
- CHRISTL, Joachim (1992) *Gliederungssignale oder Sprechersignale?* Hamburg: Verlag Dr. Kovač.
- CLARK, John / YALLOP, Colin (1995) *An introduction to Phonetics and Phonology*. Oxford: Blackwell.
- COLLINS COBUILD *English Dictionary* (1995). Birmingham: Harper Collins Publishers.



- CONDON, William S. (1980) "The relation of interactional synchrony to cognitive and emotional processes". In: Key, Mary Ritchie (ed.) *The Relationship of verbal and nonverbal Communication*. The Hague: Mouton, 49-65.
- / OGSTON, William D. (1966) "Sound film analysis of normal and pathological behavior patterns". In: *Journal of Nervous and Mental Disease* 143, 338-347.
- / OGSTON, William D. (1967) A segmentation of behavior. In: *Journal of Psychiatric Research*, 221-235.
- CORRAZE, Jacques (1980) *Les communications non-verbales*. Paris: Presses Universitaires de France.
- COSNIER, Jacques / HUYGHUES-DESPOINTES, Sophie (2000) "Les mimiques du créateur, ou l'auto-référence des représentation affectives". In: Plantin, C./Doury, M./Traverso, V. (eds.) *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses Universitaires, 157-167.
- COULTHARD, Malcom (1992) "The significance of intonation in discourse". In: Couthard, M. (ed.) *Advances in spoken discourse analysis*. London: Routledge, 35-49.
- / BRAZIL, D.C. (1992) "Exchange Structures". In: Couthard, M. (ed.) *Advances in spoken discourse analysis*. London: Routledge, 50-78.
- COUPER-KUHLEN, Elisabeth (1983) "Intonatorische Kohäsion. Eine makroprosodische Untersuchung". In: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik* 49, 74-100.
- (1992) "Contextualizing Discourse. The prosody of interactive repair". In: Auer, Peter/Di Luzio, Aldo (eds.) *The contextualization of language*. Amsterdam: John Benjamins, 337-364.
- / AUER, Peter (1991) "On the contextualization function of speech rhythm in conversation: question-answer sequences". In: Verschueren, Jeff (ed.) *Levels of Linguistic Adaptation, Vol. II*. Amsterdam: Benjamins, 1-18.
- / SELTING, Margret (1996) "Towards an interactional perspective on prosody and a prosodic perspective on interaction". In: Couper-Kuhlen E./Selting, M. (eds.) *Prosody in Conversation. Interactional Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 11-56.
- / SELTING, Margret (2001) "Introducing Interactional Linguistics". In: Selting, M./Couper-Kuhlen, E. (eds.) *Studies in Interactional Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1-22.
- CRUTTENDEN, Allan (1986) *Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CRUZ-FERREIRA, Madalena (1998) "Intonation in European Portuguese". In: Hirst, D./Di Cristo, A. (eds.) *Intonation Systems: A survey of twenty languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 167-178.
- CRYSTAL, D. (1972) [1969] *Prosodic Systems and Intonation in English*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CUNHA, Celso / CINTRA, Luís Lindley (1992) [1984] *Nova Gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá Costa.
- DANEŠ, František (1974) "Functional sentence perspective and the organization of the text". In: DANEŠ, F. (ed.) *Papers on functional sentence perspective*. The Hague: Mouton, 106-128.
- DARWIN, Charles (1999) [1872] *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. Chicago: The University of Chicago Press.



- VAN DIJK, Theun A. (1976) *Pragmatics of language and literature*. Amsterdam: North Holland Publications.
- (1980) *Textwissenschaft. Eine interdisziplinäre Einführung*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag.
- DITTMAN, Allen T. (1972) "The Body Movement-Speech Rhythm Relationship as a cue to speech encoding" In: Siegman, Aron Wolf/ Pope, Benjamin (eds) *Studies in Dyadic Communication*. New York: Pergamon Press, 135-150.
- / LLEWELLYN, L.G. (1967) "The phonemic clause as a unit of speech decoding" In: *Journal of Personality and Social Psychology* 6, 341-349.
- / LLEWELLYN, LG. (1968) "Relationship between vocalisations and head nods as listener responses". In: *Journal of Personality and Social Psychology*, 9, 79-84.
- / LLEWELLYN, L.G. (1969) "Body Movement and Speech rhythm in social conversation". In: *Journal of Personality and Social Psychology* 11, 98-106.
- DUARTE, Inês (1994) "A topicalização em Português Europeu: uma análise comparativa". In: *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol.I, 327-360.
- DUARTE, Isabel Margarida (1989) *Alguns operadores de agulhagem comunicativa*. Dissertação de Mestrado em Ensino da Língua Portuguesa. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- DUCROT, Oswald (1980) *Les mots du discours*. Paris: Les Édition du Minuit.
- DUEZ, D. (1985) "Perception of silent pauses in continuous speech". In: *Language and Speech* 28, 377-389.
- DUNCAN, Starkey Jr. (1972) "Some signals and rules for taking speaking turns in conversation". In: *Journal of Personality and Social Psychology* 23, 283-292.
- (1973) "Towards a grammar for Dyadic Conversation". In: *Semiotica* 9, 29-46.
- (1975) "Interaction Units during speaking turns in dyadic face-to-face conversation. In: Kendon, Adam/Harris, Richard M./Key, Mary Ritchie (eds.) *Organization of Behavior in face-to-face Interaction*. Den Haag: Mouton, 199-213.
- (1980) "Some notes on analyzing Data on face-to-face interaction". In: Key, Mary Ritchie (ed.) *The Relationship of verbal and nonverbal Communication*. The Hague: Mouton, 127-138.
- / BRUNNER, Lawrence / FISKE, Donald W. (1979) "Strategy signals in face-to-face interaction". In: *Journal of Personality and Social Psychology* 37, 2, 301-313.
- / FISKE, Donald (1977) *Face-to-face Interaction: research, methods and theory*. Hillsdale, New York: Earlbaum.
- DURANTI, Alessandro (1997) [1992] "Language in context and language as context: the Samoan respect vocabulary. In: Duranti, A./Goodwin, C. (eds.) *Rethinking Context. Language as an interactive Phenomena*. Cambridge: Cambridge University Press, 77-99.
- / GOODWIN, Charles (eds.) (1997) [1992] *Rethinking Context. Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DURKHEIM, Émile (1998) [1951] *Sociologie et Philosophie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- EDWARDS, Bruce L. (1996) "Tagmemic discourse theory". In: <http://personal.bgsu.edu/~edwards/tags.html>.
- EFRON, David (1972) [1941] *Gesture, Race and Culture*. The Hague: Mouton.



- EHLICH, Konrad (1979) "Formen und Funktionen von 'HM'. Eine phonologisch-pragmatische Analyse". In: Weydt, Harald (ed.) *Die Partikeln der deutschen Sprache*. Berlin: Walter de Gruyter, 503-517.
- (1981) "Intonation des gesprochenen Deutsch". In: Dyhr, Mogens et al. (eds.) *Kopenhagener Beiträge zur Germanischen Linguistik 18*, 46-93.
- (1986) *Interjektionen*. Tübingen: Max Niemeyer.
- (ed.) (1994) *Diskursanalyse in Europa*. Frankfurt a. M. : Peter Lang.
- / REHBEIN, Jochen (1977) "Batterien sprachlicher Handlungen". In: *Journal of Pragmatics 1*, 393-406.
- / REHBEIN, Jochen (1982) *Augenkommunikation. Methodenreflexion und Beispielsanalyse*. Amsterdam: John Benjamins.
- EIBL-EISFELD, Irenäus (1972) "Similarities and differences between cultures in expressive movements". In: Hinde, R.A. (ed.) *Nonverbal Communication*. Cambridge: Cambridge University Press. 297-314.
- (1989) *Human Ethology*. Berlin: Mouton, Walter de Gruyter.
- EKMAN, Paul (1974) [1972] "Similarities and differences between cultures in expressive movements". In: Weitz, Shirley (ed.) *Nonverbal Communication*. New York: Oxford University Press, 20-33.
- (1976) "Movements with precise meanings". In: *Journal of Communication 26*, 14-26.
- (1982) "Methods for measuring facial action". In: Ekman, Paul/Scherer, Klaus (eds.) *Handbook of methods in nonverbal behavior research. Studies in emotion and social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 45-90.
- / FRIESEN, Wallace (1969) "The repertoire of nonverbal behavior: categories, origins, usage and coding". In: *Semiotica 1, 1*, 49-98.
- / FRIESEN, Wallace (1972) "Hand movements". In: *Journal of Communication 22*, 353-374.
- / FRIESEN, Wallace (1974) [1969] "Nonverbal leakage and clues to deception". In: Weitz, Shirley (ed.) *Nonverbal Communication*. New York: Oxford University Press, 269-290.
- / FRIESEN, Wallace (1978) *The Facial Action Coding System: A Manual for the Measurement of Facial Movement*. Palo Alto, C.A.: Consulting Psychologist's Press.
- / FRIESEN, Wallace (1982) "Felt, false and miserable smiles". In: *Journal of nonverbal behaviour 6*, 238-252.
- / FRIESEN, Wallace / TOMKINS, S.S. (1974) [1972] "Facial Affect scoring technique: a first validity study". In: Weitz, Shirley (ed.) *Nonverbal Communication*. New York: Oxford University Press, 34-50.
- ENGEL, Ulrich (1974) "Syntaktische Besonderheiten der deutschen Alltagssprache". In: Moser, Hugo (ed.) *Gesprochene Sprache. Jahrbuch 1972*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 199-228.
- ERICKSON, Frederick (1992) "They know all the lines: Rhythmic organization and contextualization in a conversational listing routine". In: Auer, P./Di Luzio, A. (eds.) *The Contextualization of Language*. Amsterdam, John Benjamins, 365-397.



- EXLINE, Ralph V. (1974) [1972] "Visual interaction: the glances of power and preference". In: Weitz, Shirley (ed.) *Nonverbal Communication*. New York: Oxford University Press, 291-297.
- FEYEREISEN, Pierre / LANNOY, Jacques Dominique (1991) *Gestures and Speech. Psychological Investigations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FIEHLER, Reinhard / SCHMITT, Reinhold (2002) "Das Potenzial der angewandten Gesprächsforschung für Unternehmenskommunikation: das Beispiel: Kundenorientierung". In: Haß-Zumkehr, Ulrike/Kallmeyer, Werner/Ziforun, Gisela (eds.) *Ansichten der deutschen Sprache. Festschrift für Gerhard Stickel zum 65. Geburtstag*. Tübingen: Gunter Narr, 501-527.
- FIRBAS, Jan (1974) "Some aspects of the Czechoslovak approach to problems of functional sentence perspective". In: Daneš, F. (ed.) *Papers on functional sentence perspective*. The Hague: Mouton, 11-37.
- (1992) *Functional Sentence Perspective in written and spoken communication*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FONSECA, Fernanda Irene (1992) *Deixis, Tempo e Narração*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.
- FONSECA, Joaquim (1981) *Coesão em Português. Semântica-Pragmática-Sintaxe*. Tese de Doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- (1992) *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*. Lisboa, Ministério da Educação.
- (1993) *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do português*. Porto: Porto Editora.
- (1994) *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*. Porto: Porto Editora.
- FORNEL, Michel de (1991) "De la pertinence du geste dans les séquences de réparation et d'interruption". In: Conein, Bernard/de Fornel, Michel/Quéré, Louis (eds.) *Les Formes de la conversation, Vol. 2*. Paris : Réseaux, 119-153.
- FRANCO, António Capataz (1988) "Partículas Modais da língua portuguesa. Relances contrastivos com as partículas alemãs". In: *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e Literaturas, II Série, Vol. V, tomo I*, 137-156.
- (1989) "Modalpartiklen im Portugiesischen – Kontrastive Syntax, Semantik und Pragmatik der portugiesischen Modalpartikeln". In: Weydt, H. (ed.) *Sprechen mit Partikeln*. Berlin: Walter de Gruyter, 240-255.
- (1990) "Partículas Modais do Português". In: *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e Literaturas, II Série, Vol. VII*, 175-196.
- (1991) *Descrição Linguística das Partículas Modais no Português e no Alemão*. Coimbra: Coimbra Editora.
- (2000) "Aspectos prosódicos em dois meios de comunicação falada". In: Klettke, Cornelia/Franco, António/Hammermüller, Gunther (eds.), *Ästhetik der Texte - Varietät von Sprache*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 133-145.
- FRANK, Dorothea (1979) "Abtönungspartikel und Interaktionsmanagement. Tendenziöse Fragen". In: Weydt, Harald (ed.) *Die Partikeln der deutschen Sprache*. Berlin: Walter de Gruyter, 3-13.
- FREEDMAN, Norbert (1977) "Hands, Words and Mind: On the structuralization of body movements during discourse and the capacity for verbal representation". In:



- Freedman, N./Grand, S. (eds.) *Communicative Structures and Psychic Structures: A psychoanalytic approach*. New York: Plenum Press, 109-132.
- FREITAS-MAGALHÃES, Armindo (1997) *Psicologia do sorriso. Estudo intercultural entre portugueses e timorenses no contexto da comunicação não-verbal*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- (2003) *The effect of smiling on person psychological perception*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: IEPG-Universidade Aberta.
- / NETO, Félix (2000) "Women smiling more than men?". In: *Psicologia, Educação e Cultura* 2, 361-374.
- / NETO, Félix (2003) "Diferenças de género na expressividade do sorriso em jovens universitários". In: *Psychologica*, 33, 195-200.
- FRENCH, P./ LOCAL, J.K. (1983) "Turn-competitive incoming". In: *Journal of Pragmatics* 7, 17-38.
- FROMKIN, Victoria (1977) *Speech errors as linguistic evidence*. The Hague: Mouton.
- FROTA, Sónia (2000) *Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological Phrasing and Intonation*. New York: Garland Publishing, Inc..
- GARFINKEL, Harold (1967) *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs, N.Y.:
- GIBBON, Davydd (1995) "Empirical and semiotic foundations for prosodic analysis". In: Quasthoff, Uta (ed.) *Aspects of Oral Communication*. Berlin: Walter de Gruyter, 441-479
- / MOORE, R. / WINSKI, R. (1998) *Handbook of standard and resources for spoken language systems*. Berlin: Mouton.
- / SELTING, Margret (1983) "Intonation und die Strukturierung eines Diskurses". In: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik* 49, 53-73.
- GOFFMAN, Erving (1966) *Behavior in Public Places*. New York: The Free Press.
- (1971) [1967] *Interaktionsrituale*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp.
- (1974) *Frame Analysis. An Essay on the organization of experience*. New York: harper Colephon Books.
- (1976) "Replies and responses". In: *Language and Society* 5, 257-313.
- (1978) "Response Cries". In: *Language* 54, 787-815.
- (1987) [1981] *Façons de parler*. Oxford: Blackwell.
- GOLDMAN-EISLER, Frieda (1972) "Pauses, clauses, sentences". In: *Language and Speech* 15, 103-113.
- GOODWIN, Charles (1981) *Conversational Organization. Interaction between speakers and hearers*. New York: Academic Press.
- (1986) "Gestures as a resource for the organization of mutual orientation". In: *Semiotica* 62, 1/2, 29-49.
- (1995) "Sentence construction within interaction". In: Quasthoff, Uta (ed.) *Aspects of Oral Communication*. Berlin: Walter de Gruyter, 198-219.
- (2000) "Action and embodiment within situated human interaction". In: *Journal of Pragmatics* 32, 1489-1522.
- / DURANTI, Alessandro (1997) [1992] "Rethinking Context: an introduction". In: Duranti, A./Goodwin, C. (eds.) *Rethinking Context. Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1-42.
- / GOODWIN, Marjorie Harverss (1986) "Gesture and coparticipation in the activity of searching for a word". In: *Semiotica* 62, 1/2, 51-75.



- / GOODWIN, Marjorie Harverss (1992) "Assessment and the construction of context". In: Duranti, Alessandro/Goodwin, Charles (eds.) *Rethinking Context. Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GRAMMER, Karl (1997) "Körpersignale in menschlicher Interaktion". In: Posner, Roland/Robering, Klaus/Sebeok, T.A. (eds.) *Semiotik. Ein Handbuch zu den Zeichentheoretischen Grundlagen von Natur und Kultur*, vol.I, cap. 168. Berlin: Walter de Gruyter.
- GRICE, Martine/BAUMANN, Stefan/BENZMÜLLER, Ralf (2001) "German Intonation within the framework of autosegmental-metrical phonology". In: Jun, Sun-Ah (ed.) *Prosodic Typology and Transcription: An Unified Approach*. Oxford: Oxford University Press (<http://www.coli.uni-sb.de/phonetik/projects/Tobi/gtobi.html>).
- GRICE, H. Paul (1975) "Logic and Conversation". In: Cole, P./Morgan, L.R. (eds.) *Syntax and Semantics: Speech Acts*, vol. 3. New York: Academic Press, 41-58.
- GUIMARÃES, Joana (2001) "Ironia: uma primeira abordagem". In: *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas, Porto*, XVIII, 411-422.
- GÜLICH, Elisabeth (1970) *Makrosyntax der Gliederungssignale im gesprochenen Französisch*. München: Wilhelm Fink Verlag.
- GUMPERZ, John (1971) *Language in social groups. Essays by John J. Gumperz*. Sandford: University Press.
- (1982) *Discourse Strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1992a) "Contextualization and Understanding". In: Duranti, A./Goodwin, C. (eds.) *Rethinking Context. Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 229-252.
- (1992b) "Contextualization revisited". In: Auer, P./Di Luzio, A. (eds.) *The Contextualization of Language*. Amsterdam: John Benjamins, 39-53.
- (1996) "Foreword". In: Couper-Kuhlen, E./Selting, M. (eds.) *Prosody in Conversation. Interactional Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, x-xii.
- / HYMES, Dell (1964) "The Ethnography of Communication". Special issue. In: *American Anthropologist*, 66 (6 PartII).
- GUNNARSSON, Britt-Louise (1994) "Diskursanalyse in Schweden". In: Ehlich, Konrad (ed.) *Diskursanalyse in Europa*. Frankfurt a. M.: Peter Lang, 25-40.
- GÜNTHER, Susanne (1996) "The prosodic contextualization of moral work: an analysis of reproaches in 'why-formats' ". In: Couper-Kuhlen, E./Selting, M. (eds.) *Prosody in Conversation. Interactional Studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 271-302.
- HADAR, U. /STEINER, T.J./GRANT, E.C./ROSE, F.C. (1983) "Head movement correlates of juncture and stress at sentence level". In: *Language and Speech* 26, 117-129.
- / STEINER, T.J. / ROSE, F.C. (1984a) "The relationship between head movements and speech disfluences". In: *Language and Speech* 27, 333-342.
- / STEINER, T.J. / GRANT, E.C. / ROSE, F.C. (1984b) "The timing of shifts of head postures during conversation". In: *Human movement science* 3, 237-245.
- HALL, Edward T. (1974) "Proxemics". In: Weitz, Shirley (ed.) *Nonverbal Communication*. New York: Oxford University Press, 205-229.



- HALLIDAY, M.K.A. (1985) [1950] *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.
- / HASAN, R. (1989) *Language, Context and Text. Aspects of Language in a semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- HARDEN, Theo (1989) "Na ja – ein vielseitiger Kommentar und seine portugiesischen Entsprechungen". In: Weydt, H. (ed.) *Sprechen mit Partikeln*. Berlin: Walter de Gruyter, 141-149.
- HARTUNG, Martin (1998) *Ironie in der Alltagssprache. Eine gesprächsanalytische Untersuchung*. Wiesbaden: Westdeutsche Verlag.
- HEEMAN, Peter/ Allen J. (1995) *Dialogue Transcription Tools. TRAINS Technical Note 94-1*. University of Rochester.  
<http://www.cs.Rochester.edu/research/speech/dialog.html>
- HELBIG, Gerhard (1994) [1988] *Lexikon deutscher Partikeln*. Leipzig: Langenscheidt.
- HENNE, Helmut (1979) Die Rolle des Hörers im Gespräch. In: Rosengren, Inger (ed.) *Sprache und Pragmatik. Lunder Symposium 1978*. Malmö, GOTAB, 122-134.
- / REHBOCK, Helmut (1982) *Einführung in die Gesprächsanalyse*. Berlin: Walter de Gruyter.
- HERITAGE, John (1984) *Garfinkel and Ethnomethodology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1985) "Analyzing news interviews: aspects of the production of talk for an overhearing audience". In: van Dijk, Teun A. (ed.) *Handbook of discourse analysis. Vol. 3*. London: Academic Press. 95-116.
- (1989) "Current developments in Conversation Analysis". In: Roger, Derek / Bull, Peter (eds.) *Conversation: An interdisciplinary perspective*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd., 21-47.
- (1995) "Conversation Analysis: methodological aspects". In: Quasthoff, Uta M. (ed.) *Aspects of Oral Communication*. Berlin: Walter de Gruyter, 391-417.
- HIRST, Daniel / DI CRISTO, Albert (1998) "A survey of intonation systems". In: Hirst, D./Di Cristo, A. (eds.) *Intonation Systems. A survey of twenty languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1-44.
- / DI CRISTO, Albert (eds.) (1998) *Intonation Systems. A survey of twenty languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- / ESPESER, Robert (1996) "Levels of representation and levels of analysis for the description of intonation systems". In: Horne, Merle (ed.) *Prosody: Theory and Experiment*. <http://www.lpl.univ-aix.fr/~hirst/AMI.html>.
- HÖLKER, Klaus (1984) "Quoi als diskursorganisierende Partikel im gesprochenen Französisch". In: *Linguistische Berichte* 92, 46-59.
- HOUAISS (2002-2003) *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo dos Leitores.
- HUNDSNURSCHER, Franz/ WEIGAND, Edda (eds.) (1986) *Dialoganalyse I: Referate des 1. Arbeitstagung. Münster*. Tübingen: Max Niemeyer.
- / WEIGAND, Edda (eds.) (1989) *Dialoganalyse II*. Tübingen: Max Niemeyer.
- INGENHOFF, Diana (1998) "Der Kampf ums Rederecht I. Formen und Strategien der Gesprächsbeitragskoordination". In: Schmitz, Walter (ed.) *Vom Sprecher zu Hörer*. Münster: Nodus Publikationen, 125-200.



- JÄGER, Karl-Heinz (1976) "Zur Beendigung von Dialogen". In: Berens, F.-J./Jäger, K.-H./Schank, G./Schwitalla, J. (eds.) *Projekt Dialogstrukturen*. München: Max Hueber, 105-136.
- JEFFERSON, Gail (1981) "The abominable ne?. An exploration of post-response pursuit of response". In: Schröder, Peter/Steger, Hugo (eds.) *Dialogforschung. Jahrbuch 1980 des Instituts für deutsche Sprache*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 53-88.
- de JORIO, Andrea (2000) *Gesture in Naples and Gesture in Classical Antiquity: A translation of "La mimica degli antichi investigate nel gestire napoletano, 1832"*. Introdução de Adam Kendon. Bloomington: Indiana University Press.
- KALLMEYER, Werner (1978) "Fokuswechsel und Fokussierungen als Aktivitäten der Gesprächskonstitution". In: Meyer-Hermann, Reinhard (ed.) *Sprechen-Handeln-Interaktion*. Tübingen: Max Niemeyer, 191-241.
- / SCHÜTZE, Fritz (1976) "Konversationsanalyse". In: *Studium Linguistik 1*, 1-28.
- KELLER, Eric (1983) "Gambits: Conversational Strategy Signals". In: Coulmas, Florian/Ehlich, Konrad (eds.) *Writing in Focus*. Berlin: Mouton, 93-113.
- KENDON, Adam (1972) "Some relationships between body motion and speech: an analysis of an example". In: Siegman, Aaron/Pope, Benjamin (eds.) *Studies in Dyadic Communication*. New York: Pergamon, 177-210.
- (1974) "Movement co-ordination in social interaction: some examples described". In: Weitz, Shirley (ed.) *Nonverbal Communication*. New York: Oxford University Press, 150-168.
- (1980a) "A description of deaf-mute sign language from the Enga Province of Papua New Guinea with some comparative discussion. Part II". In: *Semiotica 32*, 1/2, 81-117.
- (1980b) "Gesticulation and Speech: two aspects of the process of utterance". In: Key, Mary Ritchie (ed.) *The relationship of verbal and nonverbal communication*. The Hague: Mouton, 208-227.
- (1981) "The geography of gesture". In: *Semiotica 37*, 1/2, 129-163.
- (1983) "Gesture and Speech: How they interact". In: Wienemann, J.M./Harrison, R.P. (eds.) *Nonverbal Interaction*. London: Sage, 13-45.
- (1985) "Some uses of gestures". In: Tannen, D./Saville-Troike, M. (eds.) *Perspectives on Silence*. Nowood, N.Y.: Ablex, 215-233.
- (1986a) "Current Issues in the study of gesture". In: Nespoulous, J.I./Perron, P./Lecours, A.R. (eds.) *The Biological Foundations of Gestures: Motor and Semiotic aspects*. Hillsdale, N.Y.: Erlbaum, 23-47.
- (1986b) "Some reasons for studying gesture". In: *Semiotica 62*, 3-28.
- (1988) "How gestures become like words". In: Poyatos, Fernando (ed.) *Cross-cultural perspectives in nonverbal communication*. Toronto: C.J. Hogrefe, 131-141.
- (1990) *Conducting Interaction. Patterns of behavior in focussed encounters*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1992) "The negotiation of context in face-to-face interaction". In: Duranti, A./Goodwin, C. (eds.) *Rethinking Context. Language as as interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 323-334.



- (1993) "Human Gesture". In: Ingold, T./ Gibson, K.R. (eds.) *Tools, Language and Cognition in human Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 43-62.
- (1995) "Gestures as illocutionary and discourse structure markers in Southern Italian conversation". In: *Journal of Pragmatics* 23, 247-279.
- (1996) An agenda for gesture studies. In: *The semiotic Review of Books* 7, 8-12 (<http://www.univie.ac.at/wissenschaftlichstheorie/srb/srb/gesture.html>).
- (1999) "Implications of recent research on gesture and sign languages. For the gesture theory of language origins". Paper presented at the annual Congress of the Language Origins Society, <http://www.amsci.org/amsci/articles/99articles/corballis.html>.
- / HARRIS, Richard M. / KEY, Mary Ritchie (eds.) et al. (1975) *Organization of behavior in Face-to-Face Interaction*. The Hague: Mouton.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1986) *L'implicite*. Paris: Armand Colin.
- (1990/1992) *Les Interactions Verbales*. Vol.I, II. Paris: Armand Colin.
- (2000) "Quelle place pour les émotions dans la linguistique du XX<sup>e</sup> siècle ? Remarques et aperçus". In: Palatin, C./Doury, M./Traverso, V. (eds.) *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses Universitaires, 33-74.
- KITA, Sotaro (2000) "How representational gestures help speaking". In: Mc Neill, D. (ed.) *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 162-185.
- / ESSEGBEY, James (2001) "Pointing left in Ghana: How a taboo of the use of the left hand influences gestural practice". In: *Gesture* 1, 1, 73-95.
- KOCH, Peter/OESTERREICHER, Wulf (1985) "Sprache der Nähe - Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte". In: *Romanistisches Jahrbuch* 36, 15-43.
- / OESTERREICHER, Wulf (1990) *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Max Niemeyer.
- KOERFER, Armin (1979) "Zur konversationelle Funktion von *ja aber*. Am Beispiel universitärer Diskurse". In: Weydt, H. (ed.) *Die Partikeln der deutschen Sprache*. Berlin : Walter de Gruyter. 14-29.
- KÜHN, Christine (2002) *Körper-Sprache. Elemente einer sprachwissenschaftlichen Explikation non-verbaler Kommunikation*. Frankfurt a. M.: Peter Lang.
- (no prelo) "A slip of the hand: gesture and verbal correction". Paper presented at the Conference *Gestures: Meaning and Use*. Universidade de Fernando Pessoa, Porto, 2000.
- (no prelo) "Reception of gestures: coherence and correction". Paper presented at the Conference *Gestures 2002, Texas*.
- LADD, D.R. (1996) *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LAKOFF, Georg (1987) *Women, Fire, and dangerous Things: what categories reveal about the mind?* Chicago Il.: University of Chicago Press.
- / JOHNSON, Mark (1980) *Methaphors we live by*. Chicago, Il.: University of Chicago Press.
- LAVER, John / BECK, Janet Mackenzie (2001) "Unifying principles in the description of voice, posture and gesture". In: Cavé, C./Guaitella, I./Santi, S. (eds.) *Oralité et Gestualité. Interactions et comportements multimodaux dans la communication. Actes du colloque ORAGE 2001, Aix-en-Provence, 18-22 juin, 2001*. Paris: L'Harmattan, 15-24.



- / HUTCHENSON (1972) *Communication in face-to-face Interaction*. Harmondsworth: Penguin Books.
- LEACH, Edmond (1972) "The Influence of cultural context on non-verbal communication in man". In: Hinde, R.A. (ed.) *Non-verbal Communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 315-347.
- LEECH, Geoffrey (1983) *Principles of Pragmatics*. London: Longman.
- / WEISSER, Martin / WILSON, Andrew / GRICE, Martine (1998) "LE-EAGLES-WP4-4. Integrated Resources Working Group. Survey and Guidelines for the representation and annotation of dialogue". In:  
<http://coral.lili.uni-bielefeld.de/EAGLES/SLWG/archive/supplement/>
- LEVINSON, Stephen (1983) *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LIEBERMAN, Philip (1975) *Intonation, perception, and language*. Cambridge: MIT Press.
- LOCAL, John K./ KELLY, J./ WELLS, W.H.G. (1986) "Towards a phonology of conversation: turn-taking in Tyneside English". In: *Journal of Linguistics* 22, 411-437.
- / WELLS, W.H.G. / SEBBA, M. (1985) "Phonology for conversation: phonetic aspects of turn delimitation in London Jamaican". In: *Journal of Pragmatics* 9, 309-330.
- LÖRSCHER, W. / SCHULTZE, R. (1994) "Die britische Diskursanalyse". In: Fritz, Gerd /Hundsnurscher, Franz (eds.) *Ethnomethodologische Konversationsanalyse*. Tübingen: Max Niemeyer, 51-68.
- LORENZ, Konrad (1973) [1950] *Studies in animal and human behavior*. London: Methuen.
- (1984) [1955] *Les fondements de l'ethologie*. Paris: Flammarion.
- LYONS, John (1968) *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: Cambridge at the University Press.
- (1972) "Human Language". In: Hinde, R.A. (ed.) *Non-verbal Communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 49-85.
- MACLAY, Howard/OSGOOD, Charles E. (1959) "Hesitation Phenomena in spontaneous English speech". In: *Word*, 15, 19-44.
- MAGNO Caldognetto, Emanuela / POGGI, Isabella (2000) "Dall'analisi della multimodalità quotidiana alla costruzione di agenti animate con facce parlance ed espressive". In: *Atti delle XI Giornate di Studio del G.F.S., Padova, 29-30 Novembre, 1 Dicembre 2000*. Padova: Unipress, 47-55.
- MANYARD, Senko (1987) "Interactional functions of a nonverbal sign: a head movement in Japanese dyadic casual conversation". In: *Journal of Pragmatics* 11, 589-606.
- MARTELL, Craig (2001) "Gesture Annotation: Tools and Data". In:  
<http://morph.lde.upenn.edu/annotation/gesture/>.
- MARTINS, Luís Carlos (1998) *Ora bem prontos vá! Marcadores discursivos num texto oral do português*. Tese de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MARTINS, Maria Raquel Delgado (1987) "Stratégie conversationnelle: donner et prendre la parole". In: *Proceedings XIth International Congress of Phonetic Sciences, Tallinn, 1987, vol.3*, 177-179.



- / GRAÇA, Deolinda / MONTEIRO, Óscar / CUCO, Rui (1997) *Dicionário da Língua Gestual Portuguesa. Versão Beta 1.00-1997*. Edição do Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CD-Rom).
- MATA, Ana Isabel (1990) *Questões de entoação e interrogação em Português. Isso é uma pergunta?* Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MATEUS, M.H.Mira / BRITO, Ana Maria / DUARTE, Inês / FARIA, Isabel Hub (1992) [1989] *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- / et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa. 5ª edição, revista e aumentada*. Lisboa: Caminho.
- MATOS, Sérgio (1986) *Semântica e Pragmática de "já", "ainda", "já não" e "ainda não"*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- (1999) *Adverbiais de tempo em português contemporâneo. Forma e significação*. Dissertação de Doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MCCLAVE, Evelyn (2000) "Linguistic functions of head movements in the context of speech". In: *Journal of Pragmatics* 32, 855-878.
- (2001) "Head movements in Arabic, Bulgarian, Korean and African American English: What's cognitive and what's cultural?". In: Cavé, C./ Guaitella, I./ Santi, S. (eds.) *Oralité et Gestualité. Interactions et comportements multimodaux dans la communication. Actes du colloque ORAGE 2001, Aix-en-Provence, 18-22 juin, 2001*. Paris: L'Harmattan, 560-564.
- MCNEILL, David (1992) *Hand and Mind*. Chicago Il.: Chicago University Press.
- (1998) "Models of speaking (to their amazement) meet speech-synchronized gestures". In: [http://cogprintsstoton.ac.uk/documents/disk0/00/00/06/65/cog00000\\_665-00/McNeill\\_catchments.html](http://cogprintsstoton.ac.uk/documents/disk0/00/00/06/65/cog00000_665-00/McNeill_catchments.html).
- (2000) "Catchments and context: non-modular factors in speech and gesture production". In: McNeill, D. (ed.) *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 312-328.
- (2001) "Growth Points and catchments". In: Cavé, C./ Guaitella, I./ Santi, S. (eds.) *Oralité et Gestualité. Interactions et comportements multimodaux dans la communication. Actes du colloque ORAGE 2001, Aix-en-Provence, 18-22 juin, 2001*. Paris: L'Harmattan, 25-33.
- / DUNCAN, Susan D. (2000) "Growth points in thinking-for-speaking". In: McNeill, D. (ed.) *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 141-161.
- / QUEK, F. / MCCULLOUGH, K.-E. / DUNCAN, S. / FURUYAMA, N. / BRYLL, R. / ANSARI, R. (2001) "Catchments, Prosody and Discourse". In: Cavé, C./ Guaitella, I./ Santi, S. (eds.) *Oralité et Gestualité. Interactions et comportements multimodaux dans la communication. Actes du colloque ORAGE 2001, Aix-en-Provence, 18-22 juin, 2001*. Paris: L'Harmattan, 474-481.
- / et al. (2003) *Gesture Topics*. In: <http://mcneilllab.uchicago.edu/topics/comm.html>.
- MEAD, Margret (1937) *Cooperation and Competition among primitive peoples*. New York: McGraw Hill Book Company.



- MEHRABIAN, Albert / FERRIS, Susan R. (1974) "Inference of attitudes from nonverbal communication in two channels". In: Weitz, Shirley (ed.) *Nonverbal Communication*. New York: Oxford University Press, 291-297.
- / KSIONZKY, Scheldon (1974) "Some determiners of social interaction". In: Weitz, Shirley (ed.) *Nonverbal Communication*. New York: Oxford University Press, 312-330.
- MEIBAUER, Jörg (1986) *Rhetorische Fragen*. Tübingen: Max Niemeyer.
- MEYER-HERMANN, Reinhard (1978) "Aspekte metakommunikativer Interaktionen". In: Meyer-Hermann (ed.) *Sprechen - Handeln - Interaktion*. Tübingen: Max Niemeyer, 103-141.
- (1983) "Formen und Funktionen der Abschwächung im gesprochenen Portugiesisch". In: Schimdt-Radefeldt, Jürgen (ed.) *Portugiesische Sprachwissenschaft*. Tübingen: Gunter Narr, 21-57.
- (1984) "Formas de atenuação no ensino do português como língua estrangeira". In: Carvalho, J.H. de/Schimdt-Radefeldt, Jürgen (eds.) *Estudos de Linguística Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editores, 173-194.
- (1993) "Processos de topicalização e focalização no português falado". In: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (ed.) *Semiótica e Linguística Portuguesa e Românica. Homenagem a José Gonçalo Herculano de Carvalho*. Tübingen: Gunter Narr, 21-57.
- MOESCHLER, Jacques (1982) *Dire et contredire - pragmatique de la négation et acte de réfutation dans la conversation*. Berne: Peter Lang.
- (1985) *Argumentation et conversation. Éléments pour une analyse pragmatique du discours*. Paris: Hatier-Crédif.
- (1987) "Structure, dynamique e complétude conversationnelles". In: Bange, Pierre (ed.) *L'analyse des interactions verbales. La dame de Caluire: une consultation. Actes du Colloque tenu à l'Université de Lyon, 13-15 décembre 1985*. Berne: Peter Lang, 123-156.
- (1989) "La problématique des règles d'enchaînement et d'interprétation revisitée". In: Rubattel, C. (ed.) *Modèles du discours. Recherches actuelles en Suisse romande. Actes des Rencontres de Linguistique Française, Cré-Bérard, 1988*. Berne: Peter Lang, 61-84.
- (1994) "Das Genfer Modell der Gesprächsanalyse". In: Fritz, Gerd/Hundsnurscher, Franz (eds.) *Ethnomethodologische Konversationsanalyse*. Tübingen: Max Niemeyer, 69-94.
- MORAIS, Armindo José Baptista (2002) *O género narrativo em interações orais autênticas: contributo para o ensino/aprendizagem do português europeu como língua não-materna*. Tese de Mestrado. Lisboa.
- MORRIS, Terry (1998) "Topicity vs. thematicity: topic-prominence in impromptu spanish discourse". In: *Journal of Pragmatics* 29, 193-203.
- MÜLLER, Cornelia (1994) "¿Cómo se llama...? Kommunikative Funktionen des Gestikulierens in Wortsuchen". In: König, Peter-Paul/Wiegers, Helmut (eds.) *Satz-Text-Diskurs. Akten des 27. Linguistischen Kolloquiums, Münster, 1992*. Tübingen: Max Niemeyer, 71-80.
- (1998) *Redebegleitende Gesten. Kulturgeschichte-Theorie-Sprachvergleich*. Berlin: Berlin Verlag Arno Spitz.



- (2001) "Gesture-space and Culture". In: Cavé, C./Guaïtella, I./Santi, S. (eds.) *Oralité et Gestualité. Interactions et comportements multimodaux dans la communication. Actes du colloque ORAGE 2001, Aix-en-Provence, 18-22 juin, 2001*. Paris: L'Harmattan, 565-571.
- / INGWER, Paul (1999) "Gestikulieren in Sprechpausen. Eine konversationsanalytische Fallstudie". In: Gegger, Hartmut/Giolec, Jamusz (eds.) '*... wortlos der Sprache mächtig*'. *Schweigen und Sprache in der Literatur und sprachliche Kommunikation*. Stuttgart: Metzler, 265-282.
- MÜLLER, Frank (1996) "Affiliating and disaffiliating with continuers: prosodic aspects of reciprocity". In: Couper-Kuhlen, E./Selting, M. (eds.) *Prosody in conversation*. Cambridge: Cambridge University Press. 131-176.
- NESPOR, Marina / VOGEL, Irene (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- NÖTH, Winfried (2000) *Handbuch der Semiotik*. Stuttgart: Metzler Verlag.
- PARROTT, Martin (2000) *Grammar for English Language Teachers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PAYARATÓ, Lluís (1998a) "Variació funcional, llengua oral i registres". In: Payrató, Lluís (ed.), *Oralement. Estudis de variació funcional*. Barcelona: Universitat de Barcelona/Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 9-33.
- (1998b) "Variació oral. Reflexions sobre l'estudi de la llengua oral". In: *Caplletra* 25, 195-204.
- (no prelo) "Non-verbal Communication". A ser publicat In: *Handbook of Pragmatics*.
- / ALTURO Monné Núria (eds.) (2002) *Corpus oral de conversa col·loquial. Materials de treball*. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona.
- PEREIRA, Isabel/ MATA, Ana Isabel/ FREITAS, Maria João (1992) *Estudos em Prosódia*. Lisboa: Edições Colibri.
- PIKE, Kenneth (1967a) [1945] *The intonation in american english*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- (1967b) *Language in relation to a unified theory of structure of human behavior*. The Hague: Mouton.
- PINTO, Alexandra (1997) *Publicidade: Um discurso de sedução*. Porto: Porto Editora.
- PLANTIN, Christian / DOURY, Marianne / TRAVERSO, Véronique (2000) (eds.) *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses Universitaires.
- POGGI, Isabella (1996) "Mind Markers". *Poster presented at the 5th International Pragmatics Conference, Mexico City, July 5-9*.
- (1998) "The italian gestuary. Meaning, representation, ambiguity and context". *Paper presented at the Conference Gestures, Berlin, 1998*.
- (2000) "Le sopracciglia dell'insegnante: un contributo al lessico della faccia". In: *Atti delle XI Giornate di Studio del G.F.S. Padova, 29-30 Novembre, 1 Dicembre, 2000*, 57-65.
- (2002a) "From a typology of gestures to a procedure for gesture production". In: Wachsmith, I./Sowa, T. (eds.) *Gesture and sign language in human-computer interaction*. Heidelberg: Springer Verlag, 158-168.
- (2002b) "The lexikon of the conductor's face". McKewitt, Paul/Ó Nualláin, Seán/ Mulvihill (eds.) *Language, Vision, and Music*. Amsterdam: John Benjamins.



- (2002c) "Towards the alphabeth and the lexicon of gesture, gaze and touch". In: <http://www.semioticon.com/virtuals/talks/geyboui41.pdf>.
- / CHIROCO, R. (1998) "The meaning of smile". In: Santi, Serge/Guaïtella, Isabelle/Cavé, Christian (eds.) *Oralité et Gestalité. Communication multimodal, interaction. Actes du Colloque Orage*. Paris: L'Harmattan, 159-164.
- / MAGNO CALDOGNETTO, Emanuela (1997) "Il gestionario. Un dizionario dei gesti simbolici italiani". In: Poggi, I./Magno Caldognetto, E. (eds.) *Mani che parlano. Gesti e psicologia della comunicazione*. Padova: Unipress, 51-70.
- / PELACHAUD, Catherine (2000a) "Emotional meaning and expression in performative faces". In: Paiva, Anna (ed.) *Affective Interactions. Toward a new generation of computer interfaces*. Berlin: Springer Verlag, 182-195.
- / PELACHAUD, Catherine (2000b) "Performative facial expressions in animated faces". In: Cassel, J./Sullivan, J./Prevost, S./Churchill (eds.) *Embodied conversational agents*. Cambridge: The MIT Press, 155-188.
- / PELACHAUD, Catherine (2002) "Signals and meanings of gaze in animated faces". In: McKewitt, P./Ó Nualláin, Seán/Mulvihill, Conn (eds.) *Language, Vision and Music*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 133-144.
- / CIRELA, Filomena / ZOLLO, Antonietta / AGUSTINI, Alessia (no prelo) "The communicative system of touch. Lexicon, alphabeth and norms of use". In: Camurri, Antonio/ Volpe, Gualtiero, Mazzarino, Barbara (eds.) *Proceedings of Gesture Workshops, April 15-17, Genova 2003*.
- POSNER, Roland / SERENARI, Massimo (2000) "Il grado zero della gestualità: dalla funzione pratica a quella simbolica - alcuni esempi dal dizionario berlinese dei gesti quotidiani". In: Magno Caldognetto, E./Cosi, Piero (eds.), *Atti delle XI Giornate di Studio del G.F.S.* Padova: Unipress, 81-88.
- (2002) "The emergence of gestures from body movements". In: Rektor, Monica / Poggi, Isabella/ Trigo, N. (no prelo) *Gestures. Meaning and Use. Paper presented at the Congress Gestures 2000, Porto, Universidade de Fernando Pessoa*.
- POYATOS, Fernando (1993) "The many voices of laughter: a new audible-visual paralinguistic approach". In: *Semiotica* 93, 1/2, 61-68.
- QUASTHOFF, Uta (1981) "Zuhöreraktivitäten beim konversationellen Erzählen". In: Schröder, Peter/Steger, Hugo (eds.) *Dialogforschung. Jahrbuch 1980 des Instituts für deutsche Sprache*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 287-313.
- RADEMACHER, Ute / AUGENSTEIN, Susanne / KRUSE, Lenelis (1996) "Interpersonale Erwartungen in Konversationen: Partnerhypothesen und ihre sprachliche (Dis)Konfirmation". In: *Arbeiten aus dem Sonderforschungsbereich 245: Sprache und Situation. Bericht Nr. 106, November 1996*. Heidelberg/Mannheim.
- RAMOS, Rui Manuel Lima (1996) *Aspectos da configuração do discurso de opinião na comunicação social*. Tese de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- RATH, Rainer (1975a) "Kommunikative Paraphrasen". In: *Linguistik und Didaktik* 6, 193-118.
- (1975b) "Korrektur und anakoluth in gesprochenen Deutsch". In: *Linguistische Berichte* 37, 1-12.



- (1981) Zur Legitimation und Einbettung von Erzählungen in Alltagsdialogen. In: Schröder, Peter/Steger, Hugo (eds.) *Dialogforschung. Jahrbuch 1980 des Instituts für deutsche Sprache*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 265-285.
- REDDY, M. (1993) "The conduit metaphor - a case of frame conflict in our languages about language". In: Ortony, A. (ed.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 284-324.
- REHBEIN, Jochen (1977) *Komplexes Handeln. Elemente zur Handlungstheorie der Sprache*. Stuttgart: Metzler Verlag.
- (1979) "Sprechhandlungsaugmente zur Organization der Hörersteuerung". In: Weydt, Harald (ed.) *Die Partikeln der deutschen Sprache*. Berlin: Walter de Gruyter, 58-74.
- (1983) "Announcing. On formulating plans". In: Coulmas, Florian/Ehlich, Konrad (eds.) *Writing in focus*. Berlin: Mouton, 215-258.
- / FIENEMANN, Jutta / OHLHUS, Sören / OLDÖRP, Christine (2001) "Nonverbale Kommunikation im Videotranskript. Zu nonverbalen Aspekten höflichen Handelns in interkulturellen Konstellationen und ihrer Darstellung in computergestützten Videotranskriptionen". In: Möhn, D. et al. (eds.) *Mediensprache und Medienlinguistik. Festschrift für Jörg Henning*. Frankfurt a. M.: Peter Lang, 167-198.
- RICCI-BITTI, Pio E. / CORTESI (1980) [1977] *Comportamiento no verbal y comunicación*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- / POGGI, Isabella (1991) "Symbolic nonverbal behavior: Talking through gestures". In: Feldmann, R.S./Rimé, B. (eds.) *Fundamentals in non-verbal behavior*. Cambridge: Cambridge University Press, 433-457.
- / ZANI, Bruna (1997) [1983] *A comunicação como processo social*. Lisboa: Editorial Estampa.
- RIEGER, Caroline (2003) "Repetitions as self-repair strategies in English and German conversations". In: *Journal of Pragmatics* 35, 47-69.
- RIMÉ, Bernhard / SCHIARATURA, Louis (1991) "Gesture and Speech". In: Feldman, Robert S./Rimé, Bernhard (eds.) *Fundamentals of Nonverbal Behavior*. Cambridge: Cambridge University Press, 239-281.
- RODRIGUES, Isabel Galhano (1998) *Os sinais conversacionais de alternância de vez*. Porto: Granito Editores e Livreiros.
- (1999a) "O português e o alemão em contraste: os localizadores primários e o Imperfeito/Präteritum". In: *Cadernos de Linguística nº5*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- (1999b) "Turn maintaining signals in spoken Portuguese". In: Pinto, Maria da Graça/Veloso, João/Maia, Belinda (eds.) *Papers from the 5th International Congress of the International Society of Applied Psycholinguistics*. Porto, 25-27th June 1997. Porto: FLUP, 723-731.
- (2001a) "O papel da entoação na alternância de vez". In: *Actas do XVI Encontro Nacional da APL, Coimbra, 28-30 de Setembro de 2000*. Lisboa : APL, 447-458.
- (2001b) "Sprecherwechsel-Signale - die gesprächsschrittübernehmenden Signale im gesprochenen Portugiesischen". In: *Estudos / Studien / Studies. Vol. 1*, 31-50.



- (2003) "Topographische Gesprächssignale als Sprecherwechsel-Signale". In: Blühldorn, Hardarik/Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.) *Die kleineren Wortarten im Sprachvergleich Deutsch-Portugiesisch*. Frankfurt a. M.: Peter Lang, 213-227.
- ROODENBURG, Herman (2001) "Andrea de Jorio (2000). Gesture in Naples and Gesture in classical antiquity: a translation of "la mimica degli antichi investigata nel gestire napoletano" and with an introduction and notes by Adam Kendon". In: *Gesture* 1/1, 97-99.
- ROSENFELD, Lawrence/ KARTUS, Sallie / RAY, Chett (1976) "Body accessibility revisited". In: *Journal of Communication*, 27-30.
- ROULET, Edi (1980) "Stratégies d'interaction, modes d'implication et marqueurs illocutoires". In: *Cahiers de linguistique Française. Actes du Language et Structure de la conversation*. Geneve, Faculté des Lettres, 80-103.
- / AUCLIN, A./ MOESCHLER, J./ RUBATTEL, C./ SCHELLING, M. (eds.) (1985) *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne: Peter Lang.
- / FILLIETTAZ, L. / GROBET, A. (2001) *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Peter Lang.
- SACHS, Harvey/SCHEGLOFF, Emanuel A./ JEFFERSON, Gail (1974) "A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation." In: *Language* 50, 696-735.
- SAGER, Sven (1995) *Verbales Verhalten. Eine semiotische Studie zur linguistischen Ethologie*. Tübingen: Stauffenburg Verlag.
- SAPIR, Edward (1949) *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace and World.
- (1967) *Anthropologie*. Paris: Édition du Minuit.
- (1994) *The psychology of culture. A course of lectures*. Reconstructed and edited by Judith T. Irvine. Berlin: Mouton de Gruyter.
- SAUER, Christoph (1994) "Diskursanalyse in den Niederlanden". In: Ehlich, K. (ed.) *Diskursanalyse in Europa*. Frankfurt a. M.: Peter Lang, 63-86.
- SCHANK, Gerd (1976) "Zur Binnensegmentierung natürlicher Dialoge". In: Berens, F.J. et al. (eds.) *Projekt Dialogstrukturen*. München: Max Hueber, 105-136.
- (1981) *Untersuchungen zum Ablauf natürlicher Dialoge*. München: Max Hueber.
- / SCHOENTHAL, Gisela (1976) *Gesprochene Sprache. Eine Einführung in Forschungsansätze und Analysemethoden*. Tübingen: Max Niemeyer.
- SCHEFLEN, Albert E. (1974) *How behavior means*. New York: Anchor Press.
- SCHEGLOFF, Emanuel (1968) "Sequencing in Conversational Openings". In: *American Anthropologist* 70, 1075-1095.
- (1972) "Notes on a conversational practice: Formulating pace". In: Sudnow, David (ed.) *Studies in social interaction*. New York: Free Press. 75-119.
- (1979) "The relevance of repair to syntax-for-conversation". In: Givón, Talmy (ed.) *Discourse and Syntax (Syntax and Semantics, vol. 12)*. New York: Academic Press, 261-286.
- (1982) "Discourse as an interactional achievement: some uses of 'uh huh' and other things that come between sentences". In: Tannen, D. (ed.) *Analyzing discourse: Text and talk. Georgetown University Round Table on languages and linguistics 1981*. Washington D.C: Georgetown University Press, 71-93.



- (1984) "On some questions and ambiguities in conversation". In: Atkinson, M./Heritage, John (eds.) *Studies in Conversational Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 28-52.
- (1987) "Analyzing simple episodes of interaction. An exercise in conversation analysis". In: *Social Psychology Quarterly*, vol. 50, No. 2, 101-114.
- (1992) "Repair after next turn: the last structurally provided defense of intersubjectivity in conversation". In: *American Journal of Society* 97, Nr. 5, 1295-1345.
- (1995) "Parties and talking together: two ways in which numbers are significant for talk-in-interaction". In: Ten Have, P./Psathas, G. (eds.) *Situated order: Studies in social organization and embodied activities*. Lanham M.D.: University Press of America, 31-42.
- (1996) "Issues of relevance for discourse Analysis: contingency in action, interaction, and co-participant context". In: Hovy, Edward/Scott, Donin R. (eds.) *Computational and conversational discourse. Burning issues - an interdisciplinary account*. Berlin: Springer Verlag, 3-35.
- (1997) "Third turn repair". In: Guy, Gregory R./Feagin, Crawford/Schiffrin, D./Baugh, John (eds.) *Towards a social science of language. Vol. 2, Social interaction and discourse strategies*. Amsterdam: John Benjamins, 31-40.
- (2000) "When others' initiate repair". In: *Applied Linguistics* 21/2, 205-243.
- (2001) "Squib. Getting serious: Joke > serious 'no' ". In: *Journal of Pragmatics*, 1947-1955.
- / JEFFERSON, Gail / SACHS, Harvey (1977) "The preference for self correction in the organization of repair in conversation". In: *Language* 53, 361-382.
- / SACHS, Harvey (1973) "Opening up closings". In: *Semiotica* 8, 289-327.
- SCHERER, Klaus R. (1977) "Die Funktion des nonverbalen Verhaltens im Gespräch". In: Wegner, D. (ed.), *Gesprächsanalyse*. Hamburg (=IKP-Forschungsberichte, Reihe I, Bd. 65), 275-297.
- (1980) "The functions of nonverbal signs in conversation". In: St.Clair, R./Giles, H. (eds.) *The social and psychological contexts of language*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 225-244.
- (1984) *Sprechen im situativen Kontext. Theorie und Praxis der Analyse spontanen Sprachgebrauch*. Tübingen: Stauffenberg Verlag.
- (1993) "Comment: interpersonal expectations, social influence, and emotion transfer". In: Blanck, P. (ed.) *Interpersonal expectations*. Cambridge: Cambridge University Press, 316-333.
- / WALLBOTT, H.G. (1985) "Analysis of nonverbal behaviour". In: van Dijk, T.A. (ed.) *Handbook of Discourse Analysis*. London: Academic Press. 199-230.
- / WALLBOTT, H.G./ SCHERER, Ursula (1979) "Methoden zur Klassifikation von Bewegungsverhalten: Ein funktionaler Ansatz". In: *Zeitschrift für Semiotik* 1, 177-192.
- SCHIFFRIN, Deborah (1987) *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1994) *Approaches to discourse*. Oxford: Blackwell.
- SCHMIDT, Herbert (1983) "Mhm. Intonation und kommunikative Funktion von Rezipientensignalen im Französischen und Deutschen". In: *Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik* 49, 101-123.



- SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (1977) "On so-called 'rhetorical' questions". In: *Journal of Pragmatics*, 1, 4, 375-392.
- (1983) *Portugiesische Sprachwissenschaft*. Tübingen: Gunter Narr.
- (1984) Zum gesprochenen und verschrifteten Portugiesisch. In: Holtus, G./Radtke, E. (eds.) *Umgangssprache in der Iberoromania. Festschrift für Heinz Kröll*. Tübingen: Gunter Narr, 247-257.
- (1993) Partículas discursivas e interaccionais no português e no espanhol em contraste com o alemão. In: Schmidt-Radefeldt, J. (ed.) *Semiótica e Linguística Portuguesa e Românica. Homenagem a José Gonçalo Herculano de Carvalho*. Tübingen: Gunter Narr, 63-78.
- (1994) "Partikelforschung/Partículas e modalidade". In: Holtus, G./Metzeltin, M./Schmidt, G. (eds.) *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemeyer, 199-203 [Bd. VI, 2, Galegisch/Portugiesisch. Art. 423].
- (1996) "Rückfragen im Portugiesischen". In: Gil, Alberto/Schmitt, Christian (eds.), *Kohäsion, Kohärenz, Modalität und Texten romanischer Sprachen. Akten der Sektion "Grundlagen für eine Textgrammatik der romanischen Sprachen" des 24. Deutschen Romanistentages, Münster, 25. - 28.9.1995*. Bonn: Romanistischer Verlag, 101-124.
- (1997) "Zu schon, noch, erst und ihren sprachlichen Ausdrücken im Spanischen, Portugiesischen und Französischen - im Kontrast zum Deutschen". In: Lüdtke, H./Schmidt-Radefeldt, J. (eds.) *Linguística contrastiva. Deutsch versus Portugiesisch-Spanisch-Französisch*. Tübingen: Gunter Narr, 349-366.
- SCHMITZ, Walter (ed.) (1998a) *Vom Sprecher zum Hörer*. Münster: Nodus Publikationen.
- (1998b) "Über Hörer, Hören und Sich-sagen-Hören. Anmerkungen zur vernachlässigten anderen Seite des Kommunikationsprozesses". In: Schmitz, W. (ed.) *Vom Sprecher zum Hörer*. Münster: Nodus Publikationen, 55-84.
- (1998c) " 'Vielleicht überschätzen wir die Erlösung vom Zeigfeld, ...' Argumente für eine ethnographisch orientierte Gesprächsanalyse". In: Schmitz, W. (ed.) *Vom Sprecher zum Hörer*. Münster: Nodus Publikationen, 31-53.
- SCHÖNHERR, Beatrix (1993) "Prosodische und nonverbale Signale für Parenthesesen. 'Parasyntax' in Fersehdiskussionen". In: *Deutsche Sprache*, 223-243.
- (1997) *Syntax-Prosodie-nonverbale Kommunikation. Empirische Untersuchungen zur Interaktion sprachlicher und parasprachlicher Ausdrucksmittel im Gespräch*. Tübingen: Max Niemeyer.
- SCHRÖDER, Peter / STEGER, Hugo (1981) (eds.) *Dialogforschung. Jahrbuch 1980 des Instituts für deutsche Sprache*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann.
- SCHWALFENBERG, Stefanie (1998) "Der Kampf ums Rederecht II: Formen und Strategien der Rederechtverteilung". In: Schmitz, W. (ed.) *Vom Sprecher zum Hörer*. Münster: Nodus Publikationen, 201-238.
- SCHWARZ, Monika (1992) *Einführung in die kognitive Linguistik*. Tübingen: Franke.
- SCHWITALLA, Johannes (1976a) "Dialogsteuerung: Vorschläge zur Untersuchung". In: Berens, F.J. et al. (eds.) *Projekt Dialogstrukturen. Ein Arbeitsbericht*. München: Max Hueber, 73-104.
- (1976b) *Dialogsteuerung in Interviews. Ansätze zu einer Theorie der Dialogsteuerung mit empirischen Untersuchungen von Politiker-, Experten- und Starinterviews in Rundfunk und Fernsehen*. München: Max Hueber.



- (1979) "Dialogsteuerungsversuche interviewter Politiker". In: Rosengreen, Inger (ed.) *Sprache und Pragmatik. Lunder Symposium 1978*. Malmö: GOTAB, 149-168.
- SCOTTI-ROSIN, Michael (1983) "Gliederungssignale im portugiesischen Text". In: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (ed.) *Portugiesische Sprachwissenschaft*. Tübingen: Gunter Narr, 9-21.
- SEARLE, John (1984) [1969] *Os actos de fala*. Coimbra: Almedina.
- (1974) 'What is a speech act?'. In: Searle, J. (ed.) *The Philosophy of Language*. London: Oxford University Press, 39-53.
- (1975) "Indirect speech acts". In: Cole, Peter / Morgan, J.L. (eds.) *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press, 59-82.
- (1976) "A classification of illocutionary acts". In: *Language in Society* 5, 1-28.
- (1979) *Expression and Meaning. Studies in the theory of speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SELTING, Margret (1987) "Descriptive categories for the auditive analysis of intonation in conversation". In: *Journal of Pragmatics* 11, 777-791.
- (1988) "The role of intonation in the organization of repair and problem handling sequences in conversation". In: *Journal of Pragmatics* 12, 293-322.
- (1992a) "Intonation as a contextualization device: case studies on the role of prosody, especially intonation, in contextualizing storytelling in conversation". In: Auer, P./Di Luzio, A. (eds.) *The Contextualization of Language*. Amsterdam: Benjamins, 233-258.
- (1992b) "Prosody in conversational questions". In: *Journal of Pragmatics* 14, 315-345.
- (1994) "Emphatic speech style – with special focus on the prosodic signalling of heightened emotive involvement in conversation". In: *Journal of Pragmatics* 22, 375-408.
- (1995a) *Prosodie in Gesprächen. Aspekte einer interaktionalen Phonologie der Konversation*. Tübingen: Max Niemeyer.
- (1995b) "Sprechstile als Kontextualisierungshinweise". In: Stickel, Gerhard (ed.) *Stilfragen*. Berlin: Walter de Gruyter, 225-256.
- (1996) "Prosody as an activity-type distinctive cue in conversation: the case of so-called 'astonished' questions in repair initiation". In: Couper-Kuhlen, E./Selting, M. (eds.) *Prosody in Conversation. Interactional studies*. Cambridge: Cambridge University Press, 177-231.
- (2001) "Fragments of units as deviant cases of unit production in conversational talk". In: Selting, M./Couper-Kuhlen, E. (eds.) *Studies in International Linguistics*. Amsterdam: J. Benjamins, 229-258.
- (2002) "Kritische Stellungnahme zur Darstellung des Systems GAT in Norbert Dittmars Buch 'Transkription' ". In: *Gesprächsforschung - On-line- Zeitschrift zur verbalen Interaktion. Ausgabe 3*, 33-37 ([www.gespraechsforschung-ozs.de](http://www.gespraechsforschung-ozs.de)).
- / AUER, Peter / BARDEN, Birgit / BERGMAN, Jörg / COUPER-KUHLEN, Elisabeth / GÜNTHER, Susanne / MEIER, Christoph / QUASTHOFF, Uta / SCHLOBINSKI, Peter / UHMANN, Susanne (1998) "Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem (GAT)". In: *Linguistische Berichte* 173, 91-122.



- / COUPER-KUHLEN, Elisabeth (2000) "Argumente für die Entwicklung einer interaktionalen linguistik". In: *Gesprächsforschung - On-line-Zeitschrift zur verbalen Interaktion, Ausgabe 1*, 79-95 ([www.gespraechsforschung-ozs.de](http://www.gespraechsforschung-ozs.de)).
- / COUPER-KUHLEN, Elisabeth (2001) (eds.) *Studies in Interactional Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.
- SERENARI, Massimo / DYBKJAER, Laila / KIPP, Michael / REITHINGER, Norbert (2002) "NITE Deliverable D2.1. Survey of existing gesture, facial expression, and cross-modality coding schemes". Draft Version 1.2, May 2002.
- SEYFEDDINPUR, Mandana / KITA, Sotaro (2001) "Gestures and dysfluencies in speech". In: Cavé, C./ Guitella, I./ Santi, S. (eds.) *Oralité et Gestualité. Interactions et comportements multimodaux dans la communication. Actes du colloque ORAGE 2001, Aix-en-Provence, 18-22 juin, 2001*. Paris: L'Harmattan, 266-270.
- SGALL, Petr (1974a) "Focus and contextual boundness". In: Dahl, Östen (ed.) *Topic and comment. Contextual boundness and focus*. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 25-51.
- (1974b) "Zur Stellung der Thema-Rhema-Gliederung in der Sprachbeschreibung". In: Daneš, F. (ed.) *Papers on functional sentence perspective*. The Hague: Mouton, 54-74.
- SILVA, Augusto Soares da (2002) "Da semântica cognitiva à pragmática lexical: a polissemia de pronto". In: Duarte, Isabel et al. (eds.), *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto, Porto, 22-24 de Novembro de 2001*. Porto: CLUP, 82-97.
- SIMMEL, Georg (1939) *Sociología. Estudios sobre las formas de socialización*. Buenos Aires: Espasa.
- SINCLAIR, J. McH. / COULTHARD, M. (1975) *Towards an Analysis of Discourse. The English used by teachers and pupils*. Oxford: Oxford University Press.
- SLOBIN, David (1996) "From 'thought' and 'language' to thinking for speaking". In: Gumperz, John/Levinson, S.C. (eds.) *Rethinking linguistic Relativity*. Chicago: University Press, 70-96.
- SPANZ-FOGASY, Thomas (1986) "Widersprechen". *Zu Form und Funktion eines Aktivitätstyps in Schlichtungsgesprächen. Eine gesprächsanalytische Untersuchung*. Tübingen: Gunter Narr.
- (1992) "Bezugspunkte der Kontextualisierung sprachlicher Ausdrücke in Interaktion. Ein Konzept zur analytischen Konstitution von Schlüsselwörtern". In: *Arbeiten aus dem Sonderforschungsbereich 245: Sprache und Situation, Bericht Nr. 50*. Heidelberg/Mannheim.
- (1993) "Beteiligungsrollen und interactive Bedeutungskonstitution". In: *Arbeiten aus dem Sonderforschungsbereich 245: Sprache und Situation, Bericht Nr. 52*. Heidelberg/Mannheim.
- SPENGLER, Nina (1980) "Première approche des marqueurs d'interactivité". In: *Cahiers de Linguistique Française. Actes de langage et structure de la conversation*. Genève: Université de Genève, 128-148.
- SPIEGEL, Carmen (1995) *Streit. Eine linguistische Untersuchung verbaler Interaktionen in alltäglichen Zusammenhängen*. Tübingen: Gunter Narr.
- STENSTRÖM, Anna Brita (1994) *An Introduction to spoken Interaction*. London: Longman.



- STRAYER, F.F./ TRUDEL, M. (1985) "L'ethologie sociale de l'enfant: choix des comportements, mode de relevé et démarches analytiques". In: *Comportements* 10, 183-198.
- STRECKER, Bruno (2002) "Ja, doch, eigentlich schon noch. Alltagsroutinen des Kommunikationsmanagements". In: Haß-Zumkehr, Ulrike/Kallmeyer, Werner /Ziforun, Gisela (eds.) *Ansichten der deutschen Sprache. Festschrift für Gerhard Stickel zum 65. Geburtstag*. Tübingen: Gunter Narr, 555-577.
- STOLTENBURG, Benjamin (2003) "Parenthesen im gesprochenem Deutsch". In: *InLiSt (Interaction and linguistic studies)* No. 34. Universität Potsdam (<http://uni-potsdam.de/u/inlist>).
- STUBBS, Michael (1989)[1983] *Discourse Analysis. The sociolinguistic analysis of natural language*. Oxford: Basil Blackwell.
- TANNEN, Deborah (1989) *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1993) "What is a frame: Surface evidence for underlying expectations". In: Tannen, Deborah (ed.). *Framing in Discourse*. New York: Oxford University Press, 14-56.
- / WALLAT, Cynthia (1993) Interactive frames and knowledge schemas in interaction: examples from a medical examination/interview". In: Tannen, Deborah (ed.). *Framing in Discourse*. New York: Oxford University Press, 57-76.
- THIMM, Caja / RADEMACHER, Ute / AUGENSTEIN, Susanne (1994) "Power-Related Talk (PRT): Ein Auswertungsmodell". In: *Arbeiten aus dem Sonderforschungsbereich 245: Sprache und Situation, Bericht Nr. 69*. Heidelberg/Mannheim.
- TINBERGEN, Nicolas (1978) [1951] *The study of instinct*. Oxford: Oxford University Press.
- TROUVAIN, Jürgen (2001) "Phonetic aspects of 'speech laughs'". In: Cavé, C./ Guïtella, I./ Santi, S. (eds.) *Oralité et Gestualité. Interactions et comportements multimodaux dans la communication. Actes du colloque ORAGE 2001, Aix-en-Provence, 18-22 juin, 2001*. Paris: L'Harmattan, 634-639.
- TUSÓN VALLS, Amparo (1997) *Análisis de la conversación*. Barcelona: Editorial Ariel.
- UHMANN, Susanne (1991) *Fokusphonologie. Eine Analyse deutscher Intonationskonturen im Rahmen der nicht-linearen Intonation*. Tübingen: Max Niemeyer.
- (1992) "Contextualizing Relevance: On some forms and functions of speech rate changes in everyday conversation". In: Auer, P./Di Luzio, A. (eds.) *The Contextualization of Language*. Amsterdam: John Benjamins, 297-336.
- (1996) "On rhythm in everyday German conversation: beat clashes in assessment utterances". In: Couper-Kuhlen, E. / Selting, M. (eds.) *Prosody in Conversation*. Cambridge: Cambridge University Press, 303-365.
- (1997) *Grammatische Regeln und konversationelle Strategien. Fallstudien aus Syntax und Phonologie*. Tübingen: Max Niemeyer.
- (2001) "Some arguments for the relevance of syntax to same-sentence self-repair in everyday German conversation". In: Selting, Margret/Couper-Kuhlen, Elisabeth (eds.) *Studies in Interactional Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 373-404.

- VIANA, Maria do Céu (1987) *Para a síntese da entoação do português*. Diss. para acesso à categoria de investigador auxiliar. Lisboa: CLUL-INIC.
- VIGÁRIO, Marina Cláudia (1998) *Aspectos da prosódia do português europeu. Estruturas com advérbios de exclusão e negação frásica*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.
- WALLBOTT, Harald G. (1980) "The measurement of human expression". In: von Raffler-Engel, W. (ed.) *Aspects of Nonverbal Communication*. Lisse: Swets & Zeitlinger, 203-228.
- (1991) "Analyse der Körpersprache". In: Flick, U. et al. (eds.) *Handbuch der qualitativer Sozialforschung*. München: Psychologie Verlagsunion, 232-236.
- (1995) "Analysis of nonverbal communication". In: Quasthoff, Uta (ed.) *Aspects of oral Communication*. Berlin: Walter de Gruyter, 480-490.
- WATSON, Michael (1974) "Conflicts and directions in proxemic research". In: Weitz, Shirley (ed.) *Nonverbal Communication*. New York: Oxford University Press, 230-241.
- WATTS, Richard J. (1994) "Diskursanalyse in Großbritannien". In: Ehlich, Konrad (ed.) *Diskursanalyse in Europa*. Frankfurt a.M.: Peter Lang, 41-62.
- WATZLAWICK, Paul / BEAVIN, Janet Helmica / JACKSON, Don (1996) [1967] *Pragmática da comunicação humana. Um estudo de padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Editora Cultrix.
- WEINRICH, Harald (1993) *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim: Duden Verlag.
- WEISS, Andreas (1975) *Syntax spontaner Gespräche*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann.
- WERLEN, Iwar (1994) "Diskursanalyse in der Schweiz". In: Ehlich, Konrad (ed.) *Diskursanalyse in Europa*. Frankfurt a. M. : Peter Lang, 161-176.
- WERTH, Paul (1984) *Focus, Coherence and Emphasis*. London: Croom Helm.
- WEYDT, Harald (1969) *Abtönungspartikel. Die deutschen Modalwörter und ihre französischen Entsprechungen*. Bad Homburg: Gehlen.
- (1979) (ed.) *Die Partikeln der deutschen Sprache*. Berlin: Walter de Gruyter.
- (1983) (ed.) *Partikeln und Interaktion*. Tübingen: Max Niemeyer.
- (1989) (ed.) *Sprechen mit Partikeln*. Berlin: Walter de Gruyter.
- WINKLER, Christian (1974) "Beziehungen von Intonation und Syntax". In: Moser, Hogo (ed.) *Gesprochene Sprache. Jahrbuch 1972*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 176-198.
- WUNDERLICH, Dieter (1975) "Zur Konventionalität von Sprechhandlungen". In: Wunderlich, D. (ed.) *Linguistische Pragmatik*. Wiesbaden: Athenaion, 11-59.
- (1976) *Studien zur Sprechakttheorie*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp.
- YNGVE, Victor (1970) "On getting a word in edgewise". In: *Papers from the sixth regional meeting. Chicago Linguistic Society. April 16-18, 1970*, 567-578.



## **ANEXO**

### **TRATAMENTO DO *CORPUS* INDICAÇÕES TÉCNICAS TRANSCRIÇÃO PROSÓDICA DO *CORPUS***

## 1. RECOLHA E DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

### 1.1. Características do *corpus*

O *corpus* recolhido é constituído por gravações vídeo digital, com cerca de 30 minutos cada, de conversações face a face entre três participantes.

Para que o *corpus* fosse o mais homogéneo possível e, assim, poder reduzir o número de variáveis a considerar, delimitar um grupo etário e social de interactantes e defini os temas a tratar na interacção. Os interactantes são todos estudantes universitários portugueses de ambos os sexos, da faixa etária entre os 19 e 23 anos. As razões que me levaram à escolha deste grupo têm a ver com o facto de esta população representar (de certo modo) indivíduos de um nível cultural médio da nossa sociedade que ainda não desenvolveram estratégias retóricas muito elaboradas. Além disso, procurei indivíduos que aparentassem ser extrovertidos, que não parecessem inibir-se à frente de uma câmara e conversassem de um modo relativamente natural e espontâneo.

As características dos participantes das 3 interacções escolhidas para análise são as seguintes:

**Interacção 1p:** interactante 1 (CL) - 23 anos, sexo feminino, natural da região norte de Portugal, estudante de psicologia da UP;

interactante 2 (IV) - 22 anos, sexo feminino, natural da região sul de Portugal, estudante de psicologia da UP;

interactante 3 (ES) - 22 anos, sexo feminino, natural da região norte de Portugal, estudante de Estudos Europeus da FLUP;

**Interacção 2p:** interactante 1 (BS) - 20 anos, sexo masculino, natural da região norte de Portugal, estudante;

interactante 2 (CP) - 21 anos, sexo masculino, natural da Alemanha (família de emigrantes), estudante de Línguas e Literaturas Modernas da FLUP;

interactante 3 (NF) - 19 anos, sexo masculino, natural da região norte de Portugal, estudante de Línguas e Literaturas Modernas da FLUP;

**Interacção 3p:** interactante 1 (VB) - 20 anos, sexo feminino, natural da região norte de Portugal, viveu sempre no estrangeiro, em vários países, estudante de Línguas e Literaturas Modernas da FLUP;



interactante 2 (LV) - 19 anos, sexo feminino, natural da região norte de Portugal, estudante de Línguas e Literaturas Modernas da FLUP;

interactante 3 (AT) - 19 anos, sexo feminino, natural da região norte de Portugal, estudante de Línguas e Literaturas Modernas da FLUP.

## 1.2 Realização das gravações

As gravações foram efectuadas em gabinetes fechados. Os interactantes encontravam-se sentados em cadeiras, dispostas em semicírculo, como indica a figura 1.

A câmara vídeo digital colocada à frente do círculo permitiu captar os três participantes, um de frente, os outros dois num ângulo de cerca de 45°.

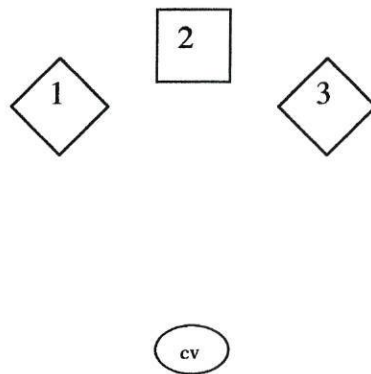


Figura 1: Disposição dos participantes 1, 2, 3 e da câmara vídeo.

Para criar uma situação de interacção o mais natural e espontânea possível, pediu-se aos interactantes que, primeiro, se apresentassem mutuamente e conversassem sobre o que quisessem. Em seguida, foram-lhes dados três temas sobre os quais se pretendia que emitissem uma opinião e os debatessem em conjunto. Durante os primeiros minutos os interactantes mostraram um certo constrangimento que, no entanto, se foi dissipando no decurso da troca de impressões.

Quanto à escolha dos temas, pretendeu-se que fossem não só assuntos um pouco fora do comum e que se relacionassem com certos tabus sociais, susceptíveis de provocar debates polémicos, mas também que pudessem ser discutidos por membros de qualquer sociedade europeia. Isso permitiria que fossem recolhidos mais *corpora* noutras comunidades linguísticas, com vista à elaboração de investigações contrastivas da interacção verbal.

Os interactantes foram solicitados a emitir uma opinião sobre os seguintes tópicos:

Tema 1: *a situação da mulher na sociedade, na família;*

Tema 2: *mulheres solteiras que pretendem adoptar crianças;*

Tema 3: *homossexuais que pretendem adoptar crianças.*

O debate sobre estes temas decorreu, na generalidade, de um modo bastante pacífico: o comportamento cooperativo entre os participantes foi notável, atendendo, certamente, à situação em que todos se encontravam e que implicava uma certa cumplicidade. Mais pormenores foram descritos na parte dedicada à análise<sup>1</sup>.

## 2. TRANSCRIÇÃO E NOTACÃO DO *CORPUS*

O trabalho de transcrição e de notação do *corpus* decorreu em várias fases:

1. Elaboração de pequenos ficheiros vídeo (de duração variável de entre 1 a 2 minutos) a partir de cada conversação gravada na cassete vídeo. Note-se que se atendeu a que qualquer passagem da interacção pudesse ser interpretada no contexto em que foi realizada. Para isso, após cada corte na gravação completa de cada interacção, a cassete vídeo foi rebobinada, de modo a que o fim de um segmento de filme ficasse também no início do segmento de filme seguinte.
2. Extracção do som dos ficheiros vídeo realizados, criando ficheiros áudio (\*.wav) (com o programa Adobe Premiere ou *Final Cut Pro* (MacIntosh).
3. Transcrição prosódica da fala, realizada com a ajuda do programa PRAAT (que pode ser utilizado tanto com um PC, como com MacIntosh). O sistema de transcrição utilizado foi GAT (*Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem* - Sistema de Transcrição para Análise da Conversação).
4. Notação do comportamento não-verbal com o programa ANVIL: abriram-se ficheiros vídeo, inseriram-se os ficheiros correspondentes contendo a transcrição prosódica da fala e elaborou-se a notação do comportamento não verbal. As notações de cada um dos ficheiros foram guardadas em ficheiros diferentes e constituem uma base de trabalho muito útil e sempre passível de ser corrigida, aperfeiçoada ou modificada.

### 2.1 Transcrição da fala

A transcrição ortográfica da fala foi feita com o programa PRAAT<sup>2</sup>. Este programa, desenvolvido por Boersma/Weenink (1996), do Departamento de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdão, 1992-1998, é um instrumento de análise de ficheiros de som que permite, entre muitas outras coisas, transcrever os sinais acústicos (enunciados

<sup>1</sup> Note-se que nestas conversações sobre estes temas se podem também observar aspectos muito interessantes tanto de ordem sócio-cultural, como relativos a questões de personalidade dos interactantes.

<sup>2</sup> Para obter este programa, contactar paul.boersma@hum.uva.nl.



verbais) produzidos por cada um dos participantes, de modo a que a representação ortográfica fique alinhada com o sinal acústico correspondente.

Sendo assim, a impressão auditiva da altura de tom, das pausas, da velocidade da fala e da intensidade da voz, pode sempre ser comparada com as suas características acústicas reais representadas no écran. Isso permite detectar as diferenças entre a percepção das características prosódicas dos enunciados e os seus valores físicos reais.

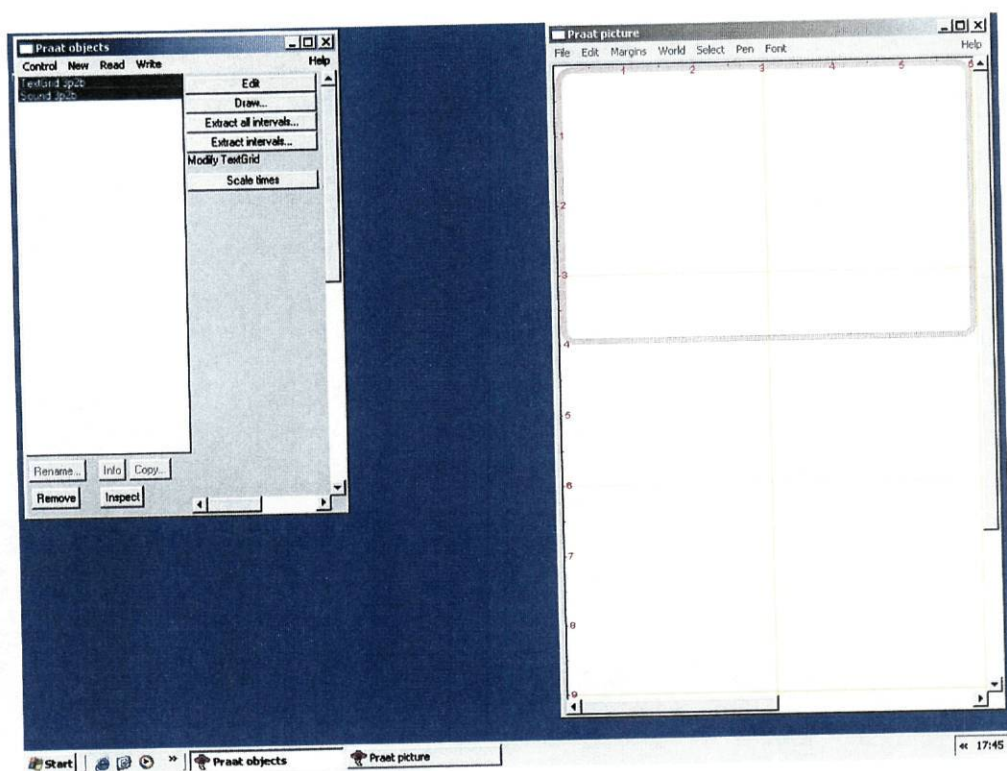


Figura 2: PRAAT: janelas principais do programa: na janela da esquerda encontram-se já abertos um ficheiro de som e o ficheiro com a transcrição correspondente.

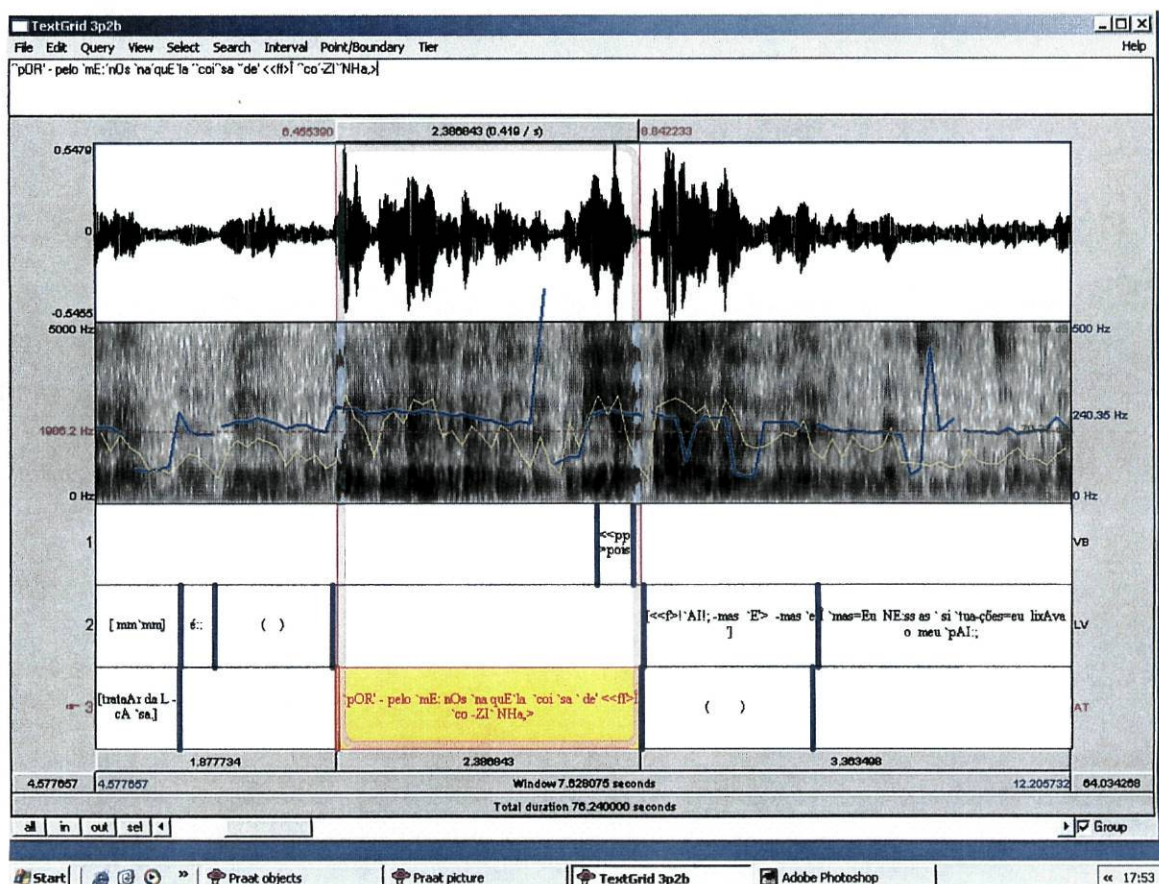


Figura 3: PRAAT - painel para transcrever a onda de som. Na primeira fiada encontra-se a representação oscilográfica da frequência; na fiada do meio, o valor da intensidade está marcado a amarelo, a altura de tom a azul; nas três fiadas de baixo encontra-se transcrita a fala de cada um dos interactantes desta conversação.

### 2.1.1 Sistema de transcrição da fala

Como já referi na parte deste trabalho dedicada à prosódia, há inúmeros sistemas de transcrição da fala (prosódia). Como atrás referido, optei pelo sistema de transcrição GAT, utilizado no âmbito da Fonologia Interaccional alemã, que define os critérios e os sinais convencionais a considerar numa análise da interacção. A sua elaboração constitui o resultado da reacção ao grande pluralismo de convenções de transcrição que foram sendo utilizadas, e em grande parte criadas, pelos diferentes investigadores. Por exemplo, o sistema proposto por Selting (1987) é também usado, com algumas alterações, por Schönherr (1997); na obra colectiva editada por Couper-Kuhlen/Selting (eds.) (1996), embora os princípios de transcrição sejam idênticos, os sinais de transcrição utilizados pelos diversos autores são diferentes. Em virtude disto, Margret Selting, Peter Auer, Birgit Barden, Jörg Bergmann, Elizabeth Couper-Kuhlen, Susanne Günthner, Christoph Meier, Uta Quasthoff, Peter Schlobinski e Susanne Uhmman (1998<sup>3</sup>) estabeleceram os

<sup>3</sup> Versão "online": [www.fbils.uni-hannover.de/sdls/schlobi/schrift/GAT](http://www.fbils.uni-hannover.de/sdls/schlobi/schrift/GAT)





## 2.1.2 Sinais de transcrição prosódica

### Transcrição básica

#### Estrutura sequencial

[ ] sobreposições de fala simultânea  
[ ]  
= ligação mais rápida entre as unidades (vezes ou unidades entoacionais)

#### Pausas

(.) micro-pausa  
(-), (--),  
(---) pausa curta, média, mais longa de cerca de 0.24-0.75 segundos; até cerca de 1 seg.<sup>4</sup>  
(2,0) pausa avaliada em mais de um segundo;  
(2,85) pausa medida (sempre com dois lugares depois da vírgula)

#### Outras convenções segmentais

E=eh hiatos entre unidades  
:, ::, ::: prolongamentos  
eh, etc. pausas cheias

#### Riso

Tam(h)bém partícula de riso na fala  
Hahaha riso silábico  
((riso)) indicação de riso

#### Sinais de recepção

mm mm sinais típicos do ouvinte

#### Movimento de altura de tom no final da unidade entoacional

? ascendente alto  
, ascendente médio  
- em suspenso (altura de tom igual)  
; descendente médio  
. descendente baixo

#### Outras convenções

---

<sup>4</sup> Estas pausas também não foram consideradas, pois na transcrição foi mais fácil indicar com precisão o tempo da pausa em msecs.



((tosse)) acções paralinguísticas e outros eventos  
 <<tossindo> > acções linguísticas e paralinguísticas  
 <<admirado> > comentário de interpretação  
 ( ) passagem incompreensível  
 (exactamente) palavra compreendida  
 cla(ro) sílaba (ou som) suposta  
 (acho/claro) alternativas possíveis  
 ((...)) passagem que não foi transcrita  
 → indicação da linha da transcrição referida no texto

### **Transcrição pormenorizada**

#### Acento

aCENto acento primário  
 acEnto acento secundário  
 a!CEN!to acento muito forte

#### Saltos evidentes de altura de tom

↑ subida abrupta  
 ↓ descida abrupta

#### Mudança do registo de tom

<<g> > grave  
 <<a> > agudo

#### Notação intralinear de variações de altura de tom

`pois descendente  
 ´pois ascendente  
 -pois em suspenso (estabilizado, constante)  
 ``pois ascendente-descendente  
 ``pois descendente-ascendente  
 ```pois descendente-ascendente-descendente  
 ```pois ascendente-descendente-ascendente-descendente

#### Variações de intensidade e de velocidade da fala

<<f> > = forte, alto  
 <<ff> > = fortíssimo, muito alto  
 <<p> > = piano, baixo  
 <<pp> > = pianíssimo, muito baixo  
 <<all> > = allegro, rápido  
 <<len> > = lento  
 <<cresc> > = crescendo, cada vez mais alto  
 <<dim> > = diminuendo, cada vez mais baixo  
 <<acc> > = acelerando, cada vez mais rápido

<<ral> > = rallentando, cada vez mais lento

Inspiração e expiração

|                |                                  |
|----------------|----------------------------------|
| .h, ..hh, .hhh | inspiração (diferentes durações) |
| h, hh, hhh     | expiração (diferentes durações)  |



## 2.2 Notação da comunicação não-verbal

Para anotar a comunicação não-verbal, utilizei o programa ANVIL 3.5, desenvolvido por Michael Kipp (*Deutsches Forschungszentrum für künstliche Intelligenz GmbH*) da Universidade de Saarland (Alemanha)<sup>5</sup>. Este programa permite, de um modo muito simples e intuitivo, transcrever os movimentos do corpo e qualquer outro tipo de informação visível, temporalmente coordenados com a fala e outros sinais auditivos. Este programa tem uma plataforma em Java. As variáveis necessárias para a notação são programadas antecipadamente na linguagem XML e constituem a **especificação**. Esta pode, a qualquer momento, ser alterada, caso seja conveniente acrescentar ou excluir uma variável. A flexibilidade deste programa possibilita a utilização de especificações diferentes para analisar o mesmo filme, o que é vantajoso para análises mais detalhadas de certas passagens. A notação da comunicação verbal e não-verbal de três interactantes em simultâneo, que sem apoio técnico seria praticamente irrealizável, torna-se, através deste programa, relativamente simples. No entanto, não deixa de ser uma tarefa morosa, pois para a notação de uma só variável, por exemplo para os movimentos dos braços de um falante, calcula-se uma média de 1,30 h por minuto de filme.

A figura 4 ilustra a página principal do programa ANVIL; as variáveis notadas encontram-se no quadro de notação, à esquerda; a primeira fiada deste quadro é destinada à transcrição da fala do falante 3 (AT), sincronizada com o filme. No quadro superior direito existe um comando que permite editar comentários sobre outros pormenores de um movimento anotado; assim, um movimento dos braços e mãos classificado na variável "mover 3-m+b" pode ser complementado por uma indicação da forma desse movimento. Este parâmetro permite utilizar um número mais reduzido de variáveis, facilitando o trabalho de notação.

Após uma primeira fase experimental com uma sequência vídeo do *corpus*, estabeleci os critérios de análise e as variáveis a considerar. Depois de programada a notação definitiva, passei à notação e análise de todas as sequências vídeo.

Independentemente do maior ou menor interesse de todos os minutos gravados, procedi à transcrição da fala e notação dos movimentos do corpo completas de todos os participantes em cada uma das conversações. Na minha opinião, é importante transcrever e notar não só as passagens relacionadas com as questões a analisar, o que era costume no tempo em que a técnica estava mais atrasada, mas sim toda a interacção. Tenho vindo a constatar que toda a sequência é importante para analisar qualquer fenómeno conversacional, sobretudo quando há retomas de temas já tratados, que são marcados, por exemplo, pela retoma de um gesto e de um elemento verbal.

---

<sup>5</sup> Cf. Kipp (2001); <http://www.dfki.de/~kipp/research>.



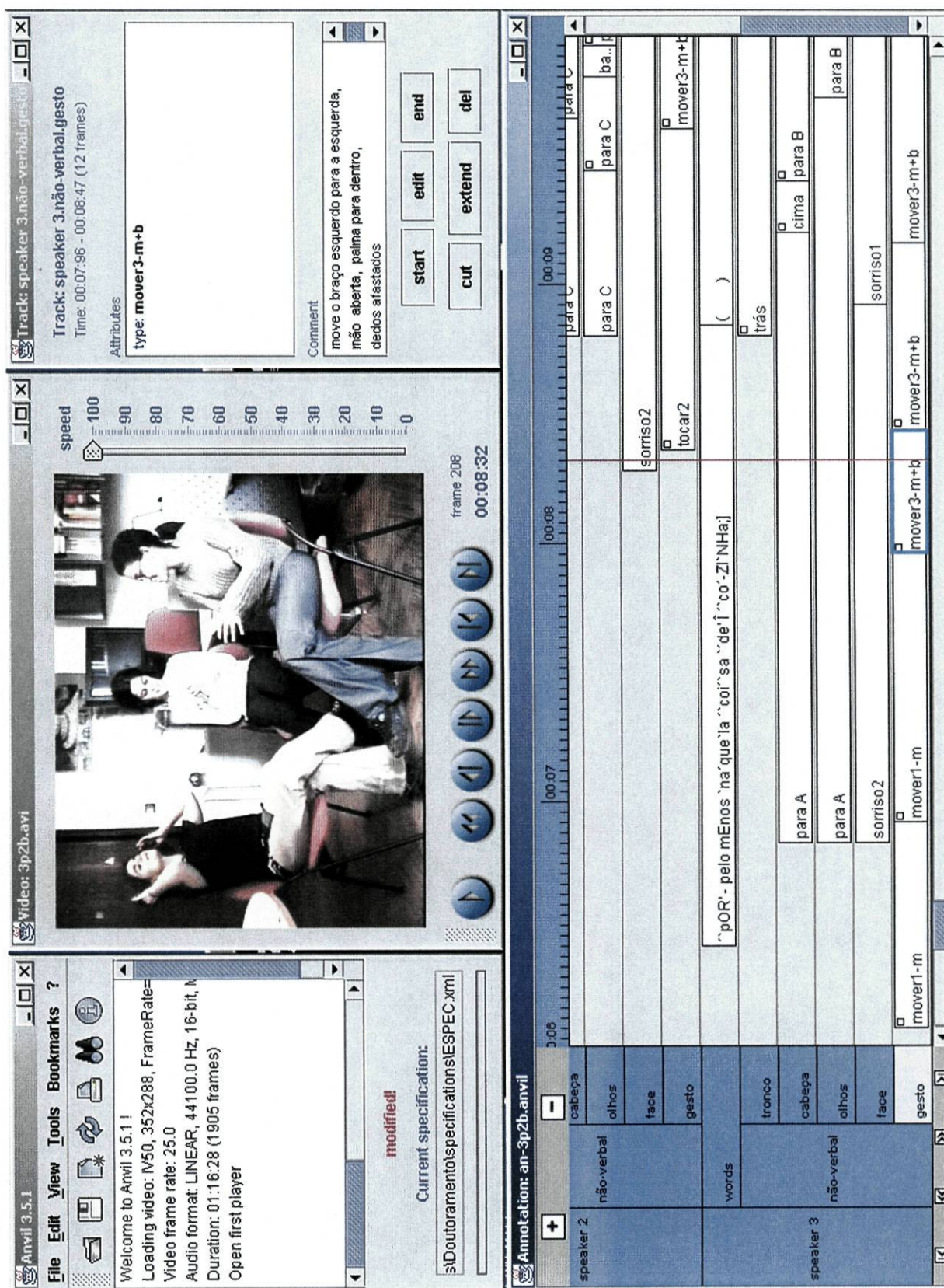


FIGURA 4: MARCAÇÃO DA VARIÁVEL GESTO DA FALANTE 3 (AT); COMENTÁRIO SOBRE PORMENORES NO QUADRO SUPERIOR DIREITO.



### 2.2.1 Variáveis da notação:

A primeira fase do tratamento da comunicação não-verbal consistiu na definição das variáveis a considerar. Para poder descrever o que de facto acontece não-verbalmente em determinadas situações da vez, não recorri a nenhuma das tipologias de movimentos mais utilizadas, por exemplo, a de McNeill (1992), mas limitei-me a considerar variáveis que indicassem as orientações e formas dos movimentos das diversas partes do corpo. As partes do corpo e as posições/movimentos considerados foram os seguintes:

1. tronco ou postura<sup>6</sup>
  - a. erecto (meio)
  - b. inclinado para a frente (frente)
  - c. inclinado para trás (trás)
  - d. virado para o lado direito (lado 1)
  - e. virado para o lado esquerdo (lado 2)
2. cabeça
  - a. orientação para cima, i. e., inclinada para trás (cima)
  - b. orientação para baixo, i.e., inclinada para a frente (baixo)
  - c. inclinada para a direita (inclinado 1)
  - d. inclinada para a esquerda (inclinado 2)
  - e. orientação para a direita (lado 1)
  - f. orientação para a esquerda (lado 2)
  - g. aceno (sequência de movimentos para cima e para baixo com significado afirmativo/positivo) (aceno)
  - h. abano (sequência de movimentos para os lados com significado negativo) (abano)
  - i. orientação para fora do espaço de interacção (fora)
  - j. orientação para o interactante A (para A)
  - k. orientação para o interactante B (para B)
  - l. orientação para o interactante C (para C)
3. olhar
  - a. orientação para cima<sup>7</sup> (cima)
  - b. orientação para baixo
  - c. orientação para a direita (lado 1)
  - d. orientação para a esquerda (lado 2)
  - e. olhos fechados (fechados)
  - f. olhos abertos (abertos<sup>8</sup>)

<sup>6</sup> Os termos em parênteses foram usados na programação das variáveis.

<sup>7</sup> No caso do desvio do olhar para cima/lado, a variável anotada foi "cima", sendo o detalhe "cima/lado esquerdo" ou "cima/lado direito" indicado no quadro destinado aos comentários.

<sup>8</sup> Algumas vezes a qualidade das gravações não permitiu determinar com precisão a orientação do olhar dos interactantes. Isso deve-se, nuns casos, ao facto de estes se terem colocado numa posição que os obrigava a virar a face para dentro do espaço de interacção, de tal modo que os olhos deixavam de estar bem visíveis; noutros casos, essa dificuldade tem a ver com um detalhe que não foi considerado na escolha dos interactantes: nos que usam óculos, a orientação do olhar é mais difícil de detectar devido ao reflexo das

- g. olhos muito abertos (muito abertos)
- h. olhos semicerrados (semicerrados)
- i. piscar de olhos (piscar)
- j. orientação para A (para A)
- k. orientação para B (para B)
- l. orientação para C (para C)
- m. orientação para fora do espaço de interacção (fora)

4. face

- a. ligeiro sorriso (sorriso 1)
- b. sorriso aberto (sorriso 2)
- c. movimento da boca de significado mais negativo (careta)
- d. movimento da boca de significado mais negativo combinado com sorriso (careta+sorriso)
- e. torcer do nariz (nariz)
- f. erguer das sobrancelhas (sobrancelhas)
- g. baixar das sobrancelhas (sobrolho)

5. braços e mãos

- a. repouso
- b. cruzar braços (cruzar b)
- c. entrelaçar dedos (entrelaçar m)
- d. levantar os braços (levantar b)
- e. baixar os braços (baixar b)
- f. mover as mãos (mover1-m)
- g. mover os braços (mover2-b)
- h. mover os braços e as mãos (mover3-m+b)
- i. apontar<sup>9</sup>
- j. gesto de toque orientado para o próprio (auto-toque)(tocar 1)
- k. gesto de toque orientado para o parceiro (alter-toque) (tocar 2)
- l. gesto de toque orientado para o objecto (tocar 3)

A flexibilidade das variáveis escolhidas permite a notação de qualquer tipo de movimento que, numa fase posterior, pode ser devidamente interpretado em conjunto com o enunciado verbal.

---

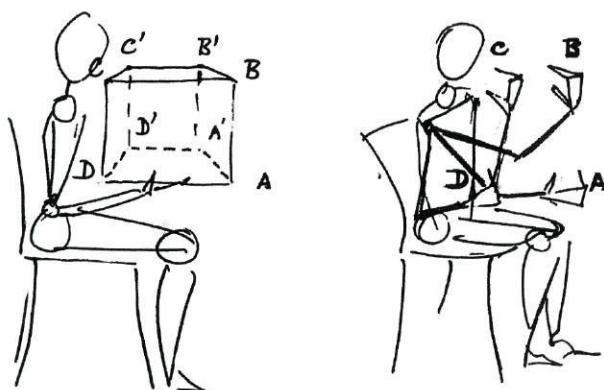
hastes - um pormenor que não se deve esquecer em gravações futuras. Para uma notação mais pormenorizada da orientação do olhar, seria necessário filmar os participantes de mais perto, o que obrigaria a realizar a gravação com quatro câmaras em simultâneo.

<sup>9</sup> Para facilitar a descrição do movimento, usei o termo "apontar" para designar os gestos de apontar com o dedo indicador (gestos dísticos).



### 2.2.2 Descrição da trajectória dos gestos

Para facilitar a descrição das formas dos movimentos, sobretudo das trajectórias dos gestos, concebi um espaço gestual, de forma cúbica, à frente do falante, tendo sido atribuídas designações a cada um dos vértices desse cubo. Este espaço tridimensional abrange o centro e a periferia do espaço gestual bidimensional definido por McNeill (1992: 89). Os vértices correspondem aos pontos usados para definir o movimento. Assim considere os pontos



A (A') - frente/baixo, B (B') - frente/cima, C (C') - tronco/cima e D (D') - tronco/baixo. Uma trajectória circular pode, então, ser definida, por exemplo, como executada na direcção tronco/baixo/frente/baixo+frente/cima/tronco/cima, DABC, ou na direcção oposta, CBAD. Um movimento rectilíneo pode ocorrer na direcção AC, ou DB, etc.

### 2.2.3 Especificação para um interactante:

```
<?xml version="1.0" encoding="ISO-8859-1"?>
```

```
<annotation-spec>
```

```
<head>
```

```
<valuetype-def>
```

```
<valueset name="troncoType">
```

```
<value-el>meio</value-el>
```

```
<value-el>frente</value-el>
```

```
<value-el>trás</value-el>
```

```
<value-el>lado</value-el>
```

```
</valueset>
```

```
</valuetype-def>
```

```
</head>
```

```

<body>
<group name="speaker 1">
  <track-spec name="words" type="primary">
    <attribute name="token" valuetype="String"/>
  </track-spec>

  <group name="não-verbal">
    <attribute name="repetição" valuetype="Boolean" />
  <track-spec name="tronco" type="primary">
    <attribute name="type" display="true">
      <value-el>meio</value-el>
      <value-el>frente</value-el>
      <value-el>trás</value-el>
      <value-el>lado1</value-el>
      <value-el>lado2</value-el>
      <value-el>baixo</value-el>
      <value-el>torcido</value-el>
    </attribute>
  </track-spec>

  <track-spec name="cabeça" type="primary">
    <attribute name="type" display="true">
      <value-el>cima</value-el>
      <value-el>baixo</value-el>
      <value-el>inclinado1</value-el>
      <value-el>inclinado2</value-el>
      <value-el>lado1</value-el>
      <value-el>lado2</value-el>
      <value-el>aceno</value-el>
      <value-el>abano</value-el>
      <value-el>fora</value-el>
      <value-el>para A</value-el>
      <value-el>para B</value-el>
      <value-el>para C</value-el>
    </attribute>
  </track-spec>

  <track-spec name="olhos" type="primary">
    <attribute name="type" display="true">
      <value-el>cima</value-el>
      <value-el>baixo</value-el>
      <value-el>lado1</value-el>
      <value-el>lado2</value-el>
      <value-el>fechados</value-el>
      <value-el>abertos</value-el>
      <value-el>muito abertos</value-el>
      <value-el>semicerrados</value-el>
      <value-el>piscar</value-el>
    </attribute>
  </track-spec>

```



```

    <value-el>para A</value-el>
    <value-el>para B</value-el>
    <value-el>para C</value-el>
    <value-el>fora</value-el>
  </attribute>
</track-spec>

```

```

<track-spec name="face" type="primary">
  <attribute name="type" display="true">
    <value-el>sorriso1</value-el>
    <value-el>sorriso2</value-el>
    <value-el>riso</value-el>
    <value-el>careta</value-el>
    <value-el>careta+sorriso</value-el>
    <value-el>nariz</value-el>
    <value-el>sobrolho</value-el>
    <value-el>sobrancelhas</value-el>
  </attribute>
</track-spec>

```

```

<track-spec name="gesto" type="primary">
  <attribute name="type" display="true">
    <value-el>repouso</value-el>
    <value-el>cruzar b</value-el>
    <value-el>entrelaçar m</value-el>
    <value-el>levantar b</value-el>
    <value-el>baixar b</value-el>
    <value-el>mover1-m</value-el>
    <value-el>mover2-b</value-el>
    <value-el>mover3-m+b</value-el>
    <value-el>apontar</value-el>
    <value-el>tocar1</value-el>
    <value-el>tocar2</value-el>
    <value-el>tocar3</value-el>
  </attribute>
</track-spec>

```

```

</group>

```

```

</group>

```

```

<group name="speaker 2">
(o mesmo que em cima)

```

```

<group name="speaker 3">
(o mesmo que em cima)
</body>
</annotation-spec>

```

### 3. INDICAÇÕES TÉCNICAS

#### 3.1 Características dos ficheiros vídeo e áudio

A título de exemplo encontram-se em baixo listadas as características de um ficheiro vídeo (e também áudio) e do ficheiro áudio correspondente:

##### PROPRIEDADES DO FICHEIRO VÍDEO 1p13.AVI:

(informações copiadas do quadro de informação sobre os ficheiros 1p13.avi e 1p13.wav)

File Size: 37,18MB bytes  
Total Duration: 0:01:14:02  
Average Data Rate: 513,88KB per second  
Image Size: 352 x 288  
Pixel Depth: 24 bits  
Frame Rate: 30,00 fps  
Audio: 48000 Hz - 16 bit - Mono

##### AVI File details:

Contains 1 video track(s) and 1 audio track(s).

##### Video track 1:

Total duration is 0:01:14:02  
Size is 29,65MB bytes  
(average frame = 16,78KB bytes)  
There are 149 keyframes, 2074 delta frames.  
Frame rate is 30,00 fps  
Frame size is 352 x 288  
Depth is 24 bits.  
Compressor: 'TV50', Indeo® video 5.10

##### Audio track 1:

Size is 6,78MB bytes

##### PROPRIEDADES DO FICHEIRO ÁUDIO 1P13b.WAV:

File Size: 6,78MB bytes  
Total Duration: 0:01:14:03  
Average Data Rate: 93,75KB per second

Audio: 48000 Hz - 16 bit - Mono



### 3.2 Ficheiros transcritos e notados

| sequência | ficheiro avi<br>MBites | ficheiro wav<br>MBites | duração<br>min. - seg. |
|-----------|------------------------|------------------------|------------------------|
| 1p9       | 27,7                   | 5,0                    | 00:54                  |
| 1p10      | 30,5                   | 5,7                    | 01:02                  |
| 1p11      | 21,0                   | 3,8                    | 00:42                  |
| 1p12      | 34,4                   | 6,3                    | 01:09                  |
| 1p13      | 37,1                   | 6,8                    | 01:14                  |
|           |                        |                        |                        |
| 2p1       | 46,8                   | 6,4                    | 01:10                  |
| 2p2       | 51,8                   | 7,0                    | 01:17                  |
| 2p3       | 54,9                   | 7,4                    | 01:21                  |
|           |                        |                        |                        |
| 3p1       | 64,1                   |                        | 01:27                  |
| 3p2       | 57,2                   |                        | 01:16                  |
| 3p3       | 31,9                   |                        | 01:23                  |

## 4. BIBLIOGRAFIA

BOERSMA, Paul / WEENINK, David (1996) "PRAAT - a system for doing phonetics by computer, version 3.4". *Institute of Phonetic Sciences of the University of Amsterdam, Report 132* ([www.praat.org](http://www.praat.org)).

KIPP, Michael (2001) "Analyzing individual nonverbal behavior for synthetic character animation". In: Cavé, C./ Guaitella, I./ Santi, S. (eds.) *Oralité et Gestualité. Interactions et comportements multimodaux dans la communication. Actes du colloque ORAGE 2001, Aix-en-Provence, 18-22 juin, 2001*. Paris: L'Harmattan, 240-244.

MCNEILL, David (1992) *Hand and Mind*. Chicago Il.: Chicago University Press.

SELTING, Margret / COUPER-KUHLEN, Elisabeth (2000) "Argumente für die Entwicklung einer interaktionalen linguistik". In: *Gesprächsforschung - On-line-Zeitschrift zur verbalen Interaktion, Ausgabe 1*, 79-95 ([www.gespraechsforschung-ozs.de](http://www.gespraechsforschung-ozs.de)).

**5. TRANSCRIÇÃO PROSÓDICA DO *CORPUS***



## Transcrição da fala - 1p

(interacção 1, CL = falante 1 /A; IV = falante 2/B; ES = falante 3/C)

09-01 IV: 'ou=AdOptas='ou:: -ou ['sim]  
09-02 CL: [ <<ff>se bEm que:]  
09-03 quAn:do=tu a=A`do`ptas  
09-04 <<g>-não a↓-doptas ↑-não é->  
09-05 (0,485) -poucos são os CA'sos em que te ['dÃO] `U-ma criança-  
09-06 IV: ['dÊem]  
09-07 CL: [ <<p>a uma pessoa >]  
09-08 IV: [ <<f>`sEM -tu `TE]  
09-09 -res>  
09-10 <<f>`exA [cto.>]  
09-11 CL: [-só ]  
09-12 qu' Eh'`nãõ'É?  
09-13 'uma `mu-lhERr solteira- (.)  
09-14 -recebe -uma [cri`ANça `hoje;]  
09-15 IV: ['nãõ=sei, `mas também ]  
09-16 há=lá=imENsas -estra`TÉgias <<dim>`pra::: .>  
09-17 (0,767) <<all>quer dizer.> (0,237) `A`cho=[-Eu-]  
09-18 CL: [-há.]  
09-19 <<f>-`rA-ptas->  
09-20 ES: raptas [((riso))]

09-21 IV: [ <<f> se calhAR= ]  
 09-22 'Ó::: 'sA`bes -d'al`guém que t'↑`-faz 'de=>  
 09-23 'não ↓-sEI ↓-cOmo-  
 09-24 ↑-pronto- [-mAs ((riso))]  
 09-25 CL/ES: [ ((riso)) ]  
 09-26 IV: [ <<ff>-não sei ↑-se `há -possibiliDAde de::: ]  
 09-27 CL: [ <<f>po'día`mos` tentAR= (h)Inven`tar ]  
 09-28 a produçÃO independEnte alterna(h)TI(h)va> [ ((riso)) ]  
 09-29 IV: [ <<ff<-NÃO> ]  
 09-30 <<dim>`não sei `se -há 'po`ssibilidade por exemplo de::  
 09-31 ↓-ffeh ↑-falsificar uma pe↓'ssoa ↑<<a>-dE`ssas.>>  
 09-32 CL: <<f><a> ↑`nãO. >>  
 09-33 ↑- mas= há `muitos casos `em que [ ( ) ]  
 09-34 ES: [ `pode ↓`haver um <<f>aMIgo ]  
 09-35 [ ou mesmo alguÉM que> ]  
 09-36 IV: [ ( ) exactamEnte? ]  
 09-37 -nEm que tu te ↑`FAças de ↑`ca-sAda com algu'Êm=  
 09-38 =e: `não sei até que [ `ponto, ]  
 09-39 ES: [ ai não. ]  
 09-40 CL: `não sei.  
 09-41 IV: [ ( ) ]  
 09-42 CL: [ <<ff>eles vão pelo lado da ligação> ]  
 09-43 ES: [ ( ) que eles são muito <a> exi`gentes?> ]  
 09-44 CL: -é -tão [-e`xi] ``gen`te;=



09-45 ES: [é verdade.]

09-46 =<<all>'eu co'nheço ''pessoas ''que 'para'. (.)

09-47 -o proce-ssO de=adopção->

09-48 <<len>'de-moram=''a-nos (.) ''a:nos->

09-49 <<all>'a-té conseguirem tEr ''filhos,>

09-50 <<g>'pronto.>

10-1 <<all>'SÓ=NO='FIM 'do -processo -de adopção é que ela 'engrav'idou>

10-2 ((riso))

10-3 IV: (pois--'ah-)

10-4 (0,974)

10-5 CL: <<ff>'a 'trÊS: 'a 'três?>

10-6 [↓eh: 'Ah ehm:::::]

10-7 ES: [<<all>'a adopção de crianças por homose]

10-8 xuais;>

10-9 CL: 'Ah, (.) - a=AdOpção de'cri'an'

10-10 ↓- eh eh <<len> ↑''eu ↑-sou 'RA''dI'cAlmente 'cOn'tra;>

10-11 ES: ((riso))

10-12 IV: ((riso))

10-13 CL: <<len>-sOu- (.) ' R:A-dI'cal-mEnte cOntra->

10-14 (0,364) eh:: (1,152) [(

10-15 ES: [(

10-16 IV: [((<<f> eu já estou><<ff>'EU tou -numa]

10-17 'FAse de 're'la'tI'Vismo,> [((riso))]

10-18 ES: [ <<ff><a> `eu `tam`bém]  
 10-19 estou -numa`FA`se ``dessas,>>  
 10-20 <<f>`pra `mim -É ``di`fí-cil `di`[-ZE`Rre::;]  
 10-21 CL: [não.]  
 10-22 ES: (0,541) [↑`É di↑fí`cil] -rEA`gir.>  
 10-23 CL: [<<pp>eu sou::-~]  
 10-24 IV: <<len>eu=`ago`ra ``eu [``JÁ não <dim> `sei `nA::da.>>]  
 10-25 ES: [<<p>`é di`Fícil- reagir-]  
 10-26 -eh::> (0,659)  
 10-27 IV: <<f>`eu não `sei `s=`isto``-JÁ::  
 10-28 JÁ `tOU `com::> eh'  
 10-29 <<all>><g>tou' tou-me a lembrar duma `pess`oa;  
 10-30 -que aqui hÁ dIAs me dizia justamente `Is`to=>  
 10-31 =`EU `JÁ -nÃO sei se isto é si`nó-nimo de cres`cimenTo,  
 10-32 (.) `se=É:  
 10-33 <<f>-se=É `si`nó-nimo dE rEgre`ssÃO; (.)  
 10-34 [ `porque EU(h)= hoje em (h) dia,]  
 10-35 CL: [((riso))]  
 10-36 IV: [<<a> ↑``JÁ(h) `ques``tI(h)Ono``tu:(h)``do(h)?]  
 10-37 CL: [((riso))]  
 10-38 IV: (inspiração) <<all>-EU disse> <<all><a>`nÃO:  
 10-39 -con`cer``tE:-za é `si-nónimo `de `cresci-mEn:to `e tal.>>  
 10-40 <<dim><<a>` mas -Eu própria `tAm`bém ``-jÁ: du`vido;>>  
 10-41 ↑`po`rque:: -Acho que->



10-42 (0,241) `que `já `tive;  
 10-43 `Em- re`la`çãO <<all> a `muitas `coisas `nA -vida-  
 10-44 `já tive posi`ções `muito -mA`IS `defi`nidas.=  
 10-45 ES: ==pois`cAaro -E AgOra `mui'to me-nos-  
 10-46 IV: eh: ``e -e <<f>`HO:je -tou `A`ssIm:,>  
 10-47 [não sei.]  
 10-48 CL: [<<ff>!`em CRI:se;]  
 10-49 a `CRI:se ``gE:-ra`desenvolvi[`mEnto, `i'sa`bEl `ma`rI'a,>]  
 10-50 IV: [<<ff>de`PENDe><<f>`do tempo;>]  
 10-51 [(((riso)))]  
 10-52 CL: [(((riso)))]  
 11-01 IV: <<a>-iss'É-me famili`AR.> [(((riso)))]  
 11-02 CL: [(((riso)))]  
 11-03 IV: eh: `pronto.<<p> quer dizer>=  
 11-04 CL: ==<<f>`i'ss'=É o que os- nossos profe`sso-res ['dA= -Á::rea-]  
 11-05 IV: [(lá está.)]  
 11-06 CL: <<all>`An`dam sempre a dizEr;  
 11-07 `quAN-do=nós -dizemos que estamos a `stRE`ssAr; >  
 11-08 <<all> -não sei quê- (.)  
 11-09 eles `di`zEm>  
 11-10 <<a>a `crIse ``GE:[`RA> `de`sEnvolv`imento.]  
 11-11 ES: [gera desenvolvimento] (movimento dos lábios)  
 11-12 CL: <<all>-portanto `nós'-tAmos `sEm`pre=À espEra de`vEr  
 11-13 o `de-senvolvimento-  
 11-14 <<cres>`mAs de ['Facto `só `vemos ' a `CRI:se;>]

11-15 IV: ['gera 'mas='É 'strEss;]  
 11-16 CL: ((riso))  
 11-17 IV: [<<ff>'agora 'É -strEss->]  
 11-18 CL: [<<ff>(agora só vemos) -CRI:se.>]  
 11-19 'não 'vEmos mÁis nAda;  
 11-20 ES: [((riso))]  
 11-21 CL: <<f>'nÃO 'ma neste -nes'te 'nes'ta questÃO;>  
 11-22 ES: -tu És= afi'cio'nÁria 'do 'contra;  
 11-23 CL: 'SOU 'sou''sou 'contra.  
 11-24 'mEsmo -por E:sse-  
 11-25 <<len>'nÃO='É'pe-la 'quEs'- tÃO ''do=-A-fecto que 'vão -DAR-  
 11-26 <<p>'não é pela ques'tÃO: (.)↓'-dI:'sso.>>  
 11-27 ES: <<pp>pois.>  
 11-28 CL: <<f>'mas='É=apenas 'pe-la questÃO-  
 11-29 'que 'A' cri'Ança-nEce'ssi'ta;  
 12-01 'de 'mo'DE-los 'pa-ren'tais;  
 12-02 (0,212) <<f>'mEsmo><<dim> que='U'mA mU-lhEr ''so 'zinha.  
 12-03 -eh:::- (-sem 'mA'rido)-e c=um'fi'lho,>  
 12-04 'ele 'vAI ''ter 'sem'pre=Uma ''fiGU:-rA-  
 12-05 -que vAi ''sEr 'pra='E-le o ''pAI;  
 12-06 (0,687) -porque [há de'tErmi'nA]-das i''dA-des-  
 12-07 ES: ['claro.]  
 12-08 CL: <<cresc>'Em -que=ele pre'ci'sa 'desse <a>'mo''de::lo;>>



12-09 [(0,219) <<f>'nEm ↑'que sEja]  
 12-10 ES: [<<pp>'de`sse modelo;>]  
 12-11 CL: ``Um=aMI:go dA 'mãe,  
 12-12 <<dim>- nEm que` se`'jA=o `a``vÔ- ['nEm que sE`ja -]  
 12-13 ES: [vô ( )]  
 12-14 <<f>o 'TI::o,>  
 12-15 CL: <<a>`nA↓-da->(.)'Ele[<<all>`VAI 'pre'ci`SAR 'desse]'mo`dElo.>]  
 12-16 ES: [(alguma coisa)] [exacto.]  
 12-17 CL: <<len>↑-E: `E ``pa``RE: `ce-me=>  
 12-18 'acho `Eu;  
 12-19 (0,497) ``quE:::? ↓-Es'tA'  
 12-20 eh 'U-ma `crI'An`ça ↓que ``vi'va `num ``LAR`com dois=`ho`mens.  
 12-21 (0,318) 'mEs`mo `que ``Um: (.) -a``ssU'  
 12-22 <<all>`E 'de-pois -lÁ es`tÁ:;=  
 12-23 =é que `tEm=`E`ssa `ques``tão,>  
 12-24 (0,099)-quEm=É que= Assume o`quê;  
 12-25 -papEL de ``mãe?  
 12-26 -e o outro`-vAi -assumir `o [-pa'pel ↑-de `pA-i- (0,366)]  
 12-27 ES: [ eu eu também eh]  
 12-28 CL: 'Ou`vAi=Assu[mir o 'pa'pel<<ff>'pa'ssI-vo>`E=outró 'É=-a`ctivo?]  
 12-29 IV: [(<<p>mm. (.) não- assumem o de pai.>]  
 12-30 CL: (.) [<<f>'ou -Ambos] 'a`ssumEm o de ``pA:↓-i- >  
 12-31 ES: [<<pp>pois>]  
 12-32 CL: <<a>`en'-tÃO? -vai fal'tar A'LI `sempre `um: ``MO`dE[`lo>]

12-33 ES: [( )]

12-34 CL: <<p>vai faltAr sempre ali um mo'de'lo;>

12-35 (0,410) 'e 'quem 'vAi 'ser=Esse 'mo['dE-lo-]

12-36 ES: [<<ff>>all>-se calhAR->>]

12-37 <<dim><all>'eles 'nesse 'cAso não podem ir>> buscÁ-'lo

12-38 'a=uma=A''vó ou uma tI'a;:>

12-39 <<pp>'já é di''fí↑'cil; (.)

12-40 ''é -mA'is di''fí-cil->=

12-41 CL: =<<f>'eu=Acho 'quE='É <<len>!'MAIs! 'com-pli''cA: do,>>=

12-42 ES: =<<p>-é mais compli[ca'do;>]

12-43 CL: [e'<<len>'Eu=]

12-44 ''Acho;>

12-45 -que= é mais com'pli'ca:do;

12-46 <<p>-É mAIs compli'cado; >

13-01 ES: '-EU=é 'como 'di'go=

13-02 <<p>-na minha mi''nhA:=-=opini''ÃO.>

13-03 (.)<<all>- é='Um -bocAdo di'fí↓-cil- (.)>

13-04 <<f>'cUs↑''tA-me='A? 'RE'A''gi:'rE,>

13-05 'nÃO -não''- sou ''dI'go;

13-06 (.)'-Ai ''-sou:-

13-07 <<a>'tAL''vEz,

13-08 ↓-A ↑'fa-vOR 'de> 'nEm 'pen'-sAR-

13-09 IV: <<f>-NÃO- (.)'É='assim;>

13-10 ES: <<ff><all>'se ca-lhAR estou 'nou''tra 'posi'çÃO -um bo'-cAdo->>



13-11 (0,266) eh eh  
 13-12 (0,313)<<all> É='U'ma -grAnde situação bastante ``di`fí-cil->  
 13-13 (0,485)  
 13-14 CL: <<f>``Eu - Eu 'cOm`pre``-En:-do->  
 13-15 que -que os homosse`xuais `reclAmem prA eles -Os di`REI:: ↑-tos=  
 13-16 =↑`E: -cOmpreEndo-  
 13-17 <<a>``COM`pre``Endo `per-feI`ta`mEN-te->  
 13-18 (0,327) -se=hÁ uma rela``ção d'in`ti`mi`DA``de;  
 13-19 -uma relação `d'amOR,  
 13-20 ((bate com uma mão na outra))  
 13-21 -é normAl que ``quEI`ram -alIcerçar=Isso  
 13-22 <<a>`com='ma ``cri`ança;>  
 13-23 ES: <<pp>claro->  
 13-24 CL: `na=``im`po`ssi`biliDA(`ha)-de de tEr-  
 13-25 -A nÃO ``ser `que -no fu`tUro;  
 13-26 '-hAja man`ipula[ções -ge`NÉ:]`ti-cas  
 13-27 ES: [ <<pp>(manipulações)>]  
 13-28 CL: ((inspiração)) ``no -corpo[`hu'Mano] <<all>-e `não `sei `quê.>  
 13-29 IV: [ <<pp>(não)>]  
 13-30 CL: ((inspiração)) <<all>-portanto->  
 13-31 `na=impo`ssi-biliDade `de TER,  
 13-32 <<a>-as pe``ssOas `vêEm na adop``ção `uma `forma ``DE>  
 13-33 ↓mas -será que estas crianças-  
 13-34 que ``vÃ::o ser DAdas `pr'adopção,

13-35 <<len>`jÁ não ↑`es-tão- (.) `sufi`ciente`mEN:-te  
 13-36 (0,546) [ `mAr`CA::`das;>] [-com cErtas \_`cOi-sas-]  
 13-37 ES: [(adas).] [ `e-xA::cto-]  
 13-38 IV: [<<pp>-traumati`zadas,]  
 13-39 CL: <<cres>- `me`Tê-`las numa `situa`ção mAIs!`Am`Bí::`gua!=  
 13-40 [= `nÃo i`rÁ::;]  
 13-41 ES: [ `Ainda=há `Esse -porme]`nOr.  
 13-42 CL: [-des`cons`tru`í::-lAs?>]  
 13-43 ES: [(  
 13-44 CL: `e' n' `sei'.  
 13-45 (.) -destrutu`RÁ::--`las;  
 13-46 ↑-tAlvez  
 13-47 `não ↓-sei-  
 13-48 <<f>`é por - Isso que ↑-Eu=Acho `que.>  
 13-49 (0,471) [ <<ff>` nA `nA:: `nA=``In ↓-de`ci`sÃo, (0,248)]  
 13-50 ES: [<<all> esse pormenor é importante>] realmente  
 13-51 CL: [ `mAIs `vA:-le- `nÃo-arriS`car.>]  
 13-52 ES: [<<p>-a adopção vai ser um processo di`fí`cil;]  
 13-53 CL: `é por=Isso que ` nA=inde`ci`são -é mAU [arriS`car-]  
 13-54 ES: [arriS`car]  
 13-55 CL: -portanto-  
 13-56 ↓ `mais -vAle dei`XÁ-los ``estAr -A`ssim,  
 13-57 <<p>`pá ↓-olha->  
 13-58 ((bate com uma mão na outra))  
 13-59 <<pp> sei lá.>



### Transcrição da fala - 2p

(interacção 2, BS = falante 1/A; CP = falante 2/B; NF = falante 3/C)

- 01-01 CP: que -É que tu 'Achas. ↓ca`bEças?  
01-02 (0,661) <<f>'OUve `LÁ 'eu, 'como -nAs'ci `nA Ale'manha->  
01-03 `eu pffffff- 'na `boa;  
01-04 'já tou -HAabituaDo 'a isso.  
01-05 'os HÔmens -ajudam LÁ 'to[dos?]  
01-06 NF: [-eu]  
01-07 Acho que <a>↑''SIM.> ['eu.]  
01-08 CP: ['as ]  
01-09 as `mulhEres ficam na 'SA`la -a fumar uns ci'GA: `rros;  
01-10 (0,389)  
01-11 NF: ``nÃo  
01-12 CP: [os hO`mens -lavam a ``LOUça;]  
01-13 NF: [↓'NÃO 'é Isso. o que tá em']  
01-14 BS: [( ) sabes como é. ((haha))]  
01-15 NF: <<f>'o que -TÁ em 'CAUSA,>  
01-16 (0,381) <<all>'eu='Acho -que ↓-É a `ssim.>  
01-17 (0,374)-sE::: -neste= `se::ehm:::  
01-18 nEste`CA-so- ↑`se HÁ <<acc>-um um HÔmen -e uma mulhER  
01-19 -e Eles são ca`SA'dos,  
01-20 -ou se há uma rela``ÇÃO->

01-21 (0,744) ↓acho que ↑'DE-vem <<a>'aju'dAR nas 'ta`RE-fas->  
 01-22 (0,440) q::: 'vão -benefi'ciAR?  
 01-23 (0,443)  
 01-24 CP: ``CLA ['ro;]  
 01-25 NF: [tI]  
 01-26 po. se tu Aich' `Acho que tu debes ajudAR a tua mulHER a co'zi`NHA-re-  
 01-27 (0,116)  
 01-28 CP: <<ff>'EU [-cozi-nho]  
 01-29 NF: [<<ff>tu va`is']  
 01-30 CP: e `Ela -lAVA a ['LOU`ça.> <<p(sozinha).>]  
 01-31 NF: [nÃO- ↑'E ↓tu `VAIS benefi]  
 01-32 `CIA`re.>  
 01-33 ↑ se VAIS benefi``ciA`Re;  
 01-34 -da`QUILo,  
 01-35 'eu `Acho que <<a><all>↑tENS `que ↑'a`ju`DAR?>>  
 01-36 ↓'e -Acho`que-  
 01-37 (1,203) se `ca`lhar; 'É com'É `como ``dizes-  
 01-38 (0,076) -o `TERmo `aju``DAR- `pode `ser- mudAdo para comparti`lhA`re.  
 01-39 (0,456) por`quE=<<all>AO di`zEr`mos `aju\_dA`R>=eh,  
 01-40 <<all>↓'tA-mos `a dizer que tAMOS a `fazer> `qual-quer coisa:::-  
 01-41 (0,646)  
 01-42 CP: <<p>tamos a fazer um [favor;>]  
 01-43 NF: [<<ff>'a `fa`zEr um]  
 01-44 `fa`vOr à `mu`lhEr.>



01-45 ↑'e -NÓS não 'tamos- a fazer UM -fa'vor,  
 01-46 'por''que, (0,492) -pA'ssa 'por ↑'SER -U::m- 'rum 'rum,  
 01-47 CP: <<p>obrigação'>  
 01-48 (0,896)  
 01-49 NF: <<f>'AI 'não 'é uma 'obri-GA''ção,>  
 01-50 'é [u'ma::-]  
 01-51 BS: [não é uma obrigação'] é-  
 01-52 (0,284)  
 01-53 CP: 'fica-va ''BEM;  
 01-54 (0,430)  
 01-55 NF: não. 'não é uma obri-GA'ÇÃO,  
 01-56 <<ral>'mas -É: Algo -Al'go: 'é 'Algo:->  
 01-57 (0,267) ↑'se É <<f><all> 'pró 'bem -co''MUM?>>  
 01-58 (1,392)  
 01-59 CP: <<p>'é::'>  
 01-60 NF: <<p>'é 'isso;>  
 02-01 CP: ''É isso.  
 02-02 (0,884)  
 02-03 NF: [((riso))]  
 02-04 CP: [''o 'que=É que 'tu 'A-chas ('fi'lho),]  
 02-05 <<p>↓-tu -inda não disseste ↓'nada,>  
 02-06 (1,825)  
 02-07 BS: ((riso))  
 02-08 NF: 'res''PON↓'de

02-09 CP: 'anda 'lá;  
 02-10 NF: <<f>'diz 'o que É que tu 'FAzes à tua mulHer.>  
 02-11 (0,714) [((riso))]  
 02-12 CP: [((riso))]  
 02-13 BS: [( ) não;]  
 02-14 (1,697) 'nÃO -É A'ju'dAr ↑'É;  
 02-15 (2,028) dividir.  
 02-16 CP: 'É ↑'I↓sso. ((palmas))  
 02-17 -muito 'bem ↓muito ['bem;]  
 02-18 BS: ['há que -FA]  
 02-19 'ZER,  
 02-20 (0,721) eh -há que 'fa'ZER,  
 02-21 (0,226) ↓'di↑'Vide-se.(.)  
 02-22 <<g> 'cada -UM 'faz 'a sua 'pAr:te.>  
 02-23 (0,517)  
 02-24 CP: -É isso-  
 02-25 ↑-muito 'BEM(.) chi='bo'a 'ele ↑'per-cebe -disto-  
 02-26 (1,810)  
 02-27 \_'prÓximo ↓'dis[co;]  
 02-28 NF: [diz quando casares]  
 02-29 [((riso))]  
 02-30 CP: [((riso))]  
 02-31 NF: quando -casAres Achas que vais 'fazer 'i'sso;  
 02-32 (0,327)



02-33 CP: 'eu 'vou -coZI`nhA↓-re-  
 02-34 (0,371) `na ``boa;  
 02-35 BS: [( )]  
 02-36 NF: ['mas]  
 02-37 ``mas só -vais `cozi`NHAR,  
 02-38 ['e quem]  
 02-39 CP: ['claro;]  
 02-40 NF: <<f>`e quem `vai ↑`la-var [a `louça.]>  
 02-41 BS: [e e as][pirar]  
 02-42 CP: [ <<ff>porque ``nãO `gosto>]  
 02-43 `de mexER naquilo tudo sujo.  
 02-44 BS: e [e aspi']  
 02-45 NF: ['`AH. -mas isso]  
 02-46 <<f>``aí -entãO tu vAIs fa'zer'u'  
 02-47 `só vais fazer `aquilo que te <<a>\_a`pel`TE-ce->]  
 02-48 BS: [-e lim`PAR]  
 02-49 o `PÔ  
 02-50 <<all>-também vais limpAr o ['pó.>]  
 02-51 CP: ['lim]  
 02-52 <<p>↑↓``PAR o ↑``pó::=  
 02-53 =↑Ó= `a`rrAN`jo=[Uma:: -u]'ma `DO-na de ↑``ca↓-sa.=  
 02-54 BS: ['e::'e::]  
 02-55 CP: =uma::``Em↑pre`GA-da- [(.)]  
 02-56 NF: [ah]

02-57 CP: -tá feito->  
 02-58 NF: sim se estás a'ssim 'TÁ 'fei-to-  
 02-59 (1,468)  
 02-60 CP: <<f>'mas ↓co''ZI''nho.>  
 02-61 -eu VOU ↑cozi'nhAR;  
 02-62 NF: 'ah' 'a'tão' só vais 'co'ZIN'<<a>(de re'CUR'so);>  
 02-63 (0,231)  
 02-64 CP: 'CLA['ro, (0,571) <<f>'Ób]'vio,> (0,253) 'não;  
 02-65 NF: [( ) que vais que não vais ajudar,]  
 02-66 (0,947)  
 02-67 'pronto, 'en'TÃO 'é: ''é:: -é:é 'a'TÃO::,  
 02-68 <<a>'pá -é> -dife[rente.]  
 02-69 CP: [ <<a>'en'TÃO 'quê.>]  
 02-70 'A'chas ''pou''co,  
 02-71 (0,108) 'co''zi'nhAR::;  
 02-72 <<g>'fo'go,>  
 02-73 (0,457) -já -DÁ um 'tra'BA:lho,  
 02-74 'eh'je''sus,  
 02-75 (0,153) podia [tar a fazer nada ( )].]  
 02-76 NF: [( ) (não é dar trabalho)]  
 02-77 <<f>'s=Ela 'num;>  
 02-78 <<all>'e se ''Ela 'gost'AR -também de cozinhar-  
 02-79 e não gos''tar -DE -lavar ''LOUça.>  
 02-80 (--)



02-81 CP: <<f> 'não é 'mu'lhER pra 'mIm.> [hh,] [((riso))]  
 02-82 BS: [((riso)) ]  
 02-83 NF: [((riso)) ]  
 02-84 't(h)u -não 'CA-sas- ''t(h)e,  
 =====  
 =====  
 03-01 (2,460)  
 03-02 NF: ''É:: (h)  
 03-03 CP: 'nÃO 'sei -porque É que 'Elas deviAm prefe''RIR; (.)-essa situa'ÇÃO,  
 03-04 (0,789)  
 03-05 BS: 'pois;  
 03-06 NF: 'prOnto.  
 03-07 -A'lia' 'É o grAnde 'probl[-Ema-]  
 03-08 CP: [ <<f>'eu' 'Acho><<dim> -que FAL↑''ta↓ 'sempre]  
 03-09 'AL- go-  
 03-10 (3,187) 'fAlta o 'pAI.>  
 03-11 (2,449)  
 03-12 NF: na E'ducação dU'MA dU'MA -duma cri['nçA']  
 03-13 BS: [há que]  
 03-14 ↑''sE:::r' (for')=  
 03-15 NF: <<f>='NÃO é -a 'pUl''so' 'HÁ:Á' 'Á' 'Á::>  
 03-16 (0,373) <<all>-por ↑'Exem'plo> ↓'tu::'  
 03-17 ↑''Eu ↓-tenho 'como -mo'DE:lo'  
 03-18 <<all>Ó -tive como mo''dElO na> minhA:: na minhA::

03-19 BS: (0,351)-o 'tEu 'pAI,=  
 03-20 NF: <<all><p>=n meu crescimento'>>  
 03-21 (.)↓-o mEU 'pA'i;  
 03-22 (-)↓'sei lá.  
 03-23 (-) 'fui -do clúbe que o 'mEu 'pA'I'  
 03-24 ↓'sou -do clúbe que o mEU pAI 'É:?=  
 03-25 BS: =iss 'tÁ 'MAU <<p> 'iss tá mau.>  
 03-26 NF: <<a> 'pÁ: ['é:'>]  
 03-27 CP: [Iss(h)o] 't(h)Á 'mau(h);=  
 03-28 NF: <<f>=-É-(.) 'professor do 'ben 'fi ['ca']  
 03-29 BS: [( ][( )]  
 03-30 CP: [( ][( )]  
 03-31 NF: ['tá]  
 03-32 'bem.  
 03-33 <<a>'mAs ↑'Eh:=>  
 03-34 BS: =-o mEu 'pA-I É bem'fi'quista, -e eu sou do 'porto;  
 03-35 NF: <<f>'pronto'> (.)  
 03-36 <<dim>'nÃO -É 'Aí.  
 03-37 'nÃO É 'Uma 'questÃO dE'  
 03-38 'nÃO -É umA questÃO 'de- <all>tEr que 'co'me 'çar -a seguir 'o -E'XEM'plo.>>  
 03-39 ↑'mAS 'HÁ Um: 'há -Um:-  
 03-40 BS: <<p>'uma re-ferência>=  
 03-41 NF: <<all>=-há -Uma rE↑'fe'rência-  
 03-42 ↑'É ↓-isso- (.)



03-43 ↑`E -É Isso `e `fAZ `fAl↑`ta>  
03-44 -É:: um `ponto de ``re<<a>`ferÊn>`cia.>  
03-45 CP: ``É:=Eh;  
03-46 (0,515)  
03-47 NF: <<p>-nÃO é->  
03-48 CP: `tÊns `rA-zão-  
03-49 (0,372)  
03-50 NF: por `isso - Acho que -Acho ``quE:[Eh:m-]  
03-51 CP: [<<f>↑`EU]  
03-52 `A`cho ↑``mAl=  
03-53 e -eu na'>  
03-54 <<p>`E-U -jÁ `disse -nãO `sei -porque É que Ela:s prefErem ``i:``sso;>  
03-55 NF: [<<a><f> ``p!À!>>]  
03-56 BS: [<<p>( )mais respeito.>]  
03-57 <<p>sim; (0,649)[(o pai)] im`põe sempre `mais `res-peito->  
03-58 NF: [<<p>ah pá.>]  
03-59 (1,151)  
03-60 `por exEM`plo `é -uma dAs `coI-sas-  
03-61 ( ) <<all> [a mim] quando o teu pai tava na Alemanha  
03-62 CP: [(é provável)]  
03-63 NF: fazias o q' querias com a tua mãe.>

### Transcrição da fala - 3p

(interacção 3, VB = falante 1/A; LV = falante 2/B; AT = falante 3/C)

- 01-01 VB: [((riso))]  
 01-02 LV: [((riso))]  
 01-03 AT: [((riso))]  
 01-04 VB: <<p><all>-como NÓS somos ↓-mui↑to experi-entes ↑-nEstas ``COI'sas?>>  
 01-05 (1,0408) [-pelo 'lado inte'lectuAL,]  
 01-06 LV: [( ) na me'dida ]  
 01-07 ``EU - p'lo menos ↑````sOu:, (.)  
 01-08 ↓-tenho 'um` ho'mEM=Em <<a>↑-cAsa-  
 01-09 ``que 'nÃO 'FAZ 'nA:'da> `não é;  
 01-10 (0,427)  
 01-11 VB: 'EU `não; (0,326)  
 01-12 <<p>-sÔmos ``trêS -mu'lhERes,> ((riso))  
 01-13 (0,755)  
 01-14 AT: <<p>'nãO. ``em -CA'sa, (.)  
 01-15 ↓<<all>('tam'bém)> ↑'a``QUI::, 'so'mos ↓-dU:-as-  
 01-16 'mas- (.) -lÁ=EM=minha ↓cA-sa:: -so'-mo::s-  
 01-17 (1,348 ) ↑-quatro -mu'lhERes, `e=UM= ``Homem,>  
 01-18 (0,307)  
 01-19 VB: `ah'  
 01-20 LV: `e='Ele-nunc[A='aju'da;]



01-21 VB: [<all>e `uma-gAta=A `gAta]  
 01-22 ['não faz nada.>]  
 01-23 AT: [ ((riso)) (0,893)] + [(0,337)]  
 01-24 LV: [-e o `ho-mem]  
 01-25 não ↑-faz `na:da?=  
 01-26 AT: =(ai) -o mEU irmão `tra-BA: `lha.  
 01-27 (0,423)  
 01-28 LV: ``NÃO; `mas=`em `CA`-sa-  
 01-29 AT: <<f>`!AI! -em CAsa ``não.>  
 01-30 pFFFF  
 01-31 <<all>↑-comPLEtamente `Fora de `questão.  
 01-32 ((inspira - 0,328))  
 01-33 ↑`le=SÓ -arruma mesmo o quArto quando `a namo`ra`da `vai `lá;>  
 01-34 (0,742)  
 01-35 LV: ↑`pois; (.) ↑`em minha -CA`sa'  
 01-36 ↑-a' ↓a ↑-con`tece o ↓`mes-mo com o meu `pAi;  
 01-37 (0,567)↑`cA-da vez ``-quE::: `va`rre=o ↑``chão,  
 01-38 (0,704)`pron`tos,  
 01-39 `fica `um=`ano de `que`rra=`in`teiro,  
 01-40 `tás [a perce`ber,]  
 01-41 AT: [((riso))]  
 01-42 LV: -do `género; (0,430)  
 01-43 -já nÃO é `preciso `fazer -mais `nA`da du`rAnte ``um ``ano,  
 01-44 (0,502)

- 01-45 AT: ↑mAs 'pOR 'acA'so='É::=-uma -palha'çA↓-da 'I-sso- -por'que;  
 01-46 (0,415) <<all>-não 'sei 'por'que=É -que têm que 'ser:::mos 'sEm'pre=as mulheres=a  
   'fa-zer->  
 01-47 (--) [↑'as 'COI'sas,]  
 01-48 VB: [ 'exacto. ]  
 01-49 (0,272)  
 01-50 AT: 'mas=já 'mesmo='uma'  
 01-51 <<g>↓'prontos.  
 01-52 <all>↑-os meus 'pAIs são se'pa'RA:dos.>>  
 01-53 (0,484) ↑'-mA::s- (.) 'QUAN-do='o meu 'pAI::.(.)  
 01-54 <<p>↑-quando nós=Inda vivíamos com o ↓'meu ↑'pai?>  
 01-55 ↓'perCE'bes;  
 01-56 'o meu' -o mEu 'PAI -não dEIXAva que o meu Irmão fi'ZESe 'nAda='em 'CA::'sa;  
 01-57 LV: (0,691) [<<pp>'hm isso é um'=estu[pidez>]  
 01-58 AT: [<<all>-per'CE-bes- <a>'É: 'mes'mo]  
 01-59 'estu'pi'dE::z;>>  
 02-01 (0,380) <<all>'m 'na'quE-lA=  
 02-02 =Oh' ↓'os 'HO'mens -não 'FA'zem 'I-sso-  
 02-03 'as 'mu-lhEres 'tÃO 'aqui='é> 'prA-a:::- (0,842)  
 02-04 [ 'tra'tAR -da 'cA ↓-sa- ]  
 02-05 LV: [ 'mm'mm. ]  
 02-06 'é:::..  
 02-07 VB ( )  
 02-08 AT: 'por-eh' -pelo 'mE'nos 'na'que'la 'coi'sa 'de' [<<ff> ↑'co 'ZI::NHA, ]



02-09 VB: [ $\ll\text{pp}\gg$  pois.>]

02-10 AT: [( )]

02-11 IV: [ $\ll\text{f}\gg$ !Ai!; -mas 'E> ↓-mas 'e']

02-12 ↑mas=EU NE:ss'as 'si'tua-ções=eu lixava o meu 'pAI::

02-13 'era -do gênero-

02-14 <<all> -eu ao 'sá'bado de manhã costu'mAva llimpar a cA'sa,

02-15 (0,297) 'e 'proi'bia=ó meu 'pAI 'de -en'trar -no 'quArto de 'banho,>

02-16 <<a> 'en-quAnto 'não:: 'en'quan'to 'nUm tI['vEsse 'SE::=>]

02-17 AT: [(( 'mm'mm-mm-)))]

02-18 IV: <<g>'=comple'tamEnte;> (0,264)

02-19 <<all>-o meu pAI entrAva 'em 'pÁ'nico.>

02-20 [(0,420)(minha nossa)]

02-21 AT: [((riso)) ]

02-22 VB 'e -nós 'quando (.) 'quando mo'rÁvamos -todos juntos-

02-23 (0,311) ↑'o 'meu 'pAI=

02-24 <<all>=-Eh- t' -toda a gente'

02-25 ↑'os 'meus 'pAIs -trabalhavam->

02-26 -e a gente ↓-ta'va:: -tava- (0,327) eh'eh'

02-27 <<all>'estu'DA'va;>

02-28 ((0,466-inspiração))'E= -E:ra 'só ao fim de se'mA-na -que tinha -E'ssas ↑'COI-sas,

02-29 (0, 164)-nós la 'VÁ'mos=o ↓-CA↑'rro=

02-30 =o ↓-meu pA'-I:(0,316) -lAVAVA::'a:: (0,381) <<f>-a 'va 'RAN::'da::'a,>

02-31 (0,234) -ah:: ↑'o:: '-JAR-di' '-I::m=-arranjava=as ↓'COI-s=  
 02-32 =e -a 'minha 'mãe 'ia 'FA'zendo 'pe'tis'quitos 'pra ''nós;  
 02-33 ↓'Era um DI''A,  
 02-34 (0,250) <<all>'en-grA-ÇA-do ''Em ''CA''-sa->  
 02-35 (0,110) ↓-mas Era a 'mi' nha -mãE que fazia ''tu'do,  
 02-36 <<g>'então,> <<all>↓-buscAr 'à esco::la- 'e t'>  
 02-37 (--)  
 02-38 LV: !''-NÃO!=É:: 'fA-zem:↑-fA''ZEM 'tu'do;  
 02-39 (0,115) -dE:sde='Almoços e ↑'jan-tares em 'CA::--:sa-  
 02-40 'des'de -arru'mAr 'as'CA::'sas. ↑-desde- ↑ah'  
 02-41 (0,485) 'fA'zem 'mEs'mo=MUITO 'MA'IS;  
 02-42 ↓'elas ''vêm 'trabalhar;  
 02-43 <<all>'a minha -mãe vem ''tra'balhar>=às ↑'SEte,  
 02-44 (0,538) 'chE-ga a casa a 'tem'que 'fa'zer o jan''TAR::;  
 02-45 'depois' -a'caba de 'fa'zer o -jan'tar='arrumar ↑-TU::do-  
 02-46 VB: <<p>-e o seu pai [senta-se,>]  
 02-47 LV: [-o 'meu ''pAI=lá 'sen'ta]  
 02-48 [↓'dI::''nho,]  
 02-49 VB: ['vÊ: -vê ]  
 02-50 -vê o jor'NAL?  
 02-51 AT: [''É::=' É:,]  
 02-52 LV: [depois 'depois]  
 02-53 ''não po''demos 'por eh' -a:::- 'A tele'vi''são -noutro ↑'ca-NAL-  
 02-54 -do ↑'que <<all> não 'se'ja 'a-quEle que ['''TÁ='DAR <<f>-fu'te''bOL;>>]



02-55 AT: [exacto]  
 02-56 (0,163)  
 02-57 LV: 'senão -é logo-  
 02-58 (0,231) 'e 'de'poIs ↑'tÁ:: a 'ten'tAR 'ver e depois'  
 02-59 <<all>((grita em sussurro)) 'sai da 'FREN-te='e de'poIs,  
 02-60 ↑'CA!'la-'te -que=eu 'tou a ou'vIr ''e 'não ['sei 'quê.>>]  
 02-61 VB: ['de'poIs]  
 02-62 ↑'põEm 'o -volume 'muito 'alto [↑'pa 'GEN-te 'tar=a]  
 02-63 LV: [é:-]  
 02-64 AT: [((riso))]  
 02-65 VB: 'fa''lar,  
 02-66 (0,136)  
 02-67 AT: 'o -mEU ''pAI 'ti' nha -U'ma 'coIsa' hm- ↓'-ehm::--  
 03-01 (0,744)'BEM <<all>'prOn'tos=  
 03-02 'o mEu ''PAI -tra''bA-lha 'fo'ra=  
 03-03 ='de maneira 'que=-aQUI↓lo 'ER-'A=a''ssim;>  
 03-04 (0,454) 'SEM'pre ''quE::=  
 03-05 -Ele che'gAva a 'CA:'sa,  
 03-06 ↑'imAgi'nem,  
 03-07 <<f>'TÁ-vamos- (0,238) ↑'TO'DAS -na 'sa↓-la->  
 03-08 -a'VeR=Um ''pro'gra-ma-  
 03-09 <<p>-bEm-> (0,373)  
 03-10 <<f>↑'ELE 'che''GA:::-va->  
 03-11 (0,472) 'sen-TAva-se 'ao nosso ↓-lado-

03-12 (0,163) [(0,168) `pe`GA::`va]  
 03-13 LV: [<<pp>`mu`da`va.>]  
 03-14 AT: -num `co-mAndo-  
 03-15 <<a>-e `mu`DA:`va;>  
 03-16 (0,668)<<all>↓`perCEbes=  
 03-17 =`e ``NÓS,>  
 03-18 (0,220)  
 03-19 VB: `simples-mENte=a=O`lhAR?  
 03-20 AT: <<ff>↑!-SIM[`ples`-mENte-] [(-)<a>`mu]  
 03-21 VB: [<<a>pois?>] [o `pai `manda,]  
 03-22 AT: ``DA-va-!]>>  
 03-23 (0,161)  
 03-24 AT: -e `pU-Nha-  
 03-25 (-) e `nós;  
 03-26 ahm::: ↑`ei?  
 03-27 <<pp>e assim.>  
 03-28 -discrE`tamente. [(0,344)]  
 03-29 VB: [<<p>sim->]  
 03-30 AT: <<all>`tinha-mos`to`dos -q'=`SA`IR `da ``SA:la=`não -é-  
 03-31 (0,208) <<all>-tivEmos=de ↑``com`PRARE::. (-)  
 03-32 `três `Ou -quatro televisões `em ``ca:``sa;  
 03-33 -por -causa ``DI::↑-sso->  
 03-34 (0,894)  
 03-35 VB: `sim; `mas=aGora `vamos `fa-lAr `sobre este=[assunto;]



03-36 AT: [ ((riso)) ]

03-37 (h)po(h)is-

03-38 (0,607)

03-39 VB: do:::..

03-40 (0,804)

03-41 LV: do:::,

03-42 VB: [<<f><all>'dA 'MÃE,>> <<pp>da mãe>]

03-43 LV [-em re'la 'ÇÃO- À- ]

03-44 À: 'mãe <<pp>-à 'mulher,

03-45 -só ↑ 'que=eh::

03-46 -que prefe'rem ↓-ter a'go-ra ↓'FI'lhos ↑-sEm->

03-47 (0,232)

03-48 AT: ! 'AH=pOis!=`sem ↓-Aju-da- ((riso))

03-49 <<pp>-ter ↓-sem =A↑-jU: `da. ( )>=

03-50 LV: =<<p> 'eU='Acho ↓-que='i'sso='é um 'bo'cado -IMpo' ssível.> [ ( ]

03-51 VB: [ <<f>='IMpo''ssível ]

03-52 'nÃo -Ê-> (.)

03-53 <<p>'dis'cordo ↓-com[ple'tamente,>]

03-54 AT: [ 'eu tam'BÉM -não- ]

03-55 LV: [ f>'É 'MUI ]

03-56 'to='ego''ís'ta,=

03-57 ='e=eé mUI [ 'to:::,> ]

03-58 VB: [ <<f>'Eu 'jÁ' ]

03-59 'JÁ='A'cho> [ 'que::: (0,401) `que ]

03-60 AT: [não  
03-61 LV: [-muI:to='i`deA`lis↓-ta-]  
03-62 VB: 'O'↑'o:: -di`VÓrcio;  
03-63 <<all>`Olha `quando os `fi-lhos -ainda`SÃO pe`quEnos;  
03-64 <g> -quando `Às `vezes ↓-têm que ser->>  
03-65 (0,332) `Acho ↓`que=é -di`Fí:-cil-  
03-66 `u`ma -mãe `ou -um [-PA`I::.]  
03-67 LV: ['`claro;]  
03-68 VB: ↑-ter um `fi`lho -Sozinhos-  
03-69 <<all>-prontos tem `de `ser `A↑`ssim,>  
03-70 (0,410) <<f>`quãN-do->  
03-71 `eh' ``Ach',  
03-72 (0,546)-de`vI`A ``SE::re;  
03-73 <<all>`U`ma `nÃO `po-dia `po`der,>  
03-74 `uma `pe-ssoA querE`re:: ↑`um `fi-lho ↓`só `pra=E-LA-  
03-75 (0,271)  
03-76 LV: `claro;  
03-77 (0,290)  
03-78 VB: ((tosse)) ``um::? [↓-ah- ↑`a `mes`ma COI-sa-]  
03-79 LV: [-eu `Acho que isso É mEsmo]  
03-80 `mUITo=[ego`is`ta, <<pp>`eu -acho->]=  
03-81 AT: [ ( ) ]  
03-82 VB: <<f>=-a `mEs-mA`COI'sa ``com `os=`homo`se-xu`A-IS->



03-83 (0,344)  
 03-84 <<ff>↑`NUN`ca:.> (.) `I`rão `po-der `fa`zer- o pa`pel de -pAI=-E `MÃE::,  
 03-85 LV: `e`xacto,  
 03-86 VB: <<len>`e=a`quEla=`i`MA::`gem.  
 03-87 (0,251) ↑`quE -JÁ=HOje em `DI:``a.  
 03-88 (0,186) ↑`do::, `DA `famíli`a. (.)>  
 03-89 ↑`tar -TO`dA `t' `to-da `es-tra`ga:`da,  
 03-90 (0,169)<<all>-ainda `fi``ca ↑`PI`-OR->  
 03-91 (0,673)  
 03-92 AT: `EU Acho `é me' `eh - É `difícil ``mes-mo //

Isabel Maria Galhano Rodrigues

## **Fala e movimentos do corpo na interacção face a face**

**Estratégias de reparação e de (des)focalização  
e co-funções conversacionais na manutenção de vez**

### **ERRATA**

**FLUP  
Porto - 2003**



## ERRATA

| PÁGINA        | ONDE SE LÊ:                                                                               | DEVE LER-SE:                                                                                                         |
|---------------|-------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| v - linha 14  | 3.4.1 A frase prosódica na investigação                                                   | A unidade prosódica na investigação                                                                                  |
| 14 - linha 35 | Ao contrário dos <i>replies</i> (respostas)                                               | Ao contrário dos <i>replies</i> (réplicas)                                                                           |
| 14 - nota 16  | Cf. parte I, 1.2.4.                                                                       | Cf. parte II, 1.1, nota 6.                                                                                           |
| 15 - nota 18  | pedaços de conversação em parênteses, apartes, etc.                                       | pedaços de conversação em parênteses, etc.                                                                           |
| 25 - linha 6  | não-vezes (actividades de ouvinte) implicou                                               | não vezes (actividade de ouvinte) e implicou                                                                         |
| 27 - linha 27 | Halliday (1987b)                                                                          | Halliday (1985)                                                                                                      |
| 27 - nota 49  | <i>a verbal motifemic-slot-class-correlatives</i>                                         | <i>a verbal motifemic-slot-class-correlative</i>                                                                     |
| 29 - linha 4  | Muitos trabalhos mais recentes                                                            | Na Europa, muitos trabalhos mais recentes                                                                            |
| 30 - linha 4  | Com vista à construção de um modelo funcional de análise do discurso didáctico, é isolado | Esta última tem em vista a construção de um modelo funcional de análise do discurso didáctico. Para isso, é isolado  |
| 35 - linha 34 | Para Goodwin/Duranti (1997: 6), o contexto é                                              | Para Goodwin/Duranti (1997: 6), o contexto <sup>65</sup> é (introduzir nota 65)                                      |
| 36 - linha 7  | aspecto do contexto <sup>65</sup>                                                         | aspecto do contexto (mudar nota 65)                                                                                  |
| 40 - linha 3  | estudo da língua                                                                          | estudo do uso da língua                                                                                              |
| 41 - linha 18 | entre o humano e a máquina                                                                | entre o ser humano e a máquina                                                                                       |
| 41 - nota 73  | os que combinam a fala com o movimento dos olhos e o contacto visual                      | os que combinam a fala com os movimentos dos olhos e o contacto visual                                               |
| 44 - linha 24 | simultaneamente linguístico e verbal,                                                     | simultaneamente linguístico e não-verbal,                                                                            |
| 45 - linha 31 | instrumento                                                                               | instrumental                                                                                                         |
| 47 - nota 4   | e Grammar (1997, cap. 168).                                                               | e Grammer (1997).                                                                                                    |
| 48 - nota 5   | different cultures inábil different sensory worlds                                        | different cultures inhabit different sensory worlds                                                                  |
| 48 - nota 5   | experience it differently" ( <i>ibid</i> , 27).                                           | experience it differently" ( <i>ibid</i> , 207).                                                                     |
| 50 - linha 20 | informações adicionais à fala                                                             | informações adicionais às que são transmitidas através da fala                                                       |
| 51 - linha 37 | mudança de tópico, de tema, uma orientação                                                | mudança de tema, uma orientação                                                                                      |
| 53 - nota 10  | combinar unidades tonais                                                                  | combinar unidades prosódicas                                                                                         |
| 56 - linha 24 | <b>regras de exibição</b>                                                                 | <b>regras de ostentação</b>                                                                                          |
| 56 - nota 14  | quatro <b>regras de exibição</b> fundamentais                                             | quatro <b>regras de ostentação</b> fundamentais                                                                      |
| 57 - linha 17 | <i>Facial Affect Coding Scheme</i> (FACS)                                                 | <i>Facial Action Coding Scheme</i> (FACS)                                                                            |
| 59 - nota 20  | relativamente à fala                                                                      | relativamente à comunicação verbal                                                                                   |
| 61 - linha 19 | falante (p) <sup>23</sup> olha para o ouvinte (q)                                         | falante <sup>23</sup> olha para o ouvinte                                                                            |
| 62 - nota 25  | Ao desviar o olhar, p (falante)                                                           | Ao desviar o olhar, p (neste caso o falante)                                                                         |
| 62 - nota 25  | Para q (ouvinte), estes olhares                                                           | Para q (neste caso o ouvinte), estes olhares                                                                         |
| 66 - linha 3  | funcionamento da fala a nível conceptual                                                  | funcionamento da língua a nível conceptual                                                                           |
| 66 - nota 30  | para referir os sinais verbais produzidos pelos órgãos do aparelho fonador                | para referir os sons produzidos pelos órgãos do aparelho fonador que representam elementos de um sistema linguístico |
| 67 - linha 3  | estudo dos gestos; a segunda                                                              | estudo dos gestos <sup>34</sup> ; a segunda                                                                          |
| 67 - linha 17 | investigação do século XX <sup>34</sup> .                                                 | investigação do século XX.                                                                                           |
| 71 - linha 2  | vai-vem                                                                                   | vai-e-vem                                                                                                            |
| 72 - nota 42  | sociabilização                                                                            | socIALIZAÇÃO                                                                                                         |



|                             |                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 73 - linha 24               | Definindo a língua                                                                                                                                                  | Definindo a actividade linguística                                                                                                                                                         |
| 73 - linha 41               | ( <i>ibid.</i> , 35). Este aspecto                                                                                                                                  | ( <i>ibid.</i> , 35). Como se pôde ver atrás (Parte I, 1.7), este aspecto                                                                                                                  |
| 74 - linha 11               | como a língua                                                                                                                                                       | como os elementos linguísticos                                                                                                                                                             |
| 75 - linha 12               | os segmentos linguísticos estiveram os dois juntos                                                                                                                  | os segmentos linguísticos co-expressivos. Esses segmentos linguísticos e as imagens que lhes estão associadas estiveram juntos ( <i>ibid.</i> , 220)                                       |
| 75 - linha 17               | pontos de crescimento                                                                                                                                               | pontos de geração                                                                                                                                                                          |
| 77 - linha 26               | representam movimentos curtos e rápidos em movimentos bifásicos                                                                                                     | representam percursos curtos em movimentos rápidos e bifásicos                                                                                                                             |
| 77 - linha 32               | <i>repairs</i> (reparações), marcando                                                                                                                               | <i>repairs</i> (reparações) (cf. Parte II, 3.1), marcando                                                                                                                                  |
| 80 - linha 41               | comuns à linguagem e gesto                                                                                                                                          | comuns à língua e ao gesto                                                                                                                                                                 |
| 81 - linha 1                | durante a fala                                                                                                                                                      | durante a produção verbal                                                                                                                                                                  |
| 83 - nota 54                | Damit vergindet                                                                                                                                                     | Damit verbindet                                                                                                                                                                            |
| 83 - nota 54                | sie verknüpft                                                                                                                                                       | sie verknüpft                                                                                                                                                                              |
| 83 - nota 54                | os gestos de contar e outros                                                                                                                                        | os gestos de contar (cf. Parte II, 6.10) e outros                                                                                                                                          |
| 85 - linha 23               | Os gestos subdividem-se anda em sinais <b>icónicos</b> ou sinais mecanicamente determinados, podendo estes últimos ser ainda <b>biológicos</b> ou <b>naturais</b> . | Os gestos motivados subdividem-se anda em <b>icónicos</b> , ligados por semelhanças, ou mecanicamente determinados, podendo estes últimos ser ainda <b>biológicos</b> ou <b>naturais</b> . |
| 86 - linha 9                | pode também ser irónico                                                                                                                                             | pode também ser icónico                                                                                                                                                                    |
| 89 - linha 15               | percepção da fala (compreendida aqui como um sistema formado                                                                                                        | percepção linguística, sendo a língua compreendida como um sistema formado                                                                                                                 |
| 97 - linha 18               | modelos generativos                                                                                                                                                 | modelos gerativos                                                                                                                                                                          |
| 99 - linha 2                | A frase fonémica na investigação da comunicação                                                                                                                     | A unidade prosódica na investigação da comunicação                                                                                                                                         |
| 99 - linha 34               | paralinguísticas e notação                                                                                                                                          | paralinguísticas e a notação                                                                                                                                                               |
| 100 - linhas 18, 19, 27, 29 | unidades entoacionais                                                                                                                                               | unidades prosódicas                                                                                                                                                                        |
| 100 - linha 26              | unidade entoacional                                                                                                                                                 | unidade prosódica                                                                                                                                                                          |
| 100 - linha 26              | corresponde a uma unidade gestual distinta                                                                                                                          | corresponde um padrão de movimento distinto ou uma posição distinta                                                                                                                        |
| 101 - linhas 10, 14         | unidades tonais                                                                                                                                                     | unidades prosódicas                                                                                                                                                                        |
| 101 - linha 18              | unidade entoacional                                                                                                                                                 | unidade prosódica                                                                                                                                                                          |
| 101 - linha 21              | phrase <sup>21</sup> . Relativamente à prosódia, o autor conclui                                                                                                    | phrase <sup>21</sup> . Aliás, como já foi citado na Parte I, 2.6.3.3, o autor conclui                                                                                                      |
| 101 - linha 27              | O estudo da prosódia nas pesquisas semântico-pragmáticas da Eescola britânica foram influenciadas pela                                                              | O estudo da prosódia nas pesquisas semântico-pragmáticas da Escola britânica foi influenciado pela                                                                                         |
| 101 - nota 21               | unidade entoacional                                                                                                                                                 | unidade prosódica                                                                                                                                                                          |
| 102 - linha 20              | generalizaste                                                                                                                                                       | generalizante                                                                                                                                                                              |
| 108 - linha 34              | importância do ritmo ( <i>rhythmic beats</i> )                                                                                                                      | importância das batidas rítmicas ( <i>rhythmic beats</i> )                                                                                                                                 |
| 110 - nota 34               | por um início ( <i>onset</i> ) com uma altura de tom                                                                                                                | por um ataque com uma altura de tom                                                                                                                                                        |
| 110 - nota 34               | alturas de <i>onset</i>                                                                                                                                             | alturas de ataque                                                                                                                                                                          |
| 110 - nota 34               | força coesiva por não só estabelecerem relações                                                                                                                     | força coesiva por estabelecerem relações                                                                                                                                                   |
| 111 - linhas 1              | unidade tonal                                                                                                                                                       | unidade entoacional                                                                                                                                                                        |
| 111 - linha 1               | batida <sup>35</sup> - numa unidade tonal                                                                                                                           | batida - numa unidade entoacional (eliminar nota 35)                                                                                                                                       |
| 112 - linha 5               | em <acelerando>, ou seja                                                                                                                                            | em <acelerando> <sup>35</sup> , ou seja (introduzir nova nota 35)<br><sup>35</sup> - sinal do sistema de transcrição prosódica GAT (cf. anexo, 2.1.1)                                      |
| 116 - linha 10              | em que discurso é livremente                                                                                                                                        | em que o discurso é livremente                                                                                                                                                             |
| 119 - nota 9                | (cf. parte I, 1.2.5, nota 41)                                                                                                                                       | (cf. parte I, 1.2.5, nota 29)                                                                                                                                                              |



| 120 - nota 12           | in welchem er steht                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | in welchem es steht                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 121 - linhas 31-34      | Outras formas de mudança de planeamento do discurso são o <b>acrescento</b> ( <i>Nachsatz</i> ) (Koch/Oesterreicher, 1990: 85) e a técnica de <b>afunilamento</b> ( <i>Engführung</i> ), em que há uma repetição de um constituinte, ou seja, uma relação semântica de precisão entre o constituinte interrompido e o novo. | Outra forma de mudança de planeamento do discurso, mudança que afecta a disposição dos constituintes no enunciado e não a constituição frásica, é o <b>acrescento</b> ( <i>Nachsatz</i> ) (Koch/Oesterreicher, 1990: 85). Não se deve confundir com a técnica de <b>afunilamento</b> ( <i>Engführung</i> ): a repetição sintáctica de um constituinte, em que os elementos lexicais que fazem parte do constituinte novo têm uma relação semântica de precisão com os elementos do constituinte antecedente. |
| 123 - linha 1           | que se inscrictas numa frase                                                                                                                                                                                                                                                                                                | que se encontram inscrictas numa frase                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 129 - linha 35          | marcadores sintomáticos                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | marcadores sintagmáticos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 130 - linha 33          | topográfico-textuais                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | partículas topográfico-textuais                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 130 - linha 34          | interaccionais                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | partículas interaccionais                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 130 - linha 35          | modais                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | partículas modais                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| 132 - esquema           | Sinais interactivos geográficos - subdividem-se em "aditivos" e "alternativos"                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 137 - linha 32          | cada "modalidade" não-verbal                                                                                                                                                                                                                                                                                                | cada "modalidade" <sup>4</sup> não-verbal (inserir aqui nota 4)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| 138 - linha 1           | topográfico e modal <sup>4</sup> .                                                                                                                                                                                                                                                                                          | topográfico e modal. (mudar nota 4)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 139 - linha 8           | tratadas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | tratados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 139 - linha 11          | unidades de análise consideradas, já descritas                                                                                                                                                                                                                                                                              | unidades de análise prosódica, já descritas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 139 - linha 29          | frase entoacional                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | unidade entoacional                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 141 - linha 22          | ( <i>Facial Affect Coding Scheme</i> )                                                                                                                                                                                                                                                                                      | ( <i>Facial Action Coding Scheme</i> )                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 143 - linha 31          | são analisadas em várias etapas                                                                                                                                                                                                                                                                                             | se processa em várias etapas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 143 - linhas 32, 35, 36 | movimento                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | movimento / não-movimento                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| 144 - linha 3           | da correlação com a fala                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | da sua correlação com a fala                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| 147 - linha 14          | <b>ponto de transição - PT</b> ?                                                                                                                                                                                                                                                                                            | <b>ponto de transição - PT</b> . (eliminar nota 7)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 154 - linha 3           | (cf. Schegloff, 1972, 1979).                                                                                                                                                                                                                                                                                                | (por exemplo Schegloff, 1972, 1979).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| 158 - linha 12          | por terminada, mas se mais nenhum                                                                                                                                                                                                                                                                                           | por terminada, se mais nenhum                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 162 - linha 36          | por ele.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | por ele" ( <i>ibid.</i> , 186-187).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| 162 - linha 37          | Os <b>sinais de reclamação de vez</b> são realizados                                                                                                                                                                                                                                                                        | Os <b>sinais de reclamação de vez</b> "são realizados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 164 - linha 27          | subvenções                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | subfunções                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 166 - nota 4            | perturbação na fala. Esta perturbação desarranjo no discurso                                                                                                                                                                                                                                                                | desarranjo na fala. Este desarranjo perturbação no discurso                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 170 - linha 21          | O tipo de reparação                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Como já disse atrás, o tipo de reparação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| 174 - linha 10          | busca                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | procura                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| 177 - linha 5           | de camuflagem, de disfarce e de modalização                                                                                                                                                                                                                                                                                 | de camuflagem e de modalização                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 186 - nota 8            | Cf. parte II, 3.2.2                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Cf. parte II, 3.2.3, nota 26.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| 187 - nota 1            | exemplo 22                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | exemplo 21                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 196 - linha 3           | VB inclina                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | LV inclina                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 210 - linha 22          | circundante                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | envolvente                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 210 - linha 23          | mas baixa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | mais baixa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 234 - linha 23          | informação aparte                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | informação à parte                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| 235 - linha 23          | enunciado (59)                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | enunciado (56)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 250 - linha 7           | circundante                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | envolvente                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| 250 - linha 12          | para deliberar                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | para reflectir                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| 259 - linha 32          | inclinada para BS                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | inclinada para o lado                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 302 - linha 16          | movimento ascendente                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | movimento descendente                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| 345 - linha 35          | alguma coisa, monitorizado                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | alguma coisa, monitorizando                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| 346 - linha 15          | conteúdo preposicional                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | conteúdo proposicional                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| 346 - linha 16          | o valor ilocutivo, e/ou sobre a modalidade do                                                                                                                                                                                                                                                                               | o valor ilocutivo (uma pergunta, uma censura),                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |



|                       |                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                      |
|-----------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                       | enunciado a verbalizar, ou seja, tanto sobre o modo como ele deve ser interpretado (uma piada, um exemplo, etc.), como sobre a atitude do falante                                | e/ou sobre a modalidade do enunciado a verbalizar, ou seja, tanto sobre o modo como ele deve ser interpretado (uma piada, um opinião, etc.), como sobre a atitude do falante                                         |
| 351 - linhas 15, 17   | parênteses                                                                                                                                                                       | apartes                                                                                                                                                                                                              |
| 351 - linha 19        | Na minha opinião, estas                                                                                                                                                          | Na minha opinião, como já disse atrás, estas                                                                                                                                                                         |
| 353 - linha 17        | sequências de contagens e                                                                                                                                                        | sequências de contagens <sup>53</sup> e (introduzir nota 53)                                                                                                                                                         |
| 356 - linha 17        | informação aparte                                                                                                                                                                | informação à parte                                                                                                                                                                                                   |
| 357 - linha 16        | (contagens) <sup>53</sup> assim                                                                                                                                                  | (contagens) assim (mudar nota 53)                                                                                                                                                                                    |
| 369 - linha 26        | perguntas retóricas                                                                                                                                                              | frases interrogativas                                                                                                                                                                                                |
| 369 - linha 27        | numa sequência condicional                                                                                                                                                       | em sequências lógico-argumentativas                                                                                                                                                                                  |
| 385 - linha 9         | e com acento                                                                                                                                                                     | e com variação abrupta de altura de tom                                                                                                                                                                              |
| 394 - linha 16        | "as crianças precisam de modelos parentais"                                                                                                                                      | "a criança necessita de modelos parentais"                                                                                                                                                                           |
| 396 - linha 14        | anúncio anteposto, informa sobre o modo como deve ser entendido o que vai ser dito, isto é que o significado expresso (a opinião da falante) pode não ser verdadeiro (correcto). | anúncio pós-posicionado que, retroactivamente dá indicações de interpretação relativamente ao que foi dito, isto é que o significado expresso (o que parece à falante) é uma opinião e pode não ser a mais correcta. |
| 410 - linha 8         | "ambos assumem o papel de pai"                                                                                                                                                   | "não, assumem o de pai"                                                                                                                                                                                              |
| 428 - linha 38        | para a frente; no fim de                                                                                                                                                         | para a frente; ergue as sobrancelhas, no fim de                                                                                                                                                                      |
| 434 - linha 34        | <b>Gesto / conteúdo lexical</b>                                                                                                                                                  | <b>Gesto / significado lexical</b>                                                                                                                                                                                   |
| 472 - linhas 26-30    | A curva no gráfico que representa a altura de tom do som "ARE" (em "beneficiare") (...) com uma subida abrupta de altura de tom.                                                 | eliminar                                                                                                                                                                                                             |
| 500 - tabela linha 18 | 1,617                                                                                                                                                                            | 1,453                                                                                                                                                                                                                |
| 500 - tabela linha 19 | 1,684                                                                                                                                                                            | 1,575                                                                                                                                                                                                                |
| 501 - linha 17        | segundo acto, a falante                                                                                                                                                          | segundo acto (desde arrumar as casas), a falante                                                                                                                                                                     |
| 537 - linha 30        | A análise de conta                                                                                                                                                               | A análise dá conta                                                                                                                                                                                                   |
| 548 - linha 2         | reforçam o conteúdo semântico dos enunciados                                                                                                                                     | reforçam a ideia contida nos enunciados                                                                                                                                                                              |
| 548 - linha 11        | contradizer o significado expresso pela fala                                                                                                                                     | contradizer o significado expresso pelos elementos lexicais                                                                                                                                                          |
| 588 - linha 24        | Sinais de recepção                                                                                                                                                               | Sinais de retorno                                                                                                                                                                                                    |